Universidade de São Paulo
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda

Gabriella Ribeiro da Silva e Araujo

**Aspectos e implicações associados à aceitabilidade de simulacros
de materiais de origem animal, em materiais artificiais,
no vestuário de usuários vegetarianos veganos**

São Paulo

2017

Gabriella Ribeiro da Silva e Araujo

**Aspectos e implicações associados à aceitabilidade de simulacros
de materiais de origem animal, em materiais artificiais,
no vestuário de usuários vegetarianos veganos**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências, pelo Programa de Pós-graduação em Têxtil e Moda.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 20 de dezembro de 2016. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da Each-usp e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Projeto de têxtil e moda

Orientador:

Prof. Dr. Luís Cláudio Portugal
do Nascimento

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Araujo, Gabriella Ribeiro da Silva e

Aspectos e implicações associados à aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, no vestuário de usuários vegetarianos veganos / Gabriella Ribeiro da Silva e Araujo ; orientador, Luís Cláudio Portugal do Nascimento. – São Paulo, 2017

373 f. : il

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo em 2016
Versão corrigida

1. Moda. 2. Veganismo. 3. Vestuário. I. Nascimento, Luís Cláudio Portugal do, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 391

Nome: ARAUJO, Gabriella Ribeiro da Silva e

Título: Aspectos e implicações associados à aceitabilidade de simulacros
de materiais de origem animal, em materiais artificiais,
no vestuário de usuários vegetarianos veganos

Dissertação apresentada à Escola
de Artes, Ciências e Humanidades
da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre
em Ciências do Programa de
Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Área de Concentração:

Projeto de têxtil e moda

Aprovado em: 20/12/2016

Banca Examinadora

Profa. Dr.	Maria Eduarda Araujo	Instituição:	Centro Universitário Senac
	Guimarães		

Julgamento:	aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

Prof. Dr.	Denise Dantas	Instituição:	Fau-usp
Julgamento:	aprovada	Assinatura:	_____

Prof. Dr.	Valéria Barbosa de	Instituição:	Each-usp
	Magalhães		
Julgamento:	aprovada	Assinatura:	_____

À memória de minha querida, única (e “preferida”!) vovó,
Zaira Sita Ribeiro, que, se ainda estivesse entre nós,
ficaria muito orgulhosa de tudo isso!

Agradecimentos

Muitos foram os que, com generosidade, cortesia e empatia, direta ou indiretamente deixaram seus aportes antes e ao longo do caminho rumo à concretização desta pesquisa. Elenco, abaixo, meus sinceros sentimentos de gratidão por todos estes feitos.

Aos meus pais, Vera e Edson, por terem proporcionado a mim educação e cultura que jamais puderam ter. Legado irrefutável que, sem dúvida, contribuiu para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, Isabella e, novamente, à minha mãe, Vera, pelo suporte imensurável prestado por ambas, entre tantas outras coisas, nas centenas de vezes que me levaram e buscaram na rodoviária, de madrugada, por conta das viagens a São Paulo.

À querida Letícia Sá, pelo apoio, da entrega do memorial junto à secretaria da Each-usp, às risadas, novelas nostálgicas e quitutes veganos divididos nos momentos mais estressantes que precederam o exame de qualificação desta pesquisa.

Às queridas colegas de academia, Márcia Machado, Célia Moretti Arbore e Maria do Rosário Gonçalves Mira, pela diligência de sempre!

À querida Luísa Sopas Rocha Brandão, pela preciosa amizade que ganhei, desde o dia em que nos conhecemos, quando ainda almejávamos ingressar no mestrado! Tantas foram as figurinhas e conselhos trocados sobre a vida (acadêmica, ou não!) e passeios divertidíssimos durante o Cimode 2016, que seria impossível dissociar os bons tempos de mestrado desta figura “arretada”, inteligente e inspiradora!

Ao amigo, Danilo Prado, pelos inúmeros galhos quebrados quando o assunto era tecnologia!

À querida amiga e, agora, colega de profissão, Carolina Carpinelli Caetano. Sou muito grata não apenas por ter me apresentado o Programa de mestrado em Têxtil e Moda da Each-Usp, como também por ter visto potencial em mim, quando ainda era sua aluna e sequer cogitava seguir a carreira acadêmica, abrindo o caminho para meu primeiro emprego como professora, no qual descobri uma vocação!

À querida, Ingrid Nanni, irmã que pude escolher, a melhor parte de Praia Grande, parceira de risadas, confidências, aventuras e “programas de índio”, pelo quanto me ensina sobre a vida e por todos os momentos bons que temos dividido ao longo de nossa amizade. Compartilhamos a emoção de meu ingresso no mestrado e, agora, a alegria da conclusão é ainda maior por saber que continuo cercada de pessoas lindas, por dentro e por fora, como ela é!

Ao meu querido primo, Marcelo, pelo exemplo de caráter e resiliência, apoio incondicional e por sempre ter acreditado em mim!

À cada um dos respondentes entrevistados cujos depoimentos, contribuíram para a construção do que foi apresentado aqui.

Aos membros da banca examinadora, pela acolhida, compreensão e paciência, até conseguirmos conciliar as necessidades de todos!

À querida Vânia Rall, pelas contribuições e cortesia no intermédio do contato com um dos especialistas teóricos entrevistados.

Ao queridíssimo amigo, exemplo do que eu “gostaria de ser quando crescer”, Luís Cláudio Portugal do Nascimento, pelo apoio, encorajamento, compreensão e orientação que transcenderam o objeto de pesquisa e a carreira acadêmica. Sinto-me apadrinhada por ter tido mais que um orientador, praticamente um oráculo, sempre a postos para conselhos sobre os mais variados assuntos da vida. Desde que tive o privilégio de ser sua aluna, tenho sido positivamente influenciada por sua postura ética, tino, sabedoria, técnica e dedicação à profissão da qual é entusiasta! Independentemente do fato de que, um dia, fatalmente, isso tudo irá

acabar, já fazendo jus à sua profecia de que sentiríamos falta da correria, espero poder continuar aprendendo com este amigo a buscar ao menos um “torrãozinho” de sentido nas coisas e em nossas “vidinhas”!

Ao meu “gatíneo gordíneo”, Bibó, meu “bebezão laranjito”, o animal mais meigo, fofo e querido que já vi, por ter sido meu amiguinho me fazendo mais feliz nos dias bons e naqueles não tão bons assim!

“Se o problema é invisível... então, haverá invisibilidade ética.”

Carol J. Adams

RESUMO

ARAUJO, Gabriella Ribeiro da Silva e. **Aspectos e implicações associados à aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, no vestuário de usuários vegetarianos veganos.** 2017. 373 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão corrigida.

Em relação ao vestuário utilizável pelo público vegano (indivíduos que se abstêm, por motivos éticos e/ou ideológicos, na medida do possível, do consumo de produtos e serviços provenientes do reino animal), há diversas alternativas sintéticas aos materiais de origem animal que os substituem em suas funções práticas, estéticas e/ou simbólicas. De arremedos burlescos a imitações fidedignas da realidade, simulacros de peles, penas, pelos, ossos e secreções de animais, à primeira vista, de perto, de longe e/ou aos olhos de leigos, em diferentes graus de realismo, figuram aspectos estéticos e sensoriais que os tornam difíceis de serem distinguidos de genuínos materiais de origem animal. Neste contexto, o presente estudo concerne uma investigação qualitativa exploratória de caráter sobretudo fenomenológico, acerca da reflexão sobre a problemática de possíveis implicações conceituais e práticas mais notáveis, sob o enfoque ético, estético, sociológico, semiótico e prático, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais em vestuário de veganos. Para tanto, a partir de levantamentos de comentários de usuários veganos em redes sociais da internet, aplicação de questionários e entrevistas em profundidade com usuários, ativistas do movimento vegano e especialistas teóricos, espera-se, com esta contribuição, iluminar os campos do design de moda, do veganismo e, conseqüentemente, dos direitos dos animais. Alguns dos resultados desta investigação sugerem, por exemplo, que, enquanto, para alguns usuários, o recurso a alternativas consideradas como veganas seria aceitável pelo fato de substituírem atributos funcionais, estéticos e até afetivos de roupas e acessórios diretamente associados, por eles, a sofrimento, para outros usuários, seria objeto de reprovação. Segundo parte dos respondentes, devido ao razoável grau de fidedignidade de vários destes simulacros, o mero uso deste tipo de material artificial resultaria pouco aceitável por ser insuficientemente discernível de materiais derivados de corpos de animais. Nestes casos, esta verossimilhança poderia, segundo eles, indiretamente promover a ideia de que o uso de materiais de origem animal seria admissível, contribuindo, assim, para estimular o consumo de vestuário não condizente com a ideologia que adotam.

Palavras-chave: design de moda; moda ética; vestuário; veganismo; simulacro

ABSTRACT

ARAUJO, Gabriella Ribeiro da Silva e. **Aspects and implications associated with the acceptability of imitating material of animal origin in artificial material in vegan users' clothing.** 2017. 373 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2016. Revised version.

In the category of clothing which can be worn by the vegan public – that is, by those who abstain as much as possible from consuming products and services of animal origin for ethical and ideological reasons – there are various synthetic alternatives to materials of animal origin which fulfill the practical, aesthetic and/or symbolic functions. From burlesque copies to reliable imitations, like those of leather, feathers, fur, bones and animal secretions with different degrees of realism, they have at first, up close, or from a distance and/or to the eyes of laypeople, aesthetic and sensorial aspects that make it difficult to distinguish from genuine materials of animal origin. This study is a qualitative, exploratory, phenomenological investigation about the problematic of some of the most notable possible conceptual and practical implications, from the practical, aesthetic, philosophical, sociological and ethical viewpoints, of the idea of imitation, emulation and copying of materials of animal origin or materials which make a reference or allusion to, or which evoke exterior aspects of, animals' bodies in vegans' clothing. To this end, based on searches for vegan users' comments in online social media, questionnaires and in-depth interviews with users, vegan movement activists and theoretical specialists (like ethics philosophers and designers specializing in ethical fashion), the aim of this study, based on conclusions obtained through analysis of these different points of view, is to illuminate the fields of fashion design, veganism and consequently, animal rights. Results of this investigation suggest, for instance, that for some users, making use of alternatives considered vegan would be an acceptable practice because they would replace functional, aesthetic and even affective attributes of clothing and accessories that such users otherwise associate with pain, while for other users this option would be objectionable. According to some respondents, due to the reasonably high level of visual similarity of various types of such simulacra, merely employing these animal byproducts would be considered less acceptable, given their insufficiently discernible distinction from animal-body materials. In such instances, they felt this verisimilitude could indirectly foster the idea that the use of such animal-origin material would be acceptable, therefore contributing to promoting the consumption of clothing of a type which is against the principles they adopt.

Keywords: fashion design; ethical fashion; vegan clothing; veganism; simulacrum

Sumário

1. Caracterização geral da pesquisa	16
1.0. Questão fundamental norteadora da pesquisa	16
1.1. Introdução ao estudo.....	16
1.2. Justificativa	18
1.3.Objetivos	20
1.3.1. Objetivo geral	20
1.3.2. Objetivos específicos	21
1.4. Definições de termos e conceitos básicos para compreensão desta pesquisa	21
1.4.1. Simulacro	21
1.4.2. Emulação	22
1.4.3. Cópia	23
1.4.4. Vegetarianismo	23
1.4.5. Veganismo	23
1.4.6. Vegetariano	24
1.4.8. Vegano	24
1.5. Pressuposições	24
1.5.1. O tema é pesquisável	24
1.5.2. Materiais sintéticos podem, até certo ponto, simular aspectos de materiais de origem animal	25
1.5.3. Indivíduos veganos não utilizam materiais de origem animal em vestuário	25
1.6. Delimitações da pesquisa	25
1.6.1.	25
1.6.2.	25
1.6.3.	26
1.6.4.	26

2. Quadro referencial teórico	27
2.1. Introito	28
2.2. Vegetarianismo: conceitos e variações desta vertente dietética	28
2.3. Veganismo: ideologia que abrange outras áreas além da alimentação	31
2.3.1. O conceito de senciência como critério controverso de demarcação moral	32
2.3.2. A prática do veganismo em face da multiplicidade de aplicações de materiais de origem animal	37
2.3.3. O vestir para veganos	40
2.4. Breves descrições de alguns materiais de origem animal, empregados em vestuário, comumente associados a sofrimento de animais	43
2.4.1. Pérolas	43
2.4.2. Corais	47
2.4.3. Seda de bichos da seda	48
2.4.4. Seda de teias de aranha	51
2.5. Acepções e implicações de alguns exemplos do evento do simulacro em termos do veganismo e em termos mais gerais	53
3. Método de pesquisa	65
3.0. Introdução ao método de pesquisa	66
3.0.1. Questão fundamental norteadora desta pesquisa	67
3.1. Subproblemas	67
3.1.1. Subproblema 1 (respondentes usuários)	68
3.1.2. Dados necessários à resposta do subproblema 1	68

3.1.3. Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 1	68
3.1.4. Técnicas de coleta de dados do subproblema 1	69
3.1.5. Técnicas de tratamento de dados do subproblema	69
3.1.6. Indagações exploratórias	69
3.1.5.1.	69
3.1.5.2.	69
3.1.5.3.	70
3.1.5.4.	70
3.1.5.5.	70
3.1.5.6.	70
3.1.5.7.	70
3.1.5.8.	70
3.1.5.9.	71
3.1.5.10.	71
3.2. Subproblema 2 (respondentes ativistas)	71
3.2.1. Dados necessários à resposta do subproblema 2	71
3.2.2. Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 2	72
3.2.3. Técnicas de coleta de dados do subproblema 2	72
3.2.4. Técnicas de tratamento de dados do subproblema 2	72
3.2.5. Indagações exploratórias	72
3.3. Subproblema 3 (respondentes especialistas)	72
3.3.1. Dados necessários à resposta do subproblema 3	73
3.3.2. Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 3	73
3.3.3. Técnicas de coleta de dados do subproblema 3	73
3.3.4. Técnicas de tratamento de dados do subproblema 3	74
3.3.5. Indagações exploratórias	74
3.4. Quadro sinótico da estrutura metodológica da pesquisa	74

3.5 Aspectos relacionados à eticidade da pesquisa	76
---	----

4. Resultados, apresentação e discussão 78

4.0. Considerações iniciais a respeito dos resultados	79
4.0.1. Comentários quanto às categorias conceituais induzidas a partir da análise do material obtido em cada subproblema da pesquisa	80
4.0.2. Considerações a respeito da identificação dos respondentes	82
4.0.3. Considerações a respeito da realização de entrevistas estimuladas	83
4.1. Quanto ao subproblema 1, (relativo aos usuários)	85
4.1.0. Comentários sobre a categoria de participantes formada por usuários	85
4.1.1. Análises dos dados das entrevistas realizadas com usuários, por categorias conceituais	92
4.1.1.1. Afetividade	92
4.1.1.2. Estética	94
4.1.1.3. Indiscernibilidade	98
4.1.1.4. Incentivo ao consumo	104
4.1.1.5. Heranças culturais	109
4.1.1.6. Evocação ao material de origem animal	111
4.1.1.7. Sofrimento	115
4.1.1.8. Repugnância	118
4.1.1.9. Constrangimento social	122
4.1.1.10. Preocupações socioambientais	124
4.1.1.11. Analogias com a alimentação	126
4.1.1.12. Alternativas	131
4.1.1.13. Funcionalidade	136
4.1.1.14. Qualidade e durabilidade	138
4.1.1.15. Demanda comercial	141
4.1.1.16. Adequação social	146
4.1.1.17. Preço	149
4.1.1.18. Confusões terminológicas	151

4.1.1.19. Credibilidade questionável de informações	156
4.1.1.20. Critérios de seleção	160
4.1.1.21. Aceitabilidade	166
4.1.1.22. Assunto ainda não observado	179
4.1.1.23. Considerações finais sobre os resultados do subproblema 1	181
4.2. Quanto ao subproblema 2, (relativo aos ativistas)	186
4.2.0. Comentários sobre a categoria de participantes formada por ativistas	186
4.2.1. Análises dos dados das entrevistas realizadas com ativistas, por categorias conceituais	187
4.2.1.1. Afetividade	187
4.2.1.2. Estética	188
4.1.1.3. Indiscernibilidade	191
4.2.1.4. Incentivo ao consumo	194
4.2.1.5. Heranças culturais	197
4.2.1.6. Evocação ao material de origem animal	198
4.2.1.7. Sofrimento	201
4.2.1.8. Repugnância	202
4.2.1.9. Constrangimento social	202
4.2.1.10. Preocupações socioambientais	204
4.2.1.11. Analogias com a alimentação	205
4.2.1.12. Alternativas	207
4.2.1.13. Funcionalidade	209
4.2.1.14. Qualidade e durabilidade	210
4.2.1.15. Demanda comercial	213
4.2.1.16. Adequação social	214
4.2.1.17. Preço	215
4.2.1.18. Credibilidade questionável de informações	216
4.2.1.19. Critérios de seleção	217
4.2.1.20. Aceitabilidade	219
4.2.1.21. Assunto ainda não observado	223
4.2.1.22. Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática	224

4.2.1.23. Considerações finais sobre os resultados do subproblema 2	225
4.3. Quanto ao subproblema 3, (relativo aos especialistas)	228
4.3.0. Comentários sobre a categoria de participantes formada por especialistas	228
4.3.1. Análises dos dados das entrevistas realizadas com especialistas, por categorias conceituais	229
4.3.1.1. Afetividade	229
4.3.1.2. Estética	231
4.3.1.3. Indiscernibilidade	233
4.3.1.4. Incentivo ao consumo	237
4.3.1.5. Heranças culturais	239
4.3.1.6. Evocação ao material de origem animal	241
4.3.1.7. Sofrimento	243
4.3.1.8. Repugnância	244
4.3.1.9. Constrangimento social	246
4.3.1.10. Preocupações socioambientais	247
4.3.1.11. Analogias com a alimentação	248
4.3.1.12. Alternativas	249
4.3.1.13. Funcionalidade	250
4.3.1.14. Qualidade e durabilidade	252
4.3.1.15. Demanda comercial	253
4.3.1.16. Adequação social	254
4.3.1.17. Critérios de seleção	255
4.3.1.18. Aceitabilidade	255
4.3.1.19. Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática	261
4.3.1.20. Reapropriações desta discussão em outros contextos	262
4.3.1.21. Considerações finais sobre os resultados do subproblema 3	263
5. Conclusões finais a respeito das análises e resultados da pesquisa	266

6. Recomendações para pesquisas posteriores	271
Referências	274
Apêndice “A”: levantamento de dados pré-tratados do subproblema 1	282
Apêndice “B”: levantamento de dados pré-tratados do subproblema 2	315
Apêndice “C”: levantamento de dados pré-tratados do subproblema 3	339
Apêndice “D”: Questionário aplicado com usuários do subproblema 1	361
Apêndice “E”: roteiro para entrevistas pessoais com usuários do subproblema 1 e ativistas do subproblema 2	362
Apêndice “F”: roteiro para entrevistas com especialistas do subproblema 3	363
Anexo “A”: entrevistas selecionadas do subproblema 3	365

1.

Caracterização geral da pesquisa

1.

Caracterização geral da pesquisa

1.0.

Questão fundamental norteadora da pesquisa

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de usuários veganos, ativistas do movimento vegano e especialistas (tais como: filósofos eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética)?

1.1.

Introdução ao estudo

É bastante ampla a gama de roupas e acessórios que derivam de diversas espécies de animais. Sejam subprodutos de indústrias de maior demanda, como a pecuária e as colas utilizadas na produção de calçados, feitas a partir de restos de ligamentos de bovinos, ou oriundos de seres criados exclusivamente para a produção de ornamentos, tais como raposas e elefantes, abatidos apenas para extração da pele e marfim de suas presas, respectivamente, diversas formas de vida animal dão origem a materiais bastante utilizados na indústria têxtil e de vestuário.

Muito além da demanda por substitutos mais compatíveis aos interesses dos animais não humanos, materiais (sintéticos ou não) alternativos às peles, pelos, ossos e secreções como a seda, foram desenvolvidos, por exemplo, em virtude de sua maior viabilidade econômica e de produção em escalas industriais. Em se tratando de consumo de vestuário para o público vegano, isto é, consumidores que,

por motivos éticos e ideológicos, abstêm-se do consumo de produtos e serviços provenientes de corpos ou secreções de animais, materiais e peças de vestuário que não contenham materiais de origem animal, mas que simulam suas características funcionais, estéticas e/ou simbólicas, podem servir como substitutos dos mesmos.

No entanto, ainda que não contenham parcelas do que, no julgamento de veganos, caracterizaria sofrimento animal, quais seriam as implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal aplicados a materiais sintéticos, em vestuário utilizável por veganos? Roupas e acessórios com tais tipos de matérias-primas englobam desde peles falsas, até produtos têxteis que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais (como é o caso das estampas de pele de cobra ou de onça pintada aplicadas em couro sintético¹). Abarca, também, por sua derivação de seres do reino animal, independentemente da comprovação de sua senciência, quaisquer outros simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, aplicados ao vestuário, tais como sedas, pérolas, madrepérolas e corais. Mesmo não tendo sido o cerne desta pesquisa, emergiram, paralelamente, dentre os dados obtidos, informações relevantes sobre simulacros de materiais não propriamente dotados de componentes animais, mas de materiais naturais, artificiais ou sintéticos que, direta ou indiretamente, aludem a aspectos de corpos de animais. Nesta classe de simulacros, estão incluídos, também, tecidos estampados com imagens de animais, ou, então, padronagens, em alto ou baixo relevo, com padrões visuais, desde arremedos burlescos, até imitações mais realísticas, que remetem a características exteriores de corpos de animais, também conhecidas por *animal prints*, ainda que em superfícies completamente dissemelhantes de materiais tradicionalmente identificados por sua derivação animal.

¹ Neste estudo, utilizou-se com recorrência a expressão “couro sintético” em virtude de seu amplo emprego na linguagem coloquial, além do fato de sua composição não derivada de animais estar, em geral, subentendida no senso comum. Segundo a Lei 4.888, vigente desde 1965, é proibido o uso de expressões como “couro sintético” e “couro ecológico”, para fins comerciais, uma vez que, apenas peles exclusivamente de origem animal poderiam receber a denominação “couro”. Ainda segundo este decreto, o termo “material sintético” seria mais apropriado para denominar simulacros de couro (originário de animais) em materiais artificiais (CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL, 201-).

Seria a utilização de tais simulacros responsável por significativa promoção da utilização produtos, neste caso, sobretudo de vestuário, compostos por matérias-primas originárias de animais, contribuindo para a perpetuação do *status quo* no qual materiais de origem animal são considerados por muitos indivíduos não veganos como aceitáveis, contradizendo aspectos da própria ideologia dos mesmos? Ou, mais importante do que este dilema ético, seriam tais substitutos fundamentais para adequação a um novo estilo de vida daqueles que optam por boicotar, substituir ou reduzir o consumo de vestuário que contenha materiais provenientes de animais?

Diante de tal paradoxo e de tantos outros aspectos que permeiam esta problemática, a presente investigação crítica, de natureza qualitativa exploratória e de caráter fenomenológico, por meio de diferentes abordagens metodológicas, tais como entrevistas pessoais estimuladas, semiestruturadas e em profundidade, questionários e buscas a comentários de usuários veganos em redes sociais da *internet*, apresenta reflexões acerca da dialética entre o sintético artificial e as implicações ao que alude àquilo que advém de animais. A partir da ótica de usuários veganos, especialistas teóricos como filósofos-eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e especialistas do campo do design de moda, expõe seu limiar de aceitabilidade e possíveis inferências intrínsecas ao consumo desta categoria de substitutos aos materiais de origem animal, bem como dos materiais que aludem mais abstratamente características exteriores de corpos de animais, em vestuário de veganos.

1.2.

Justificativa

Diante de panorama de grande difusão da aplicação de materiais sintéticos com características estético-formais semelhantes às de outros derivados de animais, o presente trabalho buscou a produção de informações em relação a aspectos e implicações associados à aceitação ou não desta variedade de simulacros em vestuário de veganos, levantando dados mais aprofundados acerca da percepção

deste público em relação a estes materiais, sobretudo quanto aos enfoques estéticos, semânticos, sociológicos e éticos.

Por meio deste estudo sobre o limiar de aceitabilidade da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal no vestuário de usuários vegetarianos veganos, propõe-se esclarecer, conceituar e aprimorar as práticas profissionais de estilistas, designers de moda e empresários do setor, que desenvolvem produtos voltados às necessidades deste perfil de consumidores que se abstêm do consumo de produtos derivados de animais, como é o caso de materiais como seda, couro, chifres, pelos, pérolas e penas.

Ao iluminar aspectos conceituais e práticos que permeiam o consumo de vestuário utilizável por veganos, os resultados de pesquisa desta natureza têm potencial de expandir os limites do conhecimento no campo do design de moda, no que concerne às peculiaridades deste perfil usuários, os veganos. Além disto, espera-se que a presente investigação sobre as manifestações e implicações de simulacros no universo do vestuário de usuários vegetarianos veganos possa não apenas contribuir para a pedagogia do design de moda, como também fomentar a discussão sobre a temática, entre usuários veganos ou não, de modo a favorecer o entendimento de seu próprio conceito e novas manifestações deste evento neste e em outros contextos.

1.3.

Objetivos

1.3.1.

Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo concerniu a investigação de aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, quanto aos enfoques estético, semântico, sociológico e ético, que emergiram de pesquisa qualitativa sobre o grau de percebida aceitabilidade da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, em materiais artificiais, presentes em vestuário utilizável por vegetarianos veganos.

A partir da ótica de usuários veganos, ativistas em defesa dos interesses dos animais e de especialistas em moda ética, filosofia com ênfase em bioética e historiadores do campo dos direitos dos animais, objetivou-se, por meio deste trabalho, entendimento de informações quanto à percepção do público vegano sobre esta classe de materiais.

Mediante análise dos depoimentos de veganos, que denotaram concepções sobre a ideia de simulacro de materiais de origem animal em vestuário, e com a análise destes dados obtidos, buscou-se respostas aos três subproblemas em que se subdivide o problema fundamental desta pesquisa. Mediante sistematização, indexação e decodificação dos dados brutos coletados, objetivou-se identificar padrões mais abstratos de associação que iluminassem as questões levantadas pelos referidos subproblemas.

1.3.2.

Objetivos específicos

Considerando os pressupostos de que veganos, ao menos em parte, procuram, entre outras coisas, alinhar o consumo de vestuário à ideologia que esposam e o de que alguns materiais sintéticos, aplicáveis em vestuário, tendem a simular características de outros, porém, derivados de animais ou, então, de partes de corpos de animais, considera-se relevante a busca de conhecimento sobre aspectos e implicações intrínsecos ao limiar de aceitabilidade da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal.

Objetiva-se, com a divulgação de tais peculiaridades inerentes ao consumo de vestuário utilizável pelo público vegano, disponibilizar dados que permitam maior aprofundamentos das discussões sobre o campo da moda ética e dos direitos dos animais. Concomitantemente, espera-se que tais insumos teóricos possam vir a ter utilidade para designers de moda cujas preocupações de projeto incluam a perscrutação e consideração de necessidades, valores e percepções do universo que envolve os usuários dos produtos que desenvolvem.

1.4.

Definições de termos e conceitos básicos para compreensão desta pesquisa

1.4.1.

Simulacro

Segundo o dicionário Michaelis (2009), o termo “simulacro” caracteriza ideia de arremedo, representação artificial da realidade, espécie de imitação com aspecto ou aparência enganosa. Apesar de ser considerado como sendo sinônimo de cópia malfeita, para o filósofo Gilles Deleuze (1974), haveria nuances de sentido que distinguiriam “simulacro” de, meramente, algum tipo de “cópia”. Para o autor, mais do que simplesmente uma cópia falsa, o simulacro põe em questão as próprias noções de cópia e de seu modelo referencial.

Por se tratar de um arremedo cuja referência não é claramente identificável, o simulacro compreende dimensões, profundidades e distâncias não dominadas por seu observador que, por sua vez, o associa a algo que julga ser semelhante. “O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista” (DELEUZE, 1974, p. 264).

De acordo com o sociólogo e também filósofo francês, Jean Baudrillard (1992), em sua obra “Simulacros e simulações”, a existência do simulacro tampouco precede uma referência “real”, uma vez que não mais existiriam distinções entre o “real” e o “verdadeiro”. Para ele, na contemporaneidade, a qual considera ser uma era de “hiper-realidade”, em analogia à simulação de um sequestro ou assalto, demonstra que suas consequências, tais como reações de pânico e a ação de policiais, seriam semelhantes às dos referidos eventos, só que reais. Neste trabalho, materiais sintéticos, aplicáveis a peças de vestuário, que, ao menos sob ponto de vista de usuários veganos, contém características estéticas, físicas e/ou formais que simulam, arremedam ou remetem a materiais de origem animal, são considerados como sendo simulacros de materiais de origem animal.

1.4.2.

Emulação

Busca por igualdade ou excelência por meio da imitação. Processo de aperfeiçoamento visando equiparação ou superação de algo ou alguém, por outro algo ou alguém.

Estar em condição inferior e mirar em algo em condição superior, na tentativa de superação, de modo que seja possível igualar-se ao patamar de condição que, antes, era superior.

1.4.3.**Cópia**

Imitação ou reprodução de alguma coisa considerada original. Exemplar de série reproduzida a partir de um mesmo original.

1.4.4.**Vegetarianismo**

Como será mais profundamente desenvolvido no item 2.2, do quadro referencial teórico, explicitado no capítulo 2, o termo designa vertente dietética que exclui quaisquer tipos de carnes, exclusivamente da alimentação. Além disso, abarca a inclusão de outros derivados de corpos de animais para fins alimentícios, tais como leites, ovos, mel e seus derivados.

1.4.5.**Veganismo**

Assim como o termo “vegetarianismo”, também é melhor definido no capítulo 2, correspondente ao quadro referencial teórico, no item 2.3. Sumariamente, compreende filosofia de vida baseada em valores éticos e em direitos dos animais. Indivíduos que compartilham desta ideologia, na medida do possível, se abstém da participação com quaisquer formas de contribuição direta e voluntária de morte, objetificação e exploração direta de animais, por meio do não consumo de derivados de animais para fins alimentícios, cosméticos, de vestuário, transporte e entretenimento, experimentações científicas, etc.

1.4.6.**Vegetariano**

Indivíduo que não se alimenta de carnes, adepto do vegetarianismo, vertente dietética definida no item 1.4.4, deste capítulo.

1.4.8.**Vegano**

Indivíduo adepto do veganismo, ideologia preliminarmente definida no item 1.4.5, deste capítulo. Na medida do possível, se abstém do consumo e utilização de animais, seus corpos e ingredientes e materiais derivados destes, seja para fins alimentícios, cosméticos, de vestuário, transporte e entretenimento, experimentações científicas, etc.

1.5.**Pressuposições****1.5.1. O tema é pesquisável**

O presente estudo se fundamenta no pressuposto de que há aspectos pertinentes ao campo do design de moda a se pesquisar, sobretudo no que concerne ao limiar de aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, em vestuário utilizável por veganos.

1.5.2. Materiais sintéticos podem, até certo ponto, simular aspectos de materiais de origem animal

Presume-se que alguns materiais sintéticos e/ou artificiais são suscetíveis a simular aspectos exteriores de materiais de origem animal e/ou aspectos de partes de corpos de animais.

1.5.3. Indivíduos veganos não utilizam materiais de origem animal em vestuário

Pressupõe-se, igualmente, que vegetarianos veganos, ao menos em parte, tendem a se cercar de vestuário em alinhamento com a ideologia que esposam.

1.6.

Delimitações da pesquisa

1.6.1.

O espectro da pesquisa também contempla, ainda que em menor frequência, mais abstratamente, a ideia de simulacro de partes de corpos de animais, em peças de vestuário sem referência à matéria em si, mas à sua imagem, como é o caso de acessórios metálicos em formato de penas e ossos. Contudo, não inclui a contemplação de simulacros de materiais mais incomuns, ainda que originários de animais, porém, humanos, como é o caso de adereços feitos com cabelos e o recém-desenvolvido couro fabricado a partir do DNA do falecido estilista britânico Alexander McQueen.

1.6.2.

Exclui-se, também, da consideração de tipos de simulacros em vestuário que fazem alusão a corpos de seres humanos, independentemente da maneira como se apresentam.

1.6.3.

Não abarca a percepção de veganos em relação a roupas, calçados e acessórios com mensagens, sejam estas neutras, pró ou contra a ideologia do veganismo, sem qualquer tipo de referência a corpos de animais, ou materiais provenientes dos mesmos, utilizados para fins de vestuário, como, por exemplo, de camisetas com estampas de alimentos onívoros em apologia ao consumo de carne para fins alimentícios.

1.6.4.

Não compreende simulacros de materiais de origem animal presentes em materiais originários de outros animais, como é o caso do couro bovino com tratamento superficial que lhe confere aspecto de pele de onça pintada.

2.

Quadro referencial teórico

2.

Quadro referencial teórico

2.1.

Introito

Neste capítulo apresenta-se revisão não exaustiva da literatura relacionada à questão do simulacro de materiais de origem animal em vestuário de veganos. Além de evidenciar o estado da arte do objeto estudado, tem como finalidade contextualizar o leitor em relação a aspectos, terminologias e conceitos inerentes ao problema fundamental, após ter equipado o pesquisador de referencial teórico essencial para a realização da pesquisa, sobretudo em sua fase de campo, na qual houve maior interação com indivíduos adeptos da ideologia do veganismo.

Para tanto, foram reunidos elementos que, com pertinência, tangenciam a temática estudada, tais como: definições de conceitos de vegetarianismo e veganismo; senciência em animais; questões práticas associadas ao consumo de vestuário considerável como vegano; breve seleção de alguns materiais de origem animal aplicáveis em vestuário, comumente associados a sofrimento de animais e, ainda, exemplos de acepções do fenômeno do simulacro dentro e fora do universo do veganismo e suas implicações.

2.2.

Vegetarianismo: conceitos e variações desta vertente dietética

De acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB, 2013?), são considerados vegetarianos indivíduos cujo regime alimentar exclui todos os tipos de carnes, podendo ser classificados como: ‘ovolactovegetarianos’ os que alimentam também de ovos e leites de outras espécies e seus derivados, ‘lactovegetarianos’ os que ingerem também leites de outras espécies e laticínios, ‘ovovegetarianos’ os que incluem ovos em sua alimentação, e ‘vegetarianos estritos’ os que, de fato, não se alimentam de nenhum alimento de origem animal, seja sua forma de obtenção diretamente proveniente de sua morte, ou não. Semelhante acepção

é dada pela *International Vegetarian Union* (2013), União Vegetariana Internacional, que considera vegetarianismo como a dieta derivada de plantas, com ou sem laticínios, ovos e/ou mel.

Independentemente de algumas variações no regime alimentar, Eric Slywitch (2010), médico especialista em nutrologia, compartilha desta definição de vegetarianismo ao afirmar que vegetarianismo é sinônimo de alimentação sem carne. “O indivíduo que não consome carne de nenhum tipo é vegetariano, assim como aquele que se alimenta de ovos e laticínios. O único ponto em comum a todas as dietas vegetarianas é a exclusão de qualquer tipo de carne da alimentação” (SLYWITCH, 2010, p. 14).

Por outro lado, na visão de Grief (2013), o termo ‘vegetarianismo’ trata de vertente dietética que estabelece a alimentação de origem vegetal (que compreende alimentos como cereais, grãos, verduras, legumes, frutas, sementes e nozes), ainda que sejam também permitidos alimentos não pertencentes ao reino vegetal, mas do reino *Fungi*, tais como cogumelos e leveduras. De acordo esta interpretação de vegetarianismo, a abstenção abarca quaisquer ingredientes de origem animal, inclusive os alimentos que não são diretamente obtidos por meio da morte de animais, tais como leite, ovos e mel.

Na mesma linha de raciocínio, Felipe (2015) aduz que, “para se dizer vegetariano, não basta tirar as carnes do prato, mas deixar peixes, ovos, queijos, manteiga, iogurte, *frozen*, tortas, biscoitos, e sabe-se-lá-mais-o-que produzido com leite”. Segundo a Sociedade Vegana (201?), origem desta discrepância de conceitos se deu por volta de 1888, quando J. B. Mayor, presidente da Sociedade Vegetariana do Reino Unido, preocupado com o reduzido número de membros associados à mesma, redefiniu o termo, de modo que abrangesse também indivíduos que se alimentavam de outros derivados de animais que não fossem carnes. Naquela época, Mayor era professor de latim da Universidade de *Cambridge*, e optou por associar a palavra ‘*vegetarianism*’ à raiz em latim ‘*vegetus*’, que significa forte, vigoroso.

Já para Müller (2010), ‘*vegetus*’ também é a raiz etmológica de ‘*vegetal*’, o que não permite a separação da dieta vegetariana de sua base a partir de fontes de origem vegetal. Ainda segundo o autor, tal extensão do conceito de vegetarianismo à alimentação que inclui alimentos de origem animal que não derivam diretamente da morte dos mesmos, estaria arraigada em tradições históricas:

Historicamente, tanto no Oriente como no Ocidente, os adeptos da dieta “vegetariana” abstinham-se apenas dos restos de animais mortos, mas admitiam o consumo do leite e, mais restritamente, dos ovos. Na tradição hindu, por exemplo, o ovo é equivalente à carne, na medida em que representa o embrião de um ser vivo. O leite, contudo, não só não implica na morte, como é símbolo de vida e comunhão – a mãe dá o leite ao seu filho, permitindo que este sobreviva e se desenvolva. Desse modo, na mitologia hindu, a vaca assume a força de uma divindade-mãe, que renova constantemente esse ciclo de vida e comunhão do ser humano.

Há quem (GUIMARÃES, 2010; MÜLLER, 2010; SOCIEDADE VEGANA, 201?) caracterize os indivíduos que se alimentam, com exceção da carne, de derivados de animais como ‘*protovegetarianos*’. Proveniente da língua grega, o prefixo ‘*proto*’ designa o que dá indício ou se inclina a de ser, porém ainda não é. De acordo com tal acepção, ‘*ovolactovegetarianos*’ e quaisquer outras combinações de prefixos e hábitos alimentares que incluam alimentos de origem animal, exceto as carnes, por aspirantes ao vegetarianismo [considerando o regime alimentar vegetariano estrito] são consideradas pertencentes à dieta ‘*protovegetariana*’ (GUIMARÃES, 2010).

Os vegetarianos das épocas anteriores, mesmo que bem intencionados, foram contidos pelas limitações históricas de suas épocas, a limitação de suas concepções éticas e a limitação de seu conhecimento prático, que hoje está disponível. Por isso, defendemos que eles são “*protovegetarianos*”, isto é, indivíduos que, inspirados por uma objeção moral ao abate de animais, defenderam a adoção de uma dieta que excluísse apenas os frutos diretos desse abate, sem questionar a instituição da exploração animal e assim, contraditoriamente, legitimando não apenas a exploração, mas também o próprio abate. Eles foram pioneiros, abriram o debate, apontaram caminhos, mas não conseguiram, pelas limitações de seu tempo, oferecer uma solução coerente ao dilema ético que nos apresentaram (MÜLLER, 2010).

Embora o termo ‘vegetarianismo’ atrelado ao mero não consumo de carne seja assim, popularmente, mais conhecido, de todo modo, mesmo o vegetarianismo estrito limita-se apenas a um sistema de alimentação que pode ser adotado

por diversos motivos (tais como: de saúde, religiosos, ecológicos, pessoais e sociais), não implica, necessariamente, reconhecimento dos direitos dos animais (GREIF, 2013).

Nesse estudo, consideraremos o conceito de vegetarianismo como o designado à vertente dietética que abstém apenas ingestão direta de corpos de seres do reino animal.

2.3.

Veganismo: ideologia que abrange outras áreas além da alimentação

Criado em 1944, pelos ativistas britânicos Donald e Dorothy Watson, fundadores da primeira Sociedade Vegana, o termo compreende uma filosofia de vida baseada em valores éticos e nos direitos dos animais. Consiste na abstenção da contribuição direta e voluntária com qualquer forma de exploração, uso, abuso e assassinato de animais.

Sendo assim, veganos adotam a dieta vegetariana estrita, abolem o consumo de produtos que contenham ingredientes e materiais derivados de animais vivos ou mortos (tais como: cosméticos, produtos de limpeza, de vestuário, mobiliário, entre outros), boicotam práticas de objetificação de animais, como sua utilização para fins de trabalho escravo, rituais religiosos, esportivos, de entretenimento e de experimentação científica (FELIPE, 2010; GUIMARÃES, 2010; MÜLLER, 2010; SOCIEDADE VEGANA, 201?).

Reconhecer, à própria biografia, que o uso de produtos de origem animal está definitivamente interditado, é uma conclusão natural para quem não admite que o bem-estar, a felicidade, o prazer ou qualquer outro benefício pessoal na vida, sejam alcançados à custa de dor, sofrimento, privação de liberdade e morte de outros, não importando o formato no qual esse outro aparece na esteira da vida (FELIPE, 2010).

Todo vegano é, em detrimento de seus princípios éticos, vegetariano. Porém, nem todo vegetariano é, necessariamente, vegano: a distinção é de natureza ideológica e se manifesta em seu modo de vida. A postura em favor dos direitos dos animais

que norteia a filosofia do veganismo transcende a mera opção dietética. Em consonância com estes ideais, veganos manifestam seu repúdio a diversas as formas de violação dos mesmos: desde, por exemplo, o não consumo dos minúsculos insetos Cochonilha, amplamente utilizados devido ao tom avermelhado que conferem a alimentos, cosméticos e tintas, até o boicote a zoológicos, parques com animais em cativeiro e rodeios com a finalidade de entreter humanos.

Para qualquer ser vivo, a maior violência que se pode cometer é tirar-lhe a liberdade de mover-se para prover-se seguindo o modo que melhor se adequa ao alcance do bem que lhe é próprio. Por isso, a defesa dos direitos animais passa inevitavelmente pela libertação deles de todas as formas de privação da liberdade à qual estão condenados no sistema que os torna objetos de propriedade humana (FELIPE, 2010).

2.3.1.

O conceito de senciência como critério controverso de demarcação moral

Um critério demarcatório dos limites morais do veganismo tem sido o conceito de senciência em animais que implica consideração de sua sensibilidade (FERRIGNO, 2012). Segundo Felipe (2012) e Slywitch (2010), seres sencientes são animais dotados de consciência e capacidade de se preservarem da dor e sofrimento afligido por eles, demonstrarem interação com o ambiente em que habitam, além de fruírem de sensações de prazer ao longo de suas vidas. Semelhante ideia de sensibilidade em seres do reino animal é compartilhada pelo autor norte-americano Gary Lawrence Francione, advogado, filósofo e acadêmico da área dos direitos dos animais:

Um ser senciente é um ser que é subjetivamente consciente; um ser que tem interesses; isto é, um ser que prefere, deseja ou quer. Esses interesses não precisam ser iguais aos interesses humanos. Se um ser tiver algum tipo de mente que possa experimentar a frustração ou a satisfação de qualquer interesse que esse ser tiver, então esse ser é senciente (FRANCIONE, 2012).

Felipe (2014a) declarou que, independentemente de sua configuração externa, número de patas ou habilidade de comunicação, é cientificamente comprovado que indivíduos de diversas espécies animais (dos polvos às aves, passando pelos

mamíferos e todos os demais vertebrados) dispõem de mente que [percebe e] registra emocionalmente tudo o que lhes sobrevêm, seja de bom ou de ruim, mesmo que de maneira distinta da que ocorre com seres humanos.

Talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania. Os franceses já descobriram que o escuro da pele não é motivo para que um ser humano seja abandonado, irreparavelmente, aos caprichos de um torturador. É possível que algum dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a terminação dos *sacrum* são motivos igualmente insuficientes para se abandonar um ser sensível ao mesmo destino. O que mais deveria determinar a linha insuperável? A faculdade da razão, ou, talvez, a capacidade de falar? Mas para lá de toda comparação possível, um cavalo ou um cão adultos são muito mais racionais, além de bem mais sociáveis, do que um bebê de um dia, uma semana, ou até mesmo de um mês. Imaginemos, porém, que as coisas não fossem assim; que importância teria tal fato? A questão não é saber se são capazes de raciocinar, ou se conseguem falar, mas, sim, se são passíveis de sofrimento. (SINGER, 1994, p. 66-67).

No entanto, taxonomicamente, nem todos os seres do reino animal são considerados, sob a ótica da zoologia, sencientes. Fato este que suscita questionamentos sobre a ética animalista cuja senciência é seu demarcador moral, visto que a preocupação com apenas determinados tipos de animais poderia ser considerada típica atitude especista, cuja mesma vertente ética repudia (NACONECY, 2007).

Há um lapso que passa despercebido pela maioria dos leitores das suas bíblias da chamada Ética Animal: ambos os títulos das obras deveriam ter seus respectivos nomes corrigidos para *Libertação dos Vertebrados* (em vez de *Libertação Animal*, de Peter Singer) e *Razões a favor dos Direitos dos Mamíferos* (em vez de *The Case for Animal Rights*, de Tom Regan). Essa incorreção, aparentemente um mero descuido taxionômico primário por parte dos dois autores, revela um problema filosófico importante e ainda pouco explorado pelos pesquisadores da área. Há cerca de 1.300.000 espécies de animais descritas pela Zoologia. De todas as espécies conhecidas, apenas 2% são vertebradas. Isso significa que a preocupação pelos animais sencientes deixaria de fora do âmbito da consideração moral uma infinidade de formas de vida animal sobre a Terra. As proposições da Ética Animal, incluindo as teses da corrente dos Direitos Animais, dizem respeito, portanto, a uma percentagem ínfima do reino animal (NACONECY, 2007).

A ausência de evidências e comprovação científica quanto à senciência de alguns animais, como, por exemplo, ostras, esponjas, corais e insetos, divide opiniões entre veganos. Peter Singer, ativista australiano que se autodeclara vegano, filósofo pioneiro nas preocupações éticas contemporâneas quanto ao trato dos animais estritamente baseadas na questão da dor e sofrimento, admitiu ter dúvidas quanto à probabilidade de uma ostra sofrer. Mesmo considerando isto pouco provável, até que seja comprovada a senciência deste ser, na opinião do filósofo, não haveria razão, para não se alimentar deste molusco, desde que seja criada de modo sustentável (GONZAGA, 2015).

Para o filósofo senciocêntrico utilitarista preferencial, a senciência é pré-requisito para se ter interesses. Logo, a utilização de animais não sencientes para interesses humanos poderia ser justificável, desde que o benefício da satisfação dos mesmos ultrapasse o custo para os animais. De todo modo, Singer defende a ideia de que há limitações éticas quanto ao uso de animais [sencientes] para interesses humanos: sendo eles dignos de respeito moral mínimo, práticas que desvalorizam ou desconsideram seus interesses devem ser renunciadas. Já os animais não sencientes, vegetais e ecossistemas devem ser preservados por interesses indiretos, considerando que de suas boas condições dependem e repercutem nos interesses de indivíduos sencientes, seja em termos estéticos, científicos, simbólicos, de bem-estar ou de sobrevivência (NACONECY, 2006). Ainda sobre a Ética Animal Senciocêntrica, Naconecy (2007) tem a seguinte opinião:

Isso afeta desfavoravelmente a consistência da fundamentação animalista e extrai algo da densidade da argumentação pró-animal. Animais não sencientes, por definição, não podem sentir nada, incluindo o sofrimento. O consenso científico atual é o de que todos os animais vertebrados são sencientes [em 2012 a Declaração de Cambridge (parcialmente transcrita na página a seguir), sobre a senciência de animais incluiu também polvos, que são invertebrados, na categoria de sencientes]. (...) O mesmo vale para o bicho-da-seda, uma larva de uma mariposa que, sendo invertebrada, também não é senciente, mas ainda é sujeita ao cativeiro e à servidão para a confecção de tecidos. Portanto, se o critério de consideração moral for a senciência, abelhas e bichos-da-seda ocuparão uma região de deserto ético (NACONECY, 2007).

Diante da provisoriedade do progresso científico zoológico, há certa nebulosidade do saber que define a não senciência dos invertebrados (NACONECY, 2007).

Em virtude de nossa ignorância quanto à distinção precisa da capacidade de sofrimento entre tantas espécies animais, para o filósofo Dieter Birnbacher (1987) é preferível um princípio ético orientador abalizado pelas largas margens da incerteza, que a possível colaboração com o padecimento de animais:

(...) ao restringir a proteção de animais aos mamíferos, ou aos animais de sangue-quente ou aos vertebrados, corremos o risco de excluir animais capazes de sofrimento, embora fenotipicamente tão distantes dos mamíferos ou dos pássaros que não inspirem uma empatia espontânea.

Paul W. Taylor, filósofo individualista da ética ambiental biocêntrica, em seu livro *“Respect for Nature: a theory of environmental ethics”*, diferente de Singer, defende que “o bem próprio de uma vida, ou da vida de um indivíduo dentro dos limites e grandezas de sua espécie, não pode jamais ser pesado para mais ou para menos em relação ao bem próprio da vida de um indivíduo de outra espécie que não a daquele” (FELIPE, 2014b).

Embora filósofos eticistas considerados referências da ética animalista apresentem maneiras distintas de abalizar seus princípios éticos, mesmo a empatia, o simples fato de serem considerados animais, ou por manifestarem respostas orgânicas a ataques externos, já são suficientes para muitos veganos firmarem seu posicionamento animalista abolicionista poupando-lhes de seu uso com o benefício da dúvida, tanto para a alimentação, quanto para fins considerados mais fúteis (como a utilização de pérolas para fins de ornamentação). Para a filósofa Sônia Felipe (2015), não há dúvidas quanto a senciência de animais invertebrados como as ostras:

Já está provado cientificamente, por análises feitas em laboratório, que a ostra libera endorfinas no transporte bruto, e não as libera quando transportada suavemente. Ora, só há liberação de endorfinas para compensar algo doloroso ou estressante. Os estudos em neurologia estão a pleno vapor. É preciso dar atenção ao que os cientistas estão escrevendo sobre a mente, a consciência e a sensibilidade de todos os animais. Enfim, se lemos atentamente a Declaração de Cambridge sobre a Senciência Humana e Animal, vemos que, no último parágrafo, eles nem usam o termo “animal”, apenas “criaturas sencientes”, justamente porque os neurocientistas estão a caminho de encontrar senciência em, digamos, pernilongos e minhocas, algo do qual nunca duvidei. (...) O debate não deve se restringir à questão do valor da vida por conta de habilidades cognitivas ou de outra ordem, mas à questão do tipo de vida, da carga de dor, sofrimento e morte infligida, à qual condenamos todos

os animais que estropiamos, escravizamos e matamos para nossos propósitos.

O último parágrafo da referida declaração de grupo de neurocientistas da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, reunidos para reavaliar a senciência de animais humanos e não humanos, pode ser conferido no trecho a seguir:

Declaramos o seguinte: “A ausência de neocórtex não parece excluir um organismo da possibilidade de experiência estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos possuem os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência em linha com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são únicos na posse dos substratos neurológicos que geram consciência. Animais não humanos, abarcando todos os mamíferos e aves, e muitas outras criaturas, incluindo os polvos, também possuem estes substratos neurológicos” (CAMBRIDGE UNIVERSITY, 2012).

Valendo-se, igualmente, do benefício da dúvida, o presente estudo também contemplará todos os seres do reino animal, independentemente de seu filo ou comprovação de sua capacidade de sentir dor, prazer ou ter consciência, em consonância com as palavras do teórico dos direitos dos animais, Gary L. Francione:

Há uma incerteza quanto à linha limítrofe entre senciente e não senciente? Claro que sim. No entanto, está muito claro, sem qualquer sombra de dúvida, que *todos* os animais que exploramos rotineiramente — peixes, vacas, porcos, ovelhas, cabras, galinhas e outras aves, lagostas, etc. — são sencientes. Portanto sabemos tudo que precisamos saber para tomar a decisão moral de parar de comer esses animais e de usá-los para roupa, sapato, etc. As pessoas dizem com frequência que não considero os insetos sencientes. Essa afirmação está incorreta. Eu não sei se os insetos são sencientes. Arrisco para o lado da senciência e não os mato intencionalmente. De fato, tomo cuidado quando estou andando para não matá-los nem machucá-los. Não sei se as amêijoas ou outros moluscos são sencientes, embora eu arrisque a favor da senciência e não coma moluscos nem compre produtos feitos com eles. Mas repito: não saber onde traçar a linha limítrofe não significa que não saibamos o suficiente, agora mesmo, para ter absoluta certeza de que temos a obrigação moral de não comer animais nem usá-los para roupa, sapato, etc., e que o veganismo deve ser a base moral de um movimento que busque justiça para os animais não humanos (FRANCIONE, 2012).

De acordo com Sônia Felipe (2010), o que ilumina a atitude vegana é a convicção de que não se pode ser ético e ignorar que o bem próprio de outros seres

os importa, assim como importa o nosso para nós mesmos. Tal conceito é o que motiva a adoção de um estilo de vida que preza pelos direitos dos animais - sejam eles humanos ou não - e ecossistêmicos sem que, para cada um desses prismas, seja forjada uma ética antagonista às demais. Ainda segundo a autora:

Na perspectiva ética vegana, humanos perdem o estatuto de proprietários e beneficiários da vida alheia. Reconhecer direitos fundamentais à vida e ao bem próprio de cada ser vivo é o modo razoável de resguardar a singularidade do bem próprio à vida deles, sendo indiferente o agente moral da espécie à qual o animal pertence. (...) Na condição de sujeitos, cabe a eles direitos fundamentais, tais quais os atribuídos a qualquer humano: o direito à vida, o direito à não privação da liberdade, o direito à reprodução, o direito ao movimento necessário para o provimento nos padrões individuais e próprios de cada espécie.

2.3.2.

A prática do veganismo em face da multiplicidade de aplicações de materiais de origem animal

Ao longo do tempo, o homem desenvolveu e aprimorou técnicas para deter os animais junto a si e usá-los para fins de força de tração, extração de suas carnes, peles, lã, leite, ovos e outras secreções, diversão e medicamentos. Para Felipe (2014a), nada escapa da lógica que impera a extração do maior proveito de “qualquer criatura vulnerável, pois os animais são considerados objetos dos quais os humanos podem tomar posse, vender como mercadorias, explorar como escravos e matar”. O uso de animais não humanos para fins de interesses, negócios e necessidades é tão amplamente disseminado em diversos âmbitos da produção e do consumo de mercadorias e serviços (FELIPE, 2010) que, em termos práticos, ser totalmente vegano tornou-se algo virtualmente impossível (MÜLLER, 2010).

Desdobrar as pregas da moralidade na qual estamos plissados requer coragem e persistência. Quando julgamos ter alcançado um patamar razoável de abolição de produtos de origem animal que antes compunham a cesta básica de nossa aquisição diária, somos confrontados com o fato de que quase todos os produtos da indústria química usados para confeccionar alimentos processados, tecidos, calçados sintéticos e outros itens do uso diário contém ingredientes produzidos com componentes derivados ou extraídos de animais. (...) A tarefa de desdobrar continuamente as pregas nas quais esconderam de nós a imagem de nossa moralidade animalizada é árdua. Ela representa um embate mental, emocional, espiritual,

político, econômico e moral com os padrões ou conceitos forjados em nossa própria mente. (FELIPE, 2010).

Diante deste constante desafio, veganos são consumidores que, na medida do possível, averiguam minuciosamente a existência de violação de direitos dos animais, não somente nas entrelinhas da lista de ingredientes ou materiais intrínsecos de cada produto ou serviço consumido, como também por meio da investigação de possíveis traços imateriais de abuso e exploração. Para os veganos, o eventual consumo de produtos resultantes de uma realidade não aprovada, além de moralmente incômodo, caracterizaria convivência com e o financiamento de tais práticas.

Temos que pôr o pé de fora do sistema para encontrarmos nossa empatia perdida e fazermos escolhas que reflitam o que verdadeiramente sentimos e aquilo em que acreditamos, em vez daquilo que nos ensinaram a sentir e a ter como verdade (JOY, 2014, p. 110).

Para tanto, como estratégia contra diversas formas de fraudar o gozo inerente à vida de outros seres sencientes, boicotam o consumo de produtos que contenham ingredientes de origem animal, ou que tenham sido testados nos mesmos, partindo do pressuposto de que a “abstinência do consumo atingirá a produção, uma vez que, em larga escala, consumir menos repercute em produzir menos” (FERRIGNO, 2012, p.72).

No entanto, no que concerne ao sofrimento dos animais, ainda que incipientes para erradicar por completo tamanha exploração da vida alheia, a postura de proatividade em respeito aos direitos dos animais manifestada nas atitudes de um vegano é tão válida quanto o singular trabalho de uma formiguinha é significativo para a construção de um grande formigueiro. “(...) não se trata de utopia. Seríamos masoquistas morais se não acreditássemos que nossas pequenas atitudes contribuem para diminuir o número de animais que sofrem sob a tirania humana” (GODOY, 2011).

Tamanha relevância em detrimento dos direitos animais se manifesta, não apenas no valor intrínseco de cada vida poupada da morte, mas também nos benefícios ambientais, repercutidos na preservação da vida de outros seres humanos, mesmo

àqueles indiferentes aos direitos animais. Isto se deve ao fato de que, por natureza, a dieta cujos alimentos de origem vegetal são predominantes consome menos recursos naturais e gera menor impacto ambiental ao longo de sua produção (SLYWITCH, 2010).

Ao se absterem do consumo de carnes, leites, ovos e seus derivados, por exemplo, e se alimentarem básica e diretamente de fontes vegetais, veganos poupam toda a água que seria utilizada na alimentação dos animais que os produziram. Desde a água requerida no cultivo de grãos que alimentariam os animais e saciaria sua sede – uma vaca bebe até 100 litros de água por dia! (BURGIERMAN; NUNES, 2012) –, durante toda a vida dos animais condenados à exploração (e inevitável abate), até a água utilizada na higienização dos matadouros. Pragmaticamente, estima-se que para produzir um grama de proteína oriunda de carne bovina, sejam necessários 112 litros de água, ao passo que, para produzir a mesma quantidade de proteína presente em cereais, são necessários 21 litros (WATER FOOTPRINT, 2010). Contudo, os impactos ambientais da indústria da carne não se limitam ao uso irracional de recursos hídricos: a pecuária também é responsável por grandes desmatamentos para a criação extensiva de gado, e por poluição atmosférica, consequente dos gases CO₂ e metano, provenientes do processo de digestão bovina (FERRIGNO, 2012; SLYWITCH, 2010).

(...) um mundo em que a população global provavelmente terá dobrado em menos de um século, o gado e outros animais de criação se tornarão temíveis concorrentes do homem. Calcula-se que nos Estados Unidos dois terços da produção de cereais se destinam a alimentá-los. E não nos esqueçamos de que esses animais, em forma de carne, nos fornecem um número de calorias bem inferior àquele que consumiram no curso de suas vidas (no caso da galinha, segundo me disseram, um quinto). Uma população humana em expansão rapidamente necessitará de toda a quantidade atual da produção de grãos para sobreviver, de modo que nada restará para o gado e os animais de criação. Em consequência, todos os humanos deverão calcar seu regime alimentar naquele dos indianos e dos chineses, em que a carne animal cobre uma parte muito pequena da necessidade de proteínas e calorias. Será preciso talvez renunciar completamente a ela, porque à medida que a população aumenta, há diminuição da superfície das terras cultiváveis (sob o efeito da erosão e da urbanização), das reservas de hidrocarbonetos e dos recursos hídricos. Em contrapartida, os especialistas estimam que se a humanidade se tornasse integralmente vegetariana as superfícies hoje cultivadas poderiam alimentar uma população em dobro (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 83).

Além disto, considerando que o consumo descomedido, não apenas de alimentos, é fator crucial para degradação do meio-ambiente que, por sua vez, coloca em risco diferentes formas de vida animal, o consumismo é algo reprovável à vista dos mesmos princípios éticos que regem a filosofia do veganismo.

2.3.3.

O vestir para veganos

Como mencionado anteriormente, são muitos os produtos que contêm materiais de origem animal. Em relação a artigos de vestuário, também não é diferente. De acordo com os preceitos do veganismo, “a pele e a preservação da intimidade do corpo humano não devem ser protegidas às custas da tortura e morte de quaisquer animais” (FELIPE, 2010). Por isto, tal como suas preferências alimentares, em coerência com sua filosofia de vida, veganos, na medida do possível, não se vestem com nada que contenha parcela do que já foi a vida de seres sencientes.

E para restituir a qualquer animal a alma que lhes foi roubada no manejo humano, é preciso abolir completamente o sistema de produção de alimentos animalizados, diversões animalizadas, moda animalizada, beleza animalizada e tratamentos médicos animalizados. Isso implica no desmonte das fábricas de animais (FELIPE, 2014b).

Sejam facilmente identificáveis ou imperceptíveis, peles, pelos, penas, pérolas, seda, conchas, teias e ossos de diversos animais compõem ou ornamentam vasta gama de produtos para o vestuário humano. No Brasil, embora haja marcas de produtos de vestuário especificamente voltadas para o público vegano, de acordo com Marly Winckler, presidente da SVB, Sociedade Vegetariana Brasileira, ainda são insipientes para atender à demanda (FERREIRA, 2013). Mesmo que não sejam declaradamente veganas, há também marcas comuns que produzem, não necessariamente por motivações éticas, parte ou a totalidade de suas roupas, calçados e/ou acessórios sem ingredientes de origem animal, a partir de materiais vegetais, minerais ou sintéticos.

Tal qual estão habituados a averiguar os ingredientes dos alimentos que consomem, adeptos do veganismo devem sempre estar atentos às etiquetas de composição

de tecidos e, quando necessário, contatar empresas fabricantes quando informações a respeito dos produtos não estão claras ou disponíveis. Habitados a tal investigação, alguns veganos acabam desenvolvendo uma percepção mais aguçada para, por meio de sentidos como a visão, o tato e o olfato, distinguir um material de origem animal, como o couro, de uma opção vegana, como o couro sintético, por exemplo. No caso de produtos já adquiridos, ainda que amadoramente, alguns testes de queima do material podem indicar, de acordo com o odor e a ocorrência ou não de combustão, por exemplo, se a fibra de um tecido provém de um animal ou é sintética. Todavia, tais ensaios incorrem o inconveniente de danificar o produto, além de não poderem ser feitos nas lojas, no ato da compra.

São comuns casos em que as informações das embalagens e etiquetas sobre a composição de tais produtos não são suficientemente esclarecedoras. Tampouco consultas feitas diretamente com as empresas fabricantes podem ser sempre satisfatórias quando se deseja descobrir com exatidão a procedência das matérias-primas empregadas. Ainda de acordo com Winckler (FERREIRA, 2013), em muitos casos, nem mesmo as próprias empresas têm dados precisos sobre a origem dos materiais adquiridos de fornecedores terceiros: “às vezes eles usam materiais que são de origem animal e não sabem”.

A imprecisão das informações pode ser percebida no exemplo da aquisição de um calçado vegano de uma marca comum: mesmo quando identificado que o item não é composto do couro de um animal, dificilmente haverá informações quanto aos ingredientes da cola utilizada no mesmo. Colas de calçados podem ser feitas à base de petróleo e solventes, à base de látex e água ou então de derivados de animais (COLERATO, 2014).

De acordo com o *Vegan Kicks* [s.d.], site estrangeiro dedicado a esclarecer dúvidas quanto à procedência dos materiais de tênis lançados no mercado, mesmo com o surgimento de adesivos sintéticos específicos e apropriados para diversas finalidades, embora cada vez mais incomuns, colas feitas a partir da caseína do leite bovino, ou do colágeno extraído da pele, tendões, ossos, e ligamentos de animais ainda são utilizados na composição de adesivos por serem subprodutos da indústria da carne e de laticínios.

Para Henry, editor do referido *site*, mesmo no caso de grandes fabricantes, muitas vezes as informações fornecidas quanto à origem dos materiais são inconsistentes:

As grandes empresas, como *Nike*, *Adidas* e *Converse All Star*, até possuem alguns modelos veganos, ou seja, feitos com cola a base de solvente, mas o grande problema é que eles não sabem quais são esses modelos, e dessa maneira fica impossível atestar se um modelo é realmente *vegan* ou não. Já a *New Balance* e *Reebok* são mais assertivas e afirmam que não possuem nenhum modelo vegano. A *Asics* é a única que tem uma política vegana bem clara, enquanto a *Vans* possui uma lista com as suas – infelizmente pouquíssimas – opções 100% *cruelty-free* (COLERATO, 2014).

Diante desses aspectos, no Brasil, a SVB concede, mediante minuciosa análise da composição e de seus processos de fabricação, certificação de produtos de empresas que queiram atestar a verossimilidade quanto à compatibilidade com o conceito de produto vegano (SELO VEGANO, 2013?).

Figura 1: Selo vegano atestado pela Sociedade Vegetariana Brasileira.¹

Fonte: Selo vegano (2013?)

Como produto vegano, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SELO VEGANO, 2013?) considera aquele que:

(1) não contém em sua composição nenhum ingrediente de origem animal, incluindo: qualquer das carnes como a de boi, porco, carneiro, peixe, animais marinhos, aves e todas as demais espécies animais; substâncias oriundas de partes de animais ou suas secreções; leite, queijo ou outros laticínios; substâncias oriundas de laticínios; ovos; substâncias oriundas de ovos; mel; substâncias

¹ Disponível em: < <http://www.selovegano.com.br/#!quem-pode/ckz8> >. Acesso em: 23 mar. 2015.

oriundas de mel ou de abelhas ou qualquer outro inseto; corante carmim (oriundo da cochonilha); caseína de origem animal; glicerina de origem animal; lactose; couro animal ou outras peles de animais ou suas partes; colágeno; seda; ossos; cartilagens; clarificantes de origem animal; ou qualquer corante, estabilizante, conservante, emulsificante, edulcorante ou outro ingrediente que tenha origem de animal, vertebrado ou invertebrado; (2) durante cujo desenvolvimento nenhum animal, vertebrado ou invertebrado, foi usado em testes de toxicidade ou qualquer outro teste ou experimentação; (3) durante cujo processo de fabricação nenhum ingrediente, produto ou subproduto de origem animal foi usado, mesmo que estando ausente no produto finalizado; e (4) se possa garantir que, durante o desenvolvimento dos ingredientes, insumos e substâncias presentes na composição e/ou usados na fabricação do produto, nenhum animal, vertebrado ou invertebrado, foi usado em testes de toxicidade ou qualquer outro teste ou experimentação.

Vale ressaltar que, ainda que seja constatado que todos os componentes do produto não são de origem animal, a SBV não concede o selo a produtos fabricados por empresas que realizem experimentações de qualquer natureza em animais, sejam estas com o produto analisado ou não (SELO VEGANO, 2003?).

Todavia, mesmo sendo abrangente a qualquer tipo de produto e não somente aos alimentícios, até a conclusão desta pesquisa, tal certificação da SVB não constava em nenhum produto de vestuário.

2.4.

Breves descrições de alguns materiais de origem animal, empregados em vestuário, comumente associados a sofrimento de animais

2.4.1.

Pérolas

E quando me refiro à beleza da pérola, me refiro pura e simplesmente à sua beleza intrínseca e hipnotizante, gerada de maneira natural. Uma produção natural entenda-se não forçada, que é da ostra, e não foi feita para o ser humano adornar pescoços e orelhas. A pérola é bonita não porque é valiosa do ponto de vista econômico. Ela é bonita e valiosa porque é uma produção ímpar e elaborada pela natureza. Ela possui uma beleza que, embora fascinante, tem uma história de dor (GODOY, 2011).

Consideradas por Godoy (2011), como agentes neutralizadores da dor, pérolas são produzidas quando ostras têm seus corpos invadidos por corpos estranhos. No intuito de livrarem-se da inflamação causada pela entrada de um grão de areia, por exemplo, o animal produz sucessivas camadas de nácar, substância que envolve e suaviza as arestas agudas do corpo estranho que adentrou em seu interior.

Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda" (ALVES, 2008, p.9).

Embora estes dois últimos autores tenham (metaforicamente) considerado a formação da pérola como resposta ao suposto sentimento de dor causado pela entrada de um corpo estranho no interior da ostra, é importante ressaltar que, até hoje, não é cientificamente comprovada a sensibilidade deste animal. Por não possuírem sistema nervoso central, não há, de acordo com esta fonte, indícios fisiológicos que determinem a presença de sensibilidade dos mesmos (ANIMAL ETHICS, 20--).

De alto valor comercial e empregada na confecção de joias e bordados de vestidos finos, a pérola é classificada como a única gema originária de animais. Seu tempo médio de maturação no interior do corpo de um molusco é de três anos, porém, o que a torna mais valiosa é a raridade do fenômeno que a origina. Dado que a concha da ostra já a protege muito bem da entrada de invasores, naturalmente, isto ocorre em apenas um de cada dez mil animais (COMO [...] 2014).

Para fins comerciais, o homem desenvolveu técnicas artificiais de cultivo de pérolas de diferentes formas e cores, de modo a aumentar a produção e acelerar sua formação. Neste processo, o cultivador abre o molusco e insere em seu epitélio (órgão responsável pela secreção do nácar) uma bola de madrepérola com cerca de três quartos do tamanho da pérola que se espera cultivar, juntamente com um pedaço do epitélio de outro animal. Depois de receberem o corpo estranho, são devolvidas ao mar em gaiolas, das quais ficarão de um a três anos e meio.

Delicados, de cada três moluscos submetidos a este processo, apenas dois sobrevivem, sendo que apenas $\frac{1}{4}$ produzem a pérola cultivada (GAMA, 2009).

Figura 2: Inserção de corpo estranho no interior de ostra.²

Fonte: Bernardes (2012).

Para fins comerciais, o homem desenvolveu técnicas artificiais de cultivo de pérolas de diferentes formas e cores, de modo a aumentar a produção e acelerar sua formação. Neste processo, o cultivador abre o molusco e insere em seu epitélio (órgão responsável pela secreção do nácar) uma bola de madrepérola com cerca de três quartos do tamanho da pérola que se espera cultivar, juntamente com um pedaço do epitélio de outro animal. Depois de receberem o corpo estranho, são devolvidas ao mar em gaiolas, das quais ficarão de um a três anos e meio. Delicados, de cada três moluscos submetidos a este processo, apenas dois sobrevivem, sendo que apenas $\frac{1}{4}$ produzem a pérola cultivada (GAMA, 2009).

Também constituída de nácar, parte da concha de ostras e outros moluscos têm seu interior revestido por este substrato brilhante, do qual é extraída a madrepérola.

² Disponível em: < <http://goo.gl/wHCIWc> >. Acesso em: 12 mai. 2015.

Desta parte do animal, que, assim como as pérolas, podem ser de diversas cores, são feitas joias, botões e acessórios (INFOJOIA..., 2013).

Figura 3: Corpo estranho revestido de nácar em pérola negra cultivada.¹
Fonte: Bernardes (2012).

Figura 4: Anel em aço inox e abalone, variedade de madrepérola em tons de azul e verde.²
Fonte: Infojoia ... (2012).

Figura 5: Botões de madrepérola.³
Fonte: Retrosaria... (201?).

Figura 6: Bolsa de mão confeccionada com madrepérola.⁴
Fonte: Isla (201?)

¹ Fonte: Disponível em: < <http://goo.gl/whclwc> >. Acesso em: 12 mai. 2015.

² Disponível em: < http://www.infojoia.com.br/news_portal/noticia_13460 >. Acesso em: 28 mar. 2015.

³ Disponível em: < <http://goo.gl/LPCjdH> >. Acesso em: 28 mar. 2015.

⁴ Disponível em: < <https://goo.gl/T7aitF> >. Acesso em: 12 ago. 2016.

2.4.2.

Corais

Embora se assemelhem a plantas, também pertencentes ao reino animal, corais são colônias de pequenos animais, os pólipos, formados de um exoesqueleto de carbonato de cálcio ou por uma substância córnea chamada 'conchiolina'. Corais calcários possuem cor vermelho escuro, laranja, rosa claro, branco, creme e, eventualmente, azul ou púrpura. Já o coral conchiolina, pode ter coloração negra, marrom escura e amarelada, sendo que esta última se encontra em extinção (LEAHY, 2010; GAMA, 2009).

Figura 7: Exoesqueletos de corais calcários “conchiolina”, gemas e joias feitas dos mesmos.¹
Fonte: Gama (2011).

Figura 8: Captura de coral vermelho gigante por barco de arrasto.²
Fonte: Leahy (2010).

¹ Disponível em: < <https://goo.gl/5i5IDF> >. Acesso em: 28 mar. 2015.

² Disponível em: < <http://www.institutoecofaxina.org.br/2010/03/corais-em-luta-pela-sobrevivencia.html> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

Não diferente das árvores, imprescindíveis para manutenção de diversas formas de vida terrestre, corais constituem arrecifes fundamentais para a preservação de diversas espécies de animais marinhos. Considerados um dos ecossistemas mais complexos do planeta, recifes de corais são o lar de mais de quatro mil espécies de peixes marinhos e são responsáveis por manter de 25 a 33% da vida de plantas e animais que habitam os oceanos (LEAHY, 2010; VALUE OF CORALS, 2009).

Entretanto, a vida marinha não é a única que depende dos recifes de corais: estes podem também proteger a vida terrestre, atenuando ondas causadas por ciclones e furacões que atingem o mar. No entanto, por diversos fatores como poluição, ancoragem de embarcações, pesca com redes de arrasto e, principalmente, por sua insustentável extração fomentada pela indústria joalheira, estes animais correm risco de serem extintos (LEAHY, 2010).

2.4.3.

Seda de bichos da seda

Seda é o nome dado à fibra têxtil originária da secreção produzida por lagartas conhecidas como bichos-da-seda. É comumente utilizada na fabricação de tecidos finos para confecção de vestidos de festa, camisas, gravatas e tecidos para tapeçaria e decoração de interiores. Embora mais conhecidos por seu brilho e leveza incomparáveis, tecidos com fios de seda podem ter aspectos distintos, variando de acordo com o tipo de fio, sua espessura e forma de entrelaçamento. O tipo do fio varia de acordo com a espécie e forma de cultivo das lagartas. As combinações de variações destes três aspectos podem lhes conferir tecidos com aparência e texturas fosca, brilhante, transparente, lisa, áspera, com caimento fluido, armado, serem pesados ou leves, etc. (CHATAIGNIER, 2006; PEZZOLO, 2007).

A produção industrial de filamentos de seda cultivada se dá a partir do depósito dos ovos da mariposa da espécie *Bombyx Mori* em tiras de papel, por meio do trabalho de sericultores. Ao nascerem, as lagartas são alimentadas com folhas de amoreiras até que cresçam a ponto de estarem aptas a fiarem o próprio casulo,

fase que antecede a metamorfose na qual se transformam em mariposas. O inseto produz o filamento da seda secretando dois finos fluxos de um líquido viscoso oriundos de pequenas aberturas que saem de sua cabeça. Em contato com o ar, os fluxos se solidificam, e formam uma goma chamada sericina, que une e consolida os fios do casulo. Nesta fase, encapsulada, a lagarta se transforma em pupa (CHATAIGNIER, 2006). Antes que, naturalmente, possam se transformar em mariposas e secretar espécie de saliva ácida com a função de corroer o casulo para que o animal possa completar este ciclo metamórfico, os casulos intactos são fervidos com os insetos vivos em seu interior (GEER, 2014).

Figura 9: Mariposa *bombyx mori* após eclodir de seu casulo.³

Fonte: Lima (2011).

O que faz desta fibra de origem animal singular é, justamente, o fato de ser um filamento extremamente fino e longo, que confere brilho, suavidade e leveza aos tecidos. Logo, permitir que a mariposa destrua naturalmente seu casulo, e permaneça viva, resultaria em desvalorização do produto final, já que, para romper o casulo, necessariamente há que se romper o filamento contínuo. Para se produzir um quilo de tecido de seda, são necessários cerca de seis mil casulos destes animais (FOLLAIN, 2014; GEER, 2014). Após este procedimento, os fios de seda

³ Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/pesquisa-e-tecnologia/o-projeto-que-e-o-bicho-bdcfdnq00okxe84m56hr90lse> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

são bobinados e retorcidos para serem tinturados e tramados por teares (CHATAIGNIER, 2006).

Independentemente de sua beleza e propriedades singulares, em virtude das condições a que são sujeitados estes animais, a seda, enquanto material, é comumente associada a sofrimento animal, tal como se observa no fragmento a seguir:

Esses insetos foram domesticados há cerca de 5000 anos, provavelmente na China e, por isso não conseguem mais sobreviver livres no seu habitat natural. Nesses séculos de domesticação, maus tratos e ganância do ser humano, suas asas se atrofiaram, e não conseguem mais voar, vivendo na total dependência de humanos para obterem sua alimentação. Desafortunadamente, transformaram-se em “insetos domésticos” condenados à morte (FOLLAIN, 2014).

Ainda em referência às anomalias apresentadas na espécie de bicho-da-seda resultante de cruzamentos manipulados pelo ser humano:

Quando a indústria da seda atingiu finalmente seus objetivos, apurando as raças que lhe assegurariam um notável rendimento, os bichos-da-seda já haviam sido transformados em animais degenerados. Todas as atuais mariposas descendentes das antigas *Bombix mori*, que agora só podem ser encontradas em poder dos sericultores, dos quais, fiéis operárias, são desajeitados insetos com pesados abdômes e asas atrofiadas, incapacitados para o vôo e, portanto, sem condição alguma de se reproduzirem novamente em liberdade, pois, entre as mariposas, tanto as manobras de acasalamento como de postura dos ovos são tipicamente aéreas. Assim, o bicho-da-seda foi transformado num verdadeiro morto-vivo na listagem atual das espécies; extinto em sua terra de origem, mas mundialmente preservado em cativeiro (BICHO-DA-SEDA [...]1979).

No entanto, faz-se pertinente frisar a existência de seda de originária de animais, porém, proveniente de processo de produção isento de sofrimento animal. Conhecido por *Ahimsa Silk*, não só não resulta na morte do animal, como também respeita todas as fases de seu ciclo metamórfico, já que os casulos vazios de animais de espécies selvagens são recolhidos de florestas sem que, para isto, tenha que se confinar animais em cativeiro (FOLLAIN, 2014).

Outros substitutos com características físicas e/ou estético-formais razoavelmente semelhantes podem ser de fibras sintéticas, vegetais, minerais, ou artificiais, como

o poliéster, acrílico, seda de algodão, fibra de ceiba, fibra de serralha, *nylon* e liocel (FOLLAIN, 2014; GEER, 20114).

2.4.4.

Seda de teias de aranha

Os fios de seda das teias de aranha são conhecidos por suas propriedades mecânicas incomuns. Extremamente fortes, são capazes de suportar peso cinco vezes maior do que fios de aço suportariam. Além de resistentes, são elásticos a ponto de dobrarem de tamanho quando submetidos a determinada força de tração (TEIA [...], 1989).

Fascinados pelo singular brilho dourado desta fibra têxtil, no ano de 2003, Simon Peers e Nicholas Godley desenvolveram, ao longo de três anos, uma echarpe de quatro metros de comprimento e uma capa bordada, fruto do trabalho de mais de um milhão de aranhas fêmeas, capturadas por cerca de oitenta pessoas em florestas da ilha africana de Madagascar. Por sete anos, até que se conseguisse suficiente quantidade de material, após terem tido suas teias removidas, as aranhas eram devolvidas a seu habitat natural (GOLDEN [...], 2012).

Em 2012, as peças confeccionadas a partir desta secreção animal foram expostas no museu de arte e design londrino *Victoria and Albert*, cuja capa e seus detalhes do bordado podem ser conferidos nas figuras 10 e 11, da página a seguir.

Vale ressaltar que, uma vez que as referidas capa e echarpe se tratam de peças exclusivas, sendo os únicos exemplares de peças do vestuário com este material de origem animal de que temos conhecimento, não há opções veganas a serem indicadas, neste caso, para sua substituição.

Figura 10: Seda tecida com filamentos de teias de aranha.⁴
 Fonte: Golden [...] (2015).

Figura 11: Ilustração do processo de extração de seda dourada da teia de aranha fêmea.⁵
 Fonte: Golden [...] (2015).

⁴ Disponível em: < <http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/golden-spider-silk/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

⁵ Disponível em: < <http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/golden-spider-silk/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

2.5.

Acepções e implicações de alguns exemplos do evento do simulacro em termos do veganismo e em termos mais gerais

Segundo o dicionário Michaelis da língua Portuguesa (2009), simulacro é um vocábulo utilizado para designar o que é criado pela fantasia, que representa algo, sem realidade. Para Pompeu (2013), significa imitação, parecença, semelhança e/ou representação. Com um tom mais crítico nas definições, de acordo dicionário Houaiss (2007), o termo também caracteriza cópia grosseira, malfeita, arremedo.

Em contrapartida à definição do último dicionário citado, para Gilles Deleuze (1974, p. 267-8), filósofo francês que analisou o conceito de acordo com as ideias de Platão, o simulacro não se trata de uma cópia degradada, pois, abarca uma potência que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como sua reprodução. Em si, o simulacro é distinto, singular, mas, para um espectador alheio, é somente uma impressão (SALLES, 2004).

O simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar. É porque não as domina que ele experimenta uma impressão de semelhança. O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista (DELEUZE, 1974, p. 264).

Jean Baudrillard (1992), sociólogo, também francês, reconhecido por discorrer filosófica e mais profundamente sobre o conceito de simulacro em sua obra “Simulacros e simulações”, defende a ideia de que, na contemporaneidade, vivemos em uma era cujos símbolos têm mais valia e influência do que a própria realidade. Neste contexto, os simulacros seriam simulações imperfeitas do real que, paradoxalmente, podem ser mais atraentes ao expectador do que o próprio objeto replicado.

A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o Território – precessão dos simulacros – é ele que engendra o Território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os

do Império, mas o nosso. O deserto do próprio real. (Baudrillard, 1992, p. 7-8).

Ainda segundo Baudrillard (1992), o simulacro é um procedimento associado à produção de sentidos. É como uma mutação de coisas em algo semelhante com sua forma original. Quanto mais próximas da realidade, do objeto, menos deixam de ser uma representação. Nesse contexto, o distanciamento do original colabora para o surgimento das manifestações de simulacros. Quanto mais longe, alienado, mais se tem uma ideia do real, mais se conjectura o que é o real e menos se tem clareza do que é a realidade.

Baudrillard defende que a imagem possui quatro fases sucessivas: a primeira diz respeito à imagem como reflexo de uma realidade profunda, com boa aparência; na segunda a imagem mascara e deforma a realidade, trata-se de uma má aparência; na terceira mascara a ausência de realidade, ou seja, finge ser aparência e a quarta fase, quando a imagem não tem relação com nenhum aspecto da realidade, sendo ela o seu próprio simulacro. Em todas as fases a imagem é modificada de acordo com a realidade a fim de aparentar semelhanças que nos permita identificá-la, a partir da associação de determinadas características, com outras imagens, aparências” (ALVES; CALEIRO, 2011, p. 7).

Para Alves e Caleiro (2011, p. 5), o simulacro não é algo além da realidade, tampouco constitui outra realidade. Todavia, faz parte do real e é fundamentado nele que se constitui simulacro. É uma distorção, distinção, pela qual não se pode distinguir real e imagem. É, pois, a diligência de se fazer uma imagem ser real de tal maneira que nem os modelos, sequer os clichês, interfiram em sua receptibilidade. Em síntese, trata-se de, violar um esquema de percepção.

No campo do veganismo, além dos exemplos encontrados no vestuário, que possuem materiais ou aspectos exteriores que simulam ou referenciam animais ou partes de seus corpos, a questão dos simulacros na alimentação, por exemplo, é pauta de discussão entre indivíduos deste público. Versões veganas, ou seja, que não contêm ingredientes de origem animal, de alimentos como: linguiças, salsichas, presuntos, hambúrgueres, bifos, pizzas, brigadeiros, bolos, sorvetes, queijos e leites, imitam, em diferentes graus de fidedignidade, a aparência, sabor, textura e olfato de alimentos que, em sua versão tradicional, derivada de animais, não pertenceriam à dieta vegetariana estrita (AGÊNCIA [...], 2016).

Se, por um lado, tal semelhança é imprescindível para agradar ao paladar e, muitas vezes, satisfazer a memória afetiva ligada aos alimentos dos quais alguns veganos têm em relação aos alimentos que, por motivos ideológicos, optaram por não consumir mais, por outro, causa repugnância e sua aceitação é questionada por parte de veganos que se opõem ao consumo de comidas que remetam à aparência e ao paladar de ingredientes provenientes de animais.

Na opinião de Souza (2016), vegano e articulista de *blogs* de sua autoria sobre questões relacionadas ao veganismo, a intolerância a imitações veganas de alimentos de origem animal é uma questão desnecessária que pode atrapalhar o entendimento sobre a essência do veganismo. De acordo com o autor:

Produtos como carne de proteína texturizada de soja, queijo de mandioquinha, leite de aveia, maionese vegetal, vegarella (muçarela vegetal) e mel de engenho (melaço de cana-de-açúcar) não implicam tratamento de animais como seres inferiores, coisas, recursos e a consequente morte violenta deles. Apenas parecem alimentos de origem animal. Logo, não há objeções éticas e não subjetivas, no âmbito vegano-abolicionista, a se fazer de seu consumo.

Figura 12: Imitações de carne de origem animal em açougue vegano nos EUA.⁶
 Fonte: The herbivorous [...] (201?).

Mais à frente, o articulista aponta a crítica e a reprovação ao consumo destes simulacros como mera implicância, “um conjunto de ditames moral-culturais”

⁶ Disponível em: < <http://www.theherbivorousbutcher.com/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

em relação a atitudes em que, pragmaticamente, não se pode alegar a ocorrência de desvio de ética, uma vez que não implicam diretamente em prejuízos à integridade de animais. Para ele, sob o ponto de vista do proselitismo, isto seria contraproducente pela possibilidade de distorcer o conceito e prejudicar a disseminação da filosofia do veganismo na sociedade:

Além disso, acaba por “interditar” uma generosa diversidade de alimentos vegetarianos (livres de ingredientes de origem animal), muitas vezes saudáveis. E isso pode atrapalhar seriamente o crescimento do veganismo entre a sociedade, uma vez que muitas pessoas teriam muito mais dificuldade na transição vegana se não contassem com a ajuda das imitações de alimentos de origem animal (Souza, 2016).

Por outro lado, alguns exemplos sobre a reverberação das acepções sobre os simulacros dentro e fora do universo dos veganos, no extremo oposto da visão de Souza (2016), são também dignos de reflexão e discussão.

Ainda sobre a alimentação, desta vez, não direcionada aos adeptos do veganismo, alguns exemplos de comidas que, mesmo não contendo ingredientes de animais humanos, devido à sua similitude com estes seres, foram objetos de repúdio e polêmica. É o caso deste bolo em formato de bebê, representado na figura abaixo, que causou espanto e indignação de internautas em redes sociais.

Figura 13: Bolo em formato de bebê sendo fatiado.⁷

Fonte: Você [...] (201?).

⁷ Disponível em: < <http://www.dailymotion.com/video/x2l6b22> >. Acesso em: 03 abr. 2016.

Em situação análoga, Sentimento de repulsa foi igualmente suscitado por outra variação do fenômeno do simulacro. Contrariando a lógica de que a ausência de ingredientes ideológica e/ou culturalmente não permitidos seria suficiente para tornar algo aceitável, o corte de um bolo em formato de uma aborígene, idealizado pelo artista e cozinheiro Makode Linde afim de chamar a atenção da imprensa sobre a mutilação genital de mulheres de tribos africanas, foi interpretado como um espetáculo racista. Durante performance no museu de Arte Moderna de Estocolmo, com o rosto pintado de modo que sua cabeça fosse incorporada ao bolo, o artista gritava de dor à medida que a obra, com massa e recheio na cor de carne humana, era fatiada na região da genitália.

Após ter sido convidada e ter cortado uma das fatias, Lena Adelsohn Liljeroth, ministra da cultura da Suécia, foi duramente criticada e apontada como racista (MINISTRA [...], 2012). No episódio, mesmo não se tratando de um simulacro propriamente dito, mas sim de um caricato arremedo da autóctone africana, idealizado para fins de protesto ao contexto opressor em que estaria inserida, já foi suficiente para que o ato provocasse o sentimento de aversão em algumas pessoas.

Figura 14: Bolo em formato de aborígene sendo fatiado.⁸

Fonte: Ministra [...] (2012).

Outro exemplo da semantividade intrínseca dos simulacros se manifesta nas esculturas hiper-realistas do artista plástico chinês, militante dos direitos animais,

⁸ Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/04/ministra-da-cultura-sueca-e-alvo-de-criticas-apos-cortar-bolo-racista.html> >. Acesso em: 27 abr. 2016.

Cao Hui. Feitas de resina e fibras, as obras foram concebidas no intuito de retratar vísceras, peles e carnes de animais cujas vidas são ceifadas para dar origem a objetos do cotidiano como mobiliário e peças de vestuário feitas com couro. Ao expor com materiais sintéticos o que há por trás da obtenção deste tipo de insumo de origem animal, mostrando que a superfície de um objeto é tão importante quanto seu interior, de maneira indigesta, Hui provoca a reflexão para a prática de um consumo mais consciente (CONHEÇA..., 2015).

Figura 15: Esculturas em resina, do artista plástico Cao Hui, em alusão artefatos de couro animal.⁹
Fonte: Carvalho (2012).

A aparência dos simulacros com algo moralmente inaceitável por determinado público também pode gerar repercussão digna de elucubração no campo do design de moda. É o caso do biquíni com estampa de mamilos do gênero feminino, que faz do *trompe l'œil* um instrumento de protesto contra o sexismo. Funcionando com um “engana-olhos”, traduzido do francês para o português, é um termo utilizado para designar o recurso técnico-artístico que, por meio de ilusões de ótica e/ou truques de perspectiva, faz alusão a coisas que não existem na realidade dos materiais do objeto em questão (SABINO, 2007). Quando vista de longe, a peça em poliéster vendida pela internet da marca *The Tata Top*, imita a imagem do busto

⁹ Disponível em: < <http://www.hypeness.com.br/2012/11/as-escabrosas-e-fascinantes-esculturas-de-visceras-de-cao-hui/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

feminino desnudo, algo não legalmente permitido na maioria das praias e objeto de reivindicação de militantes do movimento feminista *Free The Nipple* (liberte o mamilo, em português) (THE TATA [...], 201?).

Figura 16: *Trompe-l'oeil* em biquíni com estampa de mamilos femininos.¹⁰

Fonte: The Thata... (201?).

Figura 17: Uniforme polêmico da seleção colombiana de ciclismo feminino.¹¹

Fonte: Carvalho (2014)

¹⁰ Disponível em: < <https://thetatatop.com/> >. Acesso em: 24 abr. 2016.

¹¹ Disponível em: < http://www.brasilpost.com.br/2014/09/15/ciclismo-colombia-uniforme-nudez-polemica_n_5824110.html >. Acesso em: 18 jul. 2016.

Outro exemplo de materiais têxteis que provocaram a ilusão da imagem de partes do corpo feminino pode ser observado no polêmico uniforme utilizado, em 2014, pela seleção feminina de ciclismo colombiana. Com uma faixa em tom de bege, semelhante à cor da pele das atletas, localizada na região da virilha até o umbigo, de acordo com a iluminação do ambiente e efeitos de luz na fotografia, o indumento utilizado aparentava simular a nudez de suas partes íntimas, o que desencadeou do público e da imprensa julgamentos distintos, do deboche à reprovação.

Diante da reverberação do escândalo que poderia manchar a imagem e destituir a credibilidade do time, para Carlos Pinzón, presidente da liga de ciclismo de Bogotá, em comunicado oficial, o uniforme havia sido desenhado “sem malícia” por Angie Rojas, integrante da equipe que idealizou o uniforme com o consentimento das demais companheiras. Para ele, a celeuma se deu, somente após o nono mês de treino com o traje, por conta de “um efeito visual que não se vê em outras imagens e, muito menos, no uniforme real”. Ainda assim, seu design foi considerado por Aldo Cadena, autoridade do esporte local, como inadequado para a competição, pois, ao invés de despertar interesse sobre a equipe e seus patrocinadores, foi motivo de piada nas redes sociais da internet (CARVALHO, 2014).

No que concerne ao vestuário de e/ou utilizável por usuários vegetarianos veganos, um fato polêmico ocorrido na cerimônia do Oscar 2016 causou grande repercussão na imprensa. Enquanto se dirigia ao palco do *Kodak Theatre* para receber a estatueta referente à categoria de melhor figurino por seu trabalho no filme “Mad Max: estrada da fúria”, a figurinista londrina Jenny Beavan causou espanto pelo que trajava, fato noticiado em todo mundo, imediatamente após sua aparição (CHAVES, 2016).

“Quando uma jaqueta de couro fala mais do que um Oscar” (SHMIDT, 2016), “Vencedora de Oscar de Melhor figurino usa jaqueta de couro na cerimônia” (VOGUE BRASIL, 2016), “Jaqueta de couro de Jenny Beavan merece um lugar em todas as listas de melhores vestidos do Oscar” (LUBITZ, 2016) e “Vencedora do Oscar de melhor figurino foi à cerimônia com jaqueta

vegana (sem couro)” (CHAVES, 2016) são alguns dos diversos títulos de matérias publicadas a respeito da roupa que vestiu na premiação.

A querela se deu ao fato de que a figurinista, ao invés de ter seguido o código de vestimenta tradicional da cerimônia, com vestido de gala, joias, penteado e maquiagem, surpreendentemente original, foi fiel a seu estilo pessoal, trajando, entre outras coisas, calça jeans, sapato fechado, e uma jaqueta de couro sintético comprada em uma loja de departamentos e customizada com cristais bordados em formato de caveira, homenageando o filme que lhe rendeu o prêmio (SCHMIDT, 2016; CHAVES, 2016).

Outro elemento de seu traje, discreto no tamanho, porém, notável em seu significado, foi a presença de um pequeno broche na parte frontal, com a frase “Falso, não é couro”. O referido detalhe se trata de um acessório comercializado pela organização internacional não governamental Peta (201?), sigla de “Pessoas pelo tratamento ético de animais”, traduzida para o português.

Figura 18: Jenny Beavan utilizando jaqueta de couro sintético com broche do Peta.¹²

Fonte: Chaves (2016).

Embora a reverberação na imprensa sobre o traje da figurinista tenha ocorrido principalmente por sua autenticidade e rebeldia contra o padrão tradicional, a palavra “couro”, sem especificação de sua composição, predominava nos títulos

¹² Disponível em: < <https://vista-se.com.br/vencedora-do-oscar-de-melhor-figurino-foi-a-cerimonia-com-jaqueta-vegana-sem-couro/> >. Acesso em: 27 mar. 2016.

e conteúdo das manchetes. Dentre as referidas matérias de *websites*, nem todas relataram a ausência de origem animal nos materiais da jaqueta que, somente por meio da análise das fotos de Jenny Beavan na cerimônia, só poderia ser discernida devido à presença do pequeno broche e sua mensagem.

Na página da loja virtual da Peta, em que o broche é comercializado, há a seguinte descrição do produto: “Não deixe outras pessoas confundirem suas roupas compassivas com roupas cruéis. Coloque nosso broche ‘falso, não é couro’ em sua jaqueta ou bolsa de couro falso bacana” (PETA, 201?), nota-se o indício de que haveria demanda deste tipo de acessório com atributos semânticos, por parte de consumidores simpatizantes da utilização de vestuário isento de materiais provenientes de animais.

O mimetismo intrínseco aos simulacros de materiais de origem animal, em alguns casos, em meio à carência de discernimento sobre a distinção entre o couro sintético e o de origem animal, pode ser considerado uma questão paradoxal para os adeptos do veganismo.

Semelhante ao caso de Jenny, são as acepções equivocadas em relação ao vestuário do ator e cantor norte americano Jared Leto. Extremamente popular entre o público jovem, o artista, que se autodeclara vegano, é considerado uma celebridade ícone de estilo: as roupas que veste tanto nos palcos como na vida real são objeto de referência para pessoas que almejam se inspirar em sua maneira de se vestir. Em uma rápida pesquisa no site de buscas *Google*, as palavras-chave “Jared Leto” e “couro” resultam em dezenas de sites com dicas de como seria possível se inspirar e até obter peças de vestuário do singular estilo desta celebridade.

No entanto, assim como no caso da figurinista, são raros os casos em que há discriminação ou ênfase na origem (sintética) da matéria prima das jaquetas, calças e acessórios vestidos pelo ator e cantor que se assume vegano. No extremo oposto da filosofia do veganismo a qual Leto aparentemente incorporou ao seu estilo de vida, tais sites (E! ONLINE; 2014; JÁCOME, 2013; MEN'S MARKET; 2015; REVISTA RUMO, 2015) de dicas de como ter ou se vestir como pessoas famosas

fazem ostensivas referências ao couro de origem animal, como se não houvesse diferença alguma em relação ao tipo de material que o ator utiliza.

Figura 19: Captura de tela com imagem de matéria em site com dicas de como se obter o estilo de Jared Leto.¹³

Fonte: Revista Rumo (2015).

Contrário ao uso de animais para fins que infrinjam seus direitos, em postagem em sua página pessoal da rede social *Instagram*, prefigurando possíveis alegações de contradição ideológica, Leto fez questão de esclarecer que a calça com estampa de zebra que vestia na foto era de couro vegetal (REVISTA QUEM, 2014).

Por outro lado, nas aparições públicas em que é fotografado utilizando simulacros de materiais de origem animal, involuntariamente e indiretamente, poderia estar contribuindo para estimular o consumo de couro, seja de origem animal, vegetal ou sintética, neste caso, há milhares de quilômetros de distância, no Brasil, sem qualquer controle sobre a reverberação do que consome conscientemente, revelando a esfera paradoxal dos simulacros no campo do design de moda voltado para e utilizável por vegetarianos veganos.

¹³ Disponível em: < <http://revistarumo.com.br/site/post.php?id=1667> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

Se, para apreciadores do couro de origem animal, tal potencial semântico poderia ser uma não questão, para indivíduos do público consumidor adepto ao veganismo, em uma análise menos superficial, poderia ser considerado um dilema ético.

3.

Método de pesquisa

3.

Método de pesquisa

3.0.

Introdução ao método de pesquisa

Como mencionado no capítulo inicial, de caracterização geral da pesquisa, o presente estudo, de natureza qualitativa e modalidade fenomenológica, origina-se a partir de seu problema fundamental: a investigação sobre a ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais, em materiais sintéticos, aplicáveis em vestuário de indivíduos vegetarianos veganos, bem como suas possíveis implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos sociológicos e éticos. A fim de depreender seu limiar de percebida aceitabilidade, o investiga sob a ótica de usuários veganos, ativistas pró-veganismo e especialistas teóricos dos campos da filosofia, história e do design de moda.

Para tanto, no intuito de se construir o necessário arcabouço teórico que pudesse equipar a pesquisadora e, concomitantemente, contextualizar potenciais leitores em relação à temática, empreendeu-se, inicialmente, uma revisão bibliográfica preliminar sobre aspectos que tangenciam o espectro estudado, tais como: veganismo, aspectos em relação ao vestir de veganos, a questão do simulacro e suas implicações em contextos distintos, análogos e selecionados, além breve levantamento de informações a respeito de alguns materiais empregados em vestuário, comumente associados a sofrimento animal.

Os métodos definidos para a coleta de dados desta investigação dividiram-se entre a aplicação de questionários (respondidos, em formulários virtuais, por usuários veganos membros de comunidades veganas de rede social da internet), consultas a comentários realizados por membros das mesmas comunidades virtuais; entrevistas em profundidade semiestruturadas, estimuladas e em profundidade, realizadas com usuários veganos e ativistas do movimento vegano em eventos voltados para o público vegano realizados nas cidades de Santos e, em sua maior parte, São Paulo, além da aplicação de questionários (respondidos via internet) por especialistas entre

áreas correlatas à problemática da pesquisa. Todas as entrevistas pessoais foram registradas, mediante permissão dos entrevistados, em gravações de áudio.

A seguir, é apresentada a questão fundamental que norteia esta pesquisa. E, de modo que possam ser estudados isoladamente, são descritos, um a um, seus três subproblemas, juntamente com os dados necessários para elucidá-los, as fontes das quais estes emergiram, suas respectivas técnicas de coleta e de tratamento de dados empregadas e, por último, algumas das indagações exploratórias (perguntas preliminares destinadas a orientar as etapas de levantamento e tratamento de dados) utilizadas para orientar o levantamento e o tratamento de dados concernentes a cada subproblema.

3.0.1.

Questão fundamental norteadora desta pesquisa

Esta pesquisa foi idealizada com o objetivo de responder ao seguinte problema fundamental: Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de usuários veganos, ativistas do movimento vegano e especialistas (tais como: filósofos eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética)?

3.1.

Subproblemas

Os subproblemas a seguir, em número de três, derivam do problema fundamental que norteia esta pesquisa. Eles possuem estratégias metodológicas próprias e

autônomas e permitem que, respondidos separadamente, totalizem a solução do problema original da investigação.

3.1.1.

Subproblema 1 (usuários)

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e /ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de e de usuários veganos?

3.1.2.

Dados necessários à resposta do subproblema 1

Aspectos e implicações relevantes sobre a maior ou menor aceitação da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais no vestuário de veganos, por parte de usuários vegetarianos veganos.

3.1.3.

Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 1

Usuários veganos, comentários de usuários veganos em redes sociais da *internet* e membros de comunidades veganas em redes sociais virtuais.

3.1.4.

Técnicas de coleta de dados do subproblema 1

Entrevistas semiestruturadas em profundidade, eventualmente estimuladas, com gravações de áudio, questionários aplicados via internet e consultas a comentários de usuários veganos em postagens nas comunidades veganas de redes sociais da *internet*.

3.1.5.

Técnicas de tratamento de dados do subproblema 1

Triagem, separação dos dados brutos coletados, separação por pertinência, classificação e indexação em busca da identificação de padrões abstratos de associação que iluminem a questão levantada pelo subproblema 1.

3.1.6.

Indagações exploratórias

Exemplos de possíveis questionamentos que não esgotam alguns aspectos mais sensíveis a se observar na fase de coleta e de tratamento de dados.

3.1.5.1.

Seria a simulação do todo ou de algumas características de materiais de origem animal utilizados em produtos de vestuário de veganos aceitável em certos contextos?

3.1.5.2.

Haveria diferenças, em termos de sua aceitabilidade, entre tipos de materiais?

3.1.5.3.

Que situações do cotidiano favoreceriam a utilização de peças de vestuário com materiais que não são de origem animal, mas que remetem à determinadas características de materiais de oriundos de animais?

3.1.5.4.

Que materiais de origem animal, se algum, estariam no rol dos copiáveis, segundo a aceitação da maior parte dos usuários veganos investigados?

3.1.5.5.

A cópia, emulação ou simulação de materiais de origem animal em vestuário poderia, paulatinamente, promover a substituição por seus simulacros sintéticos e a consequente redução do consumo de materiais originários de animais, ou, no extremo oposto, contribuiria para eventual perpetuação do *status quo* no qual, por diversos aspectos, a utilização de animais para tais fins seria aceitável por indivíduos não adeptos do veganismo?

3.1.5.6.

Que alternativas à materiais de origem animal, que configuram simulacros e/ou emulações e/ou cópias, estariam disponíveis em produtos de vestuário utilizável por veganos?

3.1.5.7.

Que modalidades de cópia, simulação e emulação seriam mais conhecidas por parte dos usuários veganos investigados?

3.1.5.8.

Que materiais se prestariam, mais comumente, a este tipo de representação?

3.1.5.9.

Que implicações morais, tecnológicas e práticas estariam associadas a tais tipos de substitutos de materiais de origem animal?

3.1.5.10.

Que limites, se algum, presentes na imitação de materiais de origem animal empregados no vestuário de usuários veganos seriam aplicáveis e razoáveis, segundo a opinião dos entrevistados?

3.2.**Subproblema 2 (ativistas)**

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e /ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de ativistas do movimento vegano?

3.2.1.**Dados necessários à resposta do subproblema 2**

Aspectos e implicações relevantes sobre a maior ou menor aceitação da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais no vestuário de veganos, por parte de ativistas do movimento vegano.

3.2.2.**Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 2**

Indivíduos veganos que atuem como ativistas do movimento vegano.

3.2.3.**Técnicas de coleta de dados do subproblema 2**

Entrevistas pessoais semiestruturadas e em profundidade, eventualmente estimuladas e com gravações de áudio.

3.2.4.**Técnicas de tratamento de dados do subproblema 2**

Triagem, separação dos dados brutos coletados, separação por pertinência, classificação e indexação em busca da identificação de padrões abstratos de associação que iluminem a questão levantada pelo subproblema 2.

3.2.5.**Indagações exploratórias**

Em razão da coincidência entre as indagações exploratórias do subproblema 1, refira-se, a este respeito, à seção “3.1.6.”

3.3.**Subproblema 3 (especialistas)**

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e /ou que façam alusão ou evoquem exterioridades

de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de especialistas (tais como: filósofos eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética)?

3.3.1.

Dados necessários à resposta do subproblema 3

Aspectos e implicações relevantes sobre a maior ou menor aceitação da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais no vestuário de veganos, por parte de especialistas como filósofos eticistas, historiadores dos direitos dos animais e designers de moda especializados em moda ética.

3.3.2.

Fontes de dados necessários para obtenção da resposta ao subproblema 3

Filósofos da eticistas, historiadores dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética.

3.3.3.

Técnicas de coleta de dados do subproblema 3

Questionários abertos respondidos por *e-mail* ou por aplicativo de troca de mensagens de rede social da *internet*.

3.3.4.**Técnicas de tratamento de dados do subproblema 3**

Triagem, separação dos dados brutos coletados, separação por pertinência, classificação e indexação em busca da identificação de padrões abstratos de associação que iluminem a questão levantada pelo subproblema 3.

3.3.5.**Indagações exploratórias**

Reporte-se, novamente, para a seção “3.1.6.”, em virtude de sua similitude com as indagações exploratórias dos subproblemas 1 e 2.

3.4.**Quadro sinótico da estrutura metodológica da pesquisa**

No intuito de facilitar sua compreensão, verifica-se, na página a seguir, versão sintética, descritiva e esquemática da estrutura metodológica adotada nesta investigação.

3.4. Quadro sinótico representativo da estrutura metodológica da pesquisa

Objeto de estudo

Aspectos e implicações associados à aceitabilidade da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal, em materiais artificiais, no vestuário de usuários vegetarianos veganos.

Problema fundamental

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de usuários veganos, ativistas do movimento vegano e especialistas (tais como: filósofos eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética)?

Subproblema 1 (usuários)

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de usuários veganos?

Subproblema 2 (ativistas)

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de ativistas do movimento vegano?

Subproblema 3 (especialistas)

Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de especialistas (tais como: filósofos eticistas, historiadores do campo dos direitos dos animais e designers especializados em moda ética)?

3.5

Aspectos relacionados à eticidade da pesquisa

Ao longo deste estudo, além da esperada honestidade intelectual e imprescindível busca pela neutralidade quanto a eventuais tendenciosidades da pesquisadora, procurou-se adotar medidas que disciplinassem os procedimentos metodológicos empregados sob preceitos éticos essenciais para o exercício da pesquisa acadêmica.

Para tanto, em relação à obtenção de dados, como de praxe, não apenas foram explicitadas as fontes bibliográficas consultadas, por meio de citações e indicações das referências, como também buscou-se proteger a identidade dos participantes envolvidos. Nesse sentido, dentre as diferentes técnicas de coleta de dados utilizadas, ainda que de maneira informal, foi esclarecido que as informações solicitadas tinham finalidade exclusivamente acadêmica. Com prévio consentimento dos respondentes em relação à natureza e propósito da investigação, suas identidades, na etapa de tratamento e apresentação dos dados, foram substituídas por códigos alfanuméricos correspondentes apenas às fontes e técnicas de coleta de dados aplicadas. Foram prescindidas deste protocolo apenas a identidade de dois entrevistados do subproblema 3, cujos nomes foram revelados com sua ciência e autorização, em virtude de sua proeminência em campo de estudo pertinente à temática em questão.

No que concerne ao trato dos participantes entrevistados pessoalmente, estes foram abordados de maneira humana e, sobretudo, com tino não invasivo, procurando evitar sua exposição a quaisquer tipos de constrangimento e desconforto físico e/ou psicológico.

Em todas as interpelações feitas, pessoalmente, ou por meio virtual, ainda que de maneira informal, foram solicitadas autorizações dos participantes para gravação de áudio das conversas. No intuito de introduzir os respondentes à temática abordada e não comprometer sua introspecção, evitou-se o uso de termos demasiadamente técnicos que pudessem intimidá-los em relação a temática abordada. À medida que as entrevistas se encerravam com naturalidade, espontaneidade e sem cortes

bruscos, foi reiterada a relevância das contribuições para a pesquisa e para o campo, juntamente com a solicitação de dados para posterior contato e envio de devolutivas com os resultados do trabalho o qual recém haviam feito parte.

4.

Resultados, apresentação e discussão

4.

Resultados, apresentação e discussão

4.0.

Considerações iniciais a respeito dos resultados

O presente capítulo apresenta os resultados do tratamento dos dados coletados a fim de responder aos subproblemas 1, 2 e 3, cujas fontes, técnicas de coleta e de tratamento encontram-se melhor explicitadas no capítulo 3, correspondente ao método de pesquisa. Com exceção dos dados coletados virtualmente por meio de questionários preenchidos online, os quais, por natureza, caracterizam conteúdos digitais, as análises que compõem estes resultados se deram por meio dos seguintes procedimentos: seleção e compilação de comentários de usuários veganos em rede social da internet; transcrição dos áudios gravados em entrevistas feitas pessoalmente e em profundidade; triagem dos dados brutos coletados; separação por pertinência ao objeto de estudo; indução de categorias temáticas e classificação dos mesmos em tais categorias em busca de padrões mais abstratos de associação que respondessem aos subproblemas da pesquisa.

Quanto à seleção dos participantes envolvidos, que caracterizou a amostragem dentro do universo pesquisado, houve preocupação quanto à busca de razoável equilíbrio entre respondentes do gênero masculino e feminino, de modo a evitar polarizações que, eventualmente, pudessem interferir nos resultados. Eventuais assimetrias quanto ao número de participantes de um gênero ou de outro se deram, exclusivamente, em razão de circunstâncias em que as abordagens foram produzidas. Estas, por sua vez, estavam condicionadas, por exemplo, à ocorrência de comentários de usuários já existentes em grupos veganos de rede social, sem interferência do pesquisador na produção das informações; pela proeminência dos especialistas consultados; ou, então, pela própria disponibilidade dos respondentes que oportunizou a realização de entrevistas nos eventos voltados para o público vegano em que os dados foram coletados.

4.0.1.

Comentários quanto às categorias conceituais induzidas a partir da análise dos dados obtidos em cada subproblema da pesquisa

Após etapa de pré-tratamento, os dados obtidos nos três subproblemas foram submetidos a análises associativas, nas quais foram identificados, indutivamente, diversos eixos temáticos, também denominados categorias conceituais (dispostas no quadro comparativo correspondente à figura 20, na página a seguir), que estruturaram a discussão dos resultados por congruência entre os assuntos que emergiram.

Alguns dos fragmentos indexados apresentam pertinência a mais de um eixo temático, o que justifica a repetição dos mesmos trechos em categorias conceituais distintas, como aceitabilidade e repugnância, por exemplo. Além disto, embora haja categorias conceituais coincidentes entre os três subproblemas, não necessariamente se repetem entre todos eles, como podem ser observadas e comparadas na tabela abaixo. Mesmo com tantos eixos temáticos em comum, as diferenças entre os dados que as compõem se dão em virtude de aspectos culturais e/ou grau de erudição que variam de acordo com cada tipo de respondente, aqui classificados como usuários veganos, ativistas veganos e especialistas de áreas do conhecimento pertinentes à temática abordada.

Categorias conceituais:	Subproblema 1 (usuários)	Subproblema 2 (ativistas)	Subproblema 3 (especialistas)
Afetividade	●	●	●
Estética	●	●	●
Indiscernibilidade	●	●	●
Incentivo ao consumo	●	●	●
Heranças culturais	●	●	●
Evocação ao material de origem animal	●	●	●
Sofrimento	●	●	●
Repugnância	●	●	●
Constrangimento social	●	●	●
Preocupações socioambientais	●	●	●
Analogias com a alimentação	●	●	●
Alternativas	●	●	●
Funcionalidade	●	●	●
Qualidade e durabilidade	●	●	●
Demanda comercial	●	●	●
Adequação social	●	●	●
Preço	●	●	X
Confusões terminológicas	●	X	X
Credibilidade questionável das informações	●	●	X
Critério de seleção	●	●	●
Aceitabilidade	●	●	●
Assunto ainda não observado	●	●	X
Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática	X	●	●
Reapropriações desta discussão em outros contextos	X	X	●
Total de categorias analisadas em cada subproblema	22	22	20

Figura 20: Quadro comparativo de categorias conceituais induzidas a partir da análise dos dados obtidos em cada subproblema. Os pontos pretos caracterizam a ocorrência das categorias conceituais dentre os dados pertencentes nos três subproblemas da pesquisa. As lacunas em branco exemplificam casos em que os eixos temáticos não emanaram dos dados do subproblema às quais pertencem.

Fonte: elaborado pela autora.

4.0.2

Considerações a respeito da identificação dos respondentes

A tabela abaixo indica os códigos dados a cada tipo de respondente, de acordo com as fontes e técnicas de coleta de dados. Tal codificação foi utilizada tanto nas transcrições que constam nas análises deste capítulo, quanto na versão literal das transcrições sistematizadas e indexadas por categorias conceituais que constam nos apêndices desta pesquisa.

Códigos dos tipos de respondentes	Gênero dos respondentes	Fontes de dados	Subproblema a que pertencem
RGI- n° (identificação do respondente, de 1 a 81);	21 homens e 60 mulheres	Usuários internautas participantes de grupos temáticos veganos de rede social da internet.	Subproblema 1
RQI- n° (identificação do respondente, de 82 a 92);	3 homens e 7 mulheres	Usuários internautas respondentes de questionário virtual por meio de aplicativo de rede social.	Subproblema 1
RUE- n° (identificação do respondente, de 93 a 122);	9 homens e 20 mulheres	Usuários respondentes de entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas em eventos veganos em São Paulo e Santos-SP.	Subproblema 1
RAE- n° (identificação do respondente, de 123 a 132);	3 homens e 6 mulheres	Ativistas do movimento vegano respondentes de entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas em eventos veganos em São Paulo e Santos-SP.	Subproblema 2
REQ- n° (identificação do respondente, de 133 a 138).	3 homens e 3 mulheres	Especialistas respondentes de questionário via <i>internet</i> , com exceção do respondente REQ-135, que foi abordado por meio de entrevista semiestruturada, estimulada e em profundidade.	Subproblema 3

Figura 21: Relação entre origem e gênero das fontes de dados, técnicas de coleta utilizadas e subproblemas a que pertencem.

Fonte: elaborado pela autora.

4.0.3

Considerações a respeito da realização de entrevistas estimuladas

Em relação às entrevistas pessoais em profundidade, é oportuno mencionar que, em grande parte das abordagens, a modalidade estimulada foi consideravelmente explorada, ao menos, com um dos respondentes de cada subproblema da pesquisa. De modo a facilitar a compreensão da técnica utilizada e sua possível influência nos resultados obtidos, a figura a seguir apresenta algumas das imagens a que foi exposta parte dos respondentes entrevistados pessoalmente, de modo que servissem de estímulo à introspecção sobre a temática ao longo da interlocução.

Como pode ser conferido na página a seguir, em que constam imagens de, respectivamente, uma bolsa com o tecido pelúcia; um colar com pingentes de penas de metal; um par de tênis predominantemente confeccionado em tecido cuja estampa na cor prata remete ao padrão gráfico da pele de cobra; uma bota de material sintético semelhante à pele de carneiro e dois pingentes metálicos em formato de crânio e dente de animal. Tais peças de vestuário foram selecionadas e fotografadas aleatoriamente, em vitrines próximas aos locais onde alguns dos participantes foram abordados por caracterizarem exemplos de simulacros de materiais de origem animal em vestuário, em diferentes formas de apresentação e graus de parecença com outros produtos confeccionados com materiais de origem animal.

Pode-se inferir que a utilização desta técnica, mesmo não tendo sido planejada na fase de definição das técnicas de coleta de dados, teve grande utilidade, haja vista que a maioria dos respondentes abordados não tinha em mente, ao menos no momento em que eram entrevistados, a grande variedade de simulacros existentes em peças do vestuário e, por isso, suas acepções e noções de aceitabilidade se deram com mais exuberância em função do referido estímulo.

Figura 22: Bolsa em pelúcia.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 23: Colar em metal com pingentes em formato de penas.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 24: Tênis com estampa que evoca o padrão visual da pele de cobra.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 25: Bota com material sintético que simula pele de carneiro.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 26: Pingentes metálicos que representam ossos de animais.
Fonte: foto da autora (2016).

4.1.

Quanto ao subproblema 1 (relativo aos usuários)

4.1.0.

Comentários sobre a categoria de participantes formada por usuários

Compuseram este grupo de respondentes, aqui considerados como usuários veganos, ao todo 120 participantes dentre os quais 33 são do gênero masculino e 87 do feminino, em amostra não estratificada. Os dados advindos destas fontes foram coletados por meio de três técnicas distintas: sondagens em comentários de usuários em grupos temáticos do veganismo em rede social da internet; questionários respondidos por usuários por meio da mesma rede social virtual e entrevistas semiestruturadas em profundidade, sendo que, parte delas foi estimulada por meio de imagens de simulacros de materiais de origem animal em vestuário, quando realizadas pessoalmente com usuários em eventos veganos no município de São Paulo e Santos, em 2015.

As identidades dos participantes que contribuíram para iluminar as indagações presentes neste subproblema foram preservadas e substituídas por códigos, conforme a legenda abaixo:

Códigos dos tipos de respondentes	Fontes de dados
RGI- n° (identificação do respondente, de 1 a 81);	Usuários internautas participantes de grupos temáticos veganos de rede social da internet.
RQI- n° (identificação do respondente, de 82 a 92);	Usuários internautas respondentes de questionário virtual por meio de aplicativo de rede social.
RUE- n° (identificação do respondente, de 93 a 122);	Usuários respondentes de entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas em eventos veganos em São Paulo e Santos-SP.

Figura 27: Legenda que relaciona códigos utilizados para preservar a identidade dos respondentes usuários, de acordo com os tipos de técnicas de coleta utilizadas.

Fonte: elaborada pela autora.

Para a coleta de informações por meio de questionários, foram enviadas questões abertas, em mensagens privadas, a dez usuários veganos da mesma rede social. Tais questionários podem ser conferidos no apêndice “D” deste trabalho. Em relação às sondagens em comentários de usuários veganos, membros de grupos veganos de rede social da internet, foram capturadas imagens das páginas virtuais nas quais as informações estavam inseridas, de modo a registrá-las de maneira semelhante à representada na figura abaixo, a qual demonstra um dos exemplos de comentários coletados por sua pertinência à temática da pesquisa:

Figura 28: Exemplos de dados extraídos de comentários em postagem feita em grupo vegano de rede social virtual.

Fonte: A fim de salvaguardar a identidade dos respondentes, o endereço desta página de rede social no meio virtual não foi indicado.

Em relação à pesquisa de campo em que as entrevistas em profundidade foram realizadas, as fotos abaixo concernem aos eventos nos quais foram coletados dados pertinentes não apenas ao subproblema 1, como também ao 2 e 3. As figuras 29 e 30 correspondem a espécie de feira voltada para o público vegano, realizada em julho de 2015, na qual comerciantes de alimentos, vestuário, cosméticos, livros e revistas consumíveis por estes indivíduos foram expostos em um clube situado na Avenida Paulista em São Paulo. Além dos produtos mencionados, paralelamente ao evento foram realizadas campanhas de adoção de animais, palestras relacionadas à temática do veganismo, organizadas por ONGs em defesa de animais não humanos.

Figura 29: Feira vegana realizada em julho de 2015, em clube situado na Avenida Paulista, em São Paulo.

Fonte: foto da autora (2015).

Figura 30: Cintos de material sintético confeccionados com simulacros de materiais de origem animal, comercializados em feira vegana realizada em julho de 2015, em clube situado na Avenida Paulista, em São Paulo.

Fonte: foto da autora (2015).

Já as figuras 31 e 32, dizem respeito a um bazar vegano, também ocorrido em meados de julho de 2015, no Parque da Água Branca, zona oeste de São Paulo. Semelhantemente ao evento citado anteriormente, foram comercializados alimentos, cosméticos, livros e vestuário isentos de componentes derivados de animais além da realização de palestras voltadas à conscientização do público em relação ideologia do veganismo.

Figura 31: Bazar vegano realizado em julho de 2015, no Parque da Água Branca, em São Paulo.
Fonte: foto da autora (2015).

Figura 32: Bazar vegano realizado em julho de 2015, no Parque da Água Branca, em São Paulo.
Fonte: foto da autora (2015).

Também foram coletados dados por meio de entrevistas feitas com indivíduos veganos durante o “I Seminário de educação vegana abolicionista”, ocorrido também em julho de 2015. A imagem abaixo ilustra uma sessão de debates relacionados à temática do veganismo realizada no referido evento:

Figura 33: Seminário de educação vegana abolicionista, realizado em julho de 2015, em São Paulo. Fonte: foto da autora (2015).

As figuras 34, 35 e 36, abaixo, concernem ao evento “Caiçara Vegan Fest”, voltado para o público vegano e realizado em clube de campo do município de Santos-SP, em julho de 2015, no qual, além de palestras relacionadas ao veganismo, também foram comercializados alimentos, cosméticos e vestuário isentos de derivados de animais.

Figura 34: Feira vegana “Caiçara Vegan Fest”, realizada em julho de 2015, em Santos, São Paulo. Fonte: foto da autora (2015).

Figura 35: Feira vegana “Caiçara Vegan Fest” realizada em julho de 2015, em Santos, São Paulo.

Fonte: foto da autora (2015).

Figura 36: Feira vegana “Caiçara Vegan Fest” realizada em julho de 2015, em Santos, São Paulo.

Fonte: foto da autora (2015).

Por fim, foram feitas algumas entrevistas em profundidade no evento “Move it: making vegan possible”, realizado na Praça Marechal Cordeiro de Farias, situada na Avenida Paulista, em São Paulo, no qual, em meados de dezembro de 2015, expositores comercializaram alimentos e vestuário isentos de componentes animais, conforme ilustram as figuras 37, 38 e 39, na página seguinte.

Figura 37: Feira vegana “Move it: making vegan possible”, realizada em dezembro de 2015, na Avenida Paulista, em São Paulo.
Fonte: foto da autora (2015).

Figura 38: Feira vegana “Move it: making vegan possible”.
Fonte: foto da autora (2015).

Figura 39: Simulacros de alimentos de origem animal à venda na feira “Move it: making vegan possible”.
Fonte: foto da autora (2015).

As informações obtidas por meio das diferentes técnicas descritas, após serem transcritas, passaram por processo de triagem por pertinência ao problema fundamental e, em seguida, foram indexadas em 22 categorias conceituais mais notáveis, identificadas e estabelecidas por meio da seleção dos fragmentos relevantes e recorrentes dentre os dados coletados. Os resultados das análises, organizadas por categorias temáticas, podem ser conferidos nos parágrafos a seguir.

4.1.1.

Análises dos dados das entrevistas realizadas com usuários, por categorias conceituais

4.1.1.1.

Afetividade

(aspectos associados ao sentimento de **afetividade** em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, segundo a perspectiva de usuários veganos)

Identificou-se, nas transcrições de comentários de usuários a seguir, a reincidência de aspectos que denotam o sentimento de afeto em relação a alguns tipos de materiais cujas características estético-formais aludem burlesca ou fidedignamente materiais de origem animal, ou apenas a imagem de corpos dos mesmos, como é o caso de estampas e padronagens popularmente conhecidas como *animal prints*.

Percebe-se não apenas evidente aceitabilidade de tais simulacros em geral, como também a recorrência de expressões como “amo” e “adoro”, utilizadas para expressar sensações que transcendem sentidos restritos às funções práticas dos materiais em questão e abarcam também aspectos mais subjetivos que exteriorizam a apreciação de seus usuários, conforme foi verificado nos seguintes trechos: *eu tenho roupas sintéticas que adoro e uso sem problemas!* (RGI-46), *Amo! Estampas de animais, principalmente!* (RGI-70) e *Adoro estampa de cobra!* (RGI-63).

Embora reconheça não se tratar de unanimidade entre o público vegano, na opinião da respondente RQI-86, a ligação afetiva destes tipos de imitações em vestuário estaria associada ao fato de serem alternativas substitutivas aos materiais de origem animal, porém, dotados de atributos estéticos e ecológicos superiores, fato que contribuiria para desestimular o consumo de derivados de animais:

(...) acho que os simulacros de animais além de lindos, mostram como é possível ter produtos similares com os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal. Mas não são todos os veganos que gostam... eu adoro!

Por outro lado, a aceitabilidade ou não desta categoria de materiais aparenta se manifestar em gradações, de sentimentos afetivos à negação, variando de acordo com critérios particulares dos indivíduos, como é demonstrado na fala da usuária RUE-95: *adoro imagens de animais, adoro! Não vejo nenhum problema! Se é igual à pele eu já não gosto... Agora, se mostra o animal inteiro... 'é de boa', entendeu?* Neste exemplo, o limiar de aceitabilidade e, proporcionalmente, de afeto demonstrado, estariam condicionados à forma como o animal é representado. Quando retratado integralmente, por meio de imagens, de maneira mais próxima do que seria em seu habitat e mais distante de como seria visto na forma de um produto, tende a ser mais aceitável do que em casos nos quais o simulacro representa o animal como o próprio material ou objeto.

Já para o respondente RQI-87, em analogia com o desejo por simulacros na alimentação de veganos, tais materiais, alternativos aos que já não mais querem ou podem consumir, os fariam reviver lembranças agradáveis presentes na memória afetiva de alguns indivíduos veganos, como pode ser observado neste fragmento:

(...) assim como na alimentação vegana, onde muitos de nós têm o desejo de comer 'imitações' de carne e laticínios – muitas vezes, por algo que chamamos de memória afetiva --, isso também se dá com roupas e acessórios de couro/penas, por exemplo, pois formamos nossos estilos pessoais enquanto ainda não éramos veganos e utilizávamos esses materiais.

A análise deste apanhado de relatos permite inferir que a ocorrência de manifestações de afeto associado aos simulacros de materiais de origem animal é condicionada ao que sua imagem representa para cada indivíduo.

4.1.1.2.

Estética

(considerações **estéticas** associadas a simulacros de materiais em vestuário)

Nesta categoria conceitual, analisa-se seleção de fragmentos extraídos do discurso de alguns dos respondentes deste subproblema, usuários veganos, nos quais foram identificados aspectos estéticos em referência a determinados tipos simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais. Tais menções, relacionadas à estética de produtos e/ou materiais em questão, emergiram com espontaneidade, uma vez que, no caso das entrevistas pessoais e questionários aplicados via *internet*, não foi feita nenhuma pergunta específica quanto a este atributo.

Observou-se, dentre os comentários aqui apresentados, a ideia de que materiais ou peças de vestuário com características estéticas, formais e físicas que evocam derivados de animais (tais como calçados com material sintético semelhante ao couro e casacos de pele sintética) seriam, para os participantes a seguir, considerados belos: *eu uso couro sintético em sapato, tênis, tênis eu uso. Ah, eu gosto, acho bonito!* (RUE-115); *(...) esses casacos lindérrimos da Stella McCartney?* (RGI-13); *(...) vou comprar um coturno vermelho, são lindos...* (RGI-26) e *A Doc Martens tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos* (RGI-55).

Outros respondentes são um pouco mais específicos ao terem como parâmetro estético a aparência com materiais sintéticos com os de originários de animais:

Existe uma outra loja, chamada 'Vaute Couture', de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes, quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico! (RUE-113);

De acordo com estes respondentes, a semelhança entre materiais sintéticos e derivados de animais seriam, semelhantemente, aspectos considerados como positivos: *Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!* (RGI-70); *Poxa! Eu uso muito e faço questão de usar até para dizer que*

é falsa e que é linda (quando me perguntam)... (RGI14); Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos... (RQI-86) e Acho que é uma ótima forma de demonstrar que podemos ter roupas sem sofrimento e ao mesmo tempo muito bonitas (quando bem-feitas) (RQI-87).

No último comentário transcrito, observa-se a ressalva de que a beleza das peças de vestuário estaria também atrelada à qualidade da manufatura do produto e não somente ao fato de remeterem a materiais de origem animal. Em expressões como “tão bonitas quanto” e “lindos”, nestes casos, deduz-se, pois, que, para tais respondentes, materiais derivados de animais seriam considerados belos e, portanto, seus simulacros em materiais artificiais evocariam tal beleza.

Em comentários como os transcritos a seguir, percebe-se a ideia de que animais e materiais que os derivam, por si só, seriam intrinsecamente belos e, devido à esta característica, seriam dignos de serem representados em materiais alternativos, isentos do que consideram estar atrelado a sofrimento animal: *Eu considero os simulacros adequados. Eu penso: se eu acho o pelo de tal animal bonito, porque não posso fazer um material que se pareça com ele? (RQI-85), Se alguma vestimenta copia as cores de algum animal, eu acho lindo, e usaria sim, sem me sentir incomodado (RQI-82), Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem... (RUE-104) e O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético... (RUE-100).*

Estampas com grafismos que evocam aspectos visuais de corpos de animais, também conhecidas como *animal prints*, parecem dividir opiniões quanto à sua estética. Para os usuários RUE-102 e RGI-63, respectivamente, tais padronagens seriam consideradas bonitas, como verifica-se nos seguintes trechos: *Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace... e Estampa de onça também acho lindo!*, para RUE-104 e RUE-107, seriam sinônimos de mau gosto, reprováveis: *Tem gente que adora usar pele com coisa de onça... eu*

acho brega, mas...(RUE-104) e A única coisa é que eu acho brega e não uso é imitação de pele... é coisa de funkeira, cafona! (RUE-107).

Em contrapartida, alguns respondentes afirmaram considerar materiais como o que chamam de “couro sintético” belos, porém, não necessariamente devido ao fato de serem semelhantes aos materiais de origem animal aos quais se optaram por não consumir mais: *O pessoal não procura muito por ser parecido: esse não é o foco..., mas, as pessoas gostam, porque fica bonito, bem estruturado.... Mas, eu não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética... (RUE-97); Eu uso, mas, não porque eu quero que pareça o real, tipo, ‘OHH OLHEM PRA MIM ESTOU USANDO COURO...’ Eu uso porque, sei lá, às vezes, a peça é bonita! (RGI-42); (...) não uso couro falso para me enquadrar em algo, uso por achar bonito ou barato. (RQI-85);*

A priori, eu tinha resistência, justamente porque remetia diretamente ao uso de pele... Mas, depois, eu reavaliei e vi que tem aquela coisa de, não necessariamente remeter, mas porque é fofo, acho bonito... Não é necessariamente que “eu gostaria de usar uma pele mas, como é antiético, eu uso a sintética...” Eu nunca vi ninguém, até hoje, fazendo essa associação, sabe? É mais porque acha bonito, porque está na moda... (RUE-93);

Não é porque eu quero lembrar da lã da ovelha. Não penso muito na estética em si... no máximo nas cores... (RUE-118) e Tem gente que pensa que você está usando algo que esteja imitando, você está querendo, ou não, fazendo uma propaganda daquilo que é de verdade.... (...) mas não é isso! Eu acho que é mais pela estética mesmo... (RUE-111).

Embora reconheça sua parença com o couro animal, para a internauta RGI-7, membro de grupo vegano em rede social, o que chama de “couro falso”, em alguns casos, seria mais parecido com borracha do que com o próprio couro: *Depende muito do couro falso, tem uns que parecem mais borracha. Antes de conhecer o veganismo, já preferia os sintéticos, sem saber que não eram de animal, por serem mais bonitos e mais leves. Não me dá vontade de comprar couro sintético porque parece com couro. Já para a jovem estudante vegana, RUE-109, (...) pode ser bonito sem necessariamente imitar o couro de um animal.*

No extremo oposto das considerações estéticas feitas acima, o fato de materiais sintéticos evocarem outros de origem animal seria um fator antiestético ou desinteressante dos simulacros relatados nestes depoimentos: *A pele, um casaco de oncinha, essas coisas, é uma estética... eu não gosto por não gostar nem do natural, pela aparência...* (RUE-111), *(...) não me interessa esteticamente...* (RUE-122) e *Quanto àqueles casacos de pele e pelos falsos... (...) acho feio...* (RGI-9).

Para outros respondentes, quanto mais real o simulacro aparentar ser, mais esteticamente indesejável seria: *(...) material que imita pelo de bicho, ou mesmo pele... tipo pele de cobra... eu não gosto, não é um estilo que me agrada e também por ser muito parecida com a pele do bicho.... Aquilo que me lembra um bicho, eu não gosto...* (RUE-105) e *(...) isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto...* (RUE-104).

Por fim, para a internauta vegana RGI-16, o fato de o material sintético simular características de outro de origem animal não necessariamente seria sinônimo de beleza. O simulacro pode ser considerado belo, porém, para que a peça de vestuário seja considerada bonita como um todo, seria necessário apuro estético no conjunto da obra, ao qual se referiu atribuindo ao termo “design”, neste caso, o sentido de beleza que, por sua vez, seria utilizado como critério pessoal na seleção de calçados bonitos os quais alegou ter dificuldade de encontrar: *Muito difícil achar um sapato bonito sem ser de couro, tá foda! O problema não é porque eles são sintéticos, mas é o design da maioria que não me agrada.*

Percebe-se, pois, a partir da interpretação dos sentidos de beleza (ou falta desta) em simulacros de materiais de origem animal, que não haveria um imperativo categórico quanto à percepção do belo em relação à esta classe de simulacros. Há quem os considere bonitos, por evocarem aspectos exteriores de corpos de animais (ou mesmo de materiais derivados dos mesmos), e há quem os repute feios por esta mesma característica.

4.1.1.3.

Indiscernibilidade

(aspectos associados à **indiscernibilidade** de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais)

Em se tratando de simulacros, a aparente similitude entre materiais de origem animal e outros sintéticos, porém, que arremedam suas características, de acordo com relatos de usuários veganos discutidos nesta categoria temática, poderia fazer com que as diferenças existentes entre ambos sejam imperceptíveis a ponto de confundirem, quem os vê, de tal modo que não consigam discernir a verdadeira origem de sua composição. Como demonstram alguns dos depoimentos aqui analisados, a indiscernibilidade destes materiais teria, entre outras coisas, implicações morais e éticas, uma vez que, justamente pela possibilidade de serem, em muitas situações, indistinguíveis, poderiam aparentar, aos olhos de leigos, falsas incoerências entre o vestuário de veganos e a ideologia esposam, ou, então, induzi-los a adquirirem materiais de origem animal, ainda que por engano.

Comentários de respondentes veganos, como os transcritos a seguir, denotam a percepção fidedignidade em simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos: *Ao olhar de leigos, couro falso e animal podem ser idênticos!* (RGI-6) e *A Stella McCartney [marca britânica de vestuário que comercializa diversos produtos veganos que configuram simulacros de materiais de origem animal] (...) tem muita coisa que é muito igual...* (RGI-14). Tamanha semelhança, para a estilista de uma pequena marca de vestuário vegano, RUE-100, seria problemática também pelo fato de existir o comércio de materiais de origem animal com alegações de origem sintética.

Neste caso, a presença de etiqueta de composição ao invés de ajudar o consumidor a identificar a derivação do material, poderia fazê-lo adquirir derivados de animais sem seu consentimento:

O único problema é que eu acho que, às vezes, vende-se algo de origem animal, como se fosse sintético. As peles sintéticas evoluíram a tal ponto, com tanta semelhança, que as pessoas não distinguem.... Essas peles artificiais, as muito boas, as mais incríveis, são muito caras.... Já a pele de cachorro e de gato, verdadeiras, são muito baratinhas, vêm da China... São bem mais baratas que pele

artificial vagabunda.... Então, muitas marcas vendem pele verdadeira como sintética.... A M.Officer [marca nacional de vestuário] já fez isso...

O comércio de materiais de origem animal, como sendo sintéticos, seria igualmente preocupante para outros dois participantes internautas de grupo vegano de rede social, tal como é explicitado nos fragmentos: *Eu mesma já me deparei, uma vez, com pele de coelho sendo vendida como pele sintética. Devemos estar sempre alertas...* (RGI-4) e:

O que mais existe são produtos chineses baratos e com pele verdadeira. Não são de grife, mas são baratos. Aqui no grupo mesmo já foi alertado para termos cuidado ao acharmos que estamos adquirindo pele falsa, porque nem todas são... Lojas Marisa [cadeia de varejo de moda] mesmo, vende pele baratíssimo... (RGI-3).

Por este motivo, a vegana RUE-100 complementa que, se um dia quisesse adquirir simulacros sintéticos de pele animal, optaria por versões menos fidedignas em relação a aspectos de peles genuinamente derivadas de animais:

Eu não compro pele, não é meu estilo, mas, se eu um dia quisesse, seria uma extremamente artificial, daquelas que você olha e pensa em ursinho de pelúcia... Para não gerar dúvida, para eu não comprar uma pele com toque de verdadeira, estando na etiqueta que ela é artificial e, na verdade, ela é real...

Como observa-se nos relatos abaixo, dificuldades para discernir diferenças entre o que é artificial e que deriva de animais, tais como materiais sintéticos que aludem à pena e ao couro de animais, demonstraram ser questão relevante no que concerne ao consumo de vestuário por veganos: *Eu não entendo nada de couro, não sei distinguir o real do sintético, pode me julgar, sou vegano há 5 anos... (RGI-45); Sapato é osso! Sou apaixonada por mocassim e a maioria é de couro... Me sinto péssima, comprei porque a menina disse que era sintético mas, duvido muito...* (RGI-22) e:

(...) não é todo mundo que sabe identificar a diferença entre um couro legítimo e um não legítimo... Um couro não legítimo, que seja de qualidade, vai parecer muito com um legítimo... Você só vai perceber se você tocar nele, sentir o cheiro... aí é diferente... Se ele for de qualidade, as pessoas não vão perceber... (RUE-110);

Alguém tem um truque para identificar couro/camurça animais ("verdadeiros") e evita-los com segurança? Costumo enfrentar a maior dificuldade para comprar, inclusive porque, às vezes, o

material é sintético, mas as vendedoras dizem que é animal para “agregar valor” (mas, de todo modo, fico receosa e não compro). E, em termos de informações claras no produto em si... pior ainda, neça de pitibiriba... (RGI-37).

Ainda em relação às dificuldades para distinguir materiais sintéticos de originários de animais em vestuário, contribuem para esta interpretação os comentários a seguir: *E como diferenciar o couro sintético do animal? Não sei fazer isso da maneira exata.... Sou leiga, ainda não sei diferenciar o couro (aceito dicas)... (RGI-8); (...) onde comprar penas falsas? (...) fui na 25 e fiquei em dúvida se as que eu encontrei eram, ou não e eu não poderia queimar uma para saber... (RGI-29); Mas, talvez, olhando aquela parte dura da pena, dê para diferenciar.... Geralmente, as que encontro de pombas e outros animais são furadas e ocas. As falsas não devem ser feitas assim, não sei... (RGI-31); Se alguém souber de uma maneira efetiva de identificar penas sintéticas, ainda me interessa... (RGI-32) e (...)é até difícil de comprar, às vezes, tênis, que não está escrita a composição na embalagem, por conta desse negócio deles acharem que se é de couro, é de qualidade (RUE-96).*

Nota-se, ainda, nos relatos dos participantes RGI-37 e RUE-96, que haveria carência de informações precisas quanto à composição dos produtos em etiquetas e embalagens, o que dificultaria a identificação da composição dos materiais intrínsecos de peças de vestuário.

Grande parte dos comentários de usuários acima transcritos foram coletados a partir de sondagens em grupos veganos de rede social da *internet*. Tais pontos de vista retratam a espontaneidade com que emergiram os questionamentos em relação a técnicas (ainda que amadoras) de identificação da origem de simulacros de materiais de origem animal. Diante desta realidade, como observa-se na fala do também internauta vegano, membro do mesmo grupo virtual, RQI-89, que teve a iniciativa de elaborar espécie de manual com dicas para distinguir materiais sintéticos de originários de animais, presentes em peças de vestuário: *Prometi ao pessoal do grupo veganismo do Facebook fazer essa semana um guia de como identificar material sintético ao comprar um calçado, cinto, carteira, etc.*

Além da possibilidade de consumo de materiais derivados de animais, contrariamente ao desejo de compra de consumidores veganos, a evidente parecença de materiais sintéticos com outros originários de animais poderia fazer de sua natureza indiscernível, também por parte de pessoas não veganas que os vissem, quando utilizados em público. Tal fenômeno, segundo os relatos abaixo, implicariam duas hipotéticas reações. A primeira, de ordem moral, seria a de que, ao avistarem um indivíduo vegano utilizando um produto com aparência de derivado de animais, poderia incorrer em julgamento de incoerência entre a filosofia e a prática do veganismo.

Ratificam esta interpretação os comentários a seguir: *Eu me preocupo quando estou usando certas coisas, tipo esse par de botas que eu tenho aqui, e eles não são de leather (couro), são de pleather (couro sintético feito de plástico) ... Me preocupo quando estou andando por aí e as pessoas podem pensar que é pele de vaca...* (RUE-113); *Já me senti incomodada no sentido de que “Ah, eu vou colocar aquela sapatilha que tem estampa de onça e será que alguém vai achar que eu estou usando uma coisa que é de couro?”* (RUE-116); *(...) quando estou usando alguma peça em couro sintético, é comum aparecer alguém que sabe da minha posição em relação aos animais querer apontar uma incoerência, então é uma ótima oportunidade de mostrar que há opções* (RQI-89); *(...) mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso...* (RUE-104); *Alguém poderia entrar de couro sintético num restaurante vegano e as pessoas acharem que é de verdade, e julgá-las erroneamente. Resumindo: pegadinha do malandro!* (RGI-45) e *Tipo meu tênis aqui... o pessoal pode achar que isso é camurça de animal..., mas é totalmente sintético... o dia todo a gente se depara com esses tipos de produtos...* (RUE-95). A figura 40, que consta na página a seguir, ilustra o calçado referido pela jovem vegana RUE-95, fotografado com seu consentimento e autorização durante a realização da entrevista:

Figura 40: Calçado da respondente usuária vegana RUE-95, fotografado durante a entrevista.
Fonte: foto da autora (2016).

Já a segunda implicação, de ordem mais conceitual, subjetiva e abstrata, seria decorrente da interpretação de que o uso de animais, para fins de vestuário, seria aceitável, contribuindo para a perpetuação desta ideia ou, até, indiretamente, estimulando o consumo de produtos advindos de animais, quando tais arremedos sintéticos fossem vistos por pessoas não veganas, conforme pode ser observado nos seguintes fragmentos: *Creio que incentiva. Ex: saio com couro sintético na rua. Aí alguém acha bonito e fala: quero uma jaqueta de couro também. Vai lá e compra. Sei lá... meu pensamento...*(RGI-3), *O problema é que, às vezes, as pessoas, que estão de fora, não sabem que é sintético... A maioria das pessoas nem sabem o que é couro, o que é pele... Então, talvez, por esse âmbito, não seja tão bom, pela falta de informação das pessoas* (RUE-111) e (...) *uma pessoa que não conhece, ainda mais aqueles que são de “pelinho”, que parecem que é couro de boi... Talvez seja ruim pelas pessoas que não têm conhecimento, porque você não tem como saber, só olhando, se aquilo é de origem animal ou não...* (RUE-96).

Vale ressaltar que a questão da possibilidade de incentivo ao consumo de materiais de origem animal, por meio da utilização de simulacros, de acordo com a ótica de

usuários veganos, foi discutida mais a fundo na categoria conceitual “Incentivo ao consumo”.

De acordo com a opinião de alguns respondentes, haveria diferentes graus de indiscernibilidade, variáveis de acordo com o tipo do simulacro e proporcionais à fidedignidade do arremedo. No entanto, ao que parece e em alguns casos, estes seriam perceptíveis quando examinados de perto, o que não evitaria interpretações equivocadas quanto à sua composição, como denotam os comentários a seguir: *Se você olhar direito, vai ver que é sintético* (RUE-108), *É claro que há diferença, mas, eu teria que explicar às pessoas que vejo ou conheço, “Não, isto não é verdadeiro...”, sabe?* (RUE-119) e:

(...) a roupa, a gente sabe que é estampada, mas a estampa de cobra no couro, é muito.... Sei lá, a pessoa vai olhar assim e, como é que vai saber se é sintética ou não? Tem uma diferença.... Você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente.... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que “pega” mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético... (RUE-101).

Dificuldades na distinção de materiais sintéticos que evocam aspectos estético-formais de derivados de animais como o couro, não seriam, segundo comentário do usuário vegano RQI-89, problema exclusivo de pessoas imperitas em relação à identificação de materiais. Conforme relata no trecho a seguir, mesmo pessoas acostumadas a lidar com o couro genuinamente animal acabaram não sabendo discernir a origem sintética da carteira do usuário vegano:

(...) uma vez, no trabalho, me questionaram o porquê de eu usar uma carteira de couro. Mostrei aos dois colegas que me perguntaram se esta carteira era de sintético. Achei dois ou três lugares onde era possível ver o verso do material e, por ali, se identifica se é couro animal ou não. O detalhe é que destes dois colegas, um é formado em tecnologia de couro para calçados e outro trabalhou em curtume de couro por 20 anos, e não souberam identificar que o material da carteira era sintético.

Deduz-se, pois, a partir desta análise, que a questão da indiscernibilidade em simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, no vestuário de veganos, é, em geral, reconhecida como problemática, ainda que latente sob a perspectiva de que, em primeira instância, simulacros seriam bem-vindos, enquanto

alternativas substitutivas de materiais, de fato, derivados de animais, em suas funções práticas, estéticas e até simbólicas.

4.1.1.4.

Incentivo ao consumo

(aspectos associados à ideia de **incentivo ao consumo** de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros)

Discute-se, aqui, a ideia de promoção do emprego de animais para consumo em vestuário de humanos, atribuída ao uso de simulacros de materiais de origem animal, por parte de veganos. Dentre os comentários selecionados e analisados a seguir, são apresentados diferentes pontos de vista de usuários que, em sua maior parte, convergem no mesmo pressuposto de que, quando utilizados publicamente, pelo fato de serem, muitas vezes, indiscerníveis de materiais de origem animal, ao serem vistos por outras pessoas, tais simulacros acabariam por, entre outras coisas, emitir a mensagem de que o uso de animais para tal finalidade seria aceitável, contrariamente à própria ideologia de seus usuários.

Ao todo, serão apresentados comentários de 21 respondentes usuários veganos, nos quais esta problemática foi mencionada. Com exceção do primeiro argumento, do participante RGI-4, todos os demais contêm posicionamentos que indicam que o uso de simulacros desta natureza, indiretamente, promoveria, ao menos, a imagem de seu semelhante, originário de animais. Neste trecho em específico, RGI-4 acredita que, pelo fato de o material de origem animal ser, no caso das peles, considerado de alto custo – embora tenha feito a ressalva de que o material couro seria, diferentemente, mais acessível –, o uso de simulacros não seria suficiente para estimular seu consumo: *Acho que não incentiva...Couro é mais acessível, de certa forma. Porém, uma peça de pele verdadeira custa milhares de reais, dificilmente alguém tem acesso à elas...*

No extremo oposto do raciocínio recém mencionado, para RUE-108, imitações seriam, paradoxal e concomitantemente, alternativas e estímulos ao consumo

de materiais de origem animal: *o vegano não quer que um bichinho vire uma bolsa ou um sapato... Eu acho que a imitação faz com que as pessoas ainda façam isso. É uma opção, mas estimula, com certeza!*

Já de acordo com RQI-89 e RUE-111, o arremedo artificial da pele de boi poderia ser visto por outrem como sendo cópia falsa de um produto original que, por este motivo, acabaria por reforçar o preconceito de que sua “matriz” teria, via de regra, qualidades superiores às de sua “réplica”:

Há pessoas que discordam. Não acham correta a existência dos simulacros porque podem remeter a ideia de que ‘se este couro sintético é bom, o original, bovino, deve ser melhor e (...) tem gente que pensa que você está usando algo que esteja imitando, você, querendo ou não, está fazendo uma propaganda daquilo que é de verdade... ‘O cara usa falso porque ele não pode comprar um original ou algo do tipo’, sabe? Daí ele vai e compra um falso... Mas não é isso! Eu acho que é mais pela estética mesmo, eu não vejo problema, mas, tem gente que vê sim!

Em trechos como os transcritos a seguir, também percebe-se a ideia de que os arremedos como couro e peles artificiais seriam vistos como capazes de fazer apologia ao uso do couro ou da pele de animais: *Ridículas, pois, fazem apologia ao couro e peles naturais... Vegan que é vegan, não se corrompe! (RGI-62), Eu não acho legal, porque você está estimulando o uso do bicho mesmo... esteticamente, acho bonito, mas, eu não usaria... é a mesma coisa a estampa de cobra no couro ou no tecido... (RUE-103) e:*

(...) querendo ou não, vou passar a impressão para as pessoas de que eu estou usando couro... porque não é todo mundo que sabe identificar a diferença entre um couro legítimo e um não legítimo. (...) eu, como vegana, andando na rua com um couro que não seja legítimo, vou estar passando a ideia de aquilo é couro. Essa parte é um pouco complicada... é pele! Não é todo mundo que tem essa consciência de que couro sintético é ‘tudo bem!’... (...) a pele, você vai incentivar o uso da pele... (RUE-109).

Na visão de RGI-6, por serem muito parecidos material sintético e couro animal, paralelamente ao fato de serem bens de consumo em voga, também associados a distinção social, a utilização do “original” poderia ser estimulada por seu simulacro: *Ao olhar de leigos, couro falso e animal podem ser idênticos. Ele ainda é utilizado para moda, status, etc. Então, o uso pode ser estimulado.* Neste contexto, para a

internauta vegana RGI-7, a glamorização de materiais de origem animal, seria efetiva apenas quando seus simulacros são vestidos por pessoas muito influentes:

Ver alguém dentro dos padrões de beleza, usando certa roupa vai dar vontade de comprar, porque recebemos essas mensagens na mídia, muito mais forte do que das pessoas que vemos passar na rua. Nesse ponto, concordo: o uso atrai. Mas, não por nós e sim pela mulher da novela, pela celebridade, pelo cantor.... Não vejo as pessoas saindo para comprar uma roupa porque viram outra pessoa na rua usando.

Independentemente do grau de influência de seu usuário, para os respondentes a seguir, o uso público de imitações poderia ser esteticamente agradável aos olhos de quem, eventualmente, as vissem. Porém, devido à evocação ao material de origem animal aqui considerada como intrínseca dos simulacros em questão (vide categoria conceitual “evocação ao material de origem animal”, analisada no subitem 4.1.1.16, deste subproblema 1), ao não serem capazes de distinguir sua origem, e, eventualmente, tampouco compartilharem das mesmas preocupações éticas das quais veganos alegam ter, indivíduos alheios a tais questões poderiam adquirir produtos semelhantes, porém, derivados de animais, conforme demonstram os seguintes comentários: *Eu usava, mas parei, pois, tem gente que pode pensar que é couro, achar bonito e sair por aí me copiando, só que sair comprando couro de verdade...* (RGI-43); *Creio que incentiva. Ex: saio com couro sintético na rua. Aí alguém acha bonito e fala: quero uma jaqueta de couro também. Vai lá e compra. Sei lá... meu pensamento...* (RGI-3); e:

Tem gente que prefere evitar, porque, por exemplo: quando você está usando um tecido, você sabe que ele não é de origem animal mas, às vezes, uma pessoa mal informada, pode achar bonito e procurar a mesma coisa mas, infelizmente, de origem animal (RUE-102);

Também corroboram com esta interpretação os trechos transcritos a seguir, extraídos de entrevistas concedidas por outros usuários veganos:

De certa forma, para quem não conhece, não sabe que eu sou vegana e que aquilo é falso, diz “olha, que bonito!” Eu meio que estou incentivando a compra de um produto de origem animal mesmo! (RUE-109); (...) se alguém me visse usando isso na rua e quisesse comprar o de origem animal, acho que por isso, não é legal! (RUE-107).

O problema é que, às vezes, as pessoas, que estão de fora, não sabem que é sintético... Então acabam querendo um daquele... talvez isso seja um problema... eu fico pensando nessa visualização,

de ver e falar “ah, eu quero uma bota daquela! ” A maioria das pessoas nem sabem o que é couro, o que é pele.... Então, talvez, por esse âmbito, não seja tão bom, pela falta de informação das pessoas. Tem esses dois lados... é meio complicado (RUE-111).

Seguindo o mesmo raciocínio, para alguns participantes, a ocorrência deste fenômeno não seria universalizável a quaisquer tipos de simulacros de materiais derivados de animais em matérias-primas sintéticas, mas, sim, relativa ao grau de indiscernibilidade de sua origem, variável de acordo com cada indivíduo.

Neste sentido, quanto mais parecido, fidedigno e/ou confundível o simulacro com o material de origem animal, mais chances teria de propagandear o uso do derivado animal, como é o caso de grafismos inspirados em padrões visuais presentes em na pele de animais estampados em material popularmente chamado de couro sintético, mencionados em analogias feitas pelos respondentes RUE-101 e RGI-30, transcritas a seguir:

(...) a roupa, a gente sabe que é estampada, mas a estampa de cobra no courvim, é muito... sei lá, a pessoa vai olhar assim e, como é que vai saber se é sintética ou não? Vai incentivar o uso... tem uma diferença.... Você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente.... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que “pega” mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético... (RUE-101).

Se as penas falsas forem parecidas demais com as penas reais, não podem incentivar o uso das reais e fortalecer a ideia de que bichos podem ser usados como objetos? Roupas que se parecem demais com couro encorajam pessoas a comprarem as de couro e fortalecem a ideia de que bichos podem ser usados como objetos (RGI-30).

Em consonância com a última opinião acima explicitada, do respondente RGI-30, outros participantes compartilham da ideia de que alguns tipos de simulacros de peles de animais, indiretamente, seriam capazes de passar o conceito de que a objetificação de animais seria algo moralmente aceitável: *(...) não gosto destes que imitam pele... não gosto de estampa de bicho, não sou muito fã, porque me lembra... na minha cabeça, você leva a entender que isso é uma coisa legal de se usar... e não é! Por isso que eu não uso, mas, nada contra quem use a imitação, se for imitação! (RUE-98) e: Eu não acho legal ficar usando porque, acho que as outras*

peessoas que não conhecem... é meio que inconsciente..., pode abrir precedentes para a pessoa achar que é legal usar peles... (RUE-95).

Semelhante pressuposto foi apontado pelos usuários veganos cujos trechos de seus depoimentos foram transcritos a seguir, que atribuem aos simulacros a possibilidade de perpetuarem o *status quo* em que animais são usados como fontes provedoras de materiais: (...) *sobre penas falsas, mesmo sendo falsas, acho que induziriam pessoas a pensar que animais podem ser usados como objetos (RGI-31); (...) você passa a ideia de que matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso...(RUE-104) e Porque que tem que se parecer? Para continuar expressando a ideia de que o animal é a matéria-prima, a fonte para se produzir aquilo? (RUE-116).*

A partir destas análises, pode-se auferir que, em geral, os usuários veganos em questão estariam inclinados a ver alguns tipos de simulacros não apenas como materiais alternativos ao uso de animais como objetos, mas, também (e antagonicamente), como potenciais promotores indiretos do uso de produtos associados a aspectos contrários aos seus próprios ideais éticos.

No entanto, isto não quer dizer que estes respondentes não façam uso de alguns dos simulacros aos quais se referiram. Apenas demonstra o reconhecimento de aspectos semióticos dos mesmos. Não se sabe, ao certo, de que simulacros se referiam nos momentos de introspecção em que elaboraram tais relatos.

Contudo, o que se pode afirmar é que quanto mais real o simulacro aparenta ser para este usuário, mais chances teria de confundir outras pessoas em relação à sua derivação, parâmetro que se demonstrou variável de acordo percepção e sensibilidade dos respondentes em questão. Além disto, o material sintético que remete ao couro foi mencionado com considerável recorrência dentre os simulacros vistos como potenciais agentes de incentivo do consumo de seu símile de origem animal.

4.1.1.5.

Heranças culturais

(aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de **heranças culturais**)

A presente categoria conceitual temática reúne e analisa passagens de comunicações de usuários veganos que contêm indícios de que a utilização de e/ou certas acepções dadas a simulacros de materiais de origem animal, em vestuário, se dariam em função de heranças e/ou manifestações culturais.

O consumo de simulacros considerados veganos, seja na alimentação, seja em vestuário, de acordo com o depoimento de um senhor de aproximadamente 50 anos, proprietário de um restaurante vegano de São Paulo, seria compreensível e necessário, uma vez que estes representariam ícones de referências culturais passadas, difíceis de serem desvincilhados, porém, úteis para indivíduos em interações sociais: (...) *das referências culturais é muito difícil a gente abrir mão... Acho legal trabalhar em cima da referência... é importante para a gente se comunicar...* (RUE-99).

Para a jovem comerciante de produtos alimentícios veganos, RUE-111, ao traçar um paralelo entre alimentos veganos parecidos com outros derivados de animais e os simulacros de materiais de origem animal em vestuário, acredita que as denominações dadas aos simulacros são fruto de conveniências culturais: *a imitação é um produto sintético, a gente chama de 'couro', mas deve ser por convenção... igual como quando a gente chama de 'queijo', sei lá... 'leite de girassol', mas não é leite...*

Outros respondentes creditam o uso de imitações de materiais de origem animal em vestuário a fenômenos socioculturais como moda, estilo pessoal que se adequa à determinada tribo com estilo de vida em comum, pressão social e influência midiática, conforme, respectivamente, observa-se nos comentários transcritos a seguir: *não necessariamente que 'eu gostaria de usar uma pele mas, como é antiético, eu uso a sintética...' Eu nunca vi ninguém, até hoje, fazendo essa associação, sabe? É mais porque acha bonito, porque está na moda...*(RUE-93);

Eu, realmente, não tenho problemas em usar couro sintético em ambientes veganos ou em qualquer outro ambiente. Até porque ando de moto, sou rockeira e isso faz parte do meu visual... (RGI-47) e:

(...) é uma questão mais ampla e difícil de lidar do que, simplesmente, achar ou não achar legal. Querendo ou não, é vendido que você tem que usar isto, o tempo todo. Por exemplo, quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro. As propagandas mostram isso... Pra quem quer uma opção sintética, eu acho importante... (RUE-110).

Para a respondente RUE-107, imitações de peles de animais estariam atreladas à cultura ostensiva de bens de consumo, particularmente praticada por simpatizantes do estilo musical *funk* e, por esta razão, seriam consideradas como peças de mau gosto: *A única coisa que eu acho brega e não uso é imitação de pele... é coisa de 'funkeira', cafona!* Semelhante tom de reprovação de ordem estética, porém, de natureza cultural, é atribuída, pela usuária RUE-109, à estampa cujo padrão visual alude à pelagem da onça pintada: *estampa de onça, eu tenho uma mochila que ganhei, eu uso porque cabe meu computador, mas acho brega!*

Simulacros de pelos, couros, lãs, pérolas e ossos de animais, em diferentes tipos de materiais artificiais e configurações estético-formais, demonstraram estar associados à heranças culturais ancestrais de caça e objetificação de animais e, portanto, seriam pouco ou nada apreciados pelos participantes RUE-107, RUE-114 e RUE-118, respectivamente: *A imitação do couro, da pérola, da lã... isso aí eu até poderia usar, mas é que eu não gosto, parece meio uma coisa das cavernas usar couro, pele de animal, mesmo que seja sintética!; Isso simboliza uma cultura, não sei se é tão legal, mas eu não vejo problema nisso, se uma pessoa tiver... não me incomoda, mas isso representa uma cultura de matança... eu não usaria porque representa isso... e: Essa coisa de querer imitar o animal vem muito dessa herança de querer arrancar o que é deles...*

4.1.1.6.

Evocação ao material de origem animal

(aspectos que denotam **evocação de** simulacros de materiais de origem animal a **materiais genuinamente originários de animais**)

Analisa-se, aqui, um compilado de depoimentos de usuários nos quais foram identificadas evidências da percepção de que alguns materiais artificiais evocariam outros de origem animal ou a aspectos associados à obtenção dos mesmos. Diante de ampla variedade de simulacros de materiais de origem animal, aplicados em vestuário, nos fragmentos selecionados nesta categoria temática, foram mencionados materiais sintéticos com características estéticas que, segundo eles, remeteriam a pérolas; couro; plumas; peles; dentes e penas, além de estampas com padronagens que aludem a animais, também conhecidas como *animal prints*.

Independentemente de que matrizes os simulacros em questão teriam sido concebidos de modo a remeter, emular ou copiar e, ainda, do fato de tais associações sequer terem sido intencionalmente idealizadas por quem quer que os tenha desenvolvido ou comercializado, os comentários transcritos a seguir demonstram, sob o olhar de usuários veganos, aspectos da dimensão semiótica intrínseca à esta classe de simulacros.

Expressões como “pareça”, “igual”, “falsa”, “imita”, “com desenho de” e “usufruindo da imagem do” revelam a percepção de similitude de alguns materiais com outros, originários de animais, como verifica-se em comentários como: *tem gente que quer uma bolsa que pareça couro, um brinco que pareça uma pérola... Um tecido que se pareça com a pele de um animal* (RUE-97); *A [estilista] Stella McCartney, filha do Paul McCartney, tem muita coisa [artificial] que é muito igual...* (RUE-114); *Em Nova Iorque, a gente tem tudo... fake fur (pele falsa), pleather (couro sintético)...* (RUE-113); *As plumas... tem pluma que imita pelo de animal ... (...) Estampa de bicho com desenho de onça... estampa de oncinha... (...) é uma associação muito direta ao uso da pele do animal...* (RUE-95) e *O ser humano acaba usufruindo da imagem do animal, por exemplo, o colar [de metal] com dente de porco...* (RUE-117).

Mesmo sem poder afirmar, categórica e especificamente, a que materiais (considerados como veganos) se referiram, haveria, de acordo com os participantes RUE-120 e RUE-121, respectivamente, materiais artificiais que aludiriam a peles de animais, conforme o que foi observado nos seguintes fragmentos de suas entrevistas concedidas: (...) *as pelúcias lembram as peles... pelo, né? ” e “eh... reproduz o uso de pele, né?*

Já a aparência de materiais sintéticos com o couro, demonstrou ser reconhecida por alguns usuários, em trechos como os transcritos a seguir: *Este meu, que eu uso, parece muito com couro...* (RUE-97); (...) *o courvim, que imita um pouco o couro...* (RUE-98); *Acabei de comprar um cinto de couro, mas não é couro de verdade...* (RUE-99) e (...) *aqueles que são de ‘pelinho’, que parecem que é couro de boi...* (RUE-96).

Mesmo admitindo tal semelhança, a participante RUE-97, que confecciona e comercializa bolsas veganas artesanais, acredita que os fatores principais que motivariam seus clientes a procurar pelo couro sintético seriam sua beleza e caimento, e não por sua semelhança com o material de origem animal: *o pessoal não procura muito por ser parecido... Esse não é o foco..., mas as pessoas gostam, porque fica bonito, bem estruturado..., mas eu não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética...*

Além de notável associação direta aos materiais de origem animal com os quais se parecem, alguns comentários de respondentes – diferentemente dos citados acima, que aparentaram razoável neutralidade em relação à questão – transcritos a seguir, denotaram tom de reprovação justamente por seu potencial de evocar materiais não condizentes com a ideologia do veganismo. De modo mais genérico, em relação aos simulacros de materiais de origem animal aplicáveis em vestuário, há indivíduos veganos que não apreciam ou os consideram inadequados, de acordo com os usuários RUE-96 e RQI-90, nesta ordem: *tem gente que não gosta, porque lembra e tal... e Acho inadequado, pois fazem alusão daquilo que não acho correto.*

Mais especificamente quanto às imitações e arremedos sintéticos de peles de animais, demonstraram restrições as usuárias RUE-90 e RUE-105. Para a primeira das duas, uma professora vegana, ainda que em tempo verbal passado, sua menor percebida aceitação se daria em função de sua associação direta ao uso de material de origem animal, como consta no trecho: *a priori, eu tinha resistência, justamente porque remetia diretamente ao uso de pele...* Já para a segunda, uma senhora vegana, quanto mais fidedigna a imitação de pele animal, maior a repulsa: *tenho problema quando parece uma pele de bicho mesmo, sabe? Não gosto da ideia de ser muito parecido, porque me lembra que existe pele verdadeira, que alguém pode usar uma pele verdadeira... me remete muito a isto.... Então, acabo não usando...*

Materiais sintéticos com aparência de pele de cobra, como é o caso do “couro artificial” estampado com padrão visual que remete ao corpo do referido animal, foram considerados como objetos causadores de certa apreensão, mais até do que outros tipos de simulacros como o couro sintético, por exemplo, que, se comparado ao couro genuinamente animal, possui equivalente grau de fidedignidade. Para a usuária jovem vegana, RUE-117, seria pouco agradável por semelhar o couro de cobras: *eu não acho muito legal, não... porque parece....* Na opinião do respondente RUE-115, este simulacro, em específico, seria um tanto espantoso por ser o mais realista dos arremedos sintéticos de materiais de origem animal aplicados em vestuário que conhece: *eu acho assim... assusta um pouco, né? É que lembra muito mais do que as outras imitações...*

Em relação ao mesmo material, para a jovem estudante RUE-109, seria considerado como prescindível e desagradável: *imitação de couro de cobra... acho que a gente não precisa imitar! Me incomoda, acho desnecessário o objetivo da coisa... pode ser bonito sem, necessariamente, imitar o couro de um animal.*

Simulacros artificiais de penas de aves foram associados às de origem animal tanto em versão mais realista, quanto em versão que as evocam com menor grau de similitude, em materiais esteticamente mais distantes de penas originais, como, por exemplo, o metal utilizado em bijuterias: *as [imitações] que eu menos gosto são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de*

depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação (RUE-120) e Éhh, tudo bem, é metal, né... Mas, velho, remete, sei lá, você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né: você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que [o material] seja alternativo, mas é simbólico... (RUE-121).

A própria existência de tais analogias é objeto de questionamentos por parte dos respondentes. Na opinião da respondente RUE-116, o fato de remeterem a produtos do que consideram ser objetificação de animais tornaria sua semelhança questionável: *porque tem que se parecer? Para continuar expressando a ideia de que o animal é a matéria-prima, a fonte para se produzir aquilo?*

Nesse contexto, a vegana alemã RUE-119 que, em sua passagem pelo Brasil, foi abordada em feira vegana realizada em Santos-SP, indagou-se sobre qual seria a real necessidade de alusão a corpos de animais em peças de vestuário, baseando-se em seus próprios princípios ideológicos:

é uma coisa que você sabe que não é de um animal, mas você não quer usar algo que pareça com um animal... não faz o menor sentido para mim, se é que você me entende? Por que eu iria querer usar algo que se pareça com uma zebra? Apesar de não ser, não gostaria de usar nada que se pareça com uma zebra ou um tigre...

Por fim, para uma senhora vegana, RUE- 108, vendedora de livros e revistas voltados para o público vegetariano e vegano, apesar de discordar da necessidade de existirem tantas formas de arremedos de materiais de origem animal em vestuário, por uma questão de originalidade, ainda que com resignação, as aceitaria por serem algo inevitável, justamente por sua presença tão disseminada em diversas peças de vestuário:

a gente vai comprar alguma coisa e tem imitação..., mas eu não acho legal. Ou é, ou não é. Não é que me incomoda. É uma questão de ser verdadeira ou não a origem das coisas. Eu uso, de couro sintético bota, sapato, bolsa, essas coisas..., mas não concordo! Se eu fosse o fabricante, não iria imitar, eu faria alguma coisa diferente.... Não precisava imitar... eu uso porque não tem outro jeito!

Neste último questionamento, fica implícito que, ao menos para RUE-108, o consumo de vestuário, sobretudo bolsas e calçados, que contém materiais que fazem alusão a materiais derivados de animais não seria opção voluntária,

mas, sim, devida à falta de opções sintéticas tão funcionais quanto considera o couro de animais, porém, isentas destes arremedos.

4.1.1.7.

Sufrimento

(aspectos associados à ideia de **sofrimento** infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

Observa-se, nos fragmentos de alguns dos respondentes, a reincidência da associação a sofrimento animal à medida que se referiam à aceitabilidade de diferentes tipos de simulacros de materiais de origem animal em vestuário. Mesmo em se tratando de materiais artificiais, a aparente semelhança com materiais derivados de animais seria suficiente para suscitar a ideia de morte à memória dos seguintes usuários: (...) *tem veganos que não usam ou não comem por nojo ou por lembrarem mortes...* (RQI-84); *Isso simboliza uma cultura, não sei se é tão legal, mas eu não vejo problema nisso, se uma pessoa tiver... não me incomoda, mas, representa uma cultura de matança... eu não usaria porque acho que representa isso...* (RUE-114).

É oportuno frisar que para alguns dos respondentes, significados negativos estariam atrelados apenas a simulacros evidentemente semelhantes com materiais de origem animal, como é o caso de alguns tipos de couro e pele sintéticas, tal como observado nestes fragmentos: *Tenho problema quando parece pele de bicho mesmo, sabe? Não gosto da ideia de ser muito parecido porque me lembra que existe pele verdadeira, que alguém pode usar uma pele verdadeira... me remete muito a isto.... Então, acabo não usando...* (RUE-105) e:

Dá uma impressão meio estranha, parece que você está pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... porque você passa a ideia de que matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais... Isso aqui me remete à alguma coisa, é mais realista... (RUE-104).

Já na opinião de outros usuários, mesmo em se tratando de peças cujas características são notoriamente distintas dos objetos tradicionalmente conhecidos

por sua derivação animal, tais como pingentes metálicos em formato de partes de corpos de animais, em escala reduzida, como pode ser percebido no discurso do usuário RUE-117: *Aí eu já não acho legal... porque acaba lembrando matança, né?*, em referência à imagem dos acessórios apresentados na figura 41, a seguir:

Figura 41: Pingentes de metal que fazem alusão a ossos de animais, exibida em entrevista estimulada, feita com o respondente RUE-117.

Fonte: foto da autora (2016).

Figura 42: Colar em metal com pingentes de penas de animais. Fonte: foto da autora (2016).

Figura 43: Tênis em lona com estampa prateada com padrão semelhante ao da pele de cobras.

Fonte: foto da autora (2016).

Também em referência à figura 41, dos pingentes metálicos em formato de ossos, o participante RUE-121 fez, em tom de reprovação, associação a referências culturais das quais a morte de animais era característica presente em seu imaginário: *eh... pesca de baleia... ah... isso aqui meu...* [pausa em silêncio] Semelhante significação foi feita em relação a outro modelo de acessório metálico, desta vez, em formato de penas de aves, conforme ilustra a figura 42.

Semelhante evocação ao sofrimento de animais foi percebida pelo usuário em relação à estampa de um tênis, com padronagem faz alusão ao padrão visual característico da pele de cobra, porém, na cor prata, demonstrado na figura 43. Ao ser exposto à referida imagem, o usuário teceu suas impressões: *(...) o All Star de cobra, tem quem goste, né? Eu não usaria porque não é meu estilo, mas remete a arrancar o couro do animal, mesmo que seja mais simbólico...* Ao se sensibilizar com a imagem do acessório metálico em formato de penas de animal, o mesmo respondente declarou suas impressões: *éh... tudo bem, é metal, né... mas, ‘velho’... remete, sei lá... você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né... você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que [o material] seja alternativo, mas é simbólico...*

A sensação de padecimento de animais estaria associada às penas sintéticas, mais parecidas com penas verdadeiras, que remeteriam à dor provocada pelo ato de depenar aves, segundo o respondente RUE-120, jovem comerciante de alimentos veganos, simulacros de outros de origem animal: *as que eu menos gosto são as [imitações] de pena, aquelas sintéticas... são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... Por mais que sejam lindas, me vem essa associação.*

Já para o usuário de aproximadamente 30 anos, também do gênero masculino, RUE-118, a apropriação de animais como objetos e o suposto ônus subentendido, por ele, como decorrente de tal prática, estariam associados às imitações de pele de ovinos: *Não acho legal... não vejo muita graça em usar alguma coisa que pareça pele de carneiro... Pode cair muito na questão da objetificação de animais...*

Por fim, de acordo com a respondente RQI-92, a lembrança da imagem do couro sintético a faz remeter ao que considera ser prática exploratória de animais: *quando*

me tornei vegana, me desfiz de tudo que lembrava exploração. Na verdade, fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquentava muito e paguei caríssimo nela. De resto, me desfiz de tudo, inclusive de botas e pulseiras.

4.1.1.8.

Repugnância

(aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou **repugnância** em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

Neste item, apresenta-se a discussão dos resultados obtidos a partir da análise de comentários selecionados da fala dos participantes em que foram identificados sentidos de repugnância, aversão, nojo e/ou incômodo ao se referirem a versões veganas de simulacros de materiais de origem animal aplicáveis em vestuário.

A recorrência de expressões que denotam tais acepções demonstrou estar associada ao fato de tais materiais se assemelharem a derivados de animais que, por sua vez, muitas vezes, em função de tal aparência, evocariam aspectos de mortes, sofrimento e/ou ostentação da ideia de que o uso de animais para fins de vestuário seria, por seus usuários, aceitável.

Em alguns casos, foi percebido que simulacros artificiais de materiais presentes em peças de vestuário, que antes fizeram parte do guarda-roupas de usuários como RGI-61 e RUE-101, após aderirem à filosofia do veganismo, pelo fato de remeterem a materiais genuinamente derivados de animais, incitam o sentimento de repulsa de tal modo que deixaram de ser utilizados por estes indivíduos. Ratificam esta interpretação os trechos a seguir: *eu não uso nada que lembre animais! Não consigo mais!* (RGI-61), *Eu adoro usar cintos mas, agora, eu só uso de pano, não consigo mais usar o de couro sintético...* (RUE-101) e (...) *há também os que simplesmente não conseguem usar, por se imaginarem usando couro legítimo* (RQI-89).

Semelhantemente, outros relatos informam que, mesmo em se tratando de meras imitações, feitas a partir de matérias-primas sintéticas, tais arremedos estariam associados a aspectos semióticos que despertariam sensações de nojo, repulsa e/ou aversão. Por remeterem diretamente a materiais de origem animal e/ou a seus

processos de obtenção, seriam condenáveis pelos usuários deste público, citados a seguir: *não usaria porque acho um negócio bem nojento... sei lá... mesmo não sendo de verdade...* (RGI-2); *Tem veganos que não usam ou não comem [analogia com simulacros de alimentos origem animal] por nojo ou por lembrarem mortes* (RQI-84); *é meio que inconsciente, a gente não curte, dá uma repulsa que eu não sei explicar...* (RUE-107); *não tenho coragem de vestir imitações, ou melhor, interesse nisso. Repugna-me!* (RGI-79) e *todo tipo de [simulacros] de pele, couro, pelagem, camurça... a todo esse tipo de adereço, eu sempre tenho uma aversão...* (RUE-111).

Ao externarem sentimentos de espanto em relação a ideia de materiais considerados não veganos, usuários como RUE-115 e RUE-120 foram pouco mais específicos nos argumentos que justificariam tal reação. Para RUE-115, a ser exposto à imagem de uma bota, cujo material sintético alude ao couro de cobra, a considerou assustadora pelo fato deste simulacro representar o material de origem animal, segundo ele, de maneira realista: *assusta um pouco, né? Você ver assim... é que lembra muito mais do que as outras imitações....* Elevado grau de fidedignidade aparenta ser também um agravante para o usuário jovem RUE-120: *as [imitações] que eu gosto menos são as de pena... aquelas penas sintéticas são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação. Só as penas me deixam mais aterrorizado...*

A ideia de que haveria materiais sintéticos que simulam outros de origem animal em vestuário seria suficiente para causar desconforto ou incômodo em usuários, conforme relataram os usuários RUE-108 e RUE-109, respectivamente: *(...) é desconfortável usar uma coisa que imita outra de origem animal e imitação de couro de cobra... acho que a gente não precisa imitar... me incomoda...*

Para a jovem respondente RUE-110, apesar de não considerar tais simulacros repugnantes, além de terem estética desinteressante para si, justamente por remeterem a corpos de animais, seriam igualmente incômodos e desconfortáveis: *não tenho nada, Eu nunca tive vontade... me sinto incomodada... procuro não usar nada. Não me sinto muito confortável... (...) Não tenho repugnância nenhuma... É exatamente isso: lembra o bicho, não me interessa!*

De acordo com a percepção de alguns usuários, quanto mais fieis as cópias em relação às suas “matrizes”, ou seja, quanto mais verdadeiras parecerem ser as imitações, mais chances teriam de implicar incômodos. Como verificou-se nos relatos a seguir, detalhes, mais ou menos sutis, em alto ou baixo relevo, que aludem a sulcos, poros e pelos de peles de animais, seriam características determinantes do limiar de aceitabilidade destes tipos de simulacros em materiais artificiais.

Dentre os comentários que possibilitaram tal interpretação, destacam-se:

couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Alguns me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... Claro que eu sei reconhecer por causa do cheiro, mas... é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida... Aqueles poros, a imitação do pelo do boi... não consigo! Não compro! Não gosto! (RUE-109)

Não chega a me incomodar porque eu sei que estou usando algo sintético. Mas eu não usaria uma bota imitando pele de crocodilo, por exemplo. Me incomodaria por ser bem peculiar! O sapato social é bem discreto, não dá pra perceber os sulcos do couro/pele, a não ser que se analise bem de perto (RQI-83).

Semelhantemente, os seguintes trechos transcritos denotam sensações de repugnância quanto a materiais artificiais que aludem a outros, derivados de animais, com considerável fidedignidade, na visão do respondente RUE-104:

Dá uma impressão meio estranha, parece que você está pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não.... Acho meio pesado... porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso.... Não usaria, jamais.... Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem. Mas isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto...

No entanto, o que, para alguns respondentes, seria considerado suficientemente realista e evocativo de derivados de animais e/ou do padecimento destes, como é o caso do que é popularmente conhecido como “couro sintético”, para outros, não. Pelo fato de ter textura de pele, mais discreta que o simulacro sintético do couro de crocodilo, por exemplo, seria visto como menos suscitar de sentimentos de

aversão e, conseqüentemente, menos problemático. Até mesmo estampas com padrões visuais que remetem a corpos de animais, provavelmente, de maneira mais abstrata que os demais simulacros de materiais de origem animal mencionados anteriormente – afinal, não se sabe, especificamente, a que estampa a usuária RUE-116, se refere na citação abaixo – seriam vistas como preocupantes por poderem confundir outras pessoas quanto à sua verdadeira origem:

Já me senti incomodada no sentido de que... ‘ah, eu vou colocar aquela sapatilha que tem estampa de onça e será que alguém vai achar que eu estou usando uma coisa que é de couro?’ De certa forma, me incomoda, pela percepção dos outros, no sentido de que, quando eu faço uma opção ética, tenho que ter uma postura coerente.... Não posso ter um discurso e outra prática.

A análise do último depoimento acima transcrito permite inferir que a utilização de um simulacro de material de origem animal poderia evocar a utilização de material distinto daquele que parece imitar. Neste caso, a referida “sapatilha com estampa de onça” poderia fazer quem a vê de longe, pensar que não se trata de genuína pele do animal onça, ameaçado de extinção – que além de rara e cara, sua obtenção é considerada crime ambiental no Brasil – mas, sim, de couro bovino estampado com padrão visual que remete à pelagem do animal silvestre.

Dado o exposto, foi percebido que simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, parecem não necessariamente evocar somente aos produtos ou animais dos quais provavelmente foram designados a arremedar, mas, também, a outros tipos de simulacros, igualmente compostos de derivados de animais.

Nota-se que neste e, de certa forma, também em alguns dos discursos anteriores, que uma das preocupações em relação esfera semiótica destes tipos de simulacro seria, não apenas atribuída às sensações de incômodo particulares de seus usuários, como também, à percepção e o julgamento de outras pessoas diante de razoável indiscernibilidade da natureza das matérias-primas em questão. Ainda que de origem sintética, o uso público de vestuário que simula (em diferentes graus de fidedignidade) aspectos de materiais advindos de corpos de animais, poderia resultar na exposição de mensagens visuais contraditórias em relação aos próprios princípios ideológicos e filosóficos dos mesmos.

4.1.1.9.

Constrangimento social

(aspectos associados à sensação de **constrangimento social** quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal)

Foram selecionados, nesta categoria conceitual temática, fragmentos de comunicações nas quais, implicitamente, há indícios de que o uso de materiais artificiais com características semelhantes às de outros, derivados de animais, estariam associados a experiências constrangedoras aos seus usuários.

Apesar de ter sido assunto menos recorrente, se comparado com outros tópicos abordados dentre os dados analisados neste subproblema, as informações contidas nas transcrições a seguir explicitam acepções dadas aos tipos de simulacros em questão, colocando em evidência especificidades semiológicas de pertinência equiparável a de assuntos tratados em temáticas cuja aparição se demonstrou mais frequente.

Diferentemente dos dados coletados virtualmente, por meio de entrevistas feitas com questionários, ou pessoalmente, por meio de entrevistas em profundidade, as informações que compõem esta categoria correspondem a tópicos criados randomicamente por usuários, identificados mediante sondagens em comentários contidos em postagens em grupos veganos de rede social da internet. Tal condição sugere que, ao contrário de outras técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa, no caso das informações inerentes à esta categoria, não houve qualquer envolvimento ou estímulo, por parte do pesquisador, que suscitasse a reflexão acerca do assunto. Esta particularidade da fonte e técnica de coleta de dados utilizadas confere, neste caso, espontaneidade decorrente de genuína inquietude dos respondentes em discutir a problemática aqui analisada.

Na indagação extraída da fala do participante do gênero masculino, RGI-44:

Vocês teriam coragem de entrar com uma roupa de couro sintético em um restaurante vegetariano / vegano?, subentende-se que a utilização de simulacros

de couro animal, em ambiente no qual o consumo de corpos de animais (para fins alimentícios) não é praticado, poderia ser objeto de reprovação, devido à sua semelhança, independentemente de sua composição. Em resposta à esta pergunta, o usuário RGI-45 corrobora com a ideia que a utilização deste tipo de vestuário poderia ser polêmica, em virtude da reação dos clientes do referido restaurante, nesta hipotética situação:

todos julgariam alguém entrando de couro num restaurante vegano, ficariam sussurrando uns aos outros sobre a falta de respeito e tal... Mas, alguém poderia entrar de couro sintético e as pessoas acharem que é de verdade e julgá-las erroneamente. Resumindo: pegadinha do Malandro!

Situações constrangedoras, desta vez, não hipotéticas, mas reais, protagonizadas por usuários, foram relatadas em comentários de postagens encontradas em postagens em grupos veganos da mesma rede social: *Tenho brincos de pena feitos por mim. Tudo falso também. Me criticaram pra caramba...* (RGI-71); *Uma vez, no trabalho, me questionaram o porquê de eu usar uma carteira de couro. Mostrei aos dois colegas (que me perguntaram) que esta carteira era de material sintético* (RGI-89) e *Entreí esses dias num restaurante vegan, em SP, com um vestido com estampa de oncinha e me olharam torto...* (RGI-48).

Os dois primeiros exemplos mencionam penas e couro sintéticos de notória aparência com outros derivados de animais. Já o último, provavelmente trata de um arremedo à pele do animal aplicado em superfície têxtil e, portanto, menos semelhante com o que seria o material de origem animal “pele de onça” ou, então, couro bovino com aspecto artificial que faz alusão ao padrão visual da pelagem do animal onça. A partir da análise destas falas, pode-se inferir que tal similitude, mesmo em se tratando de opiniões isoladas sobre situações, ora verídicas, ora fictícias, de fato, faz de sua procedência aspecto, muitas vezes, indiscernível. Sobretudo em relação aos simulacros do couro animal, tais comentários denotam ser consensual a ideia de que é comum confundirem outrem em relação à sua origem e, por isto, serem objetos desencadeadores de situações constrangedoras. Além disso, de acordo com o que foi observado no comentário do internauta RGI-48, evocações mais abstratas a corpos de animais, como é o caso de seu “vestido com estampa de oncinha”, poderiam ser suficientes para suscitar a reprovação de alguns indivíduos aparentemente sensíveis à causa em defesa dos interesses dos animais.

4.1.1.10.

Preocupações socioambientais

(aspectos associados à ecologia e/ou **a preocupações socioambientais** em relação a simulacros de materiais de origem animal)

A presente categoria conceitual temática contempla a análise de fragmentos extraídos do discurso de seis participantes que associaram aspectos ecológicos e/ou preocupação socioambiental aos simulacros de materiais de origem animal em vestuário, com mais ênfase no que consideram ser “couro sintético”.

A amostragem em questão pode ser considerada menor, se comparada com outras categorias analisadas neste trabalho, nas quais houve maior ocorrência de menções aos tópicos abordados nos depoimentos e informações coletadas. No entanto, tal fenômeno se deve, ao menos em parte, à espontaneidade com que o assunto foi tratado, pois, neste caso, não houve estímulo que direcionasse a introspecção dos respondentes à temática, por parte do pesquisador, em qualquer das técnicas de coleta de dados utilizadas.

A ideia de que, em comparação com materiais de origem animal aplicáveis ao vestuário, seus simulacros artificiais seriam, em geral, ambientalmente mais amigáveis, foi pontuada por apenas um dos seis respondentes desta categoria, tal como observa-se no trecho: *Acho que os simulacros de animais, além de lindos, mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal* (RQI-86).

Em contrapartida, mais especificamente em relação a um tipo de material, os relatos dos demais respondentes atribuíram ao que conhecem por “couro sintético” aspectos negativos ao se referirem, isoladamente, à sua composição e derivação do petróleo, suposto envolvimento de mão-de-obra explorada em seu processo de manufatura, não biodegradabilidade e durabilidade. A origem fóssil e não renovável do poliuretano que compõe muitos dos materiais popularmente conhecidos como “couros sintéticos” demonstrou ser preocupante, como mostra

a seguinte passagem: (...) o material mais utilizado na fabricação de couros sintéticos é o poliuretano, PU, que é um derivado do petróleo e a extração do petróleo também é responsável por danos ambientais terríveis (RQI-89).

Semelhante ressalva foi feita pelo respondente RGI-68, com o adendo de que, no processo de obtenção do petróleo, estaria implícita a morte indireta de animais, além da provável origem chinesa da matéria-prima que também caracterizaria problema socioambiental:

eu uso sintético, mas vocês têm que ver uma coisa: o PU, material base para a maioria dos sintéticos é oriundo do petróleo e a extração do petróleo mata muitos animais marinhos... Outro agravante é que a maioria dos sintéticos vem da China...

Já para a participante RUE-97, fabricante de bolsas artesanais veganas, o material seria considerado menos ecologicamente adequado por se tratar de espécie de plástico não biodegradável:

(...) nem vou trabalhar mais com bolsas de couro sintético, porque... é sintético, mas não é ecologicamente correto... ele vai cair no solo e vai poluir por anos. (...) Hoje em dia, eu compro o tecido porque não tenho mais necessidade do sintético... Por uma questão ecológica, acho que o tecido a natureza vai 'comer' mais rápido... e o sintético não! Não deixa de ser um tipo de plástico!

Todavia, nota-se, no trecho recém-transcrito, que a respondente não especifica a composição do tecido que julga ser ambientalmente mais amigável que o referido “plástico” que compõe o “couro sintético”. Tal observação permite inferir que, considerando que existem tecidos tão derivados de petróleo e feitos de plástico quanto o referido material sintético com aspecto de couro, a preocupação ecológica da usuária se baseia em conhecimentos mais culturais, em relação à ideia de sustentabilidade, do que técnicos, quanto às matérias-primas que utiliza na confecção dos acessórios voltados para o público vegano.

Aspectos ecológicos seriam igualmente preocupantes para o internauta RGI-34, pois, devido ao fato de ter que descartar e consumir novos calçados de “couro sintético”, em função de sua baixa durabilidade, caracterizaria, para ele, um problema ambiental: (...) os sapatos vegans estão durando cada vez menos e isso é ecologicamente incorreto.

Por fim, sem pormenorizar os motivos, para a usuária RUE-122, simulacros artificiais de couro animal não lhe seriam interessantes, entre outros aspectos, por seu impacto no meio ambiente: (...) *é uma coisa que não me interessa, esteticamente, ecologicamente...*

Diante das preocupações socioambientais levantadas por estes usuários, foi percebido que, de acordo com a maioria das opiniões aqui expostas, simulacros de materiais de origem animal confeccionados em matérias-primas sintéticas, sobretudo com aspecto visual de plástico, estariam associados a impactos ambientais negativos. No entanto, isto não quer dizer que todos estes usuários não consumam, para fins de vestuário, o que consideram ser “couro sintético”, derivado do petróleo. Demonstra, apenas, certa consciência em relação aos efeitos prejudiciais ao meio ambiente que estes materiais poderiam causar.

4.1.1.11.

Analogias com a alimentação

(aspectos associados à construção de **analogias** e **paralelos** com a ideia de simulacro de **alimentos** de origem animal)

Ao serem abordados quanto a aspectos e implicações associados à ideia de simulacro em materiais de origem animal aplicados ao vestuário, muitos dos respondentes, em momentos de introspecção, fizeram associações à dialética da aceitabilidade de alimentos considerados como sendo vegetarianos estritos, ou seja, sem ingredientes de origem animal, mas que arremedam características (tais como aparência, sabor, olfato, textura e até nomes semelhantes aos de tais iguarias) de pratos tradicionalmente conhecidos por conterem derivados de animais. Analisa-se, aqui, seleção de fragmentos extraídos dos depoimentos de usuários veganos, fontes de dados que forneceram respostas a este subproblema.

Alguns respondentes consideraram a questão dos simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, no âmbito da moda, como análoga à existência de alimentos veganos como “carne de soja” ou “carne vegetal”, por exemplo, como verifica-se nos comentários transcritos a seguir: *É que nem comer*

alimentos de soja que imitam pratos feitos com carne, que nem usar uma jaqueta de couro (fake), por exemplo... (RGI-77), (...) do mesmo jeito que tem gente que acha um absurdo 'carne vegetal'... (RUE-94) e Entendo sintéticos da mesma forma que entendo 'carne de soja', por exemplo... (RGI-60).

Em semelhante comparação, a existência de simulacros na alimentação seria objeto de recusa, dispensável em função de dificultarem a desconstrução de padrões alimentares previamente estabelecidos dos quais, por razões ideológicas, são contrários: *É que estamos falando só de vestuário, mas, na alimentação, tem gente que não gosta de coisas tipo coxinha, carne de soja, para não ter a conotação do original... (RUE114) e:*

Eu comecei a fazer esse tipo de comparação em relação à comida e depois comecei a ligar isso com a questão da vestimenta. Se eu não como mais carne e leite, porque eu teria que ter, disponíveis para mim, comidas que se parecem com carne? Eu comecei a ter uma certa recusa em relação a isto. Então eu penso em outros alimentos que não precisam, necessariamente, ter a aparência ou sabor de carne para satisfazer o desejo da carne que não está mais na minha dieta (RUE-116).

A similitude de alguns alimentos passíveis de serem classificados como veganos, em relação a outros derivados de animais, de acordo com a usuária vegana RUE-109, seria tão repugnante quanto imitações feitas em materiais sintéticos, fidedignas à materiais de origem animal, presentes em peças de vestuário:

Alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... (...) é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida...

Já para a respondente RUE-96, no vestuário, a questão do simulacro de derivados de animais seria uma preocupação menos discutida na esfera do vestuário do que na da alimentação: *Eu sei que tem veganos que têm resistência às imitações na alimentação... coxinha, que lembra frango... eles não gostam... Na vestimenta, eu acho que é menor essa preocupação..., enquanto para RUE-115, a discussão no campo da moda, seria um assunto inédito, até então:*

Inclusive até mesmo na alimentação mesmo, para você ver, né? Ahh, lembra carne... Sei lá, alguma coisa que lembra carne, ou mesmo o gosto e tal... ou o nome mesmo, colocam um nome parecido e aí o pessoal não curte porque parece ... No vestuário eu não cheguei a ver não...

Além de sensoriais, aspectos semânticos de nomenclaturas utilizadas para designar alimentos sem ingredientes de origem animal, mas que simulam pratos tradicionalmente conhecidos como não veganos, foram lembrados como sendo questão tão polêmica quanto a dos simulacros de materiais de origem animal presentes no vestuário de veganos:

O assunto é polemica entre veganos, uns discordam com o nome, outros não se importam. É como no caso da alimentação, que há os alimentos como 'carne' de soja, 'salsicha' vegetal, 'bife' de glúten.... Levar o mesmo nome, similaridade, formato eu não vejo problemas, desde que não haja absolutamente nada de origem e exploração animal. Pois a anos a sociedade já usa couro (no caso seu objeto de pesquisa) e porque não usar o 'couro' sintético-vegetal? Eu usaria e falaria o nome: couro sem crueldade! (RQI-82).

Para a respondente RUE-111, esta discussão seria uma questão meramente terminológica, em que nomes como “couro”, “queijo” e “leite” seriam utilizados de modo a reportar a referências culturais já consolidadas como sendo parte do senso comum de indivíduos:

A imitação é um produto sintético, a gente chama de “couro”, mas deve ser por convenção, igual como quando a gente chama de “queijo”, sei lá... “leite de girassol”..., mas não é leite... É a mesma coisa que o queijo que a gente faz...

Corroborando com este raciocínio o depoimento do vegano RUE-99, proprietário de um restaurante vegano da cidade de São Paulo:

(...) é a mesma coisa na alimentação: você pode fazer uma ótima comida vegana... aí chega a hora de você dar nome, tem que dar o nome de uma comida que a gente já conhece... Aí tem gente que fala –“mas, não chame isto de salsicha!” Como é que eu vou chamar? Cilindro de proteína vegetal? Não fica apetitoso... Mas se você fala 'salsicha vegana', o pessoal fala: 'ahh... salsicha eu lembro! Quando era criança, comia salsicha...

O vegano salienta que tais associações em nomenclaturas, neste caso, de alimentos veganos, seriam muito mais atraentes aos consumidores, em função de experiências anteriores com derivados de animais, do que denominações completamente isentas de referências e tradições:

No nosso restaurante, tem dias que inventamos pratos novos, do zero e, se os clientes não gostarem, terão de comer Yakisoba! Já nos dias que sempre temos feijoada ou paella veganas, as pessoas vão de olhos fechados, até os que não são veganos! Percebe? É um medo que as pessoas têm, mesmo... Se você fala 'vou fazer gnocchi', a pessoa saliva, porque têm isso na memória!

Ainda segundo RUE-99, trata-se de utilizar referências culturais como alternativas ao consumo de produtos de origem animal, o que não necessariamente contribuiria para a perpetuação das mesmas. Para ele, implicar com a questão dos simulacros seria algo insignificante, pois, consideráveis mudanças do *status quo* só ocorreriam, paulatinamente, ao longo das gerações, ao passo que, agora, nos primórdios do estabelecimento de uma cultura propriamente vegana, os simulacros teriam papel fundamental:

São referências culturais... as gerações futuras já vão conhecer comidas diferentes, não será necessário fazer salsicha vegana, porque não será aquele tipo de comida que os avós faziam... Ainda não existe uma cultura vegana, por enquanto, só há uma discussão sobre o assunto... Implicar com as imitações é uma bobagem! Sempre vai existir queijo, mas, um dia, será queijo vegetal... isso um dia irá mudar, mas nem vou estar aqui, vivo, para ver esta realidade. São mudanças culturais que a gente não consegue acompanhar numa vida.... Precisamos dessas referências afetivas das gerações... a comida da avó, da mãe... Não podemos, simplesmente, tirar essas coisas... isto tem que ser substituído de maneira natural! Este purismo, é uma ilusão... agora, não é a época de a gente criar refinamentos de comportamento, idiosincrasias, dificuldades...

Ao reconhecer a importância dos simulacros para a expansão do veganismo, o vegano conclui com outra analogia: *A carne de soja é como aquele ativista chato: você tem que aturar ele porque muita gente só aderiu ao veganismo por causa dele, foi a porta de entrada!*

De maneira semelhante, os comentários a seguir ratificam a concepção de que arremedos de derivados de animais, seja na alimentação, seja no vestuário, funcionariam como substitutivos veganos imprescindíveis para satisfazer desejos e necessidades baseados em hábitos praticados antes da adesão ao veganismo, em função de referências culturais presentes na “memória afetiva” dos indivíduos:

Eu acho que usar sintético é mostrar que pode ter um casaco de couro sintético que imite o animal, sendo uma opção sem crueldade. Assim como os leites/queijos vegetais. Só que eu acho que no caso do leite/queijo vegetal, a pessoa tem que ter uma desconstrução de que não vai ser igual aquele queijo vindo de exploração, não tem como imitar. Já as roupas sintéticas, têm(RGI-2);

“Assim como alternativas veganas à pratos que contém carne: dá para viver sem? Dá! Mas como muitas pessoas não aderem ao veganismo por considerar algo não conveniente, que tornemos o veganismo conveniente. Via de regra, ao optar pelo veganismo, é

necessária uma mudança grande de hábitos, isso espanta um pouco quem simpatiza com a ideia. Por isso vejo o couro sintético, o churrasco de glúten, o bife vegetal, e outras coisas do gênero, como fundamentais para uma menor mudança dos hábitos diários, mas que tenham um efeito vantajoso para o respeito a vida e liberdade dos animais.” (RQI-89).

Corroborando com a mesma acepção da ideia de simulacro a opinião da respondente RQI-88:

Assim como na alimentação vegana, onde muitos de nós têm desejo de comer "imitações" de carne e laticínios - muitas vezes por algo que chamamos de memória afetiva -, isso também se dá com roupas e acessórios de couro/penas, por exemplo, pois formamos nossos estilos pessoais enquanto ainda não éramos veganos e utilizávamos esses materiais.

Apesar de reconhecerem os simulacros em questão como alternativas úteis para a aceitação da ideia de abstenção do consumo de produtos originários de animais, tanto na alimentação, quanto no vestuário, parte dos respondentes levantou questionamentos quanto à sua utilização como sendo, ainda que indiretamente, potencialmente incitador do consumo dos derivados de animais com os quais se assemelham: *“Esse tema é sempre polêmico. E ainda ponho mais lenha na fogueira: se pele e couro sintéticos estimulariam o consumo das versões animais, comidas que imitam carne, leite e derivados também o fariam? Não tenho opinião formada sobre isso...” (RGI-4) e:*

Não me dá vontade de comprar couro sintético porque parece com couro. Se fosse assim, não deveríamos mostrar fotos de hambúrgueres e bolos veganos.... Na minha opinião, é bom porque mostra para nossos conhecidos que existe sim opção bonita e sem morte de animais. (...) estamos acostumados a sermos bombardeados com carne, hambúrguer, chocolate.... Então, ver alguém comendo chocolate, dá vontade de comer chocolate (...). Ver alguém dentro dos padrões de beleza, usando certa roupa vai dar vontade de comprar, porque recebemos essas mensagens na mídia, muito mais forte do que das pessoas que vemos passar na rua. Nesse ponto, concordo: o uso atrai (RGI-7).

Nesse contexto, o hipotético incentivo à perpetuação da ideia de utilização de animais como produtos, em virtude de sua alusão por meio de simulacros, variaria de acordo com os diferentes tipos e funções dos mesmos:

(...) é a mesma coisa da alimentação, né? Você vai pegar os embutidos, a coisa que vai reproduzir a carne animal, proteína de soja, seitan com glúten.... Você olha também e ah..., mas, tá uma coisa que reproduz um animal? Eu acho que não, se é uma

alternativa que não tem dor, não tem sofrimento... Não vejo problema, não... Agora, eu já vi foie gras, foie gras vegano! Aí eu falei: 'pô, qual a necessidade de um foie gras vegano?' Aí sim representa (RUE-121).

Já para RUE-121, não haveria implicações morais e práticas negativas no consumo de simulacros de alimentos não veganos, com exceção da versão vegana da iguaria *foie gras*, originalmente feita do fígado de patos, cujo processo de obtenção é visto por muitos veganos como sendo excepcionalmente cruel. Tais diferenças, segundo o internauta RGI-30, se manifestariam de acordo com a visibilidade do consumo destes simulacros. Para ele, se feito de maneira menos pública e mais reservada, no caso dos simulacros veganos de alimentos de origem animal, não promoveria o consumo de alimentos não veganos:

Se alguém come uma pizza vegana de aparência igual à de uma pizza comum, por exemplo, em casa ou em um restaurante vegano, NÃO incentiva ninguém a comer algo com ingredientes de origem animal, nem fortalece a ideia de que bichos podem ser usados...

4.1.1.12.

Alternativas

(aspectos associados à consideração de simulacros como **alternativas** percebidas como válidas de substituição de materiais de origem animal)

Foram analisados, nesta categoria temática, comentários de usuários veganos em que materiais artificiais que partilham, propositalmente ou não, de características estéticas e/ou funcionais semelhantes às de materiais de origem animal, foram considerados como alternativas ao consumo de derivados de animais em vestuário. Comentários em que estes tipos de simulacros são bem vistos, pelo fato de serem isentos de componentes animais, emergiram com recorrência dentre os dados, como é o caso do comentário transcrito a seguir, do usuário RUE-102, vendedor de bolsas e calçados de uma marca vegana: *Em se tratando de uma imitação, eu vejo como uma alternativa. Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa.... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace...*

Além de alternativas possíveis para substituição de materiais não condizentes com os princípios ideológicos de veganos, de acordo com os relatos de participantes, a seguir, esta categoria de materiais teria, também, a função de, indiretamente, passar a ideia de que a prática do veganismo seria algo menos complicado do que outros indivíduos poderiam imaginar, uma vez que haveria outros materiais não atrelados ao que consideram ser sofrimento animal, porém, tão belos e/ou funcionais quanto os naturalmente derivados de animais: *Acho que é uma ótima forma de demonstrar que podemos ter roupas sem sofrimento e ao mesmo tempo muito bonitas (quando bem-feitas)* (RQI-87) e *Eu acho que usar sintético é mostrar que pode ter um casaco de couro sintético que imite o animal, sendo uma opção sem crueldade* (RGI-2).

Neste contexto, corroboram com semelhante dedução os seguintes relatos: *acho que também é uma maneira das pessoas saberem que tem como fazer um sapato, uma blusa de frio, sem usar o animal. É uma alternativa* (RUE-101); *(...) sinto orgulho de usar algo que não tenha sofrimento animal e ainda mostre alternativas para isso!* (RQI-86); *Acho uma ideia bacana, pelo menos não tem aquela coisa da exploração animal... mostra para a galera que tem outros tipos de materiais que podem substituir os de origem animal, entendeu?* (RUE-120); *Poxa eu uso muito e faço questão de usar até para dizer que é falsa e que é linda (quando me perguntam) ... Sou estilista, minha marca é vegana e faço questão de mostrar as alternativas que temos!* (RGI-14); *Acho importante investirmos em materiais sintéticos parecidos ou idênticos a eles... mostra que podemos facilmente substituir os mesmos* (RGI-4) e *É bom porque mostra para nossos conhecidos que existe sim opção bonita e sem morte de animais. (...) como eles vão saber se não usarmos? Ou como vão entrar na discussão se nenhum vegano usar?* (RGI-7).

Além disso, para outros respondentes, esta classe de materiais seria considerada válida para consumidores não veganos ou recém-veganos, habituados ao uso de peles ou couro derivados de animais, por exemplo. Ratificam esta dedução os comentários: *Há também que se pensar nas pessoas não veganas e que apreciam esse tipo de material: caso tenham acesso a algo sintético de qualidade, muitas podem abandonar o material equivalente de origem animal em favor do simulacro* (RQI-88); *Acho que faz sentido, sim, ter pele falsa... quem sabe*

pessoinhas como Beyoncé e Kim Kardashian resolvem largar as peles e comprar esses casacos lindérrimos da Stella McCartney? (RGI-13);

Eu acho bom para as pessoas que estão acostumadas a comprar esses materiais, só que de origem animal. Porque tem gente que gosta de estética do couro. E aí você fala que o couro é errado, que causa sofrimento e que tem um parecido que não causa a mesma coisa... Eu acho que é válido pelas pessoas que estão acostumadas a usar produtos de origem animal (RUE-96)

(...) eu acho que atrai o público que pode ver que tem algo parecido e ele não precisa utilizar algo de origem animal, ele usaria a forma sintética... e é bonito também... Eu acho interessante, assim, porque agrada, além do público que já não consome nada de origem animal, acho que também acaba agradando quem consome e também pode ser uma alternativa para quem está “em transição” (RUE-115).

Neste caso, percebe-se que, diferentemente de outras situações discutidas em categorias deste subproblema, como, por exemplo, “evocação ao material de origem animal”, analisada no subitem 4.1.1.6, deste subproblema, o fato de os simulacros serem parecidos com materiais de origem animal seria um aspecto positivo que poderia agradar, inclusive, figuras públicas e influentes que fazem uso de peles verdadeiras. Agradar a este público consumidor seria visto, por RGI-13, como uma finalidade que justificaria a oferta de casacos de pele sintética como os da marca inglesa Stella McCartney, conhecidos por seu alto grau de fidedignidade em relação às peles animais.

Em se tratando de consumidores veganos ou não, a similitude entre alguns tipos de materiais artificiais e outros de origem animal seria considerada um aspecto interessante destes simulacros, uma vez que poderia suprir a demanda por materiais de indivíduos apegados à estética e/ou funções de determinados derivados de animais, sem, no entanto, como colocou o usuário RQI-89, colaborar com a morte de animais: *Pode ser bom, porque supre uma demanda. O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético... (RUE-100), (...)* se a pessoa sente a necessidade de continuar usando alguma coisa relacionada a isto, é uma boa saída... (RUE-110) e: *Acho, aliás, uma possibilidade interessante para quem gosta/gostava de usar couro animal, mas não quer mais colaborar com a morte de animais para fins humanos (RQI-89).*

Semelhante opinião também foi identificada nos seguintes comentários: *Eu acho que as imitações ainda são necessárias, porque tem gente que ainda tem essa necessidade... É uma alternativa... Tem gente que quer uma bolsa que pareça couro, um brinco que pareça uma pérola... Um tecido que se pareça com a pele de um animal...* (RUE-97); (...) *é válido porque dá a opção de a pessoa substituir o produto animal por um vegetal. A pessoa que não quer usar o couro da vaca, pode usar o couro vegetal...* (RUE-94) e *A Stella McCartney (...) tem muita coisa que é muito igual... E isso é legal porque atrai um público que tem poder aquisitivo superior, que quer algo que tenha qualidade...* (RUE-114).

Além disso, segundo os participantes RGI-7 e RGI-70, o uso de tais arremedos artificiais poderia contribuir para mostrar que estes seriam mais vantajosos em relação aos materiais de origem animal, entre outras coisas, pelo fato de terem, em geral, custo inferior, como demonstram, respectivamente, nos trechos que seguem: *Podemos dar a eles uma opção fashion, mais barata e vegana e Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!*

Já para o respondente RQI-86, versões artificiais de materiais de origem animal seriam, entre outras coisas, mais belas e ambientalmente mais amigáveis: *Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal.*

Para a jovem respondente alemã, RUE-1119, que frequentava um evento vegano em suas férias no Brasil, apesar de serem, indiscutivelmente, mais apropriados que materiais oriundos de corpos de animais, simulacros desta natureza seriam desnecessários, uma vez que já existiriam diversas opções para finalidades semelhantes: *Imitações são, certamente, melhores do que os materiais verdadeiros produtos de origem animal, mas... honestamente, eu não preciso disso... há uma grande variedade de outras opções...*

Para três, dos vinte e cinco respondentes que contribuíram com suas percepções acerca dos simulacros nesta categoria temática, mais do que evocativos da estética

de materiais associados a sofrimento de animais, estes seriam alternativas válidas em substituição de funções práticas de peças como calçados e agasalhos.

Explicitam estas atribuições os comentários: *Pra mim, é positivo, sempre! Ter alternativas para jaqueta, sapato, não só tênis, mas, roupas mais sociais, livres de crueldade animal, pra mim, eu acho válido, sempre... sem problemas...* (RUE-121), *Na minha percepção, em relação à moda, é muito mais do que ter uma semelhança de aparência, de imitação mais fiel possível ao que seria a pele de um animal.... É que você possa ter acesso a roupas e calçados éticos, confortáveis e bons de usar* (RUE-116) e:

Existe uma outra loja, chamada “Vaute Couture”, é de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã, porque, você sabe, a gente veste casacos bem grandes para suportar o frio, e eles são sempre feitos de lã (de origem animal) ... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes, quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico! (RUE-113).

Ainda que reconheça a função destes tipos materiais artificiais como opções ao consumo de derivados de animais em vestuário, contribuindo para a redução de seu consumo, ao mesmo tempo e contraditoriamente, para a jovem vegana RUE-108, certamente contribuiriam para incentivar o consumo dos materiais que poderiam vir a substituir: *“O vegano não quer que um bichinho vire uma bolsa ou um sapato... Eu acho que a imitação faz com que as pessoas ainda façam isso. É uma opção, mas estimula, com certeza!”*

A questão da possibilidade de promoção do consumo de materiais de origem animal, por meio do uso de materiais que remetem a características estéticas dos mesmos, foi discutida com mais profundidade em categoria conceitual especificamente dedicada ao assunto, denominada “Incentivo ao consumo”.

4.1.1.13.

Funcionalidade

(aspectos associados à **funcionalidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Neste grupo de dados analisados, foram agrupadas informações quanto a aspectos associados à funcionalidade de materiais artificiais semelhantes aos de origem animal, em vestuário de usuários veganos, que emergiram análise das comunicações dos participantes. Embora tenham contribuído para iluminar as indagações deste subproblema ao todo 131 usuários, foram encontrados aspectos relevantes quanto ao sentido funcional de simulacros desta categoria de materiais no discurso de apenas 6 destes participantes.

Ainda que com pequena amostragem, o “couro sintético” foi o material mais lembrado por ser dotado de atributos funcionais por 4 dos 6 respondentes. De acordo com a fala de uma senhora de classe média, embora não se declare apegada às imitações, justamente por sua semelhança estética com os materiais de origem animal, o uso de material sintético com aparência de couro, em calçados, é tão difundido que, para ela, é difícil evita-lo. Por isto, neste caso, seu uso seria aceitável, como pode ser averiguado em um fragmento de seu discurso: *“couro sintético, eu até uso porque você tem que usar uma bota... é uma exceção, porque não tem como acabar não usando... são muitos sapatos, botas... aí eu não tenho problema em usar!”* (RUE-105).

Mais importante que as configurações estético-formais do material sintético com aspecto de couro, para a respondente RUE-104, senhora proprietária de uma pequena loja de artigos veganos em São Paulo, o que lhe interessa é sua funcionalidade, em especial quanto à sua propriedade isolante térmica: *“na verdade, a gente não imita... eu, pelo menos, busco uma coisa prática... O couro sintético é quente, então... o que imita não é a beleza, é mais a funcionalidade do produto...”*. Tal atributo é também mencionado por dois outros respondentes: *“(...) fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquenta muito...”* (RQI-92) e *“eu gosto muito do couro sintético porque é um tecido bem macio e geralmente leve, protege da chuva e esquenta muito”* (RGI-7). Além disso, nesta última fala, de uma jovem

internauta, é também atribuído ao “couro sintético”, como característica funcional, sua impermeabilidade.

Quanto à função de proteção em relação ao frio, materiais semelhantes, porém substitutos da lã de ovinos, foram lembrados por dois usuários veganos como úteis em ocasiões de baixas temperaturas. Para o vegano RUE-118, ainda que se assemelhe à lã animal, sua funcionalidade é o que mais lhe importa: *“a imitação da lã é interessante porque é um material que vai te aquecer no frio... Não é porque eu quero lembrar da lã da ovelha...”*.

Figura 44: Coleção de vestuário apropriado para proteção contra frio intenso, da marca vegana norte-americana Vaute Couture.¹⁴

Fonte: Vaute Couture (2016).

Por outro lado, além de ressaltar a utilidade dos simulacros da lã animal, em materiais considerados veganos, em ocasiões de frio extremo, para uma jovem vegana RUE-113, brasileira radicada em Nova Iorque há quinze anos, é interessante que sua beleza seja equivalente à sua funcionalidade e que, a primeira, estaria associada à sua semelhança com os materiais convencionais, derivados de animais. De acordo com sua declaração:

¹⁴ Disponível em: < <http://vautecouture.com/collections/vaute-outerwear> >. Acesso em: 08 jul. 2016

existe uma outra loja, chamada 'Vaute Couture', é de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã, porque... você sabe... a gente veste casacos bem grandes para suportar o frio e, eles são sempre feitos de lã (de origem animal) ... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico!

Percebe-se, nos relatos acima, que, apesar da aparente semelhança com os materiais de origem animal, propriedades isolantes de temperatura e impermeabilidade do couro e da lã sintética, para parte dos respondentes, sobrepujam suas funções estéticas, para eles, menos importantes e, por isso, justificariam sua utilização.

4.1.1.14.

Qualidade e durabilidade

(aspectos associados à ideia de **qualidade e durabilidade** dos simulacros de materiais de origem animal)

Apresenta-se, nesta categoria conceitual, a análise de trechos extraídos da narrativa de alguns dos participantes, em que foram explicitados aspectos associados à qualidade e/ou durabilidade de simulacros artificiais de materiais de origem animal como a lã, peles e, sobretudo, o couro.

Em relação ao que é conhecido por lã sintética, apenas uma senhora vegana, comerciante de simulacros veganos de alimentos de origem animal, a mencionou. Para ela, a lã composta de acrílico seria dotada de propriedade física vantajosa, por preservar, após sucessivas lavagens, suas fibras em mais bom estado, em relação ao material derivado de animais: *a lã animal enche de pelo, mas a lã acrílica não enche de pelo! Isso é super bacana!* (RUE-101).

Imitações de peles de animais foram, do mesmo modo, citadas por apenas uma participante, RUE-100, estilista de uma pequena marca de vestuário vegana. De acordo com a usuária, estes tipos de simulacros teriam seus aspectos de qualidade, diretamente associados à fidedignidade em relação às peles oriundas de corpos de

animais, seja no que diz respeito à sua aparência, seja quanto à resistência da fixação das fibras sintéticas na superfície têxtil, se comparada ao mesmo comportamento na pele animal. Para ela, a qualidade superior de peles de animais seria proporcional a seu preço, ressaltando que poderiam custar até mais do que peles genuinamente animais, importadas da China: *Essas peles artificiais, as mais incríveis, são muito caras... Já a pele de cachorro e de gato, verdadeiras, são muito baratinhas, vêm da China... São bem mais baratas que pele artificial vagabunda...*

Com exceção das duas impressões acima, predominaram, dentre os depoimentos, percepções de qualidade e durabilidade de materiais artificiais que remetem ao couro animal, como pode ser verificado nas discussões a seguir. Para os respondentes a seguir, a durabilidade deste tipo de produto sintético seria sinônimo de qualidade que, por sua vez, estaria satisfazendo suas necessidades e/ou expectativas: *eu tenho algumas coisas sintéticas, mas elas duram anos* (RUE-118), *(...) a durabilidade, para mim, é a mesma* (RGI-76) e *(...) tenho algumas coisas de couro sintético e são grossinhas, até... têm uma durabilidade boa* (RGI-39). Nota-se, ainda, que nesta última fala, a noção de razoável durabilidade estaria condicionada à espessura mais grossa do material e que, de acordo com a internauta RGI-76, seu parâmetro de qualidade resultaria da comparação com a durabilidade do couro animal.

Em contrapartida, para os respondentes a seguir, o mesmo material sintético, quando comparado ao couro animal, teria qualidade inferior, em função da percepção de sua durabilidade em calçados e bolsas: *eu tenho um sapatênis de couro sintético que atende às minhas necessidades, por mais que tenha uma durabilidade menor...* (RUE-112); *(...) os sapatos vegans estão durando cada vez menos...* (RGI-34); *Foda mesmo! Tenho que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par de sapato sintético a cada dois meses. Não dura nada...* (RGI-25); *cansei de comprar uma bolsa a cada seis meses...* (RGI-13) e *canso de comprar bolsa sintética que começa a descascar antes do tempo... justamente por ser de couro sintético...* (RGI-19). Observa-se, neste último trecho transcrito, indício de que a avaliação da resistência da superfície do material se daria por meio da comparação com as mesmas propriedades do couro originário de animais e que, por se tratar de um produto sintético, este inconveniente já seria algo esperado.

Já na opinião de outros participantes, haveria diferentes tipos de simulacros artificiais do couro animal, com qualidades igualmente distintas, variando de acordo com sua marca e/ou fabricante ou seu custo: *as pessoas têm a impressão de que o couro sintético não tem qualidade mas, dependendo da marca, tem sim!* (RUE-111); *Eu tenho uma jaqueta vegana de couro ecológico... foi um pouco cara, mas muito boa!* (RUE-117); *A última que ouvi de um sapateiro foi: um rolo de couro sintético nacional custa igual a um caminhão de sintético chinês... a qualidade é proporcional ao preço* (RGI-68) e:

A Doc Martens [marca estrangeira de botas de couro com alguns produtos sem materiais de origem animal] tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos... (...) meu namorado comprou um na Renner ou C&A [lojas nacionais de varejo de moda] que estragou em menos de um mês... Acho que vale a pena o investimento num mais caro. (RGI-55);

Ainda em relação ao custo do material, para o usuário vegano RUE-120, o termo “sintético” estaria diretamente associado ao pré-conceito de que se trataria de um produto barato, por parte de vendedores de lojas de calçados. Seu preço inferior, em comparação ao do couro animal, para ele, poderia ser indicativo de qualidade proporcionalmente inferior: *(...) a qualidade talvez não seja tão boa, né?*

Outra queixa relacionada à qualidade do material em questão foi também ponderada tendo como parâmetro o grau de dificuldade para se fazer sua higienização, o que repercutiu negativamente nas considerações estéticas feitas sobre seu calçado de couro sintético: *(...) aquele coturno... a cor fica encardida e não há produto que faça voltar ao original* (RGI-27).

Além de aspectos associados ao desempenho do material em suas funções de uso, para a usuária RUE-110, haveria tipos distintos de couros sintéticos, com qualidades distintas. De acordo com suas considerações, quanto mais fidedignos às características do couro animal, mais satisfatória seria sua qualidade, fazendo destes simulacros sintéticos praticamente indiscerníveis do material derivado de animais, exceto quando diferenciados por meio de aspectos sensoriais como o tato e o olfato: *o couro não legítimo, que seja de qualidade, vai parecer muito com um*

legítimo... Você só vai perceber se você tocar nele, sentir o cheiro... aí é diferente... Se ele for de qualidade, as pessoas não vão perceber...

Percebe-se que, em geral, as acepções de qualidade e durabilidade de materiais sintéticos com atributos funcionais e estéticos semelhantes aos de couros provenientes de animais, são mensuradas a partir de comparações com características de couros animais, independentemente de serem resultantes de experiências anteriores, ou de pré-conceitos culturalmente estabelecidos em relação a materiais sintéticos que emulam (em diferentes graus) propriedades do couro animal.

4.1.1.15.

Demanda comercial

(aspectos associados à **demanda comercial** por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal)

Nesta categoria temática, apresenta-se a análise alguns fragmentos selecionados da fala de respondentes em que foram detectados significados que denotaram a procura por alguns tipos de materiais artificiais que reproduzissem características estéticas e/ou funcionais presentes em materiais de origem animal aplicados em peças de vestuário. Foram mencionados materiais isentos de origem animal alternativos à lã e ao couro proveniente de animais, sendo que, este último, se demonstrou predominante dentre a totalidade de menções inerentes ao conceito de demanda comercial em questão.

Materiais artificiais que caracterizam simulacros de materiais de origem animal, aplicados no vestuário de veganos, são vistos, por muitos deles, como alternativas para substituir funções práticas de materiais derivados de fontes das quais optaram por não mais usufruir. Como pode-se observar nos comentários a seguir, há procura por materiais sintéticos que possam suprir propriedades como isolamento térmico em agasalhos contra o frio e calçados para proteção da pele dos pés, em calçados especificamente voltados para a prática de dança do ventre, atualmente encontradas em objetos que incluem componentes animais em sua composição: *Pode ser bom,*

porque supre uma demanda... (RUE-100), Amorxs, alguém aqui pratica dança do ventre? Gostaria de encontrar uma “sapatilha aranha” que não fosse de couro ou camurça... “Ajudaê!” (RGI-33) e Precisamos de coisas que realmente nos aqueçam e, se as coisas sintéticas estão fazendo isto, não sei (RUE-113).

Além da necessidade por opções veganas que desempenhem funções práticas de matérias-primas originárias de animais, este apanhado de citações analisadas explicita, também, a ocorrência de demanda pelo apelo estético específico do couro animal: *Muito difícil achar um sapato bonito sem ser de couro, tá foda! (RGI-16), Sou louca por uma bota coturno e as pragas do povo parecem que não sabem fazer na vida um couro fake, aff... (RGI-20) e Sapato “é osso!” Sou apaixonada por mocassim e a maioria é de couro.... Me sinto péssima, comprei porque a menina disse que era sintético, mas, duvido muito... (RGI-22).*

A aparente formalidade atribuída à estética do couro, sobretudo em calçados, com o objetivo de adequação social, mais profundamente discutida na categoria conceitual “adequação social”, na seção 4.1.16, deste subproblema 1, aparece, aqui, como algo supostamente necessário em ocasiões como festas de casamento e, com mais recorrência, em ambientes corporativos, em que há certo padrão visual no vestir a ser seguido: *casamento, para o sapato, eu comprei um de couro sintético... É o único que eu tenho lá em casa [risos]... eu quase não uso, só quando tem convenções assim. Como não tinha escolha, tive que comprar... (RUE-121) e (...) sapato de couro, eu tenho porque preciso usar, às vezes, no trabalho... dependendo da ocasião eu preciso usar sapato de couro, até mesmo cinto, roupa social... são esses produtos que eu preciso que tenham uma aparência artificial... (RUE-114).*

Outros apontamentos de usuários respondentes denotam dificuldades na obtenção de simulacros sintéticos do couro dotados de, entre outras características, estética, durabilidade e qualidade razoavelmente equivalentes às que consideram ser intrínsecas do couro animal aplicado em sapatos sociais, carteiras e cintos: *(...) quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro (RUE-110); Entendemos a dificuldade de achar sapatos veganos... (RGI-24);*

(...) *Foda mesmo, tenho que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par de sapato sintético a cada dois meses (RGI-25) e:*

Quem mais precisa trabalhar de sapato social e pena para encontrar sapatos bons e bonitos que não sejam com couro animal? Já procurei demais, mas, na maioria das lojas que entro, pergunto e o vendedor já avisa que todos são de couro natural. Alguém conhece uma loja para a gente, em São Paulo? Sei que existe um modelo ou outro vendido pela internet, mas, sapato por internet não rola, não dá para experimentar (RGI-54).

Como ressalta o último usuário mencionado, RGI-54, apesar de já existirem lojas virtuais voltadas para a comercialização de calçados veganos, para ele, neste caso, seria imprescindível a interação física com este tipo de produto antes da compra, de modo que pudesse avaliar mais do que a origem do material e sua estética, se, de fato teria medidas compatíveis com as de seus pés ou, então, o quanto seria confortável para si.

Também em relação às dimensões do calçado de material artificial, com aspectos visíveis semelhantes aos do couro, de acordo com o respondente do gênero masculino, RGI-35, encontra-los em tamanhos grandes seria uma tarefa trabalhosa:

Alguém sabe onde encontrar sapato social tamanho grande (47) que não seja de couro? Já mandei e-mail para o Vegano Shoes [marca nacional de calçados veganos comercializados pela internet], mas eles não têm.... Não faço ideia de onde encontrar =/.

De acordo com os depoimentos coletados, notam-se indícios da ideia de que haveria menor oferta de simulacros artificiais do couro em sapatos sociais voltados para o público masculino, se comparada à quantidade de opções voltadas para mulheres, como pode ser observado nos comentários a seguir: *Calçados masculinos... tenho a maior dificuldade para encontra-los. Hoje mesmo acabei comprando de couro e me sinto péssimo. Foi a última vez, eu juro em nome da minha bichice! (RGI-21); Para homens, é bem mais complicado... Novamente, falo por mim, mas não é impossível achar um sapato, um cinto, uma boa carteira, de qualidade razoável, dando uma procurada online nas lojas menos conceituadas...(RGI-28); Tem mais imitação em vestuário feminino... (RUE-112) e:*

Meu marido precisa de sapato social para trabalhar, passou dias procurando e não encontra de jeito nenhum! Não é vaidade, é necessidade! Um amigo palestrante, outro dia, esqueceu o cinto e precisou comprar outro na hora... fomos a todas as lojas do shopping

e não encontramos nenhum local que vendesse! Para homem, é mais difícil! (RGI-23)

A necessidade de reprodução de aspectos funcionais do couro animal para finalidades ainda mais peculiares, porém, não menos relevantes, tornou evidente a carência por substitutivos veganos de vestuário técnico especificamente voltado para resguardar a integridade física de seus usuários, tais como: acessórios adequados à prática de motociclismo, luvas de proteção das mãos no manejo de animais e de calçados técnicos, chamados de EPI (equipamento de proteção individual), obrigatórios e necessários em certas atividades laborais.

No que concerne à utilização de couro sintético em substituição de couro, observa-se que, no diálogo entre internautas veganos de rede social, a versão artificial, feita de plástico, que alude ao material de origem animal a que se referem, não seria adequada pela possibilidade de comprometer sua segurança, ao invés de resguardá-la:

Preciso de luvas para andar de moto e não quero as de couro. Porém, me disseram que couro, neste caso, é a melhor opção, porque é o único material que protege a mão em caso de acidentes. Alguém sabe mais sobre o assunto? (RGI-56)

Só um adendo muito importante sobre SINTÉTICOS x MOTOS: não usem couros sintéticos para andar de moto! É muito perigoso! Ex.: o couro animal faz você “deslizar” no asfalto e não aquece... já o sintético, aqueceria até queimar a pele! Então, se forem andar de moto, procurem outros tecidos para jaquetas! (RGI-47)

Em relação às luvas de proteção das mãos da respondente internauta vegana, RGI--38, estudante de Medicina Veterinária, podemos citar:

Sou estudante de veterinária e (...), para manuseio de animais exóticos, preciso comprar uma luva com raspa de couro... Alguém conhece alguma alternativa? Não consegui achar de couro sintético... fui ver o tecido, mas, é muito mole e relativamente fino...

No caso de outro internauta de grupo vegano em rede social, também estudante, sua demanda seria por um calçado técnico próprio para sua participação com segurança em aulas realizadas em cozinhas industriais:

Estou em busca há um tempo, mas até agora não encontrei e não consegui nenhuma informação: preciso encontrar sapato técnico branco para cozinha (sapato de bidensidade), pois terei aula prática em laboratório no próximo mês. No entanto, em todos os lugares

que vi, todos os sapatos são feitos de couro =(. Se alguém souber se existe sapato técnico vegano e onde posso encontrar, agradecerei imensamente, pois seria um tremendo desgosto ter que usar couro =/.

Quanto ao vestuário técnico, muitas vezes, de uso obrigatório no ambiente de trabalho de alguns dos respondentes citados, fica evidente tanto a existência de demanda por opções veganas que ainda não tem sido suprida, quanto a falta de materiais artificiais que emulem propriedades de resistência características do couro de origem animal, de modo que, assim, possam vir a substituí-lo.

Ratificam esta interpretação os comentários de participantes transcritos a seguir, que caracterizam relatos da necessidade de materiais sintéticos que pudessem vir a substituir tais tipos de equipamentos de proteção individual: *Quando eu trabalhava na Eletro Paulo, era obrigado a usar uma bota de couro, super resistente , com biqueira de aço, que não havia substituto sem materiais de origem animal (RUE-99); Alguém sabe me informar algum site para comprar bota de segurança para construção civil, sem couro animal? (RGI-36); (...) o cara usava bota de couro no EPI... é foda, EPI não tem choro, é necessário e ponto final. Na melhor hipótese, o cara poderia conversar com o técnico responsável e tentar achar um substituto, mas até isso acontecer... (RGI-60); Já pesquisei bastante: em relação aos EPIs, na maior parte das situações, não há substitutos veganos disponíveis no mercado(RGI-67) e:*

Onde eu posso encontrar botinas de EPI com biqueira que não sejam feitas de couro? Eu tenho que usar botina todo dia e não quero usar de couro, mas, é bem difícil achar de outro material. Obs.: não serve botinhas de trilha, tem que ser EPI atendendo à norma e com biqueira(RGI-15);

4.1.1.16.

Adequação social

(aspectos associados à **adequação social** de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal)

Esta categoria conceitual temática compreende, sob o ponto de vista dos participantes envolvidos, circunstâncias nas quais usuários veganos afirmaram ser mais propensos à utilização de vestuário que contém simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, para fins de adequação social. Nas comunicações analisadas a seguir, foi observado que o uso de versões sintéticas semelhantes e, ao mesmo tempo, alternativas ao couro originário de animais aplicado em peças de vestuário, sobretudo calçados, estaria associado a certo sentido de conformidade com o a função estética e utilitária atribuída ao couro, em vestuário convencional, utilizada para adequação de seus usuários em determinadas ocasiões e ambientes em que, geralmente, há um tipo específico de código do vestir a ser seguido.

A necessidade de compatibilidade com certo protocolo do trajar vigente em situações e ambientes específicos é percebida, pelo participante RUE-93, como o que o induz à busca por imitações de materiais de origem animal. Segundo seu depoimento, *as ocasiões que pedem roupas formais são, para mim, as que mais demandam o uso de simulacros.*

A ideia de formalidade, que implica adequação social, estaria associada ao uso de materiais sintéticos com aparência de couro, como pode ser verificado no comentário da usuária jovem RUE-93: *via de regra, se o ambiente é mais formal, você usa um sapato de couro sintético...*

Situações em que se deve seguir um padrão estético no vestuário, como em festas de casamento, por exemplo, justificariam a procura por sapatos sociais de couro sintético, como pode ser percebido nos seguintes fragmentos extraídos do discurso de três jovens homens: (...) *os sapatos sociais de couro [sintético] acabam sendo exigidos na utilização de terno/smoking (RQI-83); casamento, para o sapato, eu comprei um de couro sintético... é o único que eu tenho lá em casa... quase não uso,*

só quando tem convenções assim... Como não tinha escolha, tive que comprar... (RUE-121) e (...) numa situação de ter que usar roupa social, certamente seria obrigado a usar um sapato de couro e teria que recorrer ao couro sintético (RQI-89).

Além de eventos sociais não triviais, a utilização de peças de vestuário como sapato social e cinto, ambos de couro sintético, aparentam ser itens necessários em determinados ambientes de trabalho, como comentou um usuário entrevistado que trabalha como desenvolvedor de sistemas:

(...) sapato de couro, eu tenho porque preciso usar, às vezes, no trabalho... Dependendo da ocasião, eu preciso usar sapato de couro, até mesmo cinto, roupa social... são esses produtos que eu preciso que tenham uma aparência artificial (RUE-114).

Outros participantes também corroboram com a ideia de que a adequação social em ambientes corporativos se dá, entre outros aspectos, por meio da utilização de sapatos sociais de couro sintético, em consonância com o que discorreu a jovem estudante RUE-96:

eu estava em um evento em que as meninas tinham que ir todas vestidinhas, bonitinhas e com um sapato de salto... só que eu não conseguia achar sem ser de couro... Acabei tendo que comprar um sapato de couro sintético, mas foi difícil de achar...

Relatos sobre a procura por sapatos sociais que não tenham materiais de origem animal foram recorrentes no discurso de outros quatro participantes: três do gênero masculino e uma cujo cônjuge era usuário vegano do gênero masculino. Para tais, sapatos sociais masculinos feitos com materiais alternativos, porém, semelhantes ao couro animal, são partes essenciais da indumentária utilizada para certos fins laborais.

No entanto, ambos também citaram dificuldades para encontrá-los no mercado, sobretudo exemplares com a estética e durabilidade desejadas pelos mesmos, como pode ser observado nos trechos transcritos a seguir: *Meu marido precisa de sapato social para trabalhar e não encontra de jeito nenhum! (RGI-23); (...) quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro (RUE-110); Quem mais precisa trabalhar de sapato social e pena para encontrar sapatos bons e bonitos que não sejam de couro animal? (RGI-54) e (...) complicado mesmo...tenho*

que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par sintético a cada dois meses (RGI-25).

Além de sapatos considerados como “sociais”, calçados utilizados como equipamento de proteção individual (EPI), tradicionalmente confeccionados com couro animal, também foram mencionados por veganos como instrumentos de adequação à normas vigentes em ambientes de trabalho e estudo, sem, no entanto, terem encontrado simulacros compatíveis às suas necessidades, o que revela não apenas seu papel como instrumentos de conformidade social, como também a existência de demanda de produtos semelhantes em aparência, funcionalidade e durabilidade, tal como foi observado os trechos transcritos a seguir: (...) *o cara usava bota de couro no EPI... é complicado, EPI não tem choro, é necessário e ponto final. Na melhor hipótese, o cara poderia conversar com o técnico responsável e tentar achar um substituto, mas até isto acontecer...* (RGI-60); (...) *preciso encontrar sapato técnico branco para cozinha (sapato de bidensidade), pois terei aula prática em laboratório no próximo mês. No entanto, em todos os lugares que vi, todos os sapatos são feitos de couro =(* (RGI-52) e:

Eu tenho que usar botina todo dia e não quero usar de couro, mas é bem difícil achar de outro material. Obs.: não serve botinhas de trilha, tem que ser EPI atendendo à norma e com biqueira (RGI-15);

Sob outro ponto de vista, para a respondente internauta de rede social, RQI-87, o uso de imitações de couro e peles de animais seria fomentado por certa pressão social e, portanto, o uso de alternativas sintéticas seria mais acessível e viável, como pode ser observado em seu discurso:

(...) acredito que na sociedade em que vivemos realmente há uma pressão para nos vestirmos com roupas que (no mínimo, aparentam ser) caras e mais exclusivas, e os simulacros podem realmente passar essa ideia, uma vez que pele e couro originais são produtos caros.

É importante frisar que, nos relatos acima, embora tenham sido mencionadas acepções de estética, durabilidade e demanda, considerações mais profundas quanto a estes aspectos são discutidas em categorias conceituais específicas como “estética”, “qualidade e durabilidade” e “demanda comercial”, respectivamente nos subitens 4.1.1.2, 4.1.1.14 e 4.1.1.15, deste subproblema.

4.1.1.17.

Preço

(aspectos associados ao **custo** dos simulacros de materiais de origem animal)

Foram levantados aqui aspectos que revelam o sentido de custo material associado à esta classe de simulacros. Dentre os fragmentos de conversas selecionadas, o couro sintético foi preponderantemente mencionado, enquanto peles sintéticas foram lembradas por seu valor monetário uma única vez, por apenas um dos quatorze participantes que, com seus relatos, participaram da composição desta análise.

Diferentes acepções foram dadas acerca do valor pecuniário atribuído ao couro sintético. Como pode ser percebido nos trechos que seguem, para as internautas RGI-4 e RGI-65, respectivamente, o couro animal seria, via de regra, mais caro do que sua alternativa não derivada de animais: (...) *e o preço, lógico. Nada que for feito com couro verdadeiro vai sair com um valor mais em conta*” e *“couro costuma ser mais caro que sintético...*

Outros participantes também corroboraram com esta ideia ao suporem que o baixo custo do material sintético seria um atrativo que poderia estimular seu consumo em substituição ao couro animal, argumento evidenciado nas seguintes passagens: *eu uso tanto a pele, quanto couros sintéticos. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!* e (...) *eu adoraria que os simulacros conquistassem o mercado (quer pelo preço mais acessível, quer pela moda, não importa) e se tornassem preferência.*

A ideia de que o material teria custo acessível é também citada por estes usuários: (...) *opção fashion, mais barata e vegana* (RGI-7), *É mais barato!* (RUE-101) e (...) *vou comprar um coturno vermelho, são lindos e baratos!* (RGI-26), sendo que, para a internauta RQI-85, seu preço seria um dos principais fatores determinantes para a decisão de sua aquisição: (...) *não uso couro falso para me enquadrar em algo, uso por achar bonito ou barato.*

A associação deste material sintético a um preço necessariamente inferior ao do couro animal é vista, segundo usuário jovem que trabalha no comércio de simulacros veganos alimentícios, por vendedores de lojas, como critério de seleção do produto, independentemente da ausência de componentes de origem animal em sua composição: (...) *eles acham que pelo fato de você estar procurando por um [material] sintético, você está querendo um mais barato!* (RUE-120).

Por outro lado, há relatos de usuários a respeito do alto custo, não apenas do couro sintético, como também das peles artificiais: (...) *fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquenta muito e paguei caríssimo nela* (RQI-92) e (...) *essas peles artificiais, as muito boas, as mais incríveis, são muito caras...* (RUE-100). Nesta última proposição, percebe-se que há distinção entre a qualidade do material e que esta repercute em seu custo, tal qual nesta narrativa de uma jovem vegana de classe média: *Eu tenho uma jaqueta vegana... (...) Foi um pouco cara, mas muito boa* (RUE-117).

Nesse contexto, outros internautas compartilharam da percepção de que, ao menos quanto ao material semelhante ao couro, porém, não derivado de animais, há opções com qualidade e durabilidade distintas, as quais estão diretamente correlacionadas a seu custo, como pode ser examinado nesta passagem: *A Doc Martens tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos. (...). Meu namorado comprou um na Renner ou C&A que estragou em menos de 1 mês. Acho que vale a pena o investimento num mais caro* (RGI-55).

De acordo com fala transcrita acima, produtos de marcas conhecidas internacionalmente, como a *Doc Martens*, fabricante de coturnos de couro tanto animal, quanto sintético, têm qualidade simétrica ao seu preço. Já calçados semelhantes, vendidos em lojas nacionais mais populares como Renner e C&A, teriam qualidade equivalente ao seu custo inferior.

Dentre os comentários que emergiram em relação a este assunto, destacou-se o de um usuário internauta, cujas informações advieram de suas pesquisas pessoais em relação à problemática: *A última que ouvi de um sapateiro foi: um rolo de couro sintético nacional custa igual a um caminhão de sintético chinês... e a qualidade é*

proporcional ao preço (RGI-68). Na busca de informações que o ajudassem a compor espécie de guia para ajudar seus colegas veganos a discernirem materiais sintéticos do couro animal, ao consultar um sapateiro, obteve o parecer de que sua qualidade estaria diretamente relacionada a seu custo e que, este último, por sua vez, estaria associado à origem chinesa de sua fabricação.

4.1.1.18.

Confusões terminológicas

(aspectos associados a **confusões terminológicas** em relação a simulacros de materiais de origem animal)

Esta categoria temática analisa a seleção de fragmentos extraídos do discurso de respondentes nos quais foi percebido razoável grau de desconhecimento não apenas quanto à nomenclatura de alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal aplicáveis em vestuário, como também indícios que denotam incertezas sobre a origem de alguns materiais. Tal instabilidade em relação às suas terminologias mais adequadas (cuja composição estes usuários acreditam não conter componentes animais) se demonstra pertinente a este estudo não pela mera confusão de termos técnicos, mas, sim, pela possibilidade de implicar consumo indesejado, ainda que despercebido, de produtos incompatíveis com a ideologia do veganismo, adotada por este público.

Observa-se, pois, nos depoimentos a seguir, que, mesmo em havendo grande variedade de materiais sintéticos que fazem alusão a derivados de animais, estes usuários, aparentaram reconhecer a existência de poucos exemplos de simulacros de materiais de origem animal e, sobretudo, admitem não dominar as terminologias utilizadas para referi-los. Independentemente da noção exata dos termos utilizados comercialmente em referência a tais tipos de simulacro, os comentários acima denotam a consciência de que há materiais sintéticos que remetem ao couro, peles e plumas de animais: (...) *eu não entendo muito de materiais, mas tem tecido, plástico que lembra couro...* (RUE-99); (...) *tem courino que parece um couro, né? Imitação das plumas... é que eu não conheço, assim, de materiais.... Acho que o que mais vejo são esses... Não conheço outros...* (RGI-95); *Só conheço o couro*

sintético... porque tem também um que tem um tipo de pelinho... mas eu não sei o nome... esses são os que eu mais vejo... (RUE-97); (...) *eu não sei te dizer o nome do material, mas... tem couro sintético... tipo de pele que não é pele, é falsa...* (RUE-105) e *Que eu me lembro, jaqueta de couro sintético... couro vegetal é de sapato, né?* (RUE-104).

De acordo com o relato da participante RUE-103, mesmo admitindo conhecer pouco a respeito de materiais em geral, para ela, o radical “vegetal” vinculado à palavra “couro”, já seria, por si só, fator suficiente de distinção do couro animal: *eu sei que tem “couro vegetal”, mas eu não sei o que é um couro vegetal...(...) eu sei muito genericamente as informações porque eu vou “tipo... ah, não é animal...” eu só me preocupo meio que com isso, entendeu?*

Em busca bibliográfica não exaustiva acerca da composição do referido material, verificou-se que, acordo com o *site* da marca de calçados com alegações éticas e ecológicas, “Taygra” (201?), além de Colerato (2016) e Castro (2013), o termo “couro vegetal”, diz respeito a um material têxtil composto de lona de algodão revestida de látex derivado de árvores seringueiras da floresta amazônica, isento de componentes animais.

A partir da análise do discurso dos respondentes deste subproblema, foi percebido que o termo “couro ecológico” estaria associado a tanto a materiais derivados de animais quanto a outros que poderiam ser considerados como veganos. Contribuem para esta acepção os comentários a seguir: *o couro ecológico é de algodão? É o courino, né? Que é vegano...* (RUE-96); *Couro sintético, acho que é “couro ecológico”, né, que eles falam... couro sintético... eu até tenho uma jaqueta disso...* (RUE-122); (...) *imitação do couro, o couro sintético, o couro ecológico, tecidos com imitações de peles... acho que essas coisas, assim...* (RUE-117) e *Alguém sabe me dizer se tem camurça não animal? Se couro ecológico é animal mesmo, ou sintético? Como diferenciar couro animal de não animal? Pois fui na Centauro [loja de varejo de moda especializada em vestuário esportivo] e o vendedor deu certeza de que esses dois tênis não possuíam couro animal* (RGI-51).

Mesmo em se tratando de consumidores e não de especialistas, conhecimentos superficiais quanto à composição de materiais com aspectos estético-formais semelhantes a materiais de origem animal, em concomitância com razoável falta de habilidade para se discernir as diferenças físicas entre estes produtos, poderiam incorrer em aquisição não intencional de derivados de animais, como é percebido nos seguintes fragmentos: *eu tenho uma jaqueta vegana, de couro ecológico... foi um pouco cara, mas muito boa! Eu não tenho nenhum problema em usar porque eu sei que nenhum animal sofreu para que eu possa obter aquele produto...* (RUE-117) e *Sou estilista, minha marca é vegana e faço questão de mostrar as alternativas que temos! Também uso muito o couro ecológico e faço questão de dizer que é ecológico e mostrar como alternativa também* (RGI-14).

Vale ressaltar que tais confusões terminológicas não são indícios suficientes para que se possa inferir que, por este motivo, os usuários veganos mencionados acima tenham adquirido couro animal como sendo sintético. Tais equívocos poderiam ser exclusivamente de ordem conceitual, haja vista que, para alguns veganos, conforme verificou-se na categoria conceitual “critérios de seleção”, analisada no subitem 4.1.1.20, deste subproblema, haveria diferenças entre imitações e alguns tipos de couros derivados de animais que possibilitariam sua distinção, pelo fato de serem, em geral, perceptíveis por meio de sentidos como o tato, olfato e visão, por exemplo.

No entanto, a possibilidade de confusão em relação ao termo “couro ecológico” foi identificada com mais notoriedade nos comentários: *Eu quase caí nessa de ‘couro ecológico’, ontem... A gerente da Arezzo [grife e franquia de lojas de calçados predominantemente confeccionados com couro animal] da minha cidade me disse ontem que tem uns lá que não são couro mesmo, mas disse que eram de couro ecológico... daí eu fiquei com um pé atrás...* (RGI-16) e *Pior que tentam te enganar dizendo que, na verdade, pode ser de “couro ecológico”, “rs”* (RGI-75).

Já os respondentes RGI-7, RGI-18, e RUE-109 demonstraram ter noções um pouco mais aprofundadas em relação à composição do material denominado “couro ecológico”, ainda que teoricamente discrepantes, como pode ser observado nestes fragmentos: *Tem couros sintéticos e outros que são chamados de ‘couros*

ecológicos’. Descobri, recentemente, a diferença entre eles... O sintético não tem nada animal... (RGI-7);

Couro ecológico não existe (...) Na verdade, ‘couro ecológico’ é o nome que deram para borracha da Amazônia, que imita bem o couro natural, mas é usado mais para solas e vem da seringueira... Os sapatos são feitos de material sintético a partir do petróleo (PU ou polypropylene). Inclusive, por lei, é proibido falar “couro ecológico” para descrever qualquer produto de material sintético. Ou é couro (que vem da vaca, porco, ovelha, avestruz, etc.) ou é material sintético (RGI-18) e

(...) couro sintético que eles chamam, né? Acho que só esse... que eu uso e que eu compro alguma coisa, acho que só... Eu evito porque não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Algumas pesquisas que fiz sobre o que é um couro ecológico... o couro ecológico continua sendo de origem animal, mas eles pegam os restinhos do couro e fazem um “couro ecológico...” (RUE-109).

De acordo com os relatos acima apresentados, embora o aparente e/ou alegado grau de informação em relação à composição e origem dos materiais varie de acordo com cada respondente, parece não haver dúvidas em relação ao fato de o termo “couro sintético” não se tratar de material derivado de animais. No entanto, em relação ao que alegam ser “couro ecológico”, há divergências não apenas no discurso dos respondentes, como também entre teorias quanto à sua composição e processo de produção.

Por meio de busca preliminar de informações em relação à composição do material assim denominado, opiniões de diferentes fontes revelaram-ser igualmente dissonantes. Segundo Eliana Castro (2013), articulista do Blog “Beleza Vegana”, “Couro ecológico” seria um termo utilizado para designar um tipo de couro animal cujo processo de curtimento utiliza substâncias ambientalmente mais amigáveis, como taninos vegetais, ao invés de metais pesados como o cromo, conhecido por ser altamente poluente. Já para a articulista do blog “Modifica”, voltado, entre outros assuntos, para questões relacionadas a veganismo, feminismo, sustentabilidade e moda ética, Marina Colerato (2016), o termo já foi utilizado em referência tanto a materiais de origem sintética, quanto vegetal, porém, não animal. Ela afirma que trata-se de “(...) uma nomenclatura confusa, então é preciso sempre confirmar o que a marca quer dizer com couro ecológico, já que o termo, mesmo sendo proibido, ainda é usado.” Ainda segundo Marina:

Por lei, a palavra “couro” só pode ser usada para descrever peles de animais. Os termos “couro sintético” e “couro vegetal” têm uso proibido no Brasil. Em inglês, você pode encontrar os termos *faux fur*, *patente leather* ou *man-made-material*, todos para designar material sintético. Por aqui, a nomenclatura usada para materiais provenientes do petróleo é “material sintético” (PU, polietileno ou PVC). (...) Couro natural é simplesmente couro. Por conta da variedade de materiais e nomenclaturas, marcas que trabalham com couro passaram a usar o termo “couro natural” ou “couro legítimo” (COLERATO, 2016).

Diferentemente da visão de Colerato (2016), o termo “couro ecológico” é utilizado por Veiga (et al., 2013) em referência à pele de peixe tratada por processo de curtimento de menor impacto ambiental em relação a outros métodos mais tradicionais. Neste breve apanhado de conceitos atribuídos ao termo “couro ecológico”, percebe-se que há disponíveis, no meio virtual, concepções distintas quanto à composição dos materiais assim denominados. A existência de informações tão discrepantes entre si, poderia, de certa forma, exercer parcela de influência sobre o entendimento acerca destes materiais, por parte dos usuários em questão.

Além disto, haveria possibilidade de tais confusões também advirem de construtos culturais. Uma vez que a indústria pecuária estaria associada a impactos ambientais negativos, poderia ser subentendido que o termo “couro ecológico” não seja seu subproduto, mas, sim, oriundo de fontes alternativas como vegetais ou até sintéticas, justamente pela dimensão semântica intrínseca ao radical “ecológico”, que evoca o sentido de algo ambientalmente mais amigável. Em contrapartida, como foi observado na categoria conceitual “preocupações socioambientais”, analisada na seção 4.1.1.10, deste subproblema 1, o material conhecido como “couro sintético”, derivado do petróleo, também estaria associado à poluição do meio-ambiente, o que faz desta constatação apenas uma hipótese.

4.1.1.19.

Credibilidade questionável de informações

(aspectos associados à **carência de credibilidade de informações**

a respeito dos simulacros de materiais de origem animal)

São demonstrados aqui, a partir da análise de trechos selecionados do discurso de alguns participantes, indícios de instabilidade quanto à veracidade das informações contidas em produtos de vestuário que contêm materiais sintéticos semelhantes aos de origem animal. Nesta categoria, com exceção da passagem de uma usuária vegana entrevistada, foram indexados majoritariamente fragmentos de comentários de postagens de internautas membros de grupos veganos em rede social da internet. Tais dados advieram da vivência de usuários reais que compartilharam suas dúvidas, experiências e impressões quanto ao consumo de simulacros de materiais de origem animal em vestuário de veganos.

Incertezas quanto à verdadeira composição dos simulacros de materiais de origem animal se manifestam não apenas pela falta de especificações precisas em embalagens, como também pela dubiedade de informações presentes em etiquetas de alguns produtos. Ratificam esta interpretação os trechos selecionados das discussões de internautas, membros de grupos veganos de rede social e de uma usuária entrevistada, a seguir: *couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem... falta um pouco de informação...* (RUE-109); *Passei na Zara hoje e, na mesma bota tinha duas etiquetas: “faux fur” (pele falsa) e “couro legítimo”...* (RGI-1) e, ainda:

O que mais existe são produtos chineses baratos e com pele verdadeira. Não são de grife, mas são baratos. Aqui no grupo mesmo já foi alertado para termos cuidado ao acharmos que estamos adquirindo pele falsa, porque nem todas são... Lojas Marisa mesmo, vendem pele baratíssimo (RGI-3).

De acordo com os relatos transcritos acima, observa-se que há certa carência de credibilidade nas informações contidas em etiquetas de composição de produtos, até mesmo nos comercializados em grandes cadeias de varejo de moda como Zara e Marisa. Como relatou a internauta RGI-3, contrariando a ideia de que peças com peles de animais seriam necessariamente caras, o baixo custo de peles vendidas em lojas de *fast-fashion*, como a Marisa, não seria um fator de distinção.

A jovem vegana faz referência a um caso denunciado por outros membros do grupo, em que foi descoberto que a empresa comercializou pele animal como sendo sintética. O fato mencionado, ocorrido em 2011, segundo o site do PEA (Projeto Esperança Animal), gerou grande repercussão e foi amplamente debatido em redes sociais como *Twitter* e *Facebook*. Após ser recolhido e analisado em microscópio, foi confirmado que se tratava de pele animal, possivelmente, de coelhos.

Figura 45: Cachecol com pelo de origem animal comercializado como sendo de origem sintética.¹⁵

Fonte: Projeto Esperança Animal (2011).

Figura 46: Imagens da análise dos materiais têxteis em laboratório.¹⁶

Fonte: Projeto Esperança Animal (2011).

A ausência de precisão nas informações também aparentou ser problemática para uma jovem internauta que trabalha com desenvolvimento de produtos de moda

¹⁵ Disponível em: < <http://www.pea.org.br/news/noticias01.asp?noticia=4340> >. Acesso em: 02 jul. 2016.

¹⁶ Disponível em: < <http://www.pea.org.br/news/noticias01.asp?noticia=4340> >. Acesso em: 02 jul. 2016.

e que tem a preocupação de não utilizar materiais de origem animal em seus produtos. Para ela, o problema maior se manifesta na falta de etiquetas de composição dos tecidos que adquire para o desenvolvimento de suas coleções. Segundo seu relato, em lojas de tecido há poucas informações quanto à composição dos produtos e, tampouco seus vendedores sabem lhe fornecer tais dados.

O seguinte trecho dá respaldo à esta interpretação:

Atuo na área de moda e, (...) sempre que eu verifico a composição do tecido (camurça ou couro) em alguma loja, muitas vezes vem especificado 100% poliéster, que geralmente está presente em tecidos sintéticos. Aí que está minha dúvida: não consigo nunca ter a certeza se o que vou comprar é de camurça natural ou sintética... Como eu compro matéria-prima para desenvolver o produto, é muito mais difícil ter acesso ao SAC da marca, sendo que, muitas vezes, o vendedor da loja nem sabe de onde provém aquele tecido...será que alguém consegue me ajudar nessa parte? (RGI-49)

Observa-se que, na tentativa de ajudar a solucionar o problema da jovem profissional da área de moda, outra internauta ratifica a ideia de que, em caso de dificuldade para distinção entre materiais de origem animal e artificiais mesmo quando há etiqueta de composição, informações são passíveis de serem confundidas:

Quando você vai comercializar um produto de tecido, é obrigatório estar descrito na etiqueta qual é a composição dele (ex.: 95% algodão, 5% elastano). Já o couro, não precisa. Normalmente, eles só querem enfatizar que o couro é natural ou legítimo e querem esconder quando é sintético. Se você pegar uma jaqueta que aparenta ser de couro e na etiqueta estiver escrito poliéster ou PU, ela é sintética. Mas, cuidado! Preste atenção para ver se poliéster não é o tecido do forro (RGI-50).

A suspeição em relação às informações quanto à composição dos materiais se estende também aos serviços prestados por vendedores de lojas, como pode ser conferido nos relatos a seguir:

Alguém sabe me dizer se tem camurça não animal? Se couro ecológico é animal mesmo, ou sintético? Como diferenciar couro animal de não animal? Pois fui na Centauro [loja de varejo de vestuário esportivo] e o vendedor deu certeza de que estes dois tênis não possuíam couro animal (RGI-51).

Hoje tentamos comprar um sapato social, masculino, sintético. O gerente da loja informou que, mesmo nos tais sintéticos, há uma mistura de couro animal em menor proporção, com outros elementos. Será que procede? Ao menos em lojas populares, talvez proceda (RGI-53).

Como observado nas comunicações aqui transcritas, não só há evidências de falta de clareza da origem dos materiais intrínsecos aos produtos de vestuário, em etiquetas e/ou embalagens, como também há certa desconfiança em relação às informações dadas por vendedores, como foi observado em argumentos presentes nos seguintes fragmentos: *Cada vez que chego em uma loja e peço: “tem de couro sintético?”, a pessoa tenta te empurrar o couro animal. Cansei. Agora, digo “não gosto” e tem sido melhor...* (RGI-74);

Costumo enfrentar a maior dificuldade para comprar, inclusive porque, às vezes, o material é sintético mas as vendedoras dizem que é animal para “agregar valor” (mas, de todo modo, fico receosa e não compro). E, em termos de informações claras no produto em si... pior ainda, neça de pitibiriba... (RGI-37);

Penas falsas é como o couro, se pergunta pro vendedor, ele tende a dizer que é verdadeiro pra vender mais fácil... Eu ia perguntar aqui no grupo se essas penas que vendem para fantasia são falsas, principalmente aquelas grandonas... preciso pra uma fantasia mas duvido que possam me dar uma informação confiável nessas lojinhas... (RGI-77);

É complicado mesmo! Eu, quando vou comprar um sapato, pergunto se é de couro e a pessoa vem toda empolgada dizendo que é e tals... Aí, logo eu digo que não compro nada de couro. O mais engraçado é a cara delas de decepção, hehe!!! (RGI-17).

Percebe-se, em tais declarações, além de incertezas quanto à natureza dos materiais, a persuasão de alguns vendedores com o objetivo de vender o produto, seja qual for sua composição, não só dificultaria a busca por alternativas cujos componentes poderiam ser considerados veganos, como também seria motivo de aborrecimentos para o internauta RGI-74.

4.1.1.20.

Critérios de seleção

(aspectos associados a **critérios de seleção** e distinção de simulacros de materiais de origem animal)

Esta categoria conceitual temática concerne aspectos mais associados à procura, identificação e distinção de materiais sintéticos que arremedam características de outros, porém, de origem animal. Tais acepções levantadas, de acordo com relatos dos respondentes deste subproblema, seriam parâmetros de discernimento utilizados na aquisição ou não de vestuário adequado às preferências de usuários adeptos do veganismo, quando diante de produtos que contêm simulacros de materiais de origem animal dentre seus componentes.

O fato de um material não ser originário de animais, independentemente de sua aparência, já seria, de acordo com a jovem vegana RUE-113, critério de seleção aplicado por ela na aquisição de vestuário coerente com suas convicções ideológicas, como pode ser observado na transcrição de parte da entrevista que concedeu à esta pesquisa: *Esses materiais não devem vir de animais e, contanto que não causem qualquer sofrimento, estou bem com isso! (...) no fim, o sentimento que predomina é: apenas me dê alguma coisa que não tenha vindo de um animal e eu estarei ok com isto.... Se não machucou uma criatura, na verdade, para mim, está tudo certo!* Tal ponto de vista revela, também, indícios do grau de aceitação acerca da categoria de materiais a qual este trabalho tem como escopo investigar. As gradações de sua aceitabilidade são analisadas em maior profundidade em categoria conceitual “aceitabilidade”, no subitem 4.1.1.21, deste subproblema 1.

Para a usuária RUE-97, a aparência do que é popularmente mais conhecido como couro sintético, por si só, é um atributo estético-formal que lhe agradaria e, em virtude disto, considerada como critério de seleção utilizado na aquisição de vestuário não apenas para si, como também por outros veganos conhecidos seus. Na opinião desta respondente, a procura pelo simulacro sintético do couro, geralmente, se dá mais em função de sua beleza e menos por sua parecido com o material de origem animal ao qual se assemelha: *O pessoal não procura muito por ser parecido... esse não é o foco! Mas as pessoas gostam porque fica bonito, bem*

estruturado... não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética!

A ausência de clareza nas informações contidas em vestuário, sobretudo calçados, aparenta ser um fator que interfere diretamente nos critérios utilizados por usuários veganos na aquisição dos mesmos em lojas físicas. O relato, a seguir, da respondente RUE-96, aponta que a postura persuasiva de vendedores com o intuito de promover atributos culturalmente associados ao couro animal, como sendo sinônimos de qualidade em produtos, seria parâmetro utilizado para que tal produto fosse preterido da possibilidade de aquisição, valendo-se da dúvida, independentemente do grau de incerteza quanto à origem do material:

Você chega numa loja e... couro, para os vendedores, é sinônimo de coisa boa, de qualidade. (...) é até difícil de comprar, às vezes, têm em que não está escrita a composição na embalagem, por conta desse negócio de acharem que se é de couro, é de qualidade... às vezes, nem é couro, mas, se você pergunta se é couro – porque, eles não sabem que você não vai comprar se for de couro –, eles falam que é de couro sim, só para você levar e você acaba não levando...

Compartilha desta percepção o depoimento do vegano RUE-122, que também menciona a associação do couro animal à um produto de qualidade superior como sendo argumento utilizado no discurso de vendedores de lojas de calçados. A fim de evitar semelhante situação, como critério de seleção, procura por produtos que, em seu julgamento, nitidamente não seriam advindos de corpos de animais. Como enuncia o usuário:

eu direciono minhas compras para produtos que eu já sei que não têm nada de origem animal, que são bem óbvios, que eu não vou ter que ficar me preocupando em procurar se aquilo é couro mesmo, ou se é sintético... porque, às vezes, você vai comprar um calçado e.... —mas isso tem couro? Aí, os próprios vendedores, né.... Couro é um produto de qualidade, então: — sim, tem couro!, daí você fala que não gosta e.... — ah, não, então, não! Então, eu já nem procuro mesmo, por uma questão de não correr o risco de comprar alguma coisa que não seja, de fato, sintética...

Na intenção de evitar a oferta de couro animal, por parte de vendedores de lojas que o consideram como sendo material geralmente interessante aos consumidores, por suas propriedades intrínsecas, a falsa alegação de intolerância do próprio organismo em contato com o material, seria, para a internauta RGI-66, estratégia utilizada para

excluí-lo do rol de produtos a serem oferecidos por vendedores, tal como é explicitado no fragmento: *quando tenho dúvidas ao comprar, digo que sou alérgica à couro: funciona!*

Como observado no fragmento de um internauta, membro de grupo em rede social cujos assuntos abordados são relacionados à filosofia do veganismo, RGI-59, o *preço também ajuda a diferenciar*. A partir da análise deste fragmento selecionado, foi percebido que o valor comercial do produto é um elemento considerado na distinção de um material sintético, de outro de origem animal com características estéticas, formais e/ou físicas semelhantes. Para o respondente RGI-4, também participante do mesmo grupo virtual, materiais sintéticos tenderiam a ser mais baratos do que os de origem animal aos quais se parecem e, portanto, tal condição seria um aspecto que o auxiliaria a identificar se a matéria-prima do produto derivaria ou não de animais: (...) e o *preço, lógico! Nada que for feito com couro verdadeiro vai sair com um valor mais em conta!*

Corroborar com esta ideia o trecho extraído da fala do usuário de aproximadamente 45 anos, RUE-120, que relatou ter dificuldades para adquirir calçados de couro artificial em lojas físicas. Para ele, além de desconhecerem o significado do termo “vegano”, vendedores tendem a interpretar a procura por produtos que não contêm materiais que não são de “couro legítimo” como sendo indícios de busca por itens mais baratos, como pode ser verificado no comentário:

*Aí fui lá na loja e pedi por um de couro sintético. Se eu falar ‘vegano’, o pessoal entra em choque! Para buscar calçado, eu faço compras na internet... Quando vou à loja, em Guarujá-SP, lá, talvez, sim, é mais difícil... Você não pode pedir por ‘vegano’, tem que pedir por “sintético”! Eu pergunto se tem uma versão... porque eles acham que o fato de você estar procurando por um [material] sintético, você está querendo um [produto] mais barato! Aí você vai explicar todo o cenário que envolve você buscar um produto de origem que não seja animal... vai começar a conversar e ela [a vendedora] vai perder o foco, ela quer vender... eu já falo:
— tem isso?*

Nesse contexto, está implícito que há mais objetividade e êxito na busca por calçados de couro sintético em lojas virtuais, que em físicas. Esta diferença parece se manifestar em virtude do desconhecimento em relação ao significado do termo “vegano” por parte dos vendedores.

Embora, no que diz respeito aos critérios de seleção e distinção de materiais artificiais, de materiais de origem animal, apenas três usuários tenham se referido ao preço do produto como diferencial e, por dois deles, seja aceitável a ideia de que o custo de simulacros sintéticos do couro seja, geralmente, inferior ao do couro animal, em outras categorias conceituais analisadas neste subproblema – tais como: “qualidade e durabilidade” e “estética”, respectivamente discutidas nos subitens 4.1.1.14 e 4.1.1.12, deste subproblema –, fragmentos extraídos de comentários de usuários, em relação à tais aspectos, revelaram que, ao contrário da impressão relatada nesta categoria, produtos de couro sintético também são considerados caros e sua qualidade seria proporcional ao custo dos mesmos. Dado o exposto, recomenda-se a observação, por completo, das demais considerações tecidas em relação à aceção de valor pecuniário do couro sintético.

Dentre os aspectos levantados como sendo critérios utilizados para identificação de simulacros de materiais de origem animal em vestuário de veganos, destacou-se o uso do olfato. De acordo com os relatos transcritos a seguir, o hábito de cheirar produtos que, dentre seus componentes, contém materiais com aparência de couro animal, ajudaria os usuários citados abaixo a discernirem, ao menos, se a matéria-prima seria de origem animal ou não: *Claro que eu reconheço, por causa do cheiro...* (RUE-109); *Uma das coisas que ajuda a diferenciar é o cheiro. O couro tem um cheiro bem particular, apelativo, para alguns (eu, particularmente, sempre odiei), que o sintético não tem...* (RGI-4); *Eu peguei essa mania de cheirar bolsa, sapato, etc., porque o cheiro do couro não tem como enganar!* (RGI-17); *É muito fácil identificar quando é couro legítimo e quando não é. Couro legítimo tem um cheiro de pele que não passa, mesmo se você lavar, deixar no sol... O couro sintético não tem isso, é um cheiro meio neutro, diferente...* (RUE-110) e *Outra dica é cheirar; o couro tem um cheiro bem característico, não tem como errar* (RGI-18).

Entretanto, o hábito de sentir o cheiro do material é apenas um, dos diversos meios adotados para identificar o tipo de sua provável fonte, de acordo com as declarações feitas pelos respondentes. *Roupa e bolsa são fáceis de descobrir se são de couro ou não na hora de comprar. Além do cheiro característico, estes itens possuem a informação da composição do material na etiqueta...* (RGI-46). Como observado

neste fragmento, ao menos em peças de roupas e bolsas, as informações contidas em etiquetas de composição aparentam ser úteis para instruir o consumidor quanto à origem da matéria-prima. Ainda que, em relação a calçados, tal item descritivo, amplamente difundido em peças de vestuário, não tenha sido mencionado, o trecho a seguir, de outro internauta, revela que, ocasionalmente, os dizeres contidos no próprio calçado poderiam fornecer informações quanto à sua composição.

Todavia, o fato de a presença de informações suficientemente esclarecedoras em relação à composição do sapato não ser uma constante, para o respondente RGI-18, o olfato ainda seria o recurso mais confiável: *(...) procurar aquela etiqueta impressa na sola ou dentro do sapato, que indica o tamanho, também pode ajudar porque, às vezes, fala a composição do produto. Confia no olfato e se joga hahaha!* Outra observação pertinente, em relação à etiqueta de composição, foi feita pela internauta RGI-50. Para ela, no caso de peças com forro, é preciso se atentar para que a informação quanto à composição do material externo não seja confundida com a do interno, fazendo com que o consumidor a interprete como sendo correspondente à totalidade da peça: *Se você pegar uma jaqueta que aparenta ser de couro e estiver escrito poliéster ou PU, ela é sintética. Mas, cuidado! Preste atenção para ver se poliéster não é o tecido do forro...*

O odor relatado como sendo característico de materiais de origem animal é, segundo a usuária RGI-29, tática utilizada para reconhecimento da composição de insumos desconhecidos. Neste caso, para que se possa sentir ou não um cheiro considerado como próprio de matérias-primas derivadas de animais, é necessário que se faça um simples teste de queima de parte do material. Ainda que de baixa complexidade, tal experimento se revela não muito conveniente pela possibilidade de danificar o produto. De acordo com a participante: *Pra saber identificar, dá pra queimar... Se tiver cheiro de cabelo queimado (por conta da proteína) é de verdade. Se tiver cheiro de plástico queimado, é sintético. Serve para diferenciar seda de cetim... Mas não é sempre que dá pra sair queimando um pedaço na loja.*

Já no caso de peles sintéticas, para a estilista de pequena marca de vestuário vegano, RUE-100, um indício da natureza do material é o grau de dificuldade com que os fios, chamados por ela de “pelos”, se desprendem da superfície à qual

estavam originalmente afixados: *Quando os pelinhos saem com muita facilidade, raramente a pele é verdadeira...*

Diferentemente das técnicas sobreditas, para o usuário RQI-89, a observação do lado avesso do material cuja aparência suscita dúvidas quanto à sua composição o auxiliaria a discernir sua origem: *achei dois ou três lugares onde era possível ver o verso do material e por ali se identifica se é couro animal ou não*. Contudo, no caso de calçados, por exemplo, dependendo do modelo, não há material suficientemente sobressalente de modo que seja uma tarefa simples manipulá-lo de modo que seu lado contrário seja examinado.

A análise destes diferentes artifícios utilizados no escrutínio para seleção e distinção de materiais cuja aparência remete a outros tradicionalmente conhecidos como derivados de animais, em relatos que denotam as experiências vivenciadas por usuários veganos nos atos que precedem a compra de vestuário compatível com a ideologia que compartilham, revela que, mesmo havendo – ainda que amadoras – diferentes técnicas de identificação da origem da matéria-prima destes tipos de materiais, alguns usuários demonstraram ter graus de dificuldade distintos para discerni-los, sobretudo com precisão.

Enquanto, no julgamento de alguns, o ato de cheirar material semelhante ao couro seria método suficiente para averiguar a presença ou não de componentes advindos de animais, para outros, este recurso não seria esclarecedor o bastante, uma vez que dependeria da memória olfativa de cada indivíduo em relação ao que conhece por couro animal e/ou sintético.

O fato de alguns destes fragmentos (mais precisamente, todos os referenciados com a sigla “RGI”) terem sido coletados a partir de sondagens em comentários de usuários membros de grupos veganos de rede social da internet nos quais a pauta da conversa tratava de dificuldades no discernimento da ausência ou não de derivados de animais em vestuário, aduz que, mesmo havendo técnicas amadoras, porém, muitas vezes, profícuas na identificação dos mesmos, segundo parte dos mesmos respondentes, foi percebida, sobretudo em calçados, certa

carência de informações precisamente esclarecedoras quanto à composição de todas as partes das peças de vestuário.

Ainda que haja informações quanto à composição dos materiais preponderantes da peça como um todo, em etiquetas de composição, é incomum a presença de dados relativos às matérias-primas secundárias, ainda assim, intrínsecas, como, por exemplo, é o caso de botões, que podem ser feitos de ossos bovinos ou de madrepérola; de aviamentos de ornamentação com detalhes feitos de couro ou pele de animais e de colas utilizadas em calçados à base de ligamentos bovinos, em geral, subprodutos da indústria pecuária. A ausência de completude nas informações disponibilizadas, além de possibilitar o consumo não atinado de componentes de origem animal por parte de indivíduos que procuram se abster de tal prática, faz com que os mesmos deixem de ser consumidos por outras pessoas, adeptas da mesma ideologia, ao valerem-se do benefício da dúvida, mesmo em casos em que a ausência de elementos oriundos de animais em simulacros é concomitante à insuficiência de informações quanto à sua composição.

4.1.1.21.

Aceitabilidade

(aspectos associados à questão, em si, da **aceitabilidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Apresenta-se, aqui, seleção de fragmentos extraídos do discurso de usuários veganos nos quais foi possível identificar o sentido de aceitabilidade, ou ausência dela, em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal em materiais artificiais aplicados em vestuário. Embora esta categoria conceitual também compartilhe de temática semelhante à do cerne desta investigação, isoladamente, não ilumina por completo a questão em que subproblema 1 está fundamentado. Longe de apontar um veredicto categórico quanto ao que seria, ou não, aceitável aos olhos deste público, limita-se a reunir, com equivalente relevância, aspectos associados ao entendimento de diferentes tipos de materiais desta categoria de simulacros, explicitando variáveis condicionadas à percepção dos mesmos.

Os dados aqui analisados correspondem a depoimentos que emergiram com naturalidade, seja ao longo das entrevistas em profundidade, seja espontaneamente fornecidos em comentários de usuários veganos em rede social da *internet*. Por este motivo, os participantes citados nesta categoria não correspondem à totalidade dos 122 usuários que, de diferentes formas, contribuíram para responder a esta subdivisão do problema fundamental norteador desta pesquisa, mas, sim, apenas os que mencionaram assuntos estritamente convergentes à temática em questão.

A ideia da existência de materiais não derivados de animais, que simulam características visuais destes últimos, seria aceitável para alguns usuários, como percebe-se nestes comentários: *Acho válido, uai!* (RGI-64); *Não tenho nada contra, não!* (RGI-73); *Normal...* (RGI-81); *Eu não vejo problema!* (RUE-102) e *Não vejo problema...* (RGI-11).

Outros respondentes, igualmente favoráveis, são um pouco mais específicos, justificando que, na ausência de componentes derivados de animais, não haveria objeções: *Gosto e uso! Desde que não roubemos nada dos animais, não tem problemas* (RGI-72); *(...) sendo assim, um material sintético, não vejo por que não os utilizar* (RQI-88); *Eu acho que se for sintético, não tem problema...* (RGI-2); *E tenho roupas sintéticas que adoro e uso sem problemas...* (RGI-46); *Eu uso os sintéticos e também não vejo problema nisso* (RGI-8); *Não sendo cadáver, tá de boa!* (RGI-80); *Não tem origem animal, ok!* (RGI-69); *(...) não tem nada a ver não utilizá-la, já que não é pele de animais mortos...* (RGI-58) e *Pessoalmente, não fazendo mal a ninguém, nenhum animal morrendo, não havendo falta de ética por trás, não considero um problema* (RUE-100).

Além disso, para usuários como RUE-114, RQI-86 e RUE-120, respectivamente, seriam interessantes pelo fato de se tratarem de substitutos de materiais de origem animal, que poderiam, inclusive, demonstrar, a pessoas não veganas, alternativas ao consumo de animais para fins de vestuário: *Não, não vejo nenhum problema, eu acho legal, até! Eu acho legal quando é falado 'isto aqui é uma imitação', sabe? Eu usaria!; (...) sinto orgulho de usar algo que não tenha sofrimento animal e ainda mostre alternativas para isso; Acho uma ideia bacana, pelo menos não tem aquela*

coisa da exploração animal... mostra para a galera que tem outros tipos de materiais que podem substituir os de origem animal, entendeu?

Outro argumento favorável à existência destes arremedos seria o de que sua semelhança com materiais advindos de animais seria nada além de mera representação de aspectos estéticos. Permitem esta interpretação comentários como: *Eu não vejo nada contra, sendo que não é mesmo... (...) sendo uma representação, acho bonito... é só uma forma representativa... não ferindo, não agredindo... (RUE-115); Eu considero os simulacros adequados. Eu penso: se eu acho o pelo de tal animal bonito, porque não posso fazer um material que se pareça com ele? (RQI-85); Se alguma vestimenta copia as cores de algum animal, eu acho lindo, e usaria sim, sem me sentir incomodado... (RQI-82) e Não me incomoda porque... lembra, mas não é o mesmo material... (RUE-95).*

Mais do que uma representação, de acordo com os fragmentos a seguir, seja na forma de estampas, seja por meio de texturas visuais e táteis, materiais que evocam aspectos de animais ou materiais provenientes deles seriam vistos como algo positivo, uma homenagem ao animal: *Você não vai usar a pele do bicho, mas pode usar alguma coisa que remeta a ele. Acho que é até uma homenagem! Não uso, mas não vejo problema nenhum em alguém usando estampas de bicho... desde que não seja de origem animal... (RUE-99); Eu acho que, sendo falso, é o que vale. O animal tá pouco se importando com o que a gente usa, seja em forma de homenagem a ele ou não, desde que não seja proveniente dele... (RGI-77); Adoro estampa de cobra! Estampa de onça também acho lindo! Nenhum animal morreu. Vejo como uma homenagem... (RGI-63); (...) ter na minha vestimenta coisas que lembrem o padrão de pelagem de um animal, na verdade, seria minha admiração, minha homenagem ao animal, sem usá-lo como roupa (RUE-116) e (...) sempre ouço muitas pessoas veganas falando que não usam nem mesmo estampas de bichos, porque remetem aos animais mortos e que é uma humilhação para os animais.... Vejo como uma homenagem... (RGI-57).*

Diferentemente das opiniões acima transcritas, alguns usuários demonstraram certa instabilidade, ponderando aspectos que julgam ser positivos e negativos vinculados à utilização de simulacros deste tipo. Dentre os aspectos considerados positivos,

destaca-se o fato de não implicarem, diretamente, em sofrimento de animais, além de servirem como alternativas válidas para substituição de materiais de origem animal. Em relação aos enfoques negativos, foi mencionado o fato destes simulacros evocarem ao material de origem animal de tal modo que, aos olhos de outras pessoas, poderiam ser indiscerníveis de genuínos derivados de animais, o que, indiretamente, poderia contribuir para perpetuar a ideia de que o uso destes seres, para esta finalidade, seria aceitável, perspectiva não condizente com a própria ideologia de seus usuários.

Possibilitaram a percepção deste raciocínio fragmentos extraídos do discurso de respondentes como os transcritos a seguir: *Sou contra e a favor. Sou a favor porque é falsa e não prejudica ninguém. Sou contra porque lembra a pele de um animal* (RGI-12), além de:

Eu evito usar vestuário/calçados que imitem peles de animais ou que usem imitações de penas/pelos. Mas, eu adoraria que os simulacros conquistassem o mercado (quer pelo preço mais acessível, quer pela moda, não importa) e se tornassem preferência. Precisamos deixar os animais em paz (RQI-83)

E de:

Eu acho bom para as pessoas que estão acostumadas a comprar esses materiais, só que de origem animal. Porque tem gente que gosta de estética do couro. E aí você fala que o couro é errado, que causa sofrimento e que tem um parecido que não causa a mesma coisa.... Eu acho que é válido pelas pessoas que estão acostumadas a usar produtos de origem animal. (..) eu uso normalmente, acho legal... (...) pode ser que seja um pouco ruim, porque, ainda mais uma pessoa que não conhece, ainda mais aqueles que são de “pelinho”, que parecem que é couro de boi... Talvez seja ruim pelas pessoas que não têm conhecimento, porque você não tem como saber, só olhando, se aquilo é de origem animal ou não... (RUE-96).

A presença de argumentos antagônicos em relação à aceitabilidade e possíveis implicações associadas a esta classe de simulacros, levantados em um mesmo momento de introspecção também foi identificada na fala da usuária RUE- 100, transcrita a seguir:

Essa coisa do veganismo imitando coisas onívoras, é relativa. Pode ser bom, porque supre uma demanda. O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético... (...)tem vegano que não gosta porque faz apologia, eu entendo o lado dessas pessoas.... Faz sentido... é que eu vou muito

nessa coisa 'meu, nenhum animal morreu para isso acontecer! '... E as pessoas, são especistas, os invejam, querem se apropriar da textura, do pelo, da beleza dos animais... isso não vai deixar de existir, por um bom tempo..., mas, acho que é um pouco fora da realidade exigir que o ser humano abandone, completamente, agora, a inveja que ele tem do animal.

É importante ressaltar que, grande parte das comunicações acima transcritas, não informam com especificidade a qual ou quais simulacros os respondentes se referiram, ou, então, se seriam favoráveis à ideia de simulacro de materiais de origem animal como um todo, ou, se a apenas alguns tipos de arremedos em materiais artificiais. Observou-se, ainda, no discurso de usuários como RGI-12, RQI-83, RUE-96 e RUE-100, o relato de aspectos tanto positivos, quanto problemáticos em relação a simulacros de materiais de origem animal. Contudo, em relação às possíveis implicações negativas mencionadas, não necessariamente querem dizer que sejam fatores suficientes para que usuários que as mencionaram não façam uso dos produtos dos quais se referiram ou que sejam contrários à sua utilização por outras pessoas.

Já outros respondentes, esboçaram parâmetros que definiriam o limiar da própria aceitabilidade da ideia de simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos. Em linhas gerais, embora contrários à ideia de imitação de derivados de animais, ainda que em materiais sintéticos, para dois respondentes cujos comentários foram transcritos abaixo, simulacros artificiais do couro seriam toleráveis, em virtude de sua funcionalidade e ampla difusão em peças de vestuário:

A gente vai comprar alguma coisa e tem imitação..., mas eu não acho legal. Ou é, ou não é. Não é que me incomoda. É uma questão de ser verdadeira ou não, a origem das coisas. Eu uso, de couro sintético bota, sapato, bolsa, essas coisas..., mas não concordo! Se eu fosse o fabricante, não iria imitar, eu faria alguma coisa diferente.... Não precisava imitar... eu uso porque não tem outro jeito! Não tem bota de pano, assim, que seja confortável. (...) eu tenho, no meu armário, coisas que imitam couro. Mas não sou muito a favor, não! (RUE-108).

Eu não gosto muito desse tipo de produto... Couro sintético, eu até uso, porque você tem que usar uma bota, mas, material que imita pelo de bicho, ou mesmo pele... tipo pele de cobra... eu não gosto, não é um estilo que me agrada e também por ser muito parecida com a pele do bicho... Aquilo que me lembra um bicho, eu não gosto... O couro sintético é uma exceção, porque não tem como acabar não usando... são muitos produtos, sapatos, botas... aí eu não tenho

problema em usar! Para mim, o couro sintético não é tanto um problema... (RUE-105).

Por outro lado, para alguns usuários, variações de “couros sintéticos”, cujas superfícies evocam padrões visuais e texturas táteis de materiais de origem animal como couros de cobras, crocodilos ou mesmo o couro bovino, porém, com pelos, aparentaram ser consideradas mais problemáticas do que a imitação do couro sem estampas e/ou sulcos em sua superfície. Para a respondente RUE-103, o que considera ser couro sintético seria aceitável, porém, materiais como couro sintético e até mesmo tecidos, estampados com o padrão visual da pele de cobra seriam reprováveis, por, segundo ela, estimularem a utilização de animais para tais finalidades:

eu acho ok, se você quer usar um coturno como se fosse de couro, mas que é vegano... acho bom! [Já sobre a estampa de cobra no couro sintético:] Eu não acho legal, porque você está estimulando o uso do bicho mesmo... esteticamente, acho bonito, mas, eu não usaria... é a mesma coisa a estampa de cobra no couro ou no tecido...

Diferentemente das considerações acima mencionadas, para a usuária RUE-101, haveria diferenças notáveis entre alguns tipos de simulacros que delimitariam seu grau de indiscernibilidade e, conseqüentemente, de aceitabilidade. De acordo com esta respondente, estampas e ou texturas visuais e/ou táteis de animais impressas em material conhecido como couro sintético seriam consideradas mais realistas que as presentes em tecidos:

Eu acho legal, porque, a gente ama animais... Se a gente ama, porque não ter algo similar? Gosto de estampas de bicho, são muito bacanas, uso bastante.... Tem uma diferença... você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente.... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que “pega” mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético...

Nesse contexto, foi observado que, para usuários como RUE-103, RUE-101, RUE-95, RQI-83, RUE-109 e RUE-104, quanto mais fidedignos aos materiais de origem animal forem considerados os simulacros, menos aceitáveis seriam. Exemplifica este raciocínio a fala da usuária RUE-104: *Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem. Mas, isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto....*

Entretanto, a percepção de realismo destes tipos de simulacros aparenta variar de acordo com a opinião e sensibilidade de cada participante. Se, para RQI-83, a imitação sintética do couro, provavelmente bovino, com textura mais lisa, seria aceitável, para RUE-109, arremedos do couro que considera mais fidedignos ao material de origem animal em questão, seriam suficientemente repugnantes.

Como pode ser percebido nos fragmentos transcritos a seguir, enquanto para RUE-109, imitações de couro bovino cujas texturas, ao seu ver, aludem aos poros do animal do qual a versão não sintética é derivada seriam repugnantes, para RQI-83, somente a textura do couro de crocodilo, mais evidente e peculiar, seria incômoda:

Couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem. (...) alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... Claro que eu sei reconhecer, por causa do cheiro, mas... é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida... Aqueles poros, a imitação do pelo do boi... não consigo! Não compro! Não gosto! (RUE-109)

Não chega a me incomodar porque sei que estou usando algo sintético. Mas eu não usaria uma bota imitando pele de crocodilo, por exemplo. Me incomodaria por ser bem peculiar! O sapato social é bem discreto, não dá para perceber os sulcos do couro/pele, a não ser que se analise bem de perto (RQI-83).

Já para RUE-95, a alusão à imagem do animal, por inteiro, a seria aceitável. Porém, quando apenas partes de corpos de animais como cobras são retratadas enquanto materiais, não seriam igualmente interessantes:

Adoro imagens de animais, adoro! Não vejo nenhum problema! Se é igual à pele, eu já não gosto.... Agora, se mostra o animal inteiro... É de boa, entendeu? Quando simula, eu não acho interessante... A estampa de cobra no couro sintético, eu acho estranho.... Não usaria mesmo...

Outros relatos de usuários, como os transcritos a seguir, denotam a não aceitação da ideia de simulacro de materiais de origem animal como um todo: *Eu não uso nada que lembre animais! Não consigo mais! Mas não critico quem usa sintéticos ou estampas... (RQI-61); Não tenho nada. Eu nunca tive vontade... me sinto incomodada... procuro não usar nada. Não me sinto muito confortável... (...) por opção, mesmo o sintético, prefiro não usar, abolir... (RUE-110) e Não gosto.*

Veganos até usam simulacros, mas preferem algum produto que deixe claro não ser de origem animal (RQI-91).

Para os respondentes a seguir, a ideia de simulacro de materiais de origem animal, em geral, não seria bem vista pelo fato de evocar aspectos associados aos próprios materiais derivados de animais, os quais consideram reprováveis, tais como mortes e exploração de animais: *Não quero nada em mim que lembre animais mortos. Quem usa couro sintético continua gostando do couro (aspecto, textura e forma) que um animal morto tem (RGI-40); Eu acho inadequado pois ainda que não esteja explorando o animal ainda sim explora a sua imagem! Pois são imagens ligadas a exploração (RQI-92); Acho inadequado, pois fazem alusão daquilo que não acho correto (RQI-90) e:*

(...) não gosto muito não... não gosto destes que imitam pele... não gosto de estampa de bicho, não sou muito fã, porque me lembra... na minha cabeça, você leva a entender que isso é uma coisa legal de se usar... e não é! Por isso que eu não uso, mas, nada contra quem use a imitação, se for imitação! (RUE-98).

Alguns respondentes, tais como RGI-10 e RUE-119, respectivamente, não veriam sentido e/ou necessidade no fato de materiais sintéticos parecerem imitar derivados de animais, como pode ser percebido nos seguintes comentários: *na minha cabeça não entra isso de querer vestir a pele do outro, mesmo que de mentira. Imagine fazer pele sintética de gente para usar? Tipo máscara de alguém famoso, só que de pele? Sei lá, acho muito esquisito! e:*

Imitações são, certamente, melhores do que os materiais verdadeiros produtos de origem animal, mas... honestamente, eu não preciso disso... há uma grande variedade de outras opções... eu não uso, não me interesso por isso. É uma coisa que você sabe que não é de um animal, mas você não quer usar algo que pareça com um animal... não faz o menor sentido para mim, se é que você me entende? Porque eu iria querer usar algo que se pareça com uma zebra? Apesar de não ser, não gostaria de usar nada que se pareça com uma zebra, ou um tigre.... É claro que há diferença, mas, eu teria que explicar às pessoas que vejo ou conheço, “Não, isto não é verdadeiro...”, sabe? Se você realmente quer declarar “por favor, não use isto [produtos de origem animal]!”, então, porque usar uma coisa que parece ser outra? (RUE-119).

Dentre os diversos relatos que apresentaram pertinência quanto ao limiar de aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, foram também identificados aspectos que denotam contradições ao longo do

discurso dos participantes. Para os participantes relatados a seguir, a questão do simulacro, neste viés específico, aparentou ser um assunto ainda não muito atinado, até o momento das entrevistas que, por sua vez, possibilitaram maior introspecção acerca da temática. À medida que se debruçavam sobre a temática, usuários que consideravam a ideia de simulacro de materiais de origem animal em materiais artificiais, inicialmente e em geral, aceitável e positiva, acabaram por reconhecer alguns aspectos e implicações menos plausíveis em relação a tipos específicos de simulacros.

Tal instabilidade de argumentos e convicções se demonstra mais evidente no exemplo da fala do usuário RUE-121, transcrita a seguir, na qual, a princípio, considerou esta categoria de materiais como favorável: *Pra mm, é positivo, sempre! Ter alternativas para jaqueta, sapato, não só tênis, mas, roupas mais sociais, livres de crueldade animal, pra mim, eu acho válido, sempre... sem problemas...*

No entanto, ao ser exposto a diferentes estímulos imagéticos, como, por exemplo, a fotografia de um colar metálico, com pingentes em formato de penas, fez a seguinte consideração:

Éhh, tudo bem, é metal, né... Mas, velho, remete, sei lá, você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né: você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que seja alternativo [o material], mas é simbólico... Talvez, uma pena de ferro não tenha o mesmo impacto...

Ao se referir à outra imagem, desta vez, de um pingente metálico em formato de presa, fez a seguinte observação: *Eh... pesca de baleia... ah... isso aqui, meu [tom de reprovação]... Só que é aí que tá, pra não soar contraditório com meu discurso, a partir do momento que... eu não usaria [não por uma questão de estilo, mas por não ter considerado adequado].*

Quando exposto à imagem de um tênis com estampa prateada, com padronagem semelhante à da pele de cobra, disse: *Eu não usaria porque não é meu estilo, mas remete a arrancar o couro do animal, mesmo que seja mais simbólico...* Em seguida, tendo consciência de que, *a priori*, havia considerado quaisquer formas de materiais sintéticos como alternativas válidas ao consumo de materiais de origem animal, fez a seguinte ressalva: *Não posso ser incoerente com meu discurso... se a alternativa é*

válida... Mas, é feio, você vai lembrar automaticamente da pele do animal, é sim, é verdade...

Semelhante incongruência de argumentos foi identificada nos comentários da jovem vegana RUE-117 que, em primeira instância, também considerou a categoria de simulacros em questão aceitável: *eu não tenho nenhum problema em usar porque eu sei que nenhum animal sofreu pra que eu possa obter aquele produto... Contanto que nenhum animal sofra com isso, acho que já estou feliz!* Porém, ao analisar a imagem da bolsa de pelúcia, abaixo, reformulou sua opinião: *não sei... parece bem... não parece tão fake, aí eu já não acho legal... Tem coisas que dá pra notar que realmente não é de origem animal...*

Figura 47: Bolsa com revestimento em pelúcia sintética.
Fonte: foto da autora (2016).

Além de tecer suas impressões em relação à bolsa, acima, demonstrou-se igualmente contrária à ideia de imitação de couro de cobra em materiais sintéticos, ressaltando que haveria nuances que fariam determinados tipos de simulacros mais problemáticos do que outros: como pode ser observado nestes comentários:

Eu não acho muito legal, não... porque parece... acho que se realmente for sintético, acho que não tem problema.(...) então, eu acho que aí também já é demais: se assemelhar tanto a um animal acaba se tornando, de certa forma, um estereótipo e eu já não acho tão legal a imitação do couro realmente do animal, assim... para algumas coisas, entendeu?

Equivalente oscilação do discurso, após certa introspecção em relação à temática, foi percebida em comentários da usuária RUE-107 que, preliminarmente, se manifestou favorável à ideia de imitações de materiais de origem animal, mas, ao refletir um pouco mais sobre a possibilidade de incentivo à aceitação de materiais genuinamente originários de origem animais, reavaliou seu raciocínio:

Imitação? Tranquilo! Mas eu não gostaria de comprar.... Sei lá... dá uma aparência de que eu estou querendo usar couro.... É sintético, mas está querendo mostrar que é uma jaqueta de couro.... Acho meio feio..., mas, se fosse do meu gosto, é lógico que eu compraria! (...) mas se alguém me visse usando isso na rua e quisesse comprar o de origem animal, acho que por isso, não é legal! (RUE-107).

Contradição também foi percebida no discurso de uma senhora vegana, em relação a seu interesse por simulacros de materiais de origem animal, que estava vestindo calçado de material artificial semelhante ao couro bovino e brincos de pérolas sintéticas: *Não usaria, não vejo essa necessidade... Não me sinto atraída por essas coisas que ficam imitando (...) esse meu brinco de pérola, é bijuteria mesmo... a gente compra, convictamente, acreditando ser bijuteria! (RUE-106).*

Além da explicitação de incoerências no discurso destes usuários, tais análises permitem inferir que a questão dos simulacros em vestuário ainda é um assunto pouco examinado por estes indivíduos, haja vista que suas opiniões passavam por reavaliações ao longo da introspecção de seus usuários ou, então, somente após exposição a estímulos visuais.

Já participantes como RUE-111 e RUE-116, nesta ordem, denotaram, nos fragmentos a seguir, já terem refletido sobre a temática, o que os levou a assumir postura mais neutra:

Todo tipo de pele, couro, pelagem, camurça... a todo esse tipo de adereço, eu sempre tenho uma aversão... (...) tem pessoas que gostam de usar pele sintética, por estética, eu não me importo, não vejo problema..." e "Não sei lhe dizer se eu já defini uma posição a

respeito disto... Estou passeando por essas diferentes percepções: da recusa à aceitação.

A seguir, constam relacionados fragmentos especificamente direcionados à aceitabilidade ou não de tipos específicos de simulacros de materiais de origem animal, tais como estampas de bichos, também conhecidas como *animal prints*, materiais sintéticos semelhantes ao couro, além de pérolas e penas sintéticas. Quanto à aceitação da ideia de estampas que evocam aspectos de corpos de animais, podemos citar os seguintes fragmentos: *Adoro estampa de cobra! Estampa de onça também acho lindo! Nenhum animal morreu. Vejo como uma homenagem...* (RGI-63); *Estampa de bicho, desde que seja vegana, tudo bem!* (RUE-112); *Amoo! Estampas de animais, principalmente!* (RGI-70) e *Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace... Acho que não tem problema, não* (RUE-102).

Nesse contexto, a estilista vegana RUE-100, se posicionou igualmente favorável a este tipo de alusão a animais e/ou a seus corpos, porém, com a ressalva de que sua aceitação estaria sujeita ao fato de seu significado ser, ou não, compatível com o que julga ser interessante aos animais retratados:

Nossa! É uma arte, é desenho! Do jeito que eu faço, que é apenas um desenho, acho que não faz mal nenhum. Agora, existe uma estampa, com desenho de gatinhos, em que está escrito: "eu amo animais, com ketchup!".... Não acho que prejudica, mas é grosseiro, não me ofendo, mas é uma apologia carnista...

Em relação ao material sintético com aspecto de couro, com exceção do comentário do usuário RGI-41, em que, sem explicitar o motivo, se demonstrou desfavorável ao referido produto, neste fragmento: *Detesto couro, até mesmo os sintéticos...*, outros cinco respondentes se posicionaram favoráveis à ideia, como pode ser observado nos seguintes trechos: *A maioria dos meus clientes veganos gosta de couro sintético...* (RUE-97); *Eu, particularmente, não vejo nenhum problema em utilizar couro sintético, por exemplo...* (RQI-89); *Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!* (RGI-70); *Uso bastante couro sintético.... Se*

não tem sofrimento, não vejo problema! (RGI-59) e *Eu uso, compro couro sintético. Não havendo exploração e morte, não há problema ético* (RQI-84).

Embora pouco mencionadas, a aceitação de pérolas sintéticas foi relatada pelos respondentes RUE-95 e RUE-105, respectivamente, nos seguintes comentários: *Brinco de pérola... acho que se usar o que só parece, acho que não tem problema...* e *“A imitação da pérola seria aceitável, não uso, por gosto pessoal, mas não por achar que teria algum problema. Entretanto, para RUE-107, a utilização de um simulacro desta gema de origem animal não seria, por ela, considerada algo necessário: Eu não usaria brinco de pérola fake... acho desnecessário.*

Sobre a aceitabilidade de penas artificiais, para o usuário RUE-120 seriam repugnantes, por evocarem sofrimento animal.: *As que eu gosto menos são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação. Só as penas me deixam mais aterrorizado...*

Há, ainda, usuários que aparentaram aceitar a ideia de simulacros peles e pelos de animais em materiais sintéticos, sem, no entanto, explicitarem os motivos: *Da pelúcia eu gosto...* (RUE-120) e *Quanto àqueles casacos de pele e pelos falsos... não tenho nada contra quem usa...* (RGI-9).

Percebe-se, pois, que, diante da diversidade de opiniões de usuários em relação a diferentes tipos de imitações, emulações e/ou arremedos de materiais de origem animal, grande parte dos respondentes atribuiu ao grau de fidedignidade dos simulacros seu limiar de aceitabilidade. Este, por sua vez, quando considerado elevado, seria visto como problemático, pelo fato de fazer o material sintético ser confundido com outro, porém, derivado de animais, fato que, de diferentes maneiras, poderia contribuir para a perpetuação de ideias antagônicas às da ideologia que esposam.

Entretanto, para alguns usuários, o que seria considerado extremamente semelhante a um material de origem animal, como é o exemplo de uma bolsa feminina confeccionada em pelúcia, para outros, seria visto como algo nitidamente

falso o suficiente para não ser considerado problemático. Presume-se que tais discrepâncias seriam influenciadas por aspectos como sensibilidade e empatia em relação ao suposto sofrimento de animais, noções de processos de obtenção de produtos de origem animal e o próprio potencial de discernir imitações sintéticas de materiais provenientes de animais.

4.1.1.22.

Assunto ainda não observado

(assunto, até então, ainda **não atinado** por alguns respondentes)

Nesta categoria temática, foram reunidos comentários de 5 dos 120 respondentes, considerados, neste subproblema, como usuários veganos. Desta amostragem, apenas dois deles afirmaram jamais ter atinado sobre a questão dos simulacros de materiais de origem animal em vestuário. Já os três demais participantes, demonstraram-se surpresos apenas em relação a tipos específicos de simulacros. Tais dados, de caráter quantitativo, denotam, estatisticamente, o baixo índice de participantes que, ao menos até o momento em que forneceram os dados – seja por meio de entrevistas pessoais em profundidade, seja por meio de comentários postados em rede social virtual – demonstraram não haver refletido em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, tampouco a consideraram ser problemática no que consideram vestuário apropriado para veganos.

No entanto, o reconhecimento da inobservância em relação ao assunto, por meio de declarações explícitas, tenha sido pouco recorrente nesta categoria, de acordo com o que foi observado na categoria conceitual “aceitabilidade” (analisada no subitem 4.1.1.21, deste subproblema 1), em muitos casos, a aparente novidade da reflexão foi percebida de maneira sutil, ao longo do discurso de respondentes que, somente quando em momentos de introspecção, acabavam mudando suas opiniões em relação às próprias declarações feitas no início das entrevistas, justamente por terem refletido mais a fundo sobre a temática abordada.

O que pensam usuários veganos a respeito de possíveis implicações associadas aos materiais que aludem e/ou emulam características próprias de materiais

tradicionalmente conhecidos por sua derivação animal é analisado e apresentado nas demais categorias temáticas deste subproblema. Este, todavia, concentra-se em apresentar, sob a ótica dos participantes, que o assunto apenas se tornou uma questão à medida que os participantes se debruçavam sobre a temática, no decorrer da entrevista, por exemplo, como pode ser observado nos comentários a seguir: (...) *não tinha pensado sobre os pratos que imitam carne e os couros sintéticos...* (RGI-31) e *Nunca li questões muito aprofundadas a respeito disto...* (RUE-116).

Entretanto, diferentemente destes casos, em que o ineditismo acerca da questão dos simulacros em vestuário se demonstrou generalizado, nos depoimentos que seguem, a ausência de tento se manifesta pontual em relação a determinados tipos de arremedos. Em relação às pérolas sintéticas, para a respondente RUE-113, o assunto, até então, era algo inobservado: (...) *na verdade, eu nunca tinha pensado a respeito....*

No que concerne ao couro sintético, porém com superfície estampada com padrões inspirados em peles de animais, seu presumível potencial de promoção da ideia de aceitação de objetificação de animais, para a comerciante de artigos veganos, RUE-104, foi uma conclusão elaborada durante a entrevista:

dá uma impressão meio estranha, parece que você está pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... porque você passa a ideia de que matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, [para] quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais...

Quanto a este comentário, é oportuno fazer a ressalva de que, ao analisar o discurso da respondente como um todo, nota-se que semelhante acepção não havia sido dada ao couro sintético sem a referida estampa, o qual admitiu usar em virtude de sua praticidade e funcionalidade, o que demonstra que a textura visual impressa sobre a superfície do material semelhante ao couro, diferentemente do couro sintético por si só, seria considerada problemática por sua alusão acentuada à pele do animal.

Já em relação às estampas com padronagens que remetem à pele de animais em superfícies têxteis distintas e a hipótese de incentivo ao consumo de materiais de origem animal, observa-se o ineditismo da questão no imaginário da usuária RUE-110:

(...) acho que nunca parei para pensar nessa questão de propagar porque... a pele, você vai incentivar o uso da pele, mas... eu nunca pensei nessa coisa das estampas de bicho, de oncinha, porque é uma coisa que eu não gosto, não uso desde sempre...

4.1.1.23.

Considerações finais sobre os resultados do subproblema 1, relativo aos usuários

Diante das análises aqui apresentadas, evidenciou-se que, para grande parte dos usuários que contribuíram para iluminar esta subdivisão do problema fundamental, haveria materiais sintéticos reconhecidos como evocativos de outros, porém, oriundos de animais, embora sequer soubessem se, de fato, teriam sido idealizados para fins de cópia, emulação e/ou alusão aos mesmos.

Tal percepção de evocação desta classe de simulacros a materiais de origem animal revela a dimensão semiótica característica destes produtos que, por este motivo, muito além de alternativas a materiais de origem animal, estaria associada a implicações como, por exemplo, o estímulo ao consumo dos materiais de origem animal dos quais as imitações evocam, por parte de indivíduos não adeptos do veganismo. Além disto, por serem, muitas vezes, indistinguíveis, aos olhos de leigos, material sintético de derivado animal, poderiam emitir mensagens discrepantes das que seus emissores pretenderiam informar. Ao utilizar uma jaqueta de material sintético semelhante ao couro bovino, por exemplo, ao invés de, simplesmente, demonstrar que haveria alternativas veganas ao consumo de derivados de animais em vestuário, o indivíduo vegano poderia aparentar incoerências entre a filosofia e a prática do veganismo, ao ser visto por outrem como alguém que utiliza materiais de origem animal.

Ao que parece, materiais pertencentes à esta categoria de simulacros teriam seu limiar de aceitabilidade condicionado não apenas aos preceitos da filosofia do veganismo, mas, sobretudo, a valores subjetivos, variando de acordo com o que estes produtos representariam para cada usuário vegano. Neste contexto, foram identificados desde sentimentos de repugnância a tais produtos, decorrente de associação dos mesmos ao sofrimento de animais, até de sua aceitação incondicional, em virtude de sua presença na memória afetiva dos mesmos.

No entanto, pode-se inferir que, em geral, quanto mais fidedignas as imitações em relação aos materiais de origem animal, menor seria sua aceitabilidade. Em casos em que o animal é retratado de maneira mais íntegra, como por meio de imagens presentes em estampas, por exemplo, representado em condições mais próximas de sua natureza, tenderiam a ser mais bem aceitos do que quando mais parecidos com o que seriam sob a forma de objetos.

Contudo, esta lógica não seria válida para todos os tipos de arremedos que compreendem o objeto de estudo em questão. Como foi percebido ao longo das análises anteriormente apresentadas, a evidente similitude não apenas estética, mas, também, física, de materiais sintéticos com o couro bovino – que, muitas vezes, faz das diferenças entre ambos visualmente indiscerníveis –, seria interpretada como aspecto estético, de qualidade, durabilidade e funcional. Além disto, a aparência deste material sintético em relação ao couro seria, segundo diversos relatos, instrumento utilizado como recurso para adequação social de usuários em ambientes em que há determinado código do vestir a ser seguido, como em situações que exigem aparência de formalidade como em cerimônias de casamento ou, ainda, em ambientes de trabalho que requerem a utilização de equipamentos de proteção individual. Tais condições, não apenas foram entendidas como o que, em muitos casos, justificaria aceitação e utilização de peças de vestuário cujos componentes emulariam aspectos estéticos e físicos do couro, como também revelaram a existência de demanda comercial ainda não suprida.

Embora seja pouco provável que, ao terem declarado opiniões mais generalistas a respeito da aceitabilidade ou não da ideia de simulacro de materiais de origem animal aplicáveis em vestuário utilizável por veganos, os participantes abordados

tenham tido em mente todos os tipos materiais existentes nesta categoria, contradições percebidas em várias narrativas, dadas após um primeiro momento de introspecção em relação à temática, permitem inferir que, ao menos em termos conceituais, tais espécies de cópias, arremedos e/ou imitações seriam problemáticas para grande parte dos usuários que tiveram oportunidade de refletir menos superficialmente sobre a questão. Tal problematicidade se daria em função de implicações mais abstratas e subjetivas, como, por exemplo, contribuir para a perpetuação do *status quo* em que a utilização de animais para fins de vestuário seria moralmente aceitável, por meio da glamorização da ideia de objetificação de animais (antagônica à ideologia do veganismo), decorrente da indiscernibilidade característica de muitos simulacros.

No entanto, a ocorrência destas considerações manifesta-se mais em termos ideais, que empíricos, pois, não necessariamente denotam que os usuários que as declararam não consumam quaisquer tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, ou, ao menos, os quais se referiram. Em termos práticos, aspectos funcionais, estéticos, afetivos, de adequação social e de viabilização da prática do veganismo por meio de alternativas válidas de substituição de materiais de origem animal em vestuário seriam ponderáveis a ponto de justificarem a utilização de materiais sintéticos semelhantes a insumos originários de animais, por parte de muitos usuários participantes desta pesquisa.

Foi também observado que simulacros de pérolas, em materiais sintéticos, que, apesar de, em termos estéticos, apresentarem elevado grau de fidedignidade em relação à gema de origem animal, além de pouco lembrados enquanto imitações, quando mencionados, não foram associados a implicações passíveis de serem problematizadas, sob a ótica do veganismo. Já acessórios confeccionados em metal, cujo formato faria alusão (ainda que de forma estilizada e em escala reduzida) a penas e ossos de animais, foram reconhecidos como evocativos de corpos de animais e associados a aspectos negativos como sofrimento intrínseco à obtenção destes materiais.

De maneira semelhante, a alusão, ainda que mais abstrata e em cores inexistentes na natureza do animal, a materiais menos comuns, como o couro de cobra, por

exemplo, foram, muitas vezes, vistas como mais problemáticas, se comparadas a outros simulacros, aparentemente mais fidedignos aos derivados de animais com que se assemelham, como é o caso do material popularmente conhecido como “couro sintético”. Tal fenômeno, talvez, dar-se-ia em virtude da ampla difusão deste último em peças de vestuário, o que faria de sua exposição algo mais trivial e, portanto, mais aceitável.

Dentre os simulacros reconhecidos, pela maior parte dos respondentes, como evocativos de materiais de origem animal, o vulgarmente denominado “couro sintético” foi mencionado com mais recorrência. Além de, como já mencionado, dotado de aspectos que confeririam a seus usuários a aparência de formalidade utilizada como recurso de adequação social, sua impermeabilidade foi outro atributo muito lembrado por se tratar de característica funcional.

Diferentemente da maioria dos outros tipos de simulacros de materiais de origem animal citados pelos participantes, no caso do material sintético que remete ao couro, foi percebido que haveria expectativa de que sua fidedignidade não se limitasse à aparência do referido derivado animal, mas, que também contemplasse sua resistência e durabilidade. Pode-se, ainda, inferir que tais características foram, muitas vezes, mensuradas a partir de comparação com as intrínsecas do couro bovino que, por sua vez, foi visto como altamente mais resistente e durável em relação ao material artificial. O fato de se tratar de um produto sintético, por si só, já estaria atrelado a um produto menos resistente e de custo inferior, novamente, quando comparado ao produto originário de animais. Impactos socioambientais negativos também foram atribuídos a este material, pelo fato de derivar do petróleo, não ser biodegradável e estar, muitas vezes, atrelado à manufatura exploratória em virtude de sua provável origem chinesa.

Ainda em relação a simulacros de couro animal, porém, não derivados de animais, foi constatado que muitos usuários, teriam dificuldades para discernir materiais sintéticos de seus semelhantes de origem animal. Diante desta realidade, foram relatadas diversas técnicas amadoras de distinção de materiais por meio de sentidos como tato, olfato e visão, além de experimentos como a combustão de pequena amostra do material. Tais espécies de testes, seriam recursos utilizados como

critérios de seleção de produtos cujos componentes teriam aparência de derivados de animais que, por sua vez, acabaram por evidenciar considerável carência de informações, sobretudo, confiáveis, em etiquetas e embalagens de calçados, roupas e acessórios.

A questão dos simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais aplicáveis em vestuário, aparentou ser, na maioria dos casos, assunto pouco observado, refletido e discutido, se comparado a discussões sobre o consumo de simulacros de alimentos de origem animal, por parte de indivíduos vegetarianos veganos, em que seriam ponderadas suas possíveis implicações conceituais e práticas.

4.2.

Quanto ao subproblema 2, (relativo aos respondentes ativistas veganos)

4.2.0.

Comentários sobre a categoria de participantes formada por ativistas

As páginas a seguir apresentam as análises de dados coletados por meio de entrevistas em profundidade semiestruturadas e, em muitos casos, estimuladas com imagens de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, realizadas com 9 indivíduos veganos, dentre os quais 3 são homens e 6, mulheres. Tais respondentes, além de veganos, atuam como ativistas em defesa de causas voltadas ao que consideram ser interesses de animais não humanos.

Os indivíduos que compõem esta amostragem prestam serviços voluntários em quatro diferentes organizações sem fins lucrativos que, em comum, são voltadas à difusão de direitos dos animais. São elas: “Veddas” (sigla que corresponde a Vegetarianismo ético, defesa dos direitos animais e sociedade) que busca promover a defesa de direitos dos animais e difundir argumentos em favor de alimentação e estilo de vida livres de exploração de seres sencientes (VEDDAS, 201-); “Move institute”, que tem como objetivo mobilizar causas animais especialmente relacionadas a interações e problemas decorrentes do convívio entre humanos e animais, tais como venda, maus tratos, abandono, confinamento e exploração (MOVE INSTITUTE, 2012); “Instituto Luisa Mell”, que opera em prol do resgate de animais em situação de risco, recuperação e adoção dos mesmos (INSTITUTO LUISA MELL, 2015) e “Onda vegana”, coletivo de ativismo fundado e movimentado por indivíduos veganos no intuito de promover ações de conscientização da população acerca de questões relacionadas à exploração de animais, na região da Baixada Santista-SP (ONDA VEGANA, 2015). Além destas organizações, um dos ativistas entrevistados é membro de grupo de pesquisas relacionadas à ética e direitos dos animais do “Diversitas”, Núcleo de estudos das diversidades, intolerâncias e conflitos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DIVERSITAS, 2012), no qual atua como pesquisador.

Como pode ser observado na legenda, abaixo, os nomes dos ativistas que contribuíram para iluminar as indagações presentes neste subproblema foram preservadas ao serem substituídos por códigos, utilizados para referenciá-los nos comentários transcritos nas análises de dados presentes em cada categoria conceitual.

Códigos dos tipos de respondentes	Fontes de dados
RAE- n° (identificação do respondente, de 123 a 132);	Ativistas do movimento vegano respondentes de entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas em eventos veganos em São Paulo e Santos-SP.

Figura 48: Legenda que relaciona códigos utilizados para preservar a identidade dos respondentes usuários, de acordo com os tipos de técnicas de coleta utilizadas.

Fonte: elaborada pela autora (2016).

4.2.1.

Análises dos dados das entrevistas realizadas com ativistas, classificadas por categorias conceituais

4.2.1.1.

Afetividade

(aspectos associados ao sentimento de **afetividade** em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, segundo a perspectiva de ativistas veganos)

Nesta categoria temática, foram reunidos trechos extraídos do discurso de apenas uma ativista, RAE-128, que demonstrou sentimentos afetivos em relação a materiais sintéticos com aspecto de couro. Segundo a referida participante, o tipo de simulacro em questão seria visto como alternativa viável de substituição de materiais de origem animal por pessoas que possuem mais apreço por características presentes na versão derivada de animais, sem, no entanto, implicar morte dos mesmos, como é demonstrado em seu comentário: (...) *a pessoa que ama couro percebe que é*

possível ter uma jaqueta bacana, com uma “pegada rock’n roll” sem matar nenhum bicho.

Em outras partes de seu discurso, observam-se manifestações de seus próprios sentimentos de afetividade em relação a imitações de couro em materiais sintéticos, conforme explicita a transcrição dos seguintes fragmentos de seu depoimento:

Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né... (...) este meu sapato é dela [da marca ‘Stella McCartney’], eu amo!, não tiro do pé e estou adorando bastante... Quase anda sozinho!

4.2.1.2.

Estética

(considerações **estéticas** associadas a simulacros de materiais em vestuário)

Quanto à esta categoria temática, foram reunidas e analisadas considerações estéticas feitas por nove ativistas pró-veganismo em relação ao que consideram ser simulacros de materiais de origem animal em vestuário utilizável por veganos.

A ideia de que materiais derivados de animais seriam dotados de beleza intrínseca e, devido a este fato, sua reprodução em materiais artificiais seria uma forma de apropriação de suas características estéticas foi apontada pela ativista RAE-129, como pode ser observado na transcrição do seguinte fragmento:

Para que imitar? Porque é bonito, né? Você quer se apropriar da beleza de um animal, assim como você se apropria do perfume da flor, nos frascos de perfume, a gente quer se apropriar da beleza da pele do animal...

Neste sentido, para RAE-127, materiais sintéticos seriam considerados válidos como alternativas a derivados de animais, porém, cumprindo semelhante função estética e/ou simbólica: *Por exemplo, a pessoa que gosta muito de pele de raposa, mas que não quer comprar por ter pena do animal, tudo bem! Desde que supra o desejo estético da pessoa sem envolver o sofrimento de nenhum animal, eu não tenho nada contra!*

Já para RAE-124, a aquisição e utilização de alguns simulacros de materiais de origem animal como a lã, por exemplo, se daria mais em virtude de suas funções práticas, que estéticas. De acordo com seu depoimento, a semelhança com materiais de origem animal não seria o critério utilizado seu consumo que, por sua vez, seria questão de falta de opções de peças funcionais isentas de tais referências aos derivados de animais: *Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão...*

Ponderações estéticas quanto à aparência de materiais artificiais que fazem alusão ao couro e peles de animais foram feitas pelos respondentes RAE-125 e RAE-130 no sentido de que, independentemente de sua beleza, não condizem com seus estilos pessoais: *Feio, eu não diria que é... é muito semelhante ao couro animal, mas eu não tenho esse tipo de apego ao vestuário, particularmente, não me atrai. Não é meu estilo usar materiais de couro, que pareçam pele... (RAE-125) e Acho que as imitações de peles remetem muito àquela coisa “das cavernas”, sabe? Tipo primitivo, eu goto de coisas mais modernas! (RAE-130).*

De acordo com a ativista e advogada RAE-129, algumas marcas de calçados veganos nacionais seriam alvo de suas críticas devido à ausência de modelos cuja aparência evocasse mais formalidade, adequados ao que considera ser preferência de um público menos jovem, sem, no entanto, fazerem uso de imitações sintéticas do couro de animais:

(...) eu acho que essas marcas que se dizem assumidamente veganas, no meu ponto de vista, pecam por não levar em conta o consumidor clássico, mais velho, pelo menos as que eu vi até agora... São coisas joviais demais ou muito despojadas, que acho que não agradam um público mais formal, de mais idade... Nesse sentido, precisaria, talvez, haver uma marca que investisse nesse público e que fosse vegana também, que não necessariamente tentasse imitar o couro, mas que trabalhasse com tecidos, até uma lona, mas uma lona tingida, que conseguisse um tom de marrom, bordô, sei lá, um sapato que ficasse mais social mesmo, sabe?

Ainda segundo RAE-129, diferentemente do que costuma encontrar no Brasil, haveria, no exterior, sapatos confeccionados com materiais alternativos ao couro, porém, com durabilidade e estética igualmente satisfatórias quando comparadas

às características do referido derivado de animais. Para a ativista, entre outras coisas, o aspecto de plástico de materiais sintéticos presentes em calçados veganos nacionais seria característica antiestética destes produtos:

(...) em 1999, se não me engano, na Itália, procurei por sapatos veganos... naquela época, já havia inúmeras opções! Opções, cá entre nós, muito mais bonitas, muito mais agradáveis de usar... (...) o material, esta alcantara, está intacta, super bonita ainda, imita a camurça... (...) o material é tão bom que já faz 17 anos e ainda está assim, intacto, é uma coisa durável e é bonito, sabe? É um material que eu nunca vi aqui para vender, fui atrás, não vi e fiquei frustrada de ver que o Brasil continua fazendo aqueles sapatos bem ruins, muitos parecem plástico... É isso o que eu acho que falta aqui [no Brasil] : esta inovação, um material diferenciado, resistente e bonito! Eu queria muito um material resistente e bonito, que a gente não vê muito aqui, sabe? Então, acho que, pelo pouco que eu vi lá fora, deixa um pouco a desejar em relação à durabilidade e estética...

Semelhante observação quanto à semelhança de materiais sintéticos parecidos com couro, porém, sem o que considera ter aspecto de plástico, foi feita por RAE-129, em relação a determinados calçados da marca nacional “Arezzo”. No seguinte fragmento de seu relato, a ativista reforça a ideia de que característica interessante do simulacro em questão seria o fato de o material falsear sua essência, deixando de se parecer com o material do qual é feito, ao mesmo tempo em que aparenta ser algo composto de matéria-prima originária de animais: *Os sapatos de poliuretano da Arezzo são bons, principalmente em verniz, que parece uma coisa mais bonita, se bem feito, disfarça um pouco aquele aspecto de plástico.*

De acordo com as ativistas RAE-128 e RAE-123, respectivamente, a semelhança de materiais sintéticos com o couro seria atributo reconhecido como esteticamente agradável, conforme denotam os comentários a seguir: *Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né... e: Eu uso! Acho o couro sintético mais bonito, brilhante, em relação ao couro animal, não tem aquelas ruguinhas, aquelas coisas amassadas...* Nota-se, ainda, que de acordo com RAE-123, a ausência textura excessivamente fidedigna ao couro seria algo favorável.

Neste contexto, percebe-se que a estética de materiais artificiais cuja aparência simula com muito realismo texturas visuais e/ou táteis de materiais como a pele de cobra, mencionadas nos fragmentos do discurso de outros respondentes, transcritos a seguir, corroboram com a ideia de que embora houvesse beleza em sua similitude, demasiada fidedignidade seria fator negativo: *Esse All Star de pele de cobra prateada é lindo! Lembra uma cobra, mas não tem cobra prateada, aí você percebe o quanto é fake! (RAE-130)*. Ao tecer suas impressões em relação a material sintético que alude à pele de carneiro, vista em imagem a que foi exposto como estímulo, compartilhou de semelhante aceção o ativista RAE-131, neste trecho: *Eu acho esse daí bem bonito, bacana, não é tão forçoso quanto aquela bota de cobra...!*

Percebe-se, pois, que considerações estéticas quanto a simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, estariam, sobretudo, subordinadas a aspectos subjetivos e particulares de cada indivíduo entrevistado. No entanto, pode-se afirmar que, em geral, a aparência altamente fidedigna de materiais artificiais com o couro bovino, por exemplo, seria considerada aspecto esteticamente agradável e que, quanto mais parecidos com o plástico do qual genuinamente derivam, seriam considerados menos belos. Já no caso de materiais artificiais com aspecto de couro de cobra, semelhante fidedignidade seria aspecto antiestético, provavelmente por serem menos comuns do que a utilização da pele de bovinos em objetos e proporcional exposição.

4.2.1.3.

Indiscernibilidade

(aspectos associados à **indiscernibilidade** de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais)

Nesta categoria conceitual são apresentados e analisados fragmentos do discurso de oito ativistas em que foram denotados aspectos de indiscernibilidade entre simulacros e derivados de animais, em decorrência da percepção de similitude compartilhada por ambos tipos de materiais.

Nota-se, nos fragmentos a seguir, que haveria pessoas incapazes de discernir possíveis diferenças existentes entre alguns tipos de imitações e o que considera-se ser original: *Em alguns casos talvez até o consumidor nem saiba que se trata de um produto de “imitação”... (RAE-132); (...) as pessoas nem sabem que é sintético ou que estão comprando couro sintético... (RAE-131); Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro. A pessoa não vai saber se você está usando ou não... (RAE-124) e (...) eu tinha uma jaqueta de couro falso.... A imitação é tão boa, que você se confunde, mesmo... (RAE-129).*

De acordo com o depoimento da ativista vegana RAE-126, ela própria teria dificuldades para distinguir materiais sintéticos dos derivados de animais com que se parecem: *Eu sei que existe pele sintética porque, no trabalho, o pessoal que sabe que eu sou vegana já avisa “é sintética, tá?”, já vão explicando que a pele não é de verdade...(RAE-126).*

A percepção de fidedignidade entre o que poderia ser considerado cópia e sua matriz, seria, para RAE-129, assunto suscitador de questionamentos em relação a quais seriam suas possíveis implicações práticas, morais e éticas: *Se a gente começar a pensar que não tem problema, qual vai ser a linha demarcatória entre usar uma pele de verdade e não usar? Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece?*

Neste contexto, como pode ser observado nos comentários transcritos a seguir, implícitas ao uso de alguns tipos de simulacros, estariam implicações como apontamento de possíveis contradições entre o conceito e a prática do veganismo por parte destes ativistas entrevistados: *As pessoas confundem muito isso, é até um assunto interessante. Muitas vezes as pessoas me veem com um sapato de onça e me questionam: -“mas você não é vegana?” Aí eu falo: -“eu sou, não matei nenhum bicho para que isto esteja aqui! ” (RAE-128); (...) tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro! Mas, a pessoa sabia que eu era uma ativista conhecida e, foi mais uma rixa pessoal para me atacar, só... (RAE-130) e:*

A pessoa não vai saber se você está usando ou não.... Eu evito, principalmente no ativismo, qualquer coisa que possa tirar um pouco da credibilidade porque... eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo “ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro...” (RAE-125).

Poucas pessoas na rua, hoje, (ainda mais com as fakes muito perfeitas) saberiam distinguir se é pele de um coelho, se é uma chinchila ou se é sintético, e acham bonito e vão comprar uma pele de coelho ou uma chinchila... Não sabem fazer essa diferenciação... (RAE-130)

De acordo com RAE-129, a possibilidade de confusão de simulacros em materiais sintéticos com derivados de animais seria alvo de críticas, inclusive, por outros indivíduos igualmente adeptos à ideologia do veganismo, mesmo quando conscientes de sua composição artificial, devido ao potencial atribuído a alguns materiais de confundirem outras pessoas: *(...) disseram que, mesmo não sendo de origem animal, “tinha tudo para ser de verdade”... Ela foi quase linchada por outros ativistas, por estar com um casaco da Zara com imitações do pelo de um animal...*

Percebe-se, de acordo com o depoimento a seguir, que haveria certa tolerância em relação à aceitabilidade de algumas imitações de materiais de origem animal. Ao que parece, partindo do pressuposto que a ideia de simulacro de couro bovino em materiais sintéticos já seria parte do senso comum, o discernimento de sua origem já seria algo mais viável. No caso de materiais como penas artificiais, seguindo o mesmo raciocínio, não seriam tão bem aceitas, em virtude da presunção de provável ignorância da população quanto à existência de alternativas isentas de componentes animais: *É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade. As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético... (RAE-123).*

Para a senhora vegana e ativista RAE-130, outro agravante da ideia de indiscernibilidade desta categoria de materiais seria seu uso público, sobretudo quando utilizadas por pessoas muito conhecidas:

Acho que o homem é um produto do meio. Se ele fica o tempo todo vendo estampas de animais, como eu disse, ele não vai saber diferenciar o verdadeiro do falso.... Reforça a imagem e eu acho que não agrega, porque as pessoas não buscam informação...

Se buscassem e houvesse mais campanhas de conscientização, elas poderiam saber discernir uma coisa de outra. Mas, a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se (a pele falsa) for vista em celebridades, ídolos... piorou! mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... (banda 30 seconds to Mars), que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J.Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então, vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J.Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira.... Ao invés de divulgar a mensagem de que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.

4.2.1.4.

Incentivo ao consumo

(aspectos associados à ideia de **incentivo ao consumo** de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros)

Por meio de seleção de fragmentos extraídos do discurso de sete ativistas do movimento vegano, esta categoria conceitual analisa a consideração de simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, como potenciais incentivadores do consumo de vestuário ou da própria aceitação da ideia de utilização de animais sob a forma de matérias-primas.

Dos sete participantes que forneceram dados pertinentes à esta categoria, apenas para o respondente RAE-132, a existência de tais tipos de simulacros seria inerte em relação à possibilidade de incentivo ou diminuição do consumo de vestuário cujos componentes derivam de animais: *Acho que isso não faz com que as pessoas não deixem de consumir produtos de origem animal ou que estimule seu consumo* (RAE-132).

Para os demais ativistas, cujos depoimentos compõem estas análises, devido à sua similitude com materiais genuinamente provenientes de corpos de animais, haveria possibilidade de, quando relativamente indiscerníveis entre si, ao serem publicamente utilizados, poderiam promover a ideia de que o uso de animais para tais fins seria moralmente aceitável, ou, então, contribuir para glamorizar a utilização de peles verdadeiras, por meio do uso de suas imitações, como demonstram os seguintes comentários:

Qualquer coisa que possa reforçar a imagem, acho problemático, por conta do especismo, do uso de animais... A pessoa não vai saber se você está usando ou não... reforça o comércio que vende aquilo, acaba reforçando o comércio que vende o verdadeiro...
(RAE-125)

(...) eu tinha uma jaqueta de couro falso, e ficava pensando: será que esse tipo de roupa vai incentivar o uso [de couro animal]? As pessoas vão ver e dizer 'que bonita!', ou vão querer também uma, se acharem que é verdadeira... A imitação é tão boa, que você se confunde, mesmo... Será que as pessoas vão ver, se entusiasmar e demandar mais jaquetas de couro, mas o verdadeiro? (RAE-129).

Semelhante opinião quanto à possibilidade de glamorização do uso de materiais de origem animal, foi declarada pela ativista RAE-130, que atribui ao uso de simulacros, sobretudo por pessoas famosas, ainda mais suscitar do consumo de derivados de animais:

Acho que o homem é um produto do meio. Se ele fica o tempo todo vendo estampas de animais, como eu disse, ele não vai saber diferenciar o verdadeiro do falso.... Reforça a imagem e eu acho que não agrega, porque as pessoas não buscam informação.... Se buscassem e houvesse mais campanhas de conscientização, elas poderiam saber discernir uma coisa de outra. Mas, a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se [a pele falsa] for vista em celebridades, ídolos... piorou! Mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... banda 30 seconds to Mars, que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J. Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J. Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve.... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito.... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira....

Ao invés de divulgar a mensagem de que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.

Por outro lado, de acordo com RAE-124, o material sintético com aspecto de couro seria exceção à esta regra. Diferentemente de outras imitações, como penas artificiais, por exemplo, o simulacro do couro seria mais difundido e reconhecido como sendo composto de matérias-primas alternativas às peles de animais, tal como observa-se na transcrição do trecho a seguir: *É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade. As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético...*

Já para RAE-124, mesmo que houvesse consciência da existência de imitações em materiais sintéticos, sua composição não seria objeto de escrúpulo para indivíduos que apenas levariam em consideração seu custo, como critério de seleção:

Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro. Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro. Se essa pessoa passar em uma loja que tiver duas jaquetas, uma de couro e a outra sintética, ela vai escolher pelo critério do preço. Se a de couro estiver mais barata, ela vai levar a de couro. Geralmente a sintética é mais barata.

Além da possibilidade de incentivo ao consumo de derivados de animais em si, alguns respondentes se posicionaram contrários à ideia de simulacro pela potencial capacidade de promover a ideia de utilização de animais para fins de vestuário como algo moralmente aceitável por seus usuários, como pode ser percebido a partir da leitura dos argumentos explicitados a seguir: *Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja, eu não me sinto à vontade, porque parece que eu “tô achando da hora”...! (RAE-131); A utilização de produtos que imitam pode sustentar a imagem... Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim... (RAE-125) e:*

Eu tenho uma jaqueta similar, mas evito usar. Não só não faço questão de usar mas, ultimamente, tenho pensado, de forma mais crítica em relação a isto, em função desta apologia que tem feito. É como usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas

de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão... (RAE-124).

Tendo em vista os aspectos analisados, pode-se inferir que a ideia de que a exposição do uso de simulacros poderia promover a ideia ou o consumo de animais sob a forma de materiais, por meio do uso de simulacros, contrariando a própria essência da filosofia do veganismo, seria, em geral, vista como plausível pelos ativistas entrevistados.

4.2.1.5.

Heranças culturais

(aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de **heranças culturais**)

Aborda-se, nesta categoria temática, a consideração do uso de estampas que evocam partes de corpos de animais, bem como versões sintéticas de peles e couros, como produto de heranças culturais e/ou manifestações sociais mais contemporâneas.

Para RAE-130, o uso de peles sintéticas evocaria costumes pré-históricos, antiquados e do que considera ser de mau gosto, tal como é demonstrado em seu comentário: *Acho que as imitações de peles remetem muito àquela coisa “das cavernas”, sabe? Tipo primitivo, eu goto de coisas mais modernas! Usar animal é uma coisa primitiva, das cavernas, cafona!*

Já para RAE-126, padronagens que aludem à pele de onça pintada seriam vistas, por ela, como típicas de estilo pessoal de pessoas que se vestem demasiadamente chamativa, ainda que não se declare contrária a quem, porventura, as utilize: *Eu associava um pouco estampa de oncinha com coisa de perua... não é o meu estilo, mas, não vejo problema, não julgo quem usa!*

Neste contexto, de acordo com RAE-128, materiais sintéticos com aspecto de couro, aplicados a peças de vestuário como jaquetas, seriam considerados interessantes, uma vez que poderiam suprir desejos estéticos de típicos de simpatizantes do estilo musical *rock'n'roll*, porém, com versões isentas de materiais associados a morte de animais: (...) *é possível ter uma jaqueta bacana, com uma 'pegada rock' n' roll' sem matar nenhum bicho* (RAE-128).

Em vista das opiniões acima apresentadas, entende-se que os referidos simulacros, muito além de emulações de características estéticas, formais e/ou físicas de materiais derivados de animais, também seriam dotados de atributos semióticos associados a diferentes aspectos, cujos significados seriam mais ou menos interessantes aos olhos dos ativistas citados.

4.2.1.6.

Evocação ao material de origem animal

(aspectos que denotam **evocação de** simulacros de materiais de origem animal a **materiais genuinamente originários de animais**)

A partir de seleção de comentários extraídos do discurso de sete ativistas entrevistados, são analisados, aqui, indícios de que alguns materiais artificiais seriam vistos como evocativos de outros, porém, derivados de animais.

Fragmentos como os transcritos a seguir, denotam o reconhecimento de que haveria materiais sintéticos evidentemente semelhantes a derivados de animais: (...) *estão produzindo peles muito parecidas com a dos animais para casacos, bolsas... (...) A própria filha do Paul McCartney, a Stella, tem uma marca de produtos veganos, né... tudo ali é cópia de produtos de origem animal, principalmente couro e peles de outros animais que ainda se usam por aí...* (RAE-131), *Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa?* (RAE-127) e *Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã...* (RAE-124).

Para ativistas como RAE-131 e RAE-129, a associação de alguns tipos de simulacros a materiais de origem animal, como peles e couro de cobra,

reproduzidos em materiais sintéticos, por exemplo, seria evidente a ponto de lhes causar sensações de repulsa e estranhamento, em virtude do reconhecimento da semelhança entre ambos, conforme demonstram os seguintes comentários: [Em relação a versão artificial do couro de cobra] *Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja...* (RAE-131) e *Com esse pelo de aplique [sintético], eu também me sentia um pouco constrangida de usar, porque remete diretamente ao animal...* (RAE-129).

No entanto, em relação ao material sintético com aspecto de couro, enquanto para RAE-124, seria facilmente associável ao material de origem animal: *Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro. (...) em relação ao couro e à pele, é muito mais evidente, lembram muito mais o animal, a gente associa muito mais...*, para RAE-126, diferentemente, não seria visto como tão evocativo quanto outros tipos de imitações: *Eu sempre associo ao verdadeiro, mas, a imitação do couro passa batido...*

Tal similitude, inerente a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, aparentou ser suscitadora de questionamentos quando ao sentido de sua existência, finalidade e possíveis implicações, para a ativista RAE-129:

Eu já tive um certo escrúpulo, cheguei a pensar nisso... Por que imitar? Por que não partir para um outro material que não seja aquele que se está tentando imitar? Porque não uma alternativa totalmente original? Já tinha pensado sobre isso, mas, não cheguei a uma conclusão, do ponto de vista moral e ético, se haveria alguma implicação grave ou séria... (...)“Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece?

Já para os ativistas RAE-125, RAE-124 e RAE-130, haveria implicações morais. Haja vista que a evocação aos materiais de origem animal, típica de simulacros de couro, ou mesmo estampas com padrões visuais mais abstratos de corpos de animais, presentes em superfícies têxteis de materiais de origem vegetal, por exemplo, seriam vistas como indicadores de incoerências entre seu discurso, contrário à utilização de animais, e suas atitudes, ao utilizarem algo passível de ser confundido com derivados de animais ou, então, representativos de animais na

condição de objetos: (...) *tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro!* (RAE-130),

(...) eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo “ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro...”, apela para a hipocrisia... (RAE-125) e

É como usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão, aí é que tá... (RAE-124).

Devido a estes aspectos, os mesmos respondentes se posicionaram contrários à ideia de simulacro de materiais de origem animal, sobretudo nos casos em que são fidedignos o suficiente para serem indiscerníveis de materiais de origem animal: *De fato, acho que o ideal é não parecer, pois, não faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais para nenhuma finalidade. Mesmo que não seja aquilo, representa...* (RAE-124), *Dos colegas que eu conheço, da ONG, a maioria evita usar esse tipo de imitação, por conta da associação* (RAE-125) e:

No caso das peles, não vejo necessidade nenhuma de usar nenhuma, nem a fake, nem a de verdade, pois, a fake remete à de verdade. (...) esses que são similares, que remetem muito ao animal, eu não sou a favor. (...) então vão lá e comprem um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso... (RAE-130).

Ainda que considerável evocação a materiais de origem animal seja reconhecida em seus simulacros artificiais – o que, para alguns respondentes, seria visto como problemático pela possibilidade de fazê-los serem confundidos entre si – parece haver uma exceção em relação a simulacros do couro. Como pode ser observado nos comentários apresentados e analisados, pode-se inferir que este tipo de imitação seria visto como menos evocativo de materiais de origem animal, do que simulacros de peles, por exemplo. Deduz-se que tal fenômeno se manifestaria em virtude de sua ampla difusão em peças de vestuário (que faria deste material sintético mais banal) e de sua funcionalidade (que, por sua vez, justificaria sua utilização), ao contrário de imitações de peles, em geral, mais associadas a futilidades e ostentação do domínio de humanos sobre animais, do que suas propriedades de proteção contra o frio.

4.2.1.7.

Sufrimento

(aspectos associados à ideia de **sofrimento** infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

Foram reunidos nesta categoria fragmentos do discurso de dois ativistas, em que menções a sofrimento, ou a ausência deste, foram associadas a materiais sintéticos com aparência de outros, porém, derivados de animais.

Enquanto, para RAE-128, a ausência de implicação de morte de animais seria algo positivo, característico de imitações de materiais de origem animal em materiais sintéticos, como demonstra o comentário a seguir: *Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...*, para RAE-125, a parecença de simulacros de peles derivadas de animais seria algo intrinsecamente ligado a práticas que considera estarem atreladas a sofrimento de animais: *Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim...*

Logo, pode-se inferir que a associação de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, a sofrimento de animais, não necessariamente estaria condicionada ao julgamento de padecimento de animais envolvidos nos processos de obtenção das matérias-primas a que evocam, mas, sim, a aspectos subjetivos, condicionados à sensibilidade de quem os vê e que, por sua vez, como visto nos comentários analisados, variariam de acordo com percepções próprias de cada indivíduo.

4.2.1.8.

Repugnância

(aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou **repugnância** em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

Quanto à esta categoria conceitual, foi identificado apenas uma referência, no comentário da respondente RAE-127, em que associa simulacros de peles animais, em materiais artificiais, como sendo, a seu ver, repugnantes, como é demonstrado neste trecho: Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa? Eu não uso, me dá agonia (RAE-127).

4.2.1.9.

Constrangimento social

(aspectos associados à sensação de **constrangimento social** quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal)

Apresentam-se, nesta categoria temática, indícios de que a utilização de alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal poderia implicar sensações constrangedoras a seus usuários, devido à similitude destes objetos com produtos do que julgam estar associado a práticas reprováveis em relação ao trato de animais.

Alguns ativistas veganos, creditaram à possível indiscernibilidade entre simulacro artificial e o originalmente animal, aspecto suscitador de apontamentos de contraditórias entre o discurso e a prática do veganismo por parte de seus usuários, que, por sua vez, seriam consideradas inconvenientes. Contribuíram para esta dedução comentários como: *Mesmo não sendo de origem animal, a sociedade tenta apontar como se fosse e, até você provar que aquilo não é, a pessoa usa como pretexto para apontar em você algo que não seja coerente* (RAE-124), (...) *tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro! Mas, a pessoa sabia que eu era uma ativista conhecida e, foi mais uma rixa pessoal para me atacar, só...* (RAE-130) e:

As pessoas confundem muito isso, é até um assunto interessante. Muitas vezes as pessoas me veem com um sapato de onça e me questionam: -“mas você não é vegana?” Aí eu falo: -“eu sou, não matei nenhum bicho para que isto esteja aqui!” (RAE-128).

Semelhante juízo de incoerências foi relatado pela ativista vegana RAE-129, porém, neste caso, feito por outros ativistas:

Uma amiga foi trabalhar com um casaco que tinha uns apliques de imitação de pelo nos punhos e na gola e... nossa!, ela foi quase que linchada porque ela trabalha num local em que as pessoas são ativistas pela causa animal e a questionaram por estar usando aquele tipo de casaco, pois, segundo eles, mesmo não sendo de origem animal, “tinha tudo para ser de verdade...” (...)Ela falou que foi uma situação horrível... Ela foi quase linchada por outros ativistas, por estar com um casaco da Zara com imitações do pelo de um animal...

Apesar de considerar a postura dos referidos ativistas inadequada, reconhece que a utilização de simulacros de peles em punhos e golas de peças de vestuário, seria experiência embaraçosa, uma vez que poderia simbolizar a utilização de animais para esta finalidade como sendo algo moralmente aceitável de sua parte: *Com esse pelo de aplique [sintético], eu também me sentia um pouco constrangida de usar, porque remete diretamente ao animal... (RAE-129).* Semelhante sensação foi atribuída à hipótese de utilização de uma bota confeccionada em material sintético, com aspecto de couro de cobra, como demonstra o relato do respondente RAE-131: *Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja, eu não me sinto à vontade, porque parece que eu “tô achando da hora”...!*

Por meio da observação dos aspectos acima discutidos, entende-se que, em geral, haveria simulacros de materiais de origem animal suficientemente semelhantes com derivados de animais que, ao evocarem ao que estes ativistas consideram ser produtos de práticas antiéticas, seriam vistos como simbolicamente antagônicos à ideologia que esposam, suscitando sensações de constrangimento social.

4.2.1.10.

Preocupações socioambientais

(aspectos associados à ecologia e/ou **a preocupações socioambientais**

em relação a simulacros de materiais de origem animal)

Esta categoria conceitual compreende à análise de fragmento extraído do discurso da respondente RAE-127, em que preocupações, sobretudo, ambientais, foram associadas a simulacros de materiais de origem animal constituídos de matérias-primas sintéticas.

De acordo com seu depoimento, esta classe de materiais artificiais, pelo fato de ser isenta de componentes animais, seria aceitável. No entanto, a possibilidade de, indiretamente, implicar prejuízo ao meio-ambiente e aos animais que nele habitariam, em decorrência de poluição exacerbada, consequente de hipotéticos processos produtivos de materiais artificiais, seria a seu ver, algo não muito condizente com a filosofia do veganismo por ela adotada. Ainda segundo a ativista, o conceito de sustentabilidade seria indissociável de sua concepção do temo vegano, como demonstra a seguinte transcrição de seu ponto de vista:

(...) eu não vejo nenhum problema na imitação: não contendo sofrimento animal, sendo vegano, tudo bem. Mas, também temos que nos atentar a um segundo ponto: este material está poluindo rios, prejudicando o meio ambiente? Digo isto porque o veganismo não se resume à ideologia de simplesmente não matar uma vaca para se extrair o couro.... De repente, você está produzindo um material extremamente tóxico que, em sua produção polui rios que consequentemente matará peixes, árvores... Entende? Indiretamente, também está prejudicando animais. É bacana a gente pensar em uma moda que seja sustentável e acessível, porque a moda sustentável que existe não é. Portanto, temos que pensar em uma moda sustentável e acessível, pois, o sustentável por si só, já é vegano.

4.2.1.11.

Analogias com a alimentação

(aspectos associados à construção de **analogias** e **paralelos** com a ideia de simulacro de **alimentos** de origem animal)

Correspondem à análise a seguir, comentários selecionados do discurso de respondentes, nos quais foram feitas comparações entre a ideia de simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos aplicáveis em vestuário, e à de simulacro de comidas derivadas de animais, na alimentação de veganos.

Ao serem indagados em relação ao que pensavam a respeito de vestuário utilizável por veganos, cujos componentes evocariam aspectos de materiais originários de animais, alguns respondentes compararam a questão ao consumo de alimentos sem ingredientes de origem animal, mas que remetem a características como aparência, sabor, textura e olfato de pratos tradicionalmente preparados com ingredientes de origem animal, tais como leites, queijos e carnes de soja, por exemplo. Comentários como os dos ativistas RAE-131 e RAE-126, explicitaram esta analogia com neutralidade em relação à sua aceitação: (...) *o mercado vegano está sempre tentando substituir produtos de origem animal, tanto na parte de alimentação (hoje, aqui no bazar [Caiçara Vegan Fest 2015] a gente tem, por exemplo, comidas que são tradicionalmente de origem animal... (RAE-131) e Não vejo nenhum problema, assim como não vejo na alimentação e essas imitações de carnes, queijos e produtos industrializados... Contanto que deixem os animais em paz, que não haja trabalho escravo envolvido... (RAE-126).*

Já para RAE-124, em termos ideais, seria contrário à ideia de simulacro de derivados de animais, em qualquer dos segmentos:

De fato, acho que o ideal é não parecer, pois, não faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais para nenhuma finalidade. Mesmo que não seja aquilo, representa.... Porque usar aquilo? Acho que não tem necessidade... O mesmo vale para a comida... (RAE-124).

De acordo com RAE-131, haveria indivíduos contrários e favoráveis à ideia. Os favoráveis, seriam devido à existência de alternativas semelhantes, porém, isentas

de componentes oriundos de animais. Os contrários, por conta sensações de repugnância desencadeadas pela evocação ao derivado de animal:

Olha, sinceramente, talvez até tenha veganos que não gostam de imitações no vestuário, porque... assim como tem gente que não gosta de comer, por exemplo, a carne de jaca louca, que lembra muito [carne bovina], parece carne desfiada. Então talvez até tenha, realmente, por associarem... O movimento vegano realmente tem essas duas... dois pontos de vista, né? Por exemplo, o vegano e não quer nada que imite animal, de nenhuma uma forma, ou o vegano que acha bom que agora exista alguma coisa de couro de avestruz falsa, entendeu? (RAE-131).

Para o ativista RAE-125, o consumo dos simulacros em questão aparentou ser problemático, pois, em virtude de sua evidente fidedignidade, poderiam ser confundidos com verdadeiros derivados de animais que, por sua vez, implicariam julgamentos de incoerência entre o discurso e a prática do veganismo, por parte de seus consumidores:

Quando a gente faz ativismo, aos sábados, a gente ganha pizza do Lar Vegetariano / Vegan, pizzas veganas e, mesmo para comer essas pizzas, a gente toma o cuidado de não comê-las na hora do ativismo... Porque elas são tão parecidas que, se a pessoa ver a gente comendo, vai achar que é hipocrisia... A pessoa vê aquilo e já associa... (RAE-125).

Outro aspecto da alimentação isenta de ingredientes de origem animal foi mencionado pela respondente RAE-129. Neste caso, ela cita as próprias frustrações devido a comparações com alimentos derivados de animais, semelhantemente denominados, sem saber ao certo, se o mesmo ocorreria com os simulacros presentes em vestuário:

Em uma associação à culinária, por exemplo, (...) pensando em todas as vezes que eu fui a um restaurante vegano, vegetariano, e fui para 'cair de boca' numa 'mousse de limão', num 'quindim vegano', tudo o que tenta imitar o que existe na culinária tradicional, e foi tão frustrante... Pizza de não sei o quê... (...) pelo amor de deus!, era melhor dar um outro nome, não falar mousse de limão, porque, vamos falar a verdade: é uma delícia... eu gosto! Tenho certeza que se eu for comer, vou adorar a mousse de limão verdadeira, original... Chamar isso de mousse de limão gera uma quebra de expectativa muito grande, assim como foi pra mim conhecer o tofu como 'queijo vegano', 'queijo de soja'... (...) Você já vai com aquela expectativa de queijo... Já faz uns dezessete anos que eu como tofu mas, no começo, eu pensei "o que que é isso?" [risos] Eu tive que me doutrinar a gostar daquilo, para conseguir comer aquilo porque há uma quebra de expectativa muito grande...! (...) Então, eu não sei se a gente pode transpor esse raciocínio

também para o vestuário e para os calçados e acessórios... (RAE-129).

Diante dos aspectos analisados, foi percebido que, em geral, diferentemente do vestuário, a questão do simulacro do que provém de animais, porém, na alimentação, já teria sido ponderada pelos entrevistados. Assim como os posicionamentos distintos em relação à temática da alimentação, no vestuário, também não haveria indicativos para definir o limiar de sua aceitabilidade, com base nas comparações aqui apresentadas.

4.2.1.12.

Alternativas

(aspectos associados à consideração de simulacros como **alternativas** percebidas como válidas de substituição de materiais de origem animal)

Nesta subseção do subproblema 2, cujas fontes de dados são ativistas do movimento vegano, são apresentados e discutidos seleção de fragmentos das entrevistas realizadas, nos quais simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, foram considerados como alternativas aos materiais com que se assemelham.

Para cinco, dos nove ativistas abordados, esta classe de materiais artificiais seria vista como alternativa válida para suprir desejos pela estética de materiais derivados de animais sem, no entanto, implicar sofrimento de animais, como denotam as transcrições dos seguintes comentários: *Como muitas pessoas gostam de usar estes materiais com aparência de pele, couro etc. é preferível obviamente que sejam artificiais (RAE-132); Acho o contrário, a pessoa que ama couro percebe que é possível ter uma jaqueta bacana, com uma ‘pegada rock’n roll’ sem matar nenhum bicho. Acho que esse é o conceito, isso é o que tem que acontecer! (RAE-128); (...) acho que a gente tem mais é que incentivar esses empresários que trazem alternativas à moda animal... (RAE-131) e:*

Se tem gente que tem apego psicológico a esses produtos e querem pérolas, usar um sapato que lembre couro de jacaré... eu, particularmente, não uso, por uma questão de representação, mas,

desde que a pessoa não envolva um animal no processo... seja feliz...! (RAE-125);

Mostra para as pessoas que é possível, né? Por exemplo, a pessoa que gosta muito de pele de raposa, mas que não quer comprar por ter pena do animal, tudo bem! Desde que supra o desejo estético da pessoa sem envolver o sofrimento de nenhum animal, eu não tenho nada contra! (RAE-127)

Conforme a declaração da ativista RAE-123, tais tipos de imitações seriam instrumentos facilitadores da mudança de hábitos geralmente necessária àqueles que recém optaram por aderir ao veganismo: *(...) facilita a transição das pessoas para o veganismo porque podem ter a mesma coisa, mais barata e que não causa sofrimento!* A vegana afirma, ainda, que tais materiais emulariam características físicas, formais e estéticas dos derivados de animais presentes em equipamentos de proteção individual, exigidos em certos ambientes e ocasiões, como no caso de pessoas que servem ao Exército e são obrigadas a utilizarem tipos específicos de botas compostas de couro: *Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército, só que ninguém pode perceber, senão eles brigam...*

Por outro lado, para a ativista RAE-130, apesar de reconhecer estes tipos de materiais sintéticos como sendo opções veganas ao consumo de derivados de animais, ao serem utilizados em público, sobretudo por pessoas influentes, acabariam por glamorizar o uso de outros materiais, porém, de origem animal, incentivando seu consumo:

(...) a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se (a pele falsa) for vista em celebridades, ídolos... piorou! Mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... [banda 30 seconds to Mars], que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J. Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então, vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve.... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito.... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira.... Ao invés de divulgar a mensagem de

que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.

Diante dos argumentos apresentados, a classe de materiais em questão, seria, evidentemente, vista como substitutiva de diferentes aspectos de materiais derivados de animais, tais como estéticos, de resistência e durabilidade, de adequação social e simbólicos. Se, por um lado, poderiam tornar hábitos de indivíduos menos diferentes dos que já estariam acostumados, antes da adesão ao veganismo, por outro, poderiam ser confundidos com verdadeiros materiais de origem animal, emitindo mensagens incompatíveis com o próprio desejo de não mais consumirem objetos provenientes de animais.

4.2.1.13.

Funcionalidade

(aspectos associados à **funcionalidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Atribuições de aspectos funcionais a simulacros de materiais de origem animal, foram relatados por três respondentes, em relação a versões sintéticas da lã e do couro animal.

Em relação ao que considera ser lã artificial, para RAE-124, faria o consumo desta, porém, não por mero interesse em sua aparência, semelhante ao material de origem animal, mas, sim, em virtude de ser alternativa disponível que possa cumprir a função isolante térmica, como denota o trecho extraído de seu discurso, a seguir: *Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão...* (RAE-124).

Quanto ao material sintético semelhante ao couro, seria consumido no intento de emular as mesmas características de resistência e durabilidade presentes no material de origem animal, que, na opinião de RAE-124 e RAE-130, seriam vistas como atributos funcionais em bolsas e calçados. De acordo com os referidos

respondentes: *Eu acho que a imitação do couro bovino é legal, pois substitui a funcionalidade do couro em sapatos e bolsas. No caso das peles, não vejo necessidade nenhuma de usar nenhuma... A funcionalidade do courvim é incrível!* (RAE-124) e *O sapato é uma necessidade, de certa forma, mas aqueles apliques, é o fútil do fútil... você não precisa daquilo... Jaqueta de couro: porquê ser de couro, quer dizer, imitando o couro? Pode ser de outros materiais... Então, aí, no meu caso, fica mais evidente a futilidade, a desnecessidade de se usar aquilo...* (RAE-124).

Nota-se, sobretudo a partir do comentário da ativista RAE-124, que um mesmo material sintético, neste caso, semelhante em aspectos estéticos, formais e físicos do couro genuinamente derivado de animais, seria percebido como mais funcional em calçados e mais supérfluo em jaquetas. Em virtude desta percebida funcionalidade, o material sintético semelhante ao couro seria mais aceito do que simulacros de peles, em materiais sintéticos, por exemplo, cuja utilidade seria menos reconhecida como justificável de seu uso.

4.2.1.14.

Qualidade e durabilidade

(aspectos associados à ideia de **qualidade** e **durabilidade** dos simulacros de materiais de origem animal)

Dentre os dados que compreendem esta categoria temática, emergiram menções em relação à aspectos de qualidade e durabilidade somente de simulacros do couro, em materiais artificiais aplicáveis ao vestuário de veganos.

De acordo com a ativista RAE-128, a qualidade do material sintético semelhante ao couro, que compõe sua jaqueta da marca Ellus, seria satisfatória, em virtude de sua durabilidade, como pode ser percebido no seguinte fragmento de seu discurso: *(...) eu tenho a mesma jaqueta há uns cem anos! E olha que eu a uso muito, não tenho o que reclamar!*

Ainda segundo RAE-128, produtos da marca inglesa Stella McCartney, confeccionados com o referido material artificial, seriam igualmente satisfatórios quanto à sua qualidade, o que demonstra que, apesar de voltados para público de alto poder aquisitivo, haveria materiais sintéticos dotados de percebida durabilidade:

Tenho aquela bota, da Stella, há vários anos, nem sei contar quanto tempo ela tem! Por exemplo, em relação à sapato, a Stella McCartney, que é uma marca que eu uso bastante, foi melhorando com o tempo.... Eu uso essa marca bastante, desde 2005, há mais de dez anos e vejo que ela teve uma grande evolução, como tudo o que nos propomos a fazer e vamos melhorando com o tempo. É um mercado ainda novo, em que estão sendo descobertos novos materiais, mas ela evoluiu muito... A qualidade: antes, eu acho que duravam menos, eram menos confortáveis.... Acho que ela [a estilista Stella McCartney] foi evoluindo bastante, senti uma grande diferença!

Nesse contexto, para os ativistas RAE-129 e RAE-131, o mercado brasileiro estaria carente de materiais artificiais duráveis, semelhantes ao couro, ou não, dotados de beleza, que pudessem compor calçados considerados de qualidade. Na opinião de RAE-129, haveria no exterior, desde muito tempo, mais opções de sapatos femininos feitos a partir de materiais veganos, do que hoje, no Brasil:

(...) em 1999, se não me engano, na Itália, procurei por sapatos veganos... naquela época, já havia inúmeras opções! Opções, cá entre nós, muito mais bonitas, muito mais agradáveis de usar... (...) o material, esta alcantara, está intacta, super bonita ainda, imita a camurça... (...) o material é tão bom que já faz 17 anos e ainda está assim, intacto, é uma coisa durável e é bonito, sabe? É um material que eu nunca vi aqui para vender, fui atrás, não vi e fiquei frustrada de ver que o Brasil continua fazendo aqueles sapatos bem ruins, muitos parecem plástico.... É isso o que eu acho que falta aqui [no Brasil]: esta inovação, um material diferenciado, resistente e bonito! Eu queria muito um material resistente e bonito, que a gente não vê muito aqui, sabe?

Em relação às próprias experiências frustrantes em relação à durabilidade de um calçado feminino de marca nacional, a ativista complementa:

Eu fui comprar uma sapatilha da marca Ana Carpi, que é uma linha mais popular... Nossa, o sapato se desfez, lógico, ela está lá ainda, mas, parece um plástico! Então, acho que, pelo pouco que eu vi lá fora, deixa um pouco a desejar em relação à durabilidade e estética... (RAE-129).

Semelhante impressão foi feita pelo ativista vegano RAE-131, porém, em relação a sapatos sociais masculinos. De acordo com seu depoimento, predominam no

mercado nacional produtos importados da China, de baixo custo e proporcional qualidade e durabilidade, como demonstra a seguinte transcrição de seu comentário:

Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China... Não tenho saída, ou eu uso um desses, ou eu uso um de animal! Dura muito menos, por isso, tem uma grande demanda do público vegano, e até de quem não é vegano, mas tem essa parte da consciência, no vestuário, de produtos de qualidade, mesmo que custem mais caro, mas que não usem couro de animais...

Foi percebido, nos depoimentos de respondentes aqui transcritos, que a avaliação da qualidade de materiais sintéticos semelhantes ao couro seria determinada a partir parâmetros baseados em propriedades reconhecidas como intrínsecas do couro genuinamente animal. Corroboram com esta acepção os seguintes comentários:

Courino, é um tipo de material muito conhecido, bem vagabundo, na verdade, tem menor resistência [se comparado ao couro]... (RAE-125) e:

(...) eu ainda tenho sapatos antigos, de vinte e três anos atrás, que são de couro, e eles estão inteiros, não tem comparação com o poliuretano.... Eu não sei se eu ainda não tive a chance de comprar um poliuretano da melhor qualidade, mas, os que eu comprei, não têm comparação. O couro é muito melhor, mais resistente e, a meu ver, muito mais bonito. Não parece aquela 'placa de plástico'... (...) [O couro] é um material mais bonito, é mais resistente, mais durável, é melhor e, tirando essas exceções, essa bota alemã, aquela sandália italiana e outra sandália, para todos os meus sapatos eu tenho essas reservas... eu uso porque não tenho outra opção, mas, não acho a melhor coisa do mundo, não, vou ser sincera com você... Se não fosse pela questão ética, não seria minha primeira escolha. Não mesmo (RAE-129).

Diante dos aspectos apresentados, pode-se inferir que, em geral, materiais sintéticos com aspecto de couro seriam vistos como inferiores em relação ao quesito durabilidade de seu semelhante de origem animal.

4.2.1.15.

Demanda comercial

(aspectos associados à **demanda comercial** por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal)

São relatados e discutidos aqui, aspectos que denotaram a existência de demanda comercial por tipos específicos de simulacros de materiais de origem animal, aplicáveis em vestuário utilizável por indivíduos veganos.

De acordo com os ativistas RAE-123 e RAE-125, haveria demanda por materiais artificiais semelhantes em aspectos físicos, formais e estéticos do couro, para fins laborais, como ilustram os depoimentos a seguir: *Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército...* (RAE-123) e *Eu tenho uma amiga vegana que é bombeira e tem que usar coturno de couro e está procurando até hoje um que não seja de couro para poder trabalhar... Ainda não achou nenhum, profissional, que tem que ser reforçado... ela trabalha com isso, tem que usar porque eles que fornecem...* (RAE-125).

Para o ativista vegano RAE-131, apesar de existirem opções veganas alternativas a sapatos masculinos confeccionados com couro, o mercado careceria de opções de qualidade, com materiais duráveis e com bom acabamento, diferentes das opções originárias da China, que relatou conhecer:

Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China... Não tenho saída, ou eu uso um desses, ou eu uso um de animal! Dura muito menos, por isso, tem uma grande demanda do público vegano, e até de quem não é vegano, mas tem essa parte da consciência, no vestuário, de produtos de qualidade, mesmo que custem mais caro, mas que não usem couro de animais... (RAE-131).

Já para a ativista vegana RAE-129, o mercado de calçados femininos estaria carente de opções veganas esteticamente condizentes com seu gosto por um estilo mais formal, que considera ser mais adequado à idade e preferências de consumidores mais velhos, como ela afirma ser. Em seu depoimento, relata a falta de opções de sapatos sociais veganos compostos de materiais cuja aparência estaria dissociada de tradicionais materiais de origem animal:

(...) eu acho que essas marcas que se dizem assumidamente veganas, no meu ponto de vista, pecam por não levar em conta o consumidor clássico, mais velho, pelo menos as que eu vi até agora... São coisas joviais demais ou muito despojadas, que acho que não agradam um público mais formal, de mais idade... Nesse sentido, precisaria, talvez, haver uma marca que investisse nesse público e que fosse vegana também, que não necessariamente tentasse imitar o couro, mas que trabalhasse com tecidos, até uma lona, mas uma lona tingida, que conseguisse um tom de marrom, bordô, sei lá, um sapato que ficasse mais social mesmo, sabe?

Diante de todos estes aspectos, pode-se inferir que, ao contrário do que foi observado em outras categorias conceituais como “sofrimento”, “repugnância” e “incentivo ao consumo”, quanto mais fidedignos os simulacros do couro, mais úteis seriam para suprir demandas estéticas e funcionais, necessárias para fins de adequação social de seus usuários, por meio de materiais alternativos a derivados de animais.

No entanto, seria desejável que fossem desenvolvidos novos materiais que emulassem características físicas de materiais de origem animal como o couro, dotado de reconhecida resistência e durabilidade, sem, no entanto, comprometerem sua estética evocando ao que consideram estar atrelado a práticas antiéticas.

4.2.1.16.

Adequação social

(aspectos associados à **adequação social** de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal)

De acordo com a seleção de fragmentos obtidos de relatos de três ativistas do movimento vegano, analisada nesta categoria conceitual, a utilização de materiais artificiais semelhantes ao couro genuinamente derivado de animais, em suas

propriedades estéticas, formais e físicas, estaria associada à possibilidade de adequação social em determinados ambientes nos quais a aparência de formalidade estaria atrelada ao uso do material couro. Ratificam esta percepção os seguintes citações: *Quando eu tenho que estar num ambiente formal, eu uso sapato de couro falso... é muito difícil ter uma roupa formal que seja de pano, ou de plástico...* (RAE-126), *Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército, só que ninguém pode perceber, senão eles brigam...* (RAE-123) e (...) *alguns veganos que se preocupam com uma certa formalidade... Por exemplo, você não vai a uma cerimônia de casamento com um par de Crocs nos pés... Vai com um sapato social e, certamente, vai utilizar uma imitação de couro...* (RAE-129)

Diante dos aspectos apresentados, foi percebido que materiais sintéticos que aparentemente buscariam emular propriedades percebidas como próprias do couro, seriam vistos como instrumentos de adequação social sem, no entanto, implicar o que acreditam estar atrelado a sofrimento animal.

4.2.1.17.

Preço

(aspectos associados ao **custo** dos simulacros de materiais de origem animal)

Nesta categoria conceitual são apresentados comentários de cinco ativistas do movimento vegano, nos quais foram identificados indícios de que imitações de couro seriam, em geral, percebidas como mais baratas do que o material de origem animal com as quais se parecem. Permitiram esta dedução trechos como os transcritos a seguir: *Geralmente a [versão] sintética [do couro] é mais barata.* (RAE-124); *É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...* (RAE-128); (...) *a mesma coisa, mais barata e que não causa sofrimento!* (RAE-123).

Apesar de o baixo custo do referido material sintético ser considerado aspecto favorável deste simulacro, este é assim considerado por ser comparado com o preço do couro genuinamente originário de animais. Tal comparação aparentou não estar limitada aos valores pecuniários de ambos, pois, como demonstra o comentário a

seguir, a qualidade do material sintético seria avaliada de acordo com sua semelhança com o derivado de origem animal cujas características estéticas, formais e/ou físicas aparenta emular: *Courino, é um tipo de material muito conhecido, bem vagabundo, na verdade, tem menor resistência (...) é um material que imita, barato...* (RAE-125).

A qualidade do material sintético, por sua vez, estaria diretamente relacionada ao custo do produto composto por ele. Na opinião de RAE-131, calçados cujos componentes predominantes seriam simulacros do couro, teriam baixa durabilidade. Esta, por sua vez, estaria não apenas associada ao fato de se tratar de um produto artificial, comparado com o material derivado de animais, como também pela procedência da manufatura dos objetos:

Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China...

4.2.1.18.

Credibilidade questionável de informações

(aspectos associados à **carência de credibilidade de informações**

a respeito dos simulacros de materiais de origem animal)

Quanto à esta categoria conceitual, apenas um respondente teceu suas impressões a respeito da falta de informações sobre a composição dos materiais artificiais ou não, inerentes a produtos, não, necessariamente, de vestuário. Fazendo comparações com aplicações dos mesmos em automóveis e bolas de futebol, de acordo com a declaração transcrita a seguir, fica implícito que haveria carência de informações quanto à composição de componentes intrínsecos aos objetos, em etiquetas e embalagens de produtos e que em alguns casos, a ausência de tal deficiência seria vista como exemplo de progresso:

Deve haver esclarecimento da procedência dos materiais de origem animal: o que significa para o próprio animal, para o meio ambiente e outros possíveis danos. Por exemplo, todos os carros produzidos no Brasil que dizem ter bancos de couro, usam na realidade couro “ecológico”, sintético – e isso é positivo. As bolas de futebol igualmente são feitas hoje em dia de couro sintético, e assim por diante (RAE-132).

Este comentário se faz pertinente à esta categoria temática em virtude da possibilidade de consumo, ainda que por engano, de materiais de origem animal, em decorrência de sua similitude com simulacros dos mesmos, compostos de matérias-primas sintéticas, considerando que informações suficientemente esclarecedoras em relação à composição dos materiais intrínsecos aos produtos não estariam sendo adequadamente fornecidas. Pode-se deduzir que tal carência de informações também seria inconveniente nos casos em que haveria desejo de compra pelo produto que contém simulacros de materiais de origem animal mas que, no entanto, por serem fidedignos a ponto de fazerem de sua origem indiscernível, valendo-se do benefício da dúvida, não seriam consumidos por parte de indivíduos veganos.

4.2.1.19.

Critérios de seleção

(aspectos associados a **critérios de seleção** e distinção de simulacros de materiais de origem animal)

Dentre os dados obtidos a fim de iluminar este subproblema, cujas fontes de dados são ativistas do movimento vegano, foram selecionados, agrupados e discutidos, nesta categoria temática, elementos que denotam critérios utilizados na busca por peças de vestuário isentas de componentes derivados de animais.

Para a respondente RAE-128, figura pública conhecida nacionalmente por seu trabalho em defesa de animais e que admite gostar muito de imitações de couro em materiais sintéticos, por exemplo, seu parâmetro primordial de recusa ou aceitação de materiais seria a possibilidade de derivar ou não do que considera estar diretamente associado a sofrimento de animais: (...) *o que eu não quero é alguma coisa que machucou, que feriu ou que matou algum animal* (RAE-128).

Já para os demais participantes, o fato de materiais sintéticos evocarem aspectos de materiais oriundos de animais não seria aspecto motivador de seu consumo:

Não uso imitações de peles (pelos). Talvez, em algum objeto que eu tenho, possa ter algum material que se assemelhe com um de origem animal..., mas eu não compro com esse objetivo (RAE-125).

Como afirmou RAE-124, muitas vezes, a semelhança entre os produtos que adquire, por critérios funcionais, e materiais de origem animal, dar-se-ia mais em função de casualidade, do que pela intenção de se obter algo que remeta a derivados de animais: *Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão... (RAE-124).*

Compartilha de semelhante argumento a ativista vegana RAE-129, que afirmou não ser apegada à ideia de evocação a materiais de origem animal, mesmo considerando-os dotados de intrínseca beleza. Para ela, o belo não necessariamente seria semelhante ao que se produz, hoje, a partir de corpos de animais. Em seu comentário, a ativista ressalta que o mercado estaria carente de materiais que pudessem suprir suas necessidades funcionais, ergonômicas e estéticas, sem, no entanto, aludir ao que tradicionalmente é associado à utilização de animais sob a forma de objetos:

O que eu procuro... eu não quero um material que imite o couro, eu quero um material que seja bonito, resistente, confortável e que permita um design bonito... não precisa ser igual ao couro, não tenho essa necessidade, muito embora eu use coisas tipo estampa de onça... Acho que falta um pouco de inventividade nessa área de vestuário, de materiais melhores... (RAE-129)

4.2.1.20.

Aceitabilidade

(aspectos associados à questão, em si, da **aceitabilidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Discute-se, aqui, um compilado de fragmentos extraídos do discurso de ativistas entrevistados nos quais foram notados indícios do limiar de aceitabilidade (ou ausência desta) em relação a ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais aplicáveis ao vestuário utilizável pelo público vegano.

Sob a perspectiva de que esta categoria de materiais seria válida, uma vez que caracterizaria alternativa substitutiva do que consideram estar associado a sofrimento de seres senscientes, imitações de materiais de origem animal, em geral, aparentaram ser aceitáveis, ao menos segundo a opinião dos ativistas respondentes a seguir:

(...) acho que a gente tem mais é que incentivar esses empresários que trazem alternativas à moda animal.... De forma alguma vejo problema nisso, eu até incentivo porque a gente sabe que não vai conseguir mudar, assim, da noite para o dia.... as pessoas gostam e, de fato, os objetos são bonitos, até os feitos com animais... o problema é que utilizam animais, o que para a gente, é inadmissível! Então, se for para poupar a vida dos animais, não importa qual seja a saída, entendeu? Mesmo que seja com imitações e tudo... (RAE-131).

Favorável ao uso desta classe de materiais sintéticos, para RAE-126, o único possível inconveniente que poderia existir seria a utilização de mão-de-obra exploratória na produção dos mesmos: *Não vejo nenhum problema.... Contanto que deixem os animais em paz, que não haja trabalho escravo envolvido... (RAE-126).*

Embora reconheça a existência de opiniões divergentes à sua, para RAE-132, a utilização dos tipos de simulacros em questão seria, além de válida, justificável, partindo da premissa de que seriam alternativas substitutivas de materiais que poderiam infringir interesses próprios de animais:

Não vejo problema em se utilizar materiais sintéticos que imitem pele, couro ou outros produtos de origem animal. O mais importante é que não se utilize os materiais de origem animal. Acho que podem ser usados e é desejável sempre que por causa disso os animais tenham sido poupados. (...) em qualquer das hipóteses no final

se um animal é poupado é isso que importa. Não vejo nenhum caso em que não seja desejável substituir o produto de origem animal por outro que não seja de origem animal. Em alguns casos talvez até o consumidor nem saiba que se trata de um produto de 'imitação', mas, mesmo assim, é positivo... Alguns acham realmente que o uso de produtos imitativos pode estimular o uso dos "originais". Mas eu não penso assim (RAE-132).

Apesar de sentir certa repugnância a tipos específicos de imitações, como peles sintéticas, por exemplo, segundo a ativista RAE-127, o consumo destes arremedos em materiais artificiais seria, inclusive, maneira de demonstrar viabilidade na substituição de artigos de vestuário que contêm derivados de animais:

(...) não vejo nenhum problema na imitação: não contendo sofrimento animal, sendo vegano, tudo bem. Não me incomoda! Não tenho nada contra quem use, mas... Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa? Eu não uso, me dá agonia. Mas, se a pessoa usa e é sintético, pô, legal! Mostra para as pessoas que é possível, né?

Em contrapartida, ainda que não sejam compostos de matérias-primas derivadas de animais, para o ativista RAE-124, além de desnecessárias, tais evocações a derivados de corpos de animais caracterizariam objetos simbólicos de uma realidade contrária a seus princípios ideológicos: *de fato, acho que o ideal é não parecer, pois, faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais... Mesmo que não seja aquilo, representa.... Porque usar aquilo? Acho que não tem necessidade...*

Já para ativistas como RAE-129 e RAE-125 que, a princípio demonstraram posicionamentos mais neutros, a reflexão acerca de aspectos e possíveis implicações quanto ao uso de simulacros de materiais de origem animal em vestuário aparentemente se deu ao longo da concessão das entrevistas, demonstrando não haverem refletido anteriormente com mais profundidade sobre a problemática, como pode ser observado nas transcrições de fragmentos de seus discursos a seguir:

Sinceramente, não posso dizer que seja negativo e também não posso dizer que seja positivo... (...) O sapato é uma necessidade, de certa forma, mas aqueles apliques, é o fútil do fútil... você não precisa daquilo... Jaqueta de couro: porquê ser de couro, quer dizer, imitando o couro? Pode ser de outros materiais... Então, aí, no meu caso, fica mais evidente a futilidade, a desnecessidade de se usar aquilo... (...) Se a gente começar a pensar que não tem problema, qual vai ser a linha demarcatória entre usar uma pele de verdade

e não usar? Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece? (RAE-129)

Não uso imitações de peles (pelos). Talvez, em algum objeto que eu tenho, possa ter algum material que se assemelhe com um de origem animal... Mas eu não compro com esse objetivo. Nunca tive esse apego com o couro, acho um material pesado... (...)
Feio, eu não diria que é... é muito semelhante ao couro animal, mas eu não tenho esse tipo de apego ao vestuário, particularmente, não me atrai. Não é meu estilo usar materiais de couro, que pareçam pele... (...)
A utilização de produtos que imitam pode sustentar a imagem... Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim... (...)
Não sou adepto da pureza em relação à nossa atitude vegana... veganismo, para mim, trata-se de reduzir o sofrimento ao máximo possível. Se tem gente que tem apego psicológico a esses produtos e querem pérolas, usar um sapato que lembre couro de jacaré... eu, particularmente, não uso, por uma questão de representação mas, desde que a pessoa não envolva um animal no processo... seja feliz...! (...)
Eu evito, principalmente no ativismo, qualquer coisa que possa tirar um pouco da credibilidade porque... eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo “ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro...”, apela para a hipocrisia... Para fazer ativismo, eu recomendo para a galera tomar esses cuidados com a aparência... Dos colegas que eu conheço, da ONG, a maioria evita usar esse tipo de imitação, por conta da associação (RAE-125).

Diante da variedade de simulacros existentes, com gradações de fidedignidade em suas evocações, para a ativista RAE-130, haveria certos tipos de arremedos mais aceitáveis do que outros. Para ela, o que determinaria o limiar de sua aceitabilidade seria o grau de fidedignidade em relação ao material de origem animal que aparenta imitar. No entanto, apesar de consideravelmente semelhante ao couro animal, materiais sintéticos com aspecto de couro seriam uma exceção à esta regra, uma vez que, ainda segundo a ativista, sua funcionalidade justificaria sua utilização:

Então, tudo o que para mim, imita, com realismo, o animal, eu não acho legal. (...) Quanto mais “cara de fake”, tipo bolsa de pele roxa e preta, ou oncinha de pelúcia cor de rosa... Aí eu acho legal, porque a pessoa vai ver e falar “olha que legal, é pelúcia mesmo!” Se não imita, exatamente, o animal, eu acho legal! O problema é imitar igual! Aí eu acho que não é legal... (...) A pessoa tem que ter o bom senso de discernir..

Segundo o argumento do ativista RAE-123, apesar de muito semelhantes ao couro de animais, suas versões sintéticas seriam mais aceitáveis do que outros tipos de imitações em virtude do pressuposto de que a informação sobre a existência de

versões artificiais já seria algo mais amplamente difundido, conforme justifica no seguinte comentário: *As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético...*

Em contrapartida, ainda em relação ao material sintético semelhante ao couro, para RAE-124, assim como outros tipos de simulacros de materiais de origem animal com razoável fidedignidade, independentemente de suas características funcionais (apontadas por RAE-130), seria dotado de aspectos simbólicos suficientes para contribuir para incentivar o consumo do couro genuinamente animal:

Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro. Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro. Se essa pessoa passar em uma loja que tiver duas jaquetas, uma de couro e a outra sintética, ela vai escolher pelo critério do preço. Se a de couro estiver mais barata, ela vai levar a de couro. Geralmente a sintética é mais barata. (...) Eu tenho uma jaqueta similar, mas evito usar. Não só não faço questão de usar mas, ultimamente, tenho pensado, de forma mais crítica em relação a isto, em função desta apologia que tem feito.

Para alguns respondentes, o limiar de aceitabilidade desta categoria de materiais estaria condicionado ao grau de semelhança com o material que aparenta evocar. Seguindo este raciocínio, quanto mais fidedigna a imitação, menos válida seria considerada, como é o exemplo das pérolas sintéticas, apontadas por RAE-135 e RAE-123, respectivamente: *Cara, boa questão, nunca tinha pensado sobre isso mas, acho problemático também, se for pensar... e:*

Pérola, se for imitação, eu não vejo problema... [introspecção] Só... tem como problematizar a pérola e a pena porque... A imitação da pena eu não usaria, por uma questão da objetificação. É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade.

Neste sentido, estampas de animais, também conhecidas por “*animal prints*”, seriam menos problemáticas, em virtude de apresentarem inferior similitude em relação ao que aparentam evocar: *Animal print, não vejo problema! (RAE-123) e:*

Mas não vejo problema em estampas, como a de zebra, por exemplo... Porque, na verdade, não está dizendo algo ruim ou bom, necessariamente, está representando um animal... A pessoa gosta da imagem da zebra, das cores da zebra e quer usar estampa de zebra... Não está explorando o animal... nunca ninguém explorou a zebra para isso, sei lá, tipo para fazer camiseta... Agora, se tivesse um tênis de zebra, eu não compraria, porque não é meu estilo e porque acho que, nesse caso, pode associar...

Aí seria uma representação... é tipo “no meu pé tem couro de jacaré...”, agora, se eu fosse usar uma camiseta com estampa de jacaré, nem parece couro... Qualquer coisa que possa reforçar a imagem, acho problemático, por conta do especismo, do uso de animais... A pessoa não vai saber se você está usando ou não... reforça o comércio que vende aquilo, acaba reforçando o comércio que vende o verdadeiro... (RAE-125).

Todavia, para RAE-124, independentemente da superfície em que se apresentam, de certo modo, a existência de tais padrões gráficos em estampas evocaria mensagens antagônicas a seus próprios princípios ideológicos:

(...) usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão, aí é que tá... não tem uma mensagem aí? Eu acho um desperdício... Seria bom se tivesse uma mensagem em prol dos direitos dos animais...

Percebe-se, pois, que, ao menos dentre as opiniões dos ativistas entrevistados, não haveria um consenso em relação à aceitabilidade da ideia de simulacro de materiais de origem animal. Entretanto, apesar de considerados alternativas ao consumo de derivados de animais, para a maioria dos entrevistados, sobretudo as imitações mais fidedignas, poderiam, indiretamente, contribuir para perpetuar a ideia de que a utilização de animais para tal finalidade seria, por eles, aceitável.

4.2.1.21.

Assunto ainda não observado

(assunto, até então, ainda **não atinado** por alguns respondentes)

Nesta categoria conceitual, são apresentados indícios de que aspectos da ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais que não derivam de animais, aplicáveis ao vestuário utilizável por indivíduos veganos, seriam questão, até o momento da entrevista, inobservada por três ativistas participantes como fontes de dados deste subproblema.

Enquanto para um dos respondentes a ideia de simulacro em geral seria uma questão inédita em debates com outros indivíduos veganos, como demonstra o comentário: *Nunca conversei sobre isto com outras pessoas...* (RAE-124), para

outros dois ativistas, casos de simulacros em específico, como pérolas sintéticas e pingentes que retratam aspectos de corpos de animais mais abstratamente, diferentemente de imitações mais comuns, como as do couro, seriam assunto original, até então: *Cara, boa questão, nunca tinha pensado sobre isso mas, acho problemático também, se for pensar...* (RAE-125) e *Nossa! Difícil, isso, viu, nunca parei para pensar nisso...* (RAE-131).

Dado que estamos tratando de respondentes relativamente informados em relação à assuntos relacionados ao veganismo, pode-se inferir que o tema, em geral, seria menos debatido entre veganos, se comparado à questão dos simulacros de alimentos de origem animal, em alimentos de origem vegetal, como visto na categoria “analogias com a alimentação”, por exemplo.

4.2.1.22.

Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática

(referências que denotam a **novidade da reflexão acadêmica sobre o assunto**)

Dentre os ativistas abordados em busca de respostas para esta subdivisão do problema fundamental, apenas um deles foi indagado em relação à existência de estudos semelhantes, o que, talvez, justificaria a ocorrência de apenas um ponto de vista quanto à esta categoria conceitual.

Além de afirmar desconhecer pesquisas já concluídas especificamente em relação à esta temática, a ativista RAE-129 considerou reflexões mais sistemáticas como esta, em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais, aplicáveis ao vestuário, como sendo relevantes. Tal pertinência se manifestaria em função de sua própria curiosidade e, sobretudo, pela possibilidade de discussão do tema de maneira pacífica, sem exaltações de ânimos e juízos de valor, por parte de indivíduos hipoteticamente participantes de semelhante debate, como pode ser observado na transcrição de seu depoimento:

Nunca vi, até hoje. É importante, sim! Mais do que dizer que é importante, eu diria que é também muito interessante porque eu gostaria de ter essa resposta, de saber de que forma as pessoas veem essas manifestações... No mundo vegano, quando a gente vai

falar sobre esses assuntos, parece que você não consegue, de modo geral, não todo mundo, mas uma grande parte das pessoas, não se consegue falar sobre isso com isenção de ânimos, sem julgamentos, sem moralismos, patrulhamento... (...) eu quero saber qual é a verdade, até que ponto isso pode prejudicar ou não. Porque, se eu souber que isso vai prejudicar os animais, se eu tiver certeza disso, eu vou abrir mão, sim, principalmente dessas coisas, o fútil do fútil...

4.2.1.23.

Considerações finais sobre os resultados do subproblema 2, relativo aos respondentes ativistas veganos

A apreciação dos dados que emergiram das discussões analisadas em cada categoria conceitual desta subdivisão do problema fundamental possibilitou considerações mais abstratas em relação a aspectos e possíveis implicações que permeiam a temática da ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais sintéticos presentes em vestuário utilizável por indivíduos veganos.

A existência da categoria de simulacros em questão seria vista como alternativa válida de substituição de materiais associados ao que alguns ativistas consideram ser antiético, sobretudo, àqueles indivíduos, veganos ou não, psicologicamente apegados à estética de materiais oriundos de corpos de animais sem, no entanto, implicar prejuízo aos interesses próprios dos seres dos quais derivam as matérias-primas originais.

De modo geral, simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, quando utilizados publicamente, foram considerados como potenciais evocativos dos materiais com os quais se parecem, podendo, até, serem instrumentos de incentivo ao consumo de suas versões animais, em função da glamorização de seu uso, ainda que por meio de imitações em materiais artificiais. Esta característica, por sua vez, embora reconhecida por muitos como dotada de intrínseca beleza, seria vista como inconveniente, em virtude da possibilidade de suscitar sentimentos de constrangimento social ou, então, de juízos de incoerência entre o discurso e a prática do veganismo, ao se passarem por genuínos materiais de origem animal.

No entanto, a aceitabilidade da similitude de imitações de couro em materiais sintéticos demonstrou ser exceção a esta regra. Embora, em termos ideais, evocações à imagem e memória da existência de materiais provenientes do que os ativistas entrevistados creditam ser fruto de práticas antiéticas, seriam indesejáveis, deduz-se que, devido à ampla variedade de aplicações do couro em objetos e peças de vestuário, tanto em sua versão sintética, quanto de origem animal, estaria associado mais a um material em si, banal, dissociado de sua origem, e menos a objeto de práticas consideradas, pelos respondentes em questão, como abjetas, associadas à ideia de sofrimento de animais.

Outro aspecto que influenciaria a aceitabilidade do material sintético semelhante ao couro seria a funcionalidade atribuída ao mesmo. Diferentemente do que foi apontado em relação a outros tipos de arremedos os quais, quanto mais fidedignos, mais problemáticos seriam, especificamente no caso deste simulacro, quanto maior o grau de emulação de características estéticas, formais e físicas reconhecidas como próprias de seu semelhante derivado de animais, mais úteis seriam considerados.

A possibilidade de reprodução de propriedades físicas típicas do couro, em materiais isentos de componentes animais, em geral, compreenderia aspecto favorável deste tipo de imitação, haja vista que haveria demanda por materiais tão resistentes e duráveis quanto consideram ser o couro, sobretudo em calçados, sejam eles sociais, casuais ou técnicos (sob a forma de equipamentos proteção de seus usuários). Todavia, de acordo com grande parte dos entrevistados, tais características ainda não teriam se demonstrado satisfatoriamente presentes em versões sintéticas dos mesmos, amplamente comercializadas no Brasil.

Foi também percebido que o parâmetro de qualidade e durabilidade das imitações sintéticas do couro seria resultante de comparações com propriedades semelhantes presentes em sua versão original animal. Uma vez cotejados tais atributos, o material sintético seria, genericamente, considerado como inferior, fato que seria, também, objeto de preocupações ecológicas. Em virtude de sua rápida obsolescência, fora apontada pertinência no desenvolvimento de materiais alternativos ao consumo de animais, porém, semelhantes em suas características de

resistência e durabilidade. Além disso, de acordo com um dos relatos analisados, haveria carência por materiais também equivalentes em durabilidade, sem necessariamente evocarem referências estéticas próprias de derivados animais.

Outra finalidade atribuída aos simulacros do material sintético semelhante ao couro, seria a de adequação social que, dar-se-ia em função da possibilidade de conferir a seus usuários a aparência de formalidade reconhecida como própria do couro, em ambientes e ocasiões em que protocolos do vestir seriam seguidos.

4.3.

Quanto ao subproblema 3, (relativo aos respondentes especialistas)

4.3.0.

Comentários sobre a categoria de participantes formada por especialistas

As análises a seguir correspondem aos dados já tratados que responderam ao subproblema 3, obtidos a partir de uma entrevista pessoal semiestruturada e estimulada e, sobretudo, por meio de cinco questionários virtualmente respondidos por indivíduos veganos. Tais respondentes, igualmente divididos entre homens e mulheres, caracterizam especialistas proeminentes em suas diferentes áreas de atuação no âmbito nacional. Nesta amostragem, foram abordados três especialistas em Filosofia da Bioética, um historiador especialista em Direitos dos Animais e duas designers de Moda especialistas em Moda ética e vestuário utilizável por veganos.

Visando maior compreensão dos processos de obtenção das informações apresentadas neste capítulo, bem como a explicitação dos dados que apresentaram considerável exuberância, constam, ao final deste trabalho, respectivamente no Apêndice “F” e no Anexo “A”, questionário (também utilizado como roteiro utilizado de entrevista pessoal) enviado a alguns dos respondentes ora por meio de mensagens em aplicativo de rede social da internet, ora por e-mail, bem como as transcrições integrais de entrevistas concedidas por dois dos filósofos entrevistados.

A fim de salvaguardar a identidade dos referidos respondentes, assim como nos demais subproblemas, foram utilizados códigos alfanuméricos em substituição aos seus nomes, conforme explicita a legenda abaixo:

Códigos dos tipos de respondentes	Fontes de dados
REQ- n° (identificação do respondente, de 133 a 138).	Especialistas respondentes de questionário via <i>internet</i> , com exceção do respondente REQ-135, que foi abordado por meio de entrevista semiestruturada, estimulada e em profundidade.

Figura 49: Legenda que relaciona códigos utilizados para preservar a identidade dos respondentes. Fonte: elaborada pela autora (2016).

4.3.1.

Análises dos dados das entrevistas realizadas com especialistas, por categorias conceituais

4.3.1.1.

Afetividade

(aspectos associados ao sentimento de **afetividade** em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, segundo a perspectiva de especialistas)

Esta categoria temática apresenta e analisa comentários de duas especialistas entrevistadas, em que foram identificadas associações de afetividade em relação a simulacros de materiais de origem animal presentes em vestuário utilizável por veganos.

Para a respondente REQ-136, filósofa especialista em bioética, o apreço por estampas que evocam ao padrão visual de corpos de animais e por versões artificiais de peles e plumas, por exemplo, seria compreensível, ao considerar que tais imagens e texturas poderiam estar presentes na memória afetiva de indivíduos veganos:

(...) entendo a emoção de muitas pessoas que “gostam” muito de estampas e padrões que lembram a pele de felinos silvestres, répteis, ou a plumagem de pássaros. As sensações que as pessoas têm, infelizmente, estão muito associadas à memória da textura macia que a pele natural ou a plumagem natural deixou em seus cérebros na infância.

Demonstração de carinho em relação a *animal prints*, semelhante aos sentimentos relatados por REQ-136, foi percebida no relato da respondente REQ-133, designer de moda, especialista em moda ética, como pode ser observado em sua fala: *Sou apaixonada por estampas de leopardo, então tenho uma variedade tremenda.* (REQ-133)

No entanto, a filósofa REQ-136 pondera a temática com uma indagação: se, ao se tornarem veganas, optaram por abrir mão de alimentos de que, apesar de, talvez,

gostarem, não mais eram condizentes com seus ideais éticos, porque, então, não fazer o mesmo com o vestuário? Ratifica esta interpretação o seguinte comentário:

A questão, então é esta: se a pessoa é vegana, o que significa não apenas que ela deixou de comer animais, mas que ela luta pela abolição de todos os usos de animais para propósitos humanos, sejam esses considerados fundamentais ou triviais, não importa, por que ela usaria seu corpo para transmitir mensagens que evocam sempre a moralidade da matança dos animais para cobrir os corpos humanos ou recobrir seus objetos de estima? A coerência ética exige que desdobremos todas as pregas morais nas quais nos embrulhamos até hoje. Não basta desfazer-se apenas dos restos dos animais no prato. É preciso desfazer-se, desapegar-se até mesmo da memória do tempo em que os restos de suas peles eram fonte de prazer humano (REQ-136).

Ao se demonstrar compreensiva com possíveis sentimentos de afeição relacionados a simulacros de materiais de origem animal presentes em vestuário, a respondente REQ-136, ainda complementa com a opinião de que não haveria sentido em manter-se apegado a tais aspectos positivos associados a esta classe de materiais, uma vez que tantos outros prazeres já haviam sido abdicados, em função de princípios tidos como mais éticos:

Entendo que algumas veganas se deixem ainda seduzir pelas estampas, texturas e padrões que lembram a pele de animais de outras espécies, porque tudo isso está fortemente marcado em suas memórias afetivas, sensuais e evoca emoções e lembranças de prazeres táteis dos quais elas não querem se desfazer. Mas, veja, se alguém se desfez de todos os prazeres palativos e gustativos relacionados ao que antes comia, se alguém se torna vegana, sabendo que diz adeus a tudo que antes constituía rotinas mentais prazerosas relativas ao prato, espetáculos, maquiagem etc., não vejo razão alguma para a pessoa abrir mão e fazer exceção quanto ao uso de texturas e padrões que sintetizam a pele de outros animais para uso pessoal ou mesmo decorativo (REQ-136).

Diante dos relatos acima, pode-se entender que ligações afetuosas em relação a materiais sintéticos que evocam texturas e padrões visuais presentes em materiais de origem animal seriam reconhecidas como passíveis de existir e, até, compreensíveis, por fazerem parte da memória afetiva de veganos, registrada quando ainda não tinham consciência de que os derivados de animais com que se parecem, no futuro, seriam considerados inadequados.

Contudo, em termos ideais, ao menos para a filósofa REQ-136, seria interessante que tais ligações não passassem de boas memórias, uma vez que, quando

materializadas, ainda que em versões artificiais, poderiam, indiretamente, contribuir para perpetuar a ideia de que o uso de animais para esta finalidade continuaria sendo moralmente aceito por seus usuários.

4.3.1.2.

Estética

(considerações **estéticas** associadas a simulacros de materiais em vestuário)

A presente categoria conceitual evidencia e analisa seleção de fragmentos extraídos de conteúdos de entrevistas realizadas com quatro participantes. Nos comentários apresentados e discutidos a seguir, foram identificadas menções a atributos estéticos associados a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal.

Em referência a estampas que evocam padrões visuais característicos de corpos de animais, foi atribuído o sentido de beleza, conforme comentou a respondente REQ-133, vegana e designer especialista em moda ética: *os animais são lindos e podemos replicar a padronagem, ao meu ver. Não há problemas. O que não podemos é matá-los para usar uma pele que não nos pertence.*

De acordo com a também vegana e designer de moda, REQ-135, apesar de considerar versões artificiais de peles de animais esteticamente apreciáveis, seria contrária a seu uso, sobretudo, das que considera suficientemente fidedignas a ponto de serem passíveis confusão com peles reais, como demonstra o comentário a seguir:

(...) com relação às peles sintéticas, acho elas lindas, têm uma estética muito legal, mas eu acho que elas acabam fazendo uma apologia ao uso de peles, porque na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal. E, de repente você é uma pessoa formadora de opinião e aparece usando, em uma foto de revista, um casaco de pele sintética que seja muito similar à pele do animal, acaba estimulando outras pessoas a buscarem coisas similares ou a acreditarem que aquilo é um modelo estético que elas buscam...

Para a referida participante, justamente por serem intrinsecamente belas e parecidas com peles genuinamente originárias de animais, ao serem vestidas e expostas

publicamente, poderiam contribuir para glamorizar o uso deste tipo de produto, sem a distinção de que foram produzidas a partir de matérias-primas sintéticas, implicando, indiretamente, perpetuação da ideia de que o uso de animais para tal finalidade seria um padrão estético a ser seguido.

Sem apresentar preocupações em relação à reação de outros quanto ao uso de simulacros de materiais de origem animal como peles, pelos sintéticos e estampas de animais, de acordo com o participante REQ-138, embora acredite que tais arremedos poderiam emitir a mensagem de que o uso de animais como objetos seria moralmente aceitável, acredita que o apreço por estes tipos de evocações seria resultante de paradigma estético passível de ser modificado de acordo com valores pessoais e éticos:

Denota um certo especismo essa ideia de que é normal e aceitável usar peças que remetem a peles ou pelos de animais, ou mesmo padrões de cores, como no caso do animal print. Mas eu penso que isso é basicamente uma questão emocional. Se nós conseguirmos abolir o uso e exploração de animais, que é o que importa, provavelmente essa nova sensibilidade ética irá interferir nos nossos padrões estéticos.

Ainda em relação a padrões estéticos, para a filósofa REQ-136, na contemporaneidade, produzir materiais, mesmo que artificiais, que possam contribuir para a perpetuação da ideia de objetificação de animais, seria algo desnecessário, uma vez que já haveriam sido desenvolvidas maneiras de substituir características de materiais originários de animais sem, no entanto, representá-los:

Com a expansão da consciência humana e os recursos dos quais hoje já dispomos para criar estampas, padrões e texturas sem evocar os milênios nos quais matamos animais para lhes roubar as peles, o couro, as plumagens, a lã, não vejo necessidade alguma em fixar a arte nos padrões da pele animal. Podemos criar milhões de desenhos e de matérias que dão fofura, impermeabilidade, resistência, maleabilidade, colorido, sobriedade, leveza, beleza etc., sem precisar depender dos fractais animalizados.

Ademais, a filósofa complementa seu raciocínio esboçando a perspectiva de que, em termos ideais, talvez houvesse um meio-termo aceitável entre a evocação à beleza de animais e a reprodução dos mesmos, enquanto objetos associados, por ela, a sofrimento:

A criação de texturas ou padrões que combinem resquícios do desenho de uma pele animal, mas no conjunto tenham outras

informações que não remetam exclusivamente àquela pele, poderia ser uma passagem do grotesco que ainda evocamos hoje com tantas imitações, para a sutileza que nos fizesse lembrar do que um dia fizemos aos animais, sem encorajar o imaginário nem dar a ele a noção de que o que fizemos e ainda fazemos seja algo louvável. Um traço do padrão animal, recriado inteiramente em outros fractais, como padrões que lembrem sem fixar nenhum desejo de “reproduzir”, “repetir”, “ressoar” a ideia da legitimidade de se matar animais para se embelezar, essas poderiam ser estampas futuras. Mas elas não seriam imitações da pele do animal. Fariam referências sutis a ela sem reproduzir a barbárie que ali hoje ainda se vê retratada (REQ-136).

Dado o exposto, pode-se inferir que, em geral, a aparência do que é reproduzido em versões sintéticas de materiais como couros e peles, além de estampas de animais que não necessariamente evocam o animal como material, mas, sim, suas características estéticas, são vistas como intrinsecamente belas. Estas, entretanto, apesar de alternativas substitutivas à utilização dos próprios animais, justamente por serem dotadas de tal beleza, ao serem utilizadas em público, poderiam despertar o desejo por suas versões derivadas de animais, prática considerada como potencial perpetuadora de padrão estético moralmente reprovável, aos olhos de alguns dos entrevistados.

4.3.1.3.

Indiscernibilidade

(aspectos associados à **indiscernibilidade** de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais)

Discute-se, nesta categoria conceitual, a similitude de alguns materiais artificiais em relação a outros, derivados de animais, o que faria destes, muitas vezes, indistinguíveis entre si, de acordo os comentários de especialistas, analisados nesta subseção do subproblema 3.

Relatos sobre a parença entre simulacros do couro, reproduzidos em materiais sintéticos, denotam a possibilidade de serem facilmente confundidos com materiais originários de animais, como demonstram os fragmentos extraídos do discurso de três respondentes, transcritos a seguir: *No caso das botas, sandálias e sapatos, é*

praticamente impossível distinguir em muitos deles se foram compostos com couro bovino ou se temos ali uma imitação sintetizada (REQ-136), O material que eu uso, que é similar ao de origem animal, é o poliuretano, que é o que o que eu acabo utilizando em sapatos e que pode remeter ao couro, talvez, que é mais brilhante, tem uma cara mais “plástica”, mas... passa batido como couro! (REQ-135) e Como vegano, eu reparo, por exemplo, se pessoas à minha volta usam roupas ou adereços de couro, e sem ter certeza de serem imitações ou originais, isso me causa estranhamento (REQ-138).

A possibilidade de o simulacro do couro ser confundido com o próprio material de origem animal aparentou ser preocupante para a participante REQ-136, filósofa especialista em bioética, devido ao fato de serem razoavelmente semelhantes entre si, poderiam levar pessoas que os vissem de longe a pensarem que seus usuários, de fato, estariam utilizando derivados de animais, o que poderia implicar dedução de falsas incoerências entre discurso e prática do veganismo. Como afirmou a referida participante, no comentário a seguir, quando utiliza material sintético semelhante ao couro em aparições mais públicas, costuma fazer a ressalva de que seus calçados se tratam de versões artificiais:

Já troquei ideias com algumas pessoas, por conta de jaquetas sintéticas que não se podia saber, só olhando, se eram couro animal ou imitação. Também quanto a botas e sapatos, sempre que posso, nos auditórios onde me apresento, faço questão de deixar claro que são sintéticos, embora não se possa saber só olhando de longe. Chego a usar botas já meio esfoladas, porque dá para ver que não são de couro animal. Mas nem sempre é possível andar com elas em certos espaços (REQ-136).

A similitude excessiva de alguns materiais sintéticos com outros, oriundos de animais, como o couro de cobra, por exemplo, seria algo reprovável, na opinião da vegana e designer de moda REQ-135, pois, além de fazê-los indiscerníveis uns dos outros, poderiam denotar que a ideia de utilização de animais em vestuário seria aceitável por seus usuários:

(...) tem couro [sintético] estampado de cobra que fica fiel, assim, eu já não usaria... Se for uma coisa “fake”, eu usaria... Meu problema não é o gráfico... A Ellus fez uma coleção, há pouco tempo, que tinha um couro estampado que remetia a uma cobra coral... e ele era muito fiel, parecia muito com pele de cobra mesmo! Agente abordou a marca e tal, foi ver, pessoalmente, as peças e não eram... Mas, de qualquer maneira, me incomoda muito a semelhança muito forte do que eu acho que... é a mensagem que você transmite... (REQ-135).

Algumas das referidas peças confeccionadas em material sintético aludindo ao couro de cobra coral, cujo grau de parecença foi suficiente para suscitar dúvidas quanto a sua origem, são exemplificadas por meio da figura 50, a seguir:

Figura 50: Estampas em materiais artificiais que evocam à pele de cobra coral da marca Ellus.¹⁷
Fonte: Snake [...] (2013).

Figura 51: Tênis com estampa que evoca o padrão visual da pele de cobra.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 52: Bota com material sintético que simula pele de carneiro.
Fonte: foto da autora (2016).

¹⁷ Disponível em: < <https://goo.gl/ttGqWH> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

Aspectos associados à indiscernibilidade dos simulacros de materiais de origem animal representados nas figuras 51 e 52, exibidos à respondente REQ-135, em entrevista estimulada, também foram considerados inapropriados, em virtude de sua percebida fidedignidade em relação aos derivados de animais com que se assemelham. Em relação à imagem do tênis predominantemente confeccionado em tecido, cuja estampa metalizada evoca ao padrão visual típico de peles de cobra, em primeira instância, REQ-135 considerou-a inadequada, tendo como parâmetro, além de sua ideologia, o grau de parecença com o que seria em versão originalmente animal. Depois, ao se aproximar mais da imagem, reformulou seu discurso fazendo a ressalva de que, ao ter percebido que se tratava de estampa prateada, seria admissível, como pode ser observado neste seu comentário:

Eu, pessoalmente, não usaria, por ideologia, porque eu acho que é muito... é diferente daquelas estampas que você já identifica, prontamente, que não são de origem animal... Isso aqui me incomoda... [Até então, vendo a foto, não havia percebido que a estampa era metálica] Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem!

Já em relação à bota composta de material sintético, representada na imagem X, semelhante não apenas em seu material, como também em sua forma, a modelo clássico de calçado composto de pele de carneiro, fora considerado repugnante, devido a seu aparente realismo que faria de sua origem e composição indiscerníveis: (...) *ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!* (REQ-135).

Percebe-se, então, que, de fato, muitos materiais artificiais semelhantes a peles e couros de animais seriam vistos como parecidos o suficiente a ponto de serem confundidos com verdadeiros materiais provenientes de animais, pelos próprios veganos entrevistados. Tal indiscernibilidade em relação à sua verdadeira composição poderia implicar emissão de mensagens contrárias à própria ideologia dos mesmos, denotando que o uso de animais como objetos seria, por eles aceitável.

No entanto, haveria tipos de simulacros cuja origem seria mais discernível do que de outros, como é o caso do tênis representado na figura 51. O fato de a estampa ser de cor metálica faria deste arremedo uma imitação mais abstrata e distante de outras cópias de materiais de origem animal, como as mencionadas estampas de cobra coral em superfícies sintéticas, exemplificadas na figura 50 e, por este motivo, mais bem vista do que outras cópias mais realistas.

4.3.1.4.

Incentivo ao consumo

(aspectos associados à ideia de **incentivo ao consumo** de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros)

Nesta categoria, são reunidos e analisados conteúdos extraídos de entrevistas realizadas com cinco especialistas das áreas de filosofia, design de moda e direitos dos animais, em que foram identificados aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal poderia contribuir para estimular o consumo dos materiais genuinamente originários de animais que aparentam evocar.

De acordo com o relato apresentado a seguir, de uma vegana especialista em moda ética, as opiniões de indivíduos veganos estariam bipolarizadas entre contrárias e a favoráveis à existência e uso de imitações desta natureza. Sem especificar quais justificativas as fariam favoráveis, mencionou o argumento de que tais evocações poderiam fomentar o consumo por materiais de origem animal:

Eu já vi veganos nos dois lados - a favor e contra os materiais sintéticos. Os contras normalmente debatem sobre fazer a alusão a um determinado material e isso pode gerar demanda para o verdadeiro ou reforçar a imagem de determinado material na moda/sociedade. O muito real pode fazer à alusão a um material antiético e ainda gerar desejo pela coisa verdadeira (REQ-133).

Duas outras entrevistadas ratificaram a ideia de que o uso de simulacros como peles sintéticas poderia incitar a compra de seus originais, quando utilizados publicamente e vistos por pessoas que não teriam o mesmo escrúpulo de apenas desejarem versões artificiais dos materiais que, hipoteticamente, acabaram tendo o desejo de

adquirir, como pode ser percebido no trecho transcrito a seguir, referente ao ponto de vista da designer de moda REQ-135:

(...) com relação às peles sintéticas, acho elas lindas, têm uma estética muito legal, mas eu acho que elas acabam fazendo uma apologia ao uso de peles, porque na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal. E, de repente você é uma pessoa formadora de opinião e aparece usando, em uma foto de revista, um casaco de pele sintética que seja muito similar à pele do animal, acaba estimulando outras pessoas a buscarem coisas similares ou a acreditarem que aquilo é um modelo estético que elas buscam.... Então, acabo não sendo a favor, eu não uso e me incomoda um pouco, quando vejo as pessoas usando, porque eu acho que acaba fazendo apologia... (REQ-135).

Compartilha deste pensamento a filósofa REQ-136, que credita ao uso público de simulacros desta natureza potencial glamorização de materiais advindos de corpos de animais:

Essas pessoas veganas, obviamente, andarão pelas ruas, frequentarão espaços públicos, auditórios, sala de aula, comércio, nos quais todas as demais estão olhando sua estampa e cobiçando algo assim. As outras pessoas entrarão na primeira loja que venda produtos animalizados e os comprarão sem pestanejar. No final das contas, as veganas que se vestiam “apenas” com réplicas sintéticas da pele dos animais terão servido de propaganda viva e em cores para venda de peles reais de animais. Não vejo como isso possa ser “aliviado”, por mais que eu compreenda o imaginário infantil que ainda está em cada pessoa quando ela se torna vegana (REQ-136).

Complementando suas convicções, REQ-135 salienta que a possibilidade de incentivo ao consumo de materiais de origem animal teria mais propensão de ocorrer nos casos em que os simulacros aparentariam elevado grau de fidedignidade:

Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem! Agora, se remeter, exatamente, ao couro de cobra, eu acho que, de repente eu, usando, posso estimular outras pessoas que o veem a acharem “ai, que lindo!” e, inconscientemente, comecem a buscar coisas similares e, fatalmente, comprem uma coisa de origem animal... (REQ-135).

Neste contexto, para o filósofo REQ-134, embora sejam artificiais, sem, diretamente, implicar prejuízo aos interesses dos animais provedores dos materiais que os simulacros aparentam evocar, indiretamente, contribuiriam para tornar perene a ideia de que o emprego de animais para estes fins seria algo moralmente admissível:

(...) sobre materiais sintéticos que imitam os de origem animal. Nesse caso, obviamente, nenhum animal foi ou será diretamente prejudicado para a confecção do produto. Entretanto, ainda assim cabe a seguinte objeção de ordem ética: quem usa, por exemplo, um casaco de couro sintético, contribui pessoalmente para dar uma aparência de normalidade moral ao uso do couro real. Essa pessoa ajuda a encobrir a injustiça que há detrás da exploração dos animais frente àquelas pessoas cuja sensibilidade moral poderia suspeitar que há algo errado nessa exploração. O usuário desse casaco ajuda a perpetuar a ideia de que é eticamente aceitável tratar os animais do modo como os tratamos. Ele ajuda a impedir que certos sentimentos públicos de condenação moral desponham na nossa sociedade contra a violência praticada aos animais. Perceba que, neste aspecto, há uma equivalência entre o uso de materiais de origem animal e o uso de materiais sintéticos que imitam os de origem animal (REQ-134).

Já para REQ-138, a ideia de incentivo ao consumo de derivados de animais por meio do uso de seus simulacros não passaria de teoria empiricamente fundamentada, sem quaisquer evidências de sua efetividade:

(...) eu percebo em alguns veganos a resistência à ideia de usar imitações como uma perpetuação do especismo. Mas percebo também que muitas vezes não existe uma coerência ou consistência argumentativa nessa objeção, o que me faz concluir que ela é fundada sobre critérios emotivos e subjetivos.

Diante destes aspectos, pode-se entender que a ideia de incentivo ao consumo de materiais de origem animal, e, sobretudo, à ideia de normalidade da objetificação de animais, seria vista como plausível dentre a maior parte dos especialistas entrevistados.

4.3.1.5.

Heranças culturais

(aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de **heranças culturais**)

Apresenta-se, nesta categoria conceitual, análise de trechos selecionados do discurso da filósofa, especialista em bioética, REQ-136, em que foram identificadas passagens pertinentes à atribuição de heranças culturais ao uso de materiais sintéticos que se assemelham a derivados de animais aplicáveis ao vestuário.

Para a referida participante, a utilização de vestuário que contém materiais, ainda que sintéticos, que evocam a utilização de animais para finalidades, a seu ver, antiéticas, não seria algo muito apreciável, uma vez que não contribuiria para erradicar a perpetuação de heranças culturais primitivas, em que imperavam valores antropocêntricos e especistas – ou seja, que atribuem valores e direitos, neste caso, de humanos, acima de quaisquer outros de outras espécies – , que ainda manifestam seus resquícios no *staus quo*.

Corrobora com a aceção acima o seguinte comentário:

Mas temos a outra implicação, nada positiva, que é a de vestir alguém ou revestir algo com uma estampa lembrando o padrão da pele de certo animal. Acontece que o uso da pele animal para se vestir ou para revestir objetos é um conceito moral milenar herdado dos tempos nos quais os animais eram vistos como fonte de matéria natural para cobertura dos corpos humanos. ” Este conceito da pele do animal como passível de ser usada, cortada, recortada como matéria prima, dissociada do sujeito que estava abrigado naquela pele e foi morto para que ela pudesse ser usada pelo humano, tal padrão moral deixou de ser considerado minimamente aceitável na ética contemporânea. Usar algo que lembre essa moralidade brutal, típica do domínio dos humanos sobre os outros animais, não é algo louvável, pois estamos justamente lidando hoje com a urgência da abolição desses valores antropocêntricos especistas (REQ-136).

A filósofa ainda complementa que, no intento de mudar a atual conjuntura, em que hábitos e tradições antagônicas aos interesses de animais não humanos ainda se fazem presentes, não bastaria apenas a abstenção do consumo destes seres para fins alimentícios, por exemplo. Haveria, também, que se abrir mão do que pudesse contribuir para perdurar a cultura que admite o uso de animais para interesses de seres humanos, como é explicitado no trecho:

A coerência ética exige que desdobremos todas as pregas morais nas quais nos embrulhamos até hoje. Não basta desfazer-se apenas dos restos dos animais no prato. É preciso desfazer-se, desapegar-se até mesmo da memória do tempo em que os restos de suas peles eram fonte de prazer humano.

Diante das impressões tecidas pela filósofa REQ-136, pode-se inferir que a utilização de animais para fins de vestuário que, nos primórdios, era algo necessário, na contemporaneidade, corresponde, sobretudo, a resquícios de hábitos culturais, agora, considerados antiéticos. Em termos ideais, a utilização de vestuário que possa contribuir para a perpetuação do *status quo* em que animais ainda são

considerados como fontes de matérias-primas, deveria ser abolida, a fim de coibir tal colaboração.

4.3.1.6.

Evocação ao material de origem animal

(aspectos que denotam **evocação de** simulacros de materiais de origem animal a **materiais genuinamente originários de animais**)

Reúnem-se, nesta categoria temática, comentários selecionados de entrevistas com quatro especialistas em que foram notados indícios do reconhecimento de características de materiais de origem animal, em materiais sintéticos.

Fragmentos do discurso de respondentes, como os transcritos a seguir, denotam evidências de que materiais artificiais chamados de “peles”, “pelagens” e “couros sintéticos” seriam lembrados por sua evocação aos derivados de animais com que disseram que se pareceriam: (...) *muitas pessoas que “gostam” muito de estampas e padrões que lembram a pele de felinos silvestres, répteis, ou a plumagem de pássaros (REQ-135), (...) uma prima presenteou com algumas roupas de frio, dentre elas tinha uma que parecia muito ser de coelho, mas era sintético (REQ-137) e:*

(...)na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal. (...) as imitações da marca da Zara são muito gostosas... reais...! (...) o material que eu uso, que é similar ao de origem animal, é o poliuretano, que é o que o que eu acabo utilizando em sapatos e que pode remeter ao couro, talvez, que é mais brilhante, tem uma cara mais “plástica”, mas... passa batido como couro! (...) além de eu achar horrível, eu acho que remete...! (REQ-135).

Para a filósofa REQ-136, especialista em bioética, não haveria dúvidas de que simulacros de materiais derivados de animais fariam alusão aos materiais que aparentam arremedar:

Toda imitação é uma mimetização, uma repetição, um eco, portanto, produz ressonância no campo onde ocorrer. (...) o objetivo é espalhar aquela textura, fazer lembrar algo que não estaria ali, mas acaba por estar por conta da padronização sintetizada (REQ-136).

Alguns respondentes atribuíram a esta categoria de simulacros a possibilidade de, além de evocarem materiais originários de animais, emitirem mensagens sobre seus usuários, muitas vezes, contrárias aos próprios ideais éticos dos mesmos, como demonstram os seguintes comentários: *confesso que eu não tenho muito apreço por essas imitações, por remeterem a peles e pelos de animais explorados e mortos. Admito, ainda, que a peça de roupa que você usa é como uma declaração de princípios, e por isso não gosto de usá-los* (REQ138) e (...) *tenho, em casa, um casaco de pele fake que tem cara de pele!, e ele, eu não uso mais, porque eu me sinto constrangida de usar porque eu acho que estou transmitindo uma mensagem que não é a que eu quero transmitir* (REQ-135).

Compartilha de semelhante raciocínio a respondente REQ-136, que vê nos simulacros o potencial de expressar e perenizar a moralidade de práticas que considera abomináveis:

No momento atual, no qual ainda predomina a dominação dos humanos sobre todos os outros animais, tais práticas não evocam a abolição do uso de animais para consumo humano, elas reforçam o estereótipo moral da hierarquia entre animais humanos e seus pares animais outros que não os humanos, derrotados por nossas “preferências” estéticas.

Neste contexto, o participante REQ-138 pondera questão ao fazer a observação de que, para ele, alguns arremedos como sedas e “couros sintéticos”, por mais semelhantes que fossem, seriam menos evocativos de derivados de animais do que imitações de peles, por exemplo:

O especismo implícito nas imitações me parece uma questão digna de reflexão. Uma peça como o couro ou seda, por exemplo, que não nos remetem imediatamente à pele de um animal, poderiam ser facilmente dissociados da sua origem. Outras, como casacos de pele ou estampas de animais merecem uma reflexão mais cautelosa. Mas, como afirmado anteriormente, o mais importante é que não haja nenhum animal explorado para a produção da peça (REQ-138).

Todavia, considera imitações presentes em versões sintéticas menos preocupantes do que materiais genuinamente provenientes de corpos de animais.

As discussões acima apresentadas permitem inferir que a característica evocativa dos simulacros em questão, de aludir aos derivados de animais com que se assemelham, seria considerada como intrínseca dos mesmos. Esta, por sua vez,

seria vista como aspecto problemático desta classe de materiais alternativos ao uso de componentes animais em vestuário, pois, seria dotada de atributos semióticos capazes de emitirem mensagens antagônicas ao próprio desejo de poupar animais de sua utilização para estes fins.

4.3.1.7.

Sofrimento

(aspectos associados à ideia de **sofrimento** infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

Nesta categoria conceitual, são apresentados depoimentos de dois, dos seis especialistas entrevistados, em que foram identificadas associações a sofrimento de animais quando se referiram a simulacros de materiais de origem animal. Conforme comentou o respondente REQ-135, historiador especialista em direitos dos animais, não teria muita estima por tais tipos de materiais, devido ao fato de evocarem mortes e exploração de animais: *confesso que eu não tenho muito apreço por essas imitações, por remeterem a peles e pelos de animais explorados e mortos.*

Semelhante vinculação ao padecimento de animais foi feita pela especialista em moda ética, REQ-135, ao se referir a modelo específico de bota confeccionada com materiais sintéticos que, em sua versão derivada de animais, seria composta de pele de ovinos, como afirma neste seu comentário: *Além de eu achar horrível, eu acho que remete... Existem campanhas internacionais, especificamente, contra o uso desta bota, porque a pele dela é de carneiro e é extraída da forma mais cruel...* Ao esboçar suas impressões em relação à imagem do calçado exibida à ela como estímulo visual, a designer de moda, que também é vegana, justificou sua reação com base em noções prévias a respeito da forma com que os animais dos quais o material da bota deriva. Para ela, o fato de o simulacro em questão ser consideravelmente parecido com o real, a ponto de confundi-la quanto à sua verdadeira origem e composição, seria o motivo de sua reprovação:

Existe uma investigação do Peta, específica para essa bota que virou uma febre nas regiões que tem neve... que, em geral, a pele é verdadeira... não sei se essa é.... Ela me incomoda, não usaria

porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!

Diante desses aspectos, sugere-se que, independentemente da ausência de componentes derivados de animais na composição de simulacros de materiais de origem animal, aplicáveis ao vestuário, o fato de evocarem ao que consideram estar associado a sofrimento de animais seria objeto suscitar de escrúpulo que influenciaria na aceitação ou não deste tipo de produto.

4.3.1.8.

Repugnância

(aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou **repugnância** em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais)

São analisados, aqui, fragmentos extraídos do discurso de dois respondentes, nos quais foram encontrados indícios que denotam sensações de repugnância associadas a materiais sintéticos cuja aparência é semelhante à de derivados de animais, tal como observa-se neste comentário: *Alguns veganos sentem uma certa repulsa às imitações de peças de origem animal, como couro e lã* (REQ-138).

Diante dos estímulos visuais retratados nas imagens a seguir, reações de incômodo foram expressadas pela respondente REQ-135. Ao se referir à imagem de um par de tênis, predominantemente confeccionado em tecido estampado com estampa que evoca o padrão visual da pele de cobras, se demonstrou incomodada, fazendo a seguinte declaração: *Eu, pessoalmente, não usaria, por ideologia, porque eu acho que é muito... é diferente daquelas estampas que você já identifica, prontamente, que não são de origem animal... Isso aqui me incomoda...*

No entanto, a participante não havia percebido que a superfície do tecido que compunha o calçado era estampada com tinta metálica, na cor prata, o que a fez reavaliar sua declaração com o argumento de que o critério de aceitabilidade da imitação estaria condicionado ao grau de similitude com verdadeiros materiais de

origem animal: *Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem!*

Figura 53: Tênis com estampa que evoca o padrão visual da pele de cobra.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 54: Bota com material sintético que simula pele de carneiro.
Fonte: foto da autora (2016).

Já em relação à imagem da bota, a respondente foi categórica ao justificar a razão pela qual o objeto a fazia se sentir incomodada: o fato de associá-la diretamente ao sofrimento de carneiros, em referência a informações prévias a respeito de processos de obtenção do material que predominantemente compõe o calçado, como demonstra este seu comentário:

Além de eu achar horrível, eu acho que remete... Existem campanhas internacionais, especificamente, contra o uso desta bota, porque a pele dela é de carneiro e é extraída da forma mais cruel... (...) ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!

A respondente REQ-135 ainda ressalta que o grau de fidedignidade do produto, em relação ao produto originalmente confeccionado com pele de carneiro, seria suficientemente reprovável devido ao fato de ser indiscernível a ponto de fazê-la se aproximar da tela em que a imagem fora exibida, a fim de verificar o quão realista parecia ser a imitação.

Como pode ser observado nos relatos acima, nota-se, pois, que, ao menos no caso da respondente REQ-135, sensações de aversão a simulacros de materiais de origem animal estariam associadas ao quanto se assemelham a materiais de origem animal e, também, ao sofrimento que julga estar associado à obtenção não do material sintético que compõe o simulacro, mas dos derivados de animais que aparentam evocar.

4.3.1.9.

Constrangimento social

(aspectos associados à sensação de **constrangimento social** quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal)

Reúnem-se, aqui, comentários que denotaram sensações constrangedoras associadas à utilização e aquisição de simulacros de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, presentes em vestuário. Para a respondente REQ-135, a utilização de imitação sintética de pele, porém, com significativo grau de parença em relação a seu original, seria algo embaraçoso, vergonhoso, devido ao fato de passar a ideia de que o uso de animais, para esta finalidade, seria admissível para si, como pode ser observado neste fragmento de seu discurso: *(...) eu tenho, em casa, um casaco de pele fake que tem cara de pele!, e ele, eu não uso mais, porque eu me sinto constrangida de usar porque eu acho que estou transmitindo uma mensagem que não é a que eu quero transmitir.*

Já para a respondente REQ-136, o fato de ter que mentir, ao alegar ser alérgica ao couro, no intento de evitar postura persuasiva de vendedores de lojas em favor da aquisição de produtos cujos componentes incluiriam o material de origem animal, seria atitude embaraçosa, tal como é explicitado neste seu comentário:

Sempre que compro sapatos e botas isso acontece. A diferença (visualmente falando) entre a textura do couro animal e a do sintético, nos calçados e bolsas, é tão pequena que tenho que ficar insistindo com as vendedoras (que nunca sabem realmente do que o calçado é feito, porque ninguém insiste com elas em saber o que está comprando), que só vou levar se for absolutamente sintético, digo que tenho alergia ao couro animal, algo que me constrange porque não tenho.

4.3.1.10.

Preocupações socioambientais

(aspectos associados à ecologia e/ou **a preocupações socioambientais** em relação a simulacros de materiais de origem animal)

Apresentam-se, aqui, análises de conteúdos extraídos do discurso de respondentes em que foram identificados aspectos associados a preocupações socioambientais relacionados a materiais sintéticos que se assemelham a outros, porém, derivados de animais.

Quanto ao material sintético com aparência de couro, emergiram duas preocupações associadas a seu impacto no meio ambiente: sua baixa durabilidade, se comparada à do couro, genuinamente derivado de animais, e sua não biodegradabilidade, por, em muitos casos, tratar-se de material plástico, derivado de fonte não renovável, o petróleo. Para a vegana REQ-133, especialista em design de moda, sobretudo sustentável, o fato de o referido material durar menos, em comparação com o couro, poderia acarretar necessidade de sua substituição em pouco tempo, o que faria de seu consumo algo ambientalmente desfavorável, como demonstra o seguinte comentário: *No couro, a situação é mais complicada porque o couro é uma matéria-prima boa quando o assunto é design e durabilidade, ele envelhece bem e o desafio ainda é achar alguma opção que o substitua com qualidade e sustentabilidade* (REQ-133).

Já sob o olhar de outra vegana, também designer de moda, REQ-135, especialista em moda ética, embora, novamente em comparação como o couro, o material sintético seja menos poluente, seria mais interessante que fossem desenvolvidos e comercializados substitutivos ao material de origem animal com impactos ambientais negativos mais amenos dos que os atualmente produzidos pelos derivados de petróleo, amplamente difundidos e comercializados no Brasil. Tal dedução foi feita a partir da interpretação do seguinte trecho:

Fora do Brasil, por exemplo, você tem couros sintéticos veganos que são biodegradáveis, porque a gente sabe que isso aqui [em referência ao material sintético de seu próprio sapato] é super poluente. Obviamente, o impacto do petróleo... já tem estudos que

comprovam que seu o impacto é menor do que o do couro, no mundo, mas, de qualquer maneira, ele poderia ser mais verde, deixar uma pegada menor no mundo... Eu sei que na Europa comercializam sapatos veganos de couro vegetal biodegradável...

Preocupações em relação aos potenciais impactos ambientais produzidos pela classe de materiais em questão, bem como a possibilidade de envolvimento com mão-de-obra exploratória, foram citadas pelo respondente REQ-138, como fatores a serem considerados, uma vez que a ausência de derivados de animais na composição destes tipos de simulacros já não seria alvo de contestação em relação a seu consumo, conforme comenta neste trecho:

Outras questões na produção e uso desses materiais podem entrar em debate – por exemplo, sua sustentabilidade. Mas havendo uma extração e manejo adequado das matérias-primas, não há o que se objetar. (...) uma vez que determinado material não seja de origem animal, outros critérios podem surgir. (...) a sustentabilidade ou o tipo de mão-de-obra empregado na cadeia produtiva, são universalizáveis e relevantes. É importante que a indústria da moda, como todas as outras, atenda a padrões mínimos de sustentabilidade de dignidade do trabalho.

Por todos estes aspectos, pode-se inferir que, independentemente do fato de não conterem derivados de animais em sua composição, outros aspectos associados à obtenção, processos de manufatura e produção, durabilidade e degradação no meio ambiente seriam preocupações ponderáveis pelos referidos respondentes especialistas, o que não significa que não façam uso dos mesmos, por estes critérios.

4.3.1.11.

Analogias com a alimentação

(aspectos associados à construção de **analogias** e **paralelos** com a ideia de simulacro de **alimentos** de origem animal)

Identificou-se, nesta categoria, a ocorrência de analogia entre a ideia de simulacro de alimentos de origem animal em alimentos veganos e a ideia de simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos aplicáveis ao vestuário de veganos. De acordo com o respondente REQ-134, filósofo especialista em ética animal, a ideia de que o consumo e utilização de vestuário contendo imitações de

materiais de origem animal, em materiais sintéticos, poderia contribuir para incentivar o consumo dos derivados de animais aos quais se assemelham, seria equiparável à discussão sobre a existência de simulacros de alimentos como carnes, porém, isentos de ingredientes de origem animal. Tal comparação é explicitada no seguinte trecho:

Há, por fim, outra objeção de natureza empírica; a de que o uso de materiais sintéticos acabaria estimulando o próprio usuário a comprar materiais de origem animal. Note que esse argumento (que a filosofia chama de “ladeira escorregadia”) se aplicaria igualmente ao consumo de “carne falsa”, como um bife de soja. Essa justificativa exigiria uma comprovação de que há, de fato, essa influência probabilística, por meio de uma pesquisa sociológica/psicológica entre consumidores desses materiais.

Nota-se, ainda, a ressalva de que a teoria de que o consumo de imitações poderia ser responsável por fomentar a demanda por seus originais não passaria de uma hipótese, sem qualquer tipo de comprovação científica de sua efetividade.

4.3.1.12.

Alternativas

(aspectos associados à consideração de simulacros como **alternativas** percebidas como válidas de substituição de materiais de origem animal)

Aspectos associados à consideração de simulacros de peles de animais, como alternativas ao uso de produtos genuinamente derivados de animais foram mencionados apenas pela respondente REQ-134, designer de moda, ativista de ONG que, entre outras coisas, atua em mobilizações contra o uso de animais para tal finalidade.

Segundo a especialista em moda, sobretudo, ética, apesar de não simpatizar muito com a ideia de imitações fidedignas, pelo fato de serem, aos olhos de leigos, muitas vezes, confundíveis com os derivados de animais que evocam, a existência de materiais sintéticos que possam servir de alternativas ao uso de peles de animais seria interessante, como é ratificado neste comentário:

(...) obviamente, eu sou favorável a que as marcas que usam pele animal, as substituam pelas sintéticas pois, afinal de contas, antes

usar a sintética, do que usar a pele do animal, já que sente essa necessidade tão grande de usar esse material...

Percebe-se, pois, que, em termos práticos, simulacros de materiais de origem animal, como as referidas peles, por exemplo, seriam úteis enquanto substitutivos de materiais associados pela respondente, a sofrimento de animais, por parte de pessoas e/ou marcas não necessariamente veganas ou preocupadas com interesses dos animais que originam tais materiais.

Contudo, a partir da análise do discurso da respondente, como um todo, pode-se inferir que, em termos ideais, a aparente semelhança e indiscernibilidade entre imitação e original seriam problemáticas, por promoverem, indiretamente, o uso dos originais. No entanto, ainda considerando seu discurso por completo e não apenas o trecho transcrito acima, nota-se a ocorrência de ambivalência em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais sintéticos, no vestuário de veganos. A seu ver, este critério não seria válido para imitações do couro, em materiais sintéticos, pois, devido à sua ampla difusão em peças de vestuário e funcionalidade, seriam considerados mais “normais” e admissíveis que outros arremedos com semelhante grau de fidedignidade.

4.3.1.13.

Funcionalidade

(aspectos associados à **funcionalidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Nesta categoria conceitual, são apresentados e discutidos trechos extraídos do discurso de três respondentes especialistas, em que foram encontradas atribuições funcionais a diferentes tipos de materiais artificiais, entendidos como simulacros de materiais de origem animal, presentes em peças de vestuário como agasalhos e calçados, por exemplo.

A presença de característica funcional em imitações de materiais de origem animal isentas de componentes animais, pareceu ser atributo notadamente reconhecido

nestes materiais, de acordo com a opinião de REQ-138, historiador especializado na área dos direitos dos animais. Para ele, por se tratarem de materiais sintéticos, não haveria implicações antiéticas em seu consumo e, portanto, a opção por sua utilização estaria condicionada a seus atributos estéticos e funcionais:

A mim interessa basicamente a implicação ética dessas peças de vestuário. Se nenhum animal foi morto ou explorado para que sejam produzidos, não tenho objeção de base aos mesmos - fica por conta da sua funcionalidade e dos critérios estéticos de cada um, usar ou não usar (REQ-138).

Simulacros de materiais como couro e peles genuinamente originárias de animais, compostas, exclusivamente, de materiais artificiais, foram mencionados, por duas especialistas em moda ética, REQ-133 e REQ-135, como dotados de propriedades isolantes térmicas que teriam a função de proteção contra o frio de seus usuários, como demonstram os comentários transcritos a seguir: *Eu uso o tempo todo na verdade. Bolsas que parecem de couro, mas não são, casacos de pele sintética quando está frio (REQ-133) e Agora, para casacos, tem uma infinidade de materiais térmicos, desde o nylon, imitações de couro, tem moletom... o chamois, que também remete um pouquinho ao que seria uma camurça, para mim, são todos aceitáveis... (REQ-135).*

Além de sua impermeabilidade, que poderia exercer a função de proteção de seus usuários contra o vento e água da chuva, o material sintético com aparência de couro foi também citado pelas mesmas participantes como dotado de durabilidade que, por sua vez, cumpriria a função de substituir o papel do couro, enquanto material resistente. Corrobora com esta interpretação o seguinte comentário:

No couro, a situação é mais complicada porque o couro é uma matéria-prima boa quando o assunto é design e durabilidade, ele envelhece bem e o desafio ainda é achar alguma opção que o substitua com qualidade e sustentabilidade. É uma matéria-prima mais 'essencial' que a pele. Então achar alguma coisa que o substitua de maneira satisfatória, parecendo ou não couro, para mim, como designer e como uma pessoa ativista dos direitos dos animais, já seria um grande ganho (REQ-133).

De maneira semelhante, a utilidade e, sobretudo, durabilidade atribuída ao material couro seria vista pela respondente pela respondente REQ-135 como característica válida em seus simulacros feitos a partir de matérias-primas sintéticas:

Completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do

que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes.... Eu acho a pele muito mais forte – não que o uso de couro seja aceitável –, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados... (REQ-135).

De acordo com os comentários acima analisados, foi entendido que atributos funcionais associados, sobretudo, ao popularmente chamado “couro sintético”, não apenas seriam reconhecidos por serem intrínsecos do mesmo, como também justificariam sua utilização, pois, aparentemente, seria o único material alternativo a derivados de animais conhecido pelos entrevistados como capaz de emular propriedades físicas do couro, notadamente consideradas como funcionais.

4.3.1.14.

Qualidade e durabilidade

(aspectos associados à ideia de **qualidade** e **durabilidade** dos simulacros de materiais de origem animal)

Nesta categoria temática, foram apresentados e analisados dados fornecidos por dois respondentes, os quais concernem às suas impressões a respeito percepção de qualidade e de durabilidade de materiais sintéticos com características estéticas, formais e/ou físicas semelhantes às do couro.

De acordo com REQ-138, adquirir calçados veganos, neste caso, tênis, provavelmente, com resistência equiparável à do couro, seria tarefa difícil, como demonstra seu comentário: *mais problemático é encontrar pares de tênis veganos que sejam resistentes.*

Por outro lado, para a respondente REQ-135, materiais sintéticos como o poliuretano, estariam cumprindo a função de durabilidade reconhecida por ela como característica do couro e, justamente devido a este seu atributo funcional, seria mais admissível do que simulacros de peles em materiais artificiais, por exemplo, como denota no seguinte fragmento:

Completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes...

Para ela, a funcionalidade das imitações de couro em materiais artificiais seria algo justificável, ao contrário das imitações de peles, cuja função estética, não seria tão necessária, quanto à de durabilidade do couro:

Eu acho a pele muito mais forte - não que o uso de couro seja aceitável -, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados...

Ainda segundo REQ-135, haveria distinções semióticas entre quem utiliza pele artificial e material sintético com aparência de couro. Deduz-se, a partir de análise da totalidade de seu discurso, que o uso da primeira representaria, mais do que a função de proteção contra o frio, o ar ostensivo e supérfluo das peles. Já o simulacro do couro, por ser algo mais comum e cuja durabilidade, sobretudo em calçados, ainda não teria sido substituída por outros materiais alternativos, seria, por este raciocínio, ainda tolerável.

4.3.1.15.

Demanda comercial

(aspectos associados à **demanda comercial** por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal)

Em relação a esta categoria, foram identificados aspectos que denotaram demanda comercial por simulacros de materiais de origem animal no discurso de apenas um respondente, REQ-138, historiador especialista em direitos dos animais. Para ele, situações em que seriam necessárias vestimentas que lhe conferissem aparência formal, demandariam o uso de simulacros. O respondente alegou ter dificuldades para encontrar sapatos e cintos de material sintético semelhantes aos confeccionados em couro e, sobretudo, tênis com resistência, provavelmente, equiparável à de materiais derivados de animais, como pode ser observado no seguinte comentário: *Sapatos e cintos que imitam couro são difíceis de achar, mas*

isso não é um grande problema na medida em que não costumo me vestir de modo formal. Mais problemático é encontrar pares de tênis veganos que sejam resistentes.

Percebeu-se, pois, que haveria certo descontentamento em relação à qualidade dos tênis considerados veganos, feitos com materiais sintéticos, que o usuário procura adquirir. Deduz-se que a avaliação de resistência insatisfatória seria decorrente de comparação à mesma propriedade existente no couro que, por sua vez, seria rarefeita em calçados disponíveis no mercado.

4.3.1.16.

Adequação social

(aspectos associados à **adequação social** de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal)

Dos seis especialistas consultados a fim de iluminar esta subdivisão do problema fundamental, para dois respondentes do gênero masculino que fizeram comentários pertinentes a esta categoria, sapatos e cintos tidos como “sociais” estariam associados produtos cujo material sintético semelhante ao couro, como demonstram os seguintes trechos transcritos: *Sapatos e cintos que imitam couro são difíceis de achar, mas isso não é um grande problema na medida em que não costumo me vestir de modo formal* (REQ-138) e *Sim, [já precisou utilizar simulacros de materiais de origem animal em] sapatos sociais e cintos para roupas sociais* (REQ-134).

Tais produtos, predominantemente compostos por simulacro do couro, em material artificial, seriam reconhecidos como instrumentos de adequação social que confeririam a seus usuários a aparência de formalidade.

4.3.1.17.

Critérios de seleção

(aspectos associados a **critérios de seleção** e distinção de simulacros de materiais de origem animal)

Quanto a esta categoria conceitual, emergiram dados de apenas uma fonte, correspondente à participante especialista em Filosofia e bioética, REQ-136. Segundo seu relato, quando vai a lojas, à procura de bolsas e calçados de material sintético semelhante ao couro, no intuito de evitar que vendedores tentem persuadi-la a adquirir produtos com materiais de origem animal, alega ser alérgica ao material que não deseja comprar. Para ela, tal atitude, além de estratégia para inibir oferecimento produtos incoerentes com seus ideais éticos, seria atitude embaraçosa, como pode ser observado em seu comentário:

A diferença (visualmente falando) entre a textura do couro animal e a do sintético, nos calçados e bolsas, é tão pequena que tenho que ficar insistindo com as vendedoras (que nunca sabem realmente do que o calçado é feito, porque ninguém insiste com elas em saber o que está comprando), que só vou levar se for absolutamente sintético, digo que tenho alergia ao couro animal, algo que me constrange porque não tenho.

4.3.1.18.

Aceitabilidade

(aspectos associados à questão, em si, da **aceitabilidade** de simulacros de materiais de origem animal)

Nesta subseção, são apresentados e analisados fragmentos selecionados de entrevistas realizadas com os seis especialistas participantes do subproblema 3, nos quais foram identificados aspectos que denotaram nuances de aceitabilidade ou não dos materiais artificiais em questão.

Alguns respondentes declararam haver opiniões distintas quanto à temática e sua aceitabilidade, como demonstram os comentários a seguir: *Eu já vi veganos nos dois lados – a favor e contra os materiais sintéticos. Os contras normalmente debatem*

sobre fazer a alusão a um determinado material e isso pode gerar demanda para o verdadeiro ou reforçar a imagem de determinado material na moda/sociedade (REQ-133) e:

Muitos veganos não querem usar um vestuário que lembre o animal originalmente usado para a fabricação daquele produto. Assim como muitos outros não se incomodam. No meu caso, se os casacos fossem no modelo que trazem a cabeça e a calda de uma chinchila, por ex., eu não usaria. Mas a imitação sintética da pelagem simples, hoje bem comum, não me incomoda (REQ-137).

Já para REQ-138, não haveria muita credibilidade na teoria de que o uso de imitações poderia contribuir para perdurar a ideia de que seria moralmente aceitável utilizar animais exclusivamente para interesses humanos, como é o caso do emprego de derivados de seus corpos em peças de vestuário, que faria destes tipos de simulacros indesejáveis para indivíduos adeptos do veganismo:

(...) eu percebo em alguns veganos a resistência à ideia de usar imitações como uma perpetuação do especismo. Mas percebo também que muitas vezes não existe uma coerência ou consistência argumentativa nessa objeção, o que me faz concluir que ela é fundada sobre critérios emotivos e subjetivos. Admito ainda que a peça de roupa que você usa é como uma declaração de princípios, e por isso não gosto de usá-los. (...) então, não acho que os veganos devam se preocupar tanto em condenar quem usa ou produz imitações, e sim em conscientizar o público sobre o que são o especismo e a exploração animal (REQ-138).

De acordo com duas especialistas em moda ética, alguns tipos de simulacros seriam mais aceitáveis do que outros, dependendo do quão fidedignas as imitações aparentariam ser. Se suficientemente semelhantes a materiais de origem animal a ponto de serem confundidas com os mesmos, seriam reprováveis, como denotam os seguintes argumentos:

Em se tratando de peles como cobras, jacarés e pelos, acredito que é divertido assumir o “fake”, uma aparência menos irreal. O muito real pode fazer à alusão a um material antiético e ainda gerar desejo pela coisa verdadeira. Então, quando falamos de pele, ao meu ver, não há problema nenhum contanto que esse “fake” seja assumido (REQ-133) e

Acho que tem algumas imitações, que são mais gráficas, que eu não vejo um problema enorme, como estampas de oncinha... coisas que não remetem, que de bater o olho, você já sabe que não é a pele de um animal... Sabe que é só uma animal print ou alguma coisa assim... (REQ-135).

Seguindo esta lógica, características físicas como a textura da superfície do material em que o simulacro é reproduzido poderiam ser condicionantes do grau de fidedignidade em relação ao material de origem animal retratado. Uma estampa de cobra coral retratada em tecido de poliéster seria vista, neste raciocínio, como menos realista e reprovável do que a mesma padronagem aplicada a material sintético semelhante ao couro, pelo fato de ser potencialmente indiscernível do material que evoca. Contribuiu para esta interpretação o seguinte comentário: *(...) tem couro [sintético] estampado de cobra que fica fiel, assim, eu já não usaria... Se for uma coisa “fake”, eu usaria...* (REQ-135)

Ilustram tal limiar de aceitabilidade, baseado no grau de parecença do arremedo com a modelo que o inspirou, as imagens de simulacros de peles e ossos de animais a seguir, utilizadas em entrevista estimulada com a participante REQ-135.

Figura 55: Bolsa em pelúcia.
Fonte: foto da autora (2016).

Figura 56: Pingentes metálicos que representam ossos de animais.
Fonte: foto da autora (2016).

Em relação à bolsa de pelúcia, por se tratar de imitação com evidente aspecto de material falso, seria aceitável:

Essa é bem falsa, né... Acho que não tem problema. Quando não é tão real, tudo bem. Na verdade, eu não usaria esta peça porque achei ela feia, mas, se fosse bonita, pelo fato de ser bem fake, não me incomodaria. Essas que são bem “pelúcia”, não tem problema! (REQ-135).

Semelhante aprovação foi pontuada em relação aos pingentes metálicos em formato de ossos de animais: *Não, não me incomodam, nem um pouco!* (REQ-135).

No entanto, ainda segundo REQ-135, apesar de consideravelmente semelhante ao couro animal, o material sintético que o evoca seria uma exceção à esta regra, por estarem mais associados a aspectos funcionais, como resistência e proteção contra o frio, do que ostensivos e supérfluos, como é o caso de imitações de peles de animais em materiais sintéticos:

(...) para casacos, tem uma infinidade de materiais térmicos, desde o nylon, imitações de couro, tem moletom... (...) sapato de couro sintético, acho que quase todos os veganos que eu conheço, eles usam. Não conheço ninguém que não use material sintético. (...) completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes.... Eu acho a pele muito mais forte - não que o uso de couro seja aceitável -, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados...

Semelhante atribuição de funcionalidade a simulacros de materiais de origem animal foi mencionada pelo respondente REQ-138, como um dos critérios consideráveis na decisão de utilização dos produtos em questão:

A mim interessa basicamente a implicação ética dessas peças de vestuário. Se nenhum animal foi morto ou explorado para que sejam produzidos, não tenho objeção de base aos mesmos - fica por conta da sua funcionalidade e dos critérios estéticos de cada um, usar ou não usar. (...) é diferente com materiais de origem animal, que simplesmente não têm como ser obtidos sem comprometer os interesses fundamentais dos animais à vida e liberdade.

Além disto, outro ponto pertinente ao limiar de aceitabilidade, baseado no grau de similitude destes tipos de simulacros, foi levantado pelo filósofo REQ-137, salientando que o fato de a estampa ser mais abstrata não necessariamente implicaria sua aceitação. Caso a representação do animal seja feita em contextos que aludem a violação do que julga serem seus próprios direitos e interesses, mesmo que de maneira figurada, seria objeto de reprovação:

O que percebo nos veganos que conheço é que as imitações que lembram demasiadamente um animal, não são bem-vindas. As

imitações simples, que nem dá pra perceber que não são de origem animal, são bem vindas e muito divulgadas. A questão de estampas que façam alusão a corpos de animais, depende muito do foco dessa estampa. Ex. se é um corpo de um animal que é o símbolo de um grupo de defesa animal, não traz implicações éticas negativas. O que não é permitido e combatido por qualquer vegano sério, é uma estampa que traga o corpo de um animal em posição de exploração (estampa que traz um boi pulando dentro de uma arena de rodeio, uma camiseta de propaganda de rodeio), ele não só não usaria, como faria severas críticas a esse tipo de estampa.

Outros critérios foram levantados por filósofos especialistas em ética animal, a fim de estabelecer linha demarcatória de aceitação de diferentes tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais. Para REQ-134, seu parâmetro seria uma escala de prejuízo acometido aos animais envolvidos nos processos de obtenção dos materiais que aparentam evocar, como demonstra em seu raciocínio transcrito a seguir:

À luz da relação entre o uso de materiais sintéticos e de origem animal (...) haveria uma aceitabilidade moral crescente de acordo com a seguinte escala: 1) morte/sofrimento necessário do animal senciente para a confecção do produto; 2) morte/sofrimento contingente do animal senciente para a confecção do produto; 3) morte/frustração do animal não senciente para a confecção do produto. Em outras palavras, seria mais moralmente grave usar um simulacro de um material cuja obtenção exige direta e necessariamente a morte do animal (casaco de pele de raposa) do que um que não exige (casaco de pena de ganso), e esse em relação a um material proveniente de um animal não senciente (colar de pérolas).

Sob outro ponto de vista, para a também filósofa, REQ-136, a ideia de simulacro de materiais oriundos do que considera estar associado a sofrimento animal, em geral, seria algo indesejável, em virtude da possibilidade de contribuir para a perpetuação da moralidade de práticas antiéticas, como é explicitado na transcrição de seus argumentos:

Usar algo que lembre essa moralidade brutal, típica do domínio dos humanos sobre os outros animais, não é algo louvável, pois estamos justamente lidando hoje com a urgência da abolição desses valores antropocêntricos especistas. Dado que não usamos a pele dos humanos para recobrir objetos nem para fazer casacos ou sapatos para outros humanos, não imaginamos fabricar sintéticos mimetizando pele humana. Se fazemos isso com a pele de outros animais, admitimos que fazer de suas peles nossos casacos ou revestimentos de sofás é algo sem qualquer implicação ética. Então, repetimos, simplesmente, o padrão moral milenar especista.

Ainda segundo a filósofa, a similitude entre artificial e animal, típica dos simulacros em questão, faria de seu uso, propagandístico da ideia de consumo dos derivados de animais que evocam, contrariando a própria essência do veganismo, baseada na abstenção da utilização de animais para fins como este, por motivações éticas.

Contribuiu para a dedução desta linha de pensamento, o fragmento do discurso da referida participante, transcrito a seguir:

Considero indesejável. (...) se alguém se desfez de todos os prazeres palativos e gustativos relacionados ao que antes comia, se alguém se torna vegana, sabendo que diz adeus a tudo que antes constituía rotinas mentais prazerosas relativas ao prato, espetáculos, maquiagem etc., não vejo razão alguma para a pessoa abrir mão e fazer exceção quanto ao uso de texturas e padrões que sintetizam a pele de outros animais para uso pessoal ou mesmo decorativo. Essas pessoas veganas, obviamente, andarão pelas ruas, frequentarão espaços públicos, auditórios, sala de aula, comércio, nos quais todas as demais estão olhando sua estampa e cobiçando algo assim. As outras pessoas entrarão na primeira loja que venda produtos animalizados e os comprarão sem pestanejar. No final das contas, as veganas que se vestiam “apenas” com réplicas sintéticas da pele dos animais terão servido de propaganda viva e em cores para venda de peles reais de animais. Não vejo como isso possa ser “aliviado”, por mais que eu compreenda o imaginário infantil que ainda está em cada pessoa quando ela se torna vegana. No momento atual, no qual ainda predomina a dominação dos humanos sobre todos os outros animais, tais práticas não evocam a abolição do uso de animais para consumo humano, elas reforçam o estereótipo moral da hierarquia entre animais humanos e seus pares animais outros que não os humanos, derrotados por nossas “preferências” estéticas (REQ-136).

No entanto, segundo a filósofa, haveria um limite tolerável para a representação de aspectos de animais em materiais que não implicaria conotações antiéticas que, por sua vez, poderiam contribuir para manutenção do *status quo* em que a utilização de animais como fontes de obtenção de matérias-primas seria moralmente aceitável, sobretudo, por indivíduos não adeptos da ideologia do veganismo:

A criação de texturas ou padrões que combinem resquícios do desenho de uma pele animal, mas que no conjunto tenham outras informações que não remetam exclusivamente àquela pele, poderia ser uma passagem do grotesco que ainda evocamos hoje com tantas imitações, para a sutileza que nos fizesse lembrar do que um dia fizemos aos animais, sem encorajar o imaginário nem dar a ele a noção de que o que fizemos e ainda fazemos seja algo louvável. Um traço do padrão animal, recriado inteiramente em outros fractais, como padrões que lembrem sem fixar nenhum desejo de “reproduzir”, “repetir”, “ressoar” a ideia da legitimidade de se matar animais para se embelezar, essas poderiam ser estampas futuras. Mas elas não seriam imitações da pele do animal. Fariam referências

sutis a ela sem reproduzir a barbárie que ali hoje ainda se vê retratada (REQ-136).

Tendo em vista os aspectos observados, foi percebido que o grau de fidedignidade dos simulacros em questão, em comparação aos materiais de origem animal com que se parecem, seria critério demarcatório do limiar de aceitabilidade dos mesmos. Nesta lógica, quanto mais semelhantes entre si, maior seria a probabilidade de serem confundidos. Tal característica de indiscernibilidade foi apontada como potencialmente preocupante, uma vez que poderia fazer de seus usuários emissores de atributos semióticos distintos da mera intenção de substituição de funções práticas, estéticas e/ou simbólicas de materiais de origem animal, por meio de suas versões sintéticas.

De acordo com relatos de respondentes, o uso destes tipos de simulacros poderia, indiretamente, aludir à ideia de que o emprego de animais para fins como o de vestuário seria algo menos reprovável do que, de fato, seriam, para adeptos da ideologia do veganismo. Mesmo em se tratando de materiais isentos de componentes animais, haveria, ainda, usuários que creditam à utilização destes simulacros, maneira de divulgação do consumo de animais sob a forma de objetos, incentivando, assim, a procura por materiais originalmente provenientes destes seres.

4.3.1.19.

Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática

(referências que denotam a **novidade da reflexão acadêmica sobre o assunto**)

Quanto à esta categoria temática, nenhum dos respondentes afirmou ter noções prévias de pesquisas relacionadas à questão dos simulacros de materiais de origem animal em vestuário de veganos. Dado que, neste subproblema 3, cujas fontes de dados são especialistas, estamos tratando de participantes com elevado grau de informação sobre o campo do veganismo, sugere-se que este tema seria razoavelmente original, ao menos, dentro do campo do veganismo, em âmbito

nacional, devido ao fato de ainda não ter entrado significativamente na esfera de discussão do público vegano.

No entanto, de acordo com o comentário do filósofo REQ-136, tais resultados obtidos apenas concernem a indícios de pouca difusão de discussões como esta, o que não necessariamente caracterizaria ineditismo do estudo: *Desconheço. Isso não quer dizer que não existam. Diz apenas que não tive acesso a qualquer literatura sobre isso.*

4.3.1.20.

Reapropriações desta discussão em outros contextos

(potencial utilização dos resultados desta reflexão mais sistemática sobre o tema)

Dos seis especialistas consultados, dois vislumbraram possibilidade de aplicabilidade dos frutos desta pesquisa em contextos distintos do acadêmico. Para a jovem designer de moda, ativista de ONG cujas atividades, entre outras coisas, são campanhas a favor da erradicação do uso de animais para fins de vestuário, REQ-135, percepções de usuários veganos a respeito de materiais artificiais que emulam características estéticas, formais e físicas de derivados de animais seriam potencialmente úteis para marcas de vestuário voltado para o público vegano. A designer ainda salientou a necessidade de pesquisas que pudessem incrementar tecnologias em prol da criação de novos materiais substitutivos dos originários de animais, que emulassem não apenas suas funções estéticas e funcionais, como também características de resistência e durabilidade, reconhecidas, por ela, como próprias dos mesmos. Ratifica esta dedução o comentário transcrito a seguir:

Acho que para a moda para veganos, para alguém que vai abrir uma marca de moda para veganos, é relevante. Agora, o que eu acho, de fato, bastante relevante, é uma pesquisa nacional para a busca, o desenvolvimento tecnológico de novos materiais.

Já para um dos especialistas em filosofia e bioética entrevistados, REQ-136, o presente estudo seria interessante devido ao fato de, ao tornar públicas discussões

relacionadas a este viés do campo do veganismo, poderia contribuir para fomentar o surgimento de novos debates relacionados aos limites éticos que permeiam a prática do veganismo, como é relatado neste trecho:

Acho seu tema altamente relevante, justamente porque ainda não levamos a público entre veganos um debate sobre o assunto. Acho que sua dissertação poderá ensejar mais um dos tantos desdobramentos das pregas morais na existência abolicionista de uma pessoa vegana.

Percebem-se, pois, a partir da análise destes dois relatos, indícios de que as informações, aqui obtidas, teriam utilidade potencial para o campo do veganismo, seja em termos filosóficos, seja em práticos e materiais.

4.3.1.21.

Considerações finais sobre os resultados do subproblema 3, relativo aos especialistas

A partir das análises dos dados levantados nesta subdivisão do problema fundamental, cujas fontes de dados corresponderam a especialistas de áreas como filosofia com ênfase em bioética, direitos dos animais e moda ética, com elevado grau de informação em relação ao campo do veganismo, foi possível depreender que, muito além de alternativas ao consumo de derivados do que consideram estar atrelado a sofrimento de animais, materiais sintéticos que evocam características físicas, formais e estéticas de outros materiais, porém de origem animal, seriam dotados de significados associados a aspectos e implicações tanto positivas, quanto negativas.

Se, por um lado, poderiam ter grande utilidade substituindo funções práticas, estéticas e até simbólicas comumente associadas a materiais originários de animais, por outro e, indiretamente, a categoria de simulacros em questão, seria percebida como inconveniente modo de contribuição para perpetuação de padrões estéticos e morais que admitem o uso de animais para os mesmos fins atribuídos às suas imitações.

A heterogeneidade das opiniões apresentadas não permite afirmação de imperativo claro e consensual quanto ao limiar de aceitabilidade desta categoria de materiais entre os especialistas. No entanto, pode-se inferir que, quanto mais fidedignas as imitações em relação aos materiais de origem animal que aparentam evocar, mais problemáticas seriam consideradas.

De acordo com este raciocínio, quanto mais similares de genuínos derivados de animais, mais indiscerníveis seriam entre si, o que poderia colaborar para, ao serem supostamente confundidos com outros materiais, glamorizar o uso de materiais de origem animal, incentivando, assim, indiretamente, seu consumo. Em hipótese mais conceitual, atributos semióticos intrínsecos de materiais sintéticos que arremedam outros originários de animais poderiam, ainda, emitir a ideia de que o uso destes seres, sob a forma de objetos, seria algo moralmente aceitável por seus usuários.

Outros aspectos associados à semelhança de simulacros com materiais de origem animal também emergiram dos dados acima apresentados, como, por exemplo, a ideia de sofrimento animal que as imitações poderiam remeter. Neste contexto, a noção dos processos de obtenção e produção inerentes aos materiais com os quais se assemelham fundamentariam o critério empregado no juízo de sua maior ou menor aceitabilidade.

Foi também observado que tais preocupações seriam mais ideais do que práticas, visto que grande parte dos especialistas participantes admitiu fazer uso de materiais sintéticos, sobretudo os semelhantes ao couro, em virtude de sua funcionalidade, durabilidade e, até, adequação social em ambientes e ocasiões em que se é requerida aparência de formalidade no vestir.

De acordo com os respondentes entrevistados, especialistas de diferentes áreas que tangenciam o objeto deste estudo, esta discussão mais sistemática em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal demonstrou ainda não ser pauta recorrente de pesquisas e debates mais aprofundados entre o público vegano.

Por este e outros aspectos, foi considerada pertinente, em face da possibilidade de fomentar e difundir a dialética das balizas éticas latentes da ideologia do veganismo, não apenas em termos ideais, como também práticos. Foi também apontada potencial utilidade em resultados de pesquisas como esta que pudessem disponibilizar maior entendimento das percepções de veganos enquanto consumidores, a fim de subsidiar o desenvolvimento de novas marcas de vestuário vegano.

5.

Conclusões finais a respeito das análises e resultados da pesquisa

5.

Conclusões finais a respeito das análises e resultados da pesquisa

A partir da apreciação dos resultados parciais que buscaram responder cada subdivisão do problema fundamental desta pesquisa, apresentam-se, aqui, padrões ainda mais abstratos de associações resultantes desta investigação.

Os fatos discutidos remetem à ideia de simulacro e instigam a reflexão sobre seu papel além de prático, simbólico. São indícios de que, implícita a estas imitações, haveria uma dimensão emblemática indissociável dos eventos, dos materiais, das formas e da visualidade. Sendo assim, tais simulacros não apenas exerceriam finalidade substitutiva dos materiais derivados de animais, em versões sintéticas, como também manifestariam implicações morais, estéticas, semióticas, etc.

Conforme observado em casos estudados nesta investigação, muito além de materiais e produtos substitutos de funções práticas, estéticas e/ou simbólicas, feitos com matérias-primas alternativas às de origem animal, a aparente similitude com uma realidade não aprovada pelos padrões ideológicos dos usuários veganos que os consomem, ao mesmo tempo em que possui notável utilidade, indiretamente, também contribui para perpetuação da existência de padrões estéticos originários da percepção sobre materiais provenientes de animais, como é o caso do couro bovino e seu simulacro sintético, o *courvin*.

O limiar de aceitabilidade dos materiais em questão estaria subordinado a percepções e valores próprios de cada indivíduo. Em linhas mais gerais, os dados apresentados nesta pesquisa demonstraram que quanto mais fidedignos os simulacros em relação aos materiais de origem animal com os quais se assemelham, menor seria sua aceitação. Seguindo este raciocínio, quanto mais realistas as evocações, mais chances teriam de serem confundidas com os materiais que aparentam ser, podendo, eventual e indiretamente, falsear a verdadeira origem de sua composição.

Além disso, de acordo com os resultados aqui discutidos e apresentados, esta potencial indiscernibilidade característica de muitos simulacros de materiais de origem animal poderia suscitar desdobramentos alheios às funções práticas destes materiais, tais como: sensações de repugnância, em virtude de sua semelhança com o que genuinamente deriva do que muitos veganos consideram estar associado a sofrimento animal; incentivo ao consumo de materiais de origem animal, ao glamorizarem o uso do que aparenta ser derivado de animais e, ainda, constrangimento social, devido à sua aparência com materiais não condizentes com os próprios princípios ideológicos de seus usuários.

Tal como um objeto de plástico ordinário em formato de revólver que, nas mãos de uma criança, pode ser visto somente como brinquedo aparentemente inofensivo – ainda que suas implicações éticas, enquanto brinquedo, já seriam questionáveis, por si só –, em outro contexto, no escuro e em mãos de um assaltante, passaria a ter o significado da arma a que se assemelha, assim também poderia ser entendida a antinomia semiótica inerente à indiscernibilidade de alguns tipos simulacros de materiais de origem animal, diante da essência da filosofia do veganismo.

Semelhante analogia pode ser feita a partir do caso de objetos como os sintetizadores, instrumentos musicais eletrônicos com infinito potencial de produção de sons singulares usados, entretanto, sobretudo para reprodução com perfeição de outros, já existentes, de semelhante modo podem ser analisadas as implicações da existência desta categoria de simulacros, a longo prazo. Se, por um lado, a existência de imitações de materiais de origem animal supre necessidades funcionais, estéticas, afetivas e de aceitabilidade social, por outro, indiretamente, também parece contribuir para perpetuação da existência dos materiais com os quais se assemelham, seja por meio dos signos visuais que emitem, seja pelo simples fato de sua existência não fomentar o desenvolvimento e reorientar a demanda por outra gama de materiais e produtos mais originais em sua essência, cada vez menos análogos e referenciados aos materiais associados a sofrimento animal.

No entanto, ao que parece, no caso de imitações sintéticas do couro, as quais, em muitos casos, configuram razoável fidedignidade, haveria nuances de relativização

quanto à sua aceitabilidade. Em virtude de aspectos como sua funcionalidade e durabilidade, estética utilizada como instrumento de adequação social e grande variedade de produtos compostos por este material, seriam uma exceção mais tolerável dentre os respondentes consultados.

Neste sentido, estampas com padrões visuais evocativos de partes de/ou corpos de animais, também conhecidas como “*animal prints*”, seriam, de modo geral, mais concebíveis devido ao fato de denotarem menor grau de fidedignidade em relação à realidade do que aparentam evocar. Contudo, em exemplos de excessiva similitude, como no caso de estampas de cobra em superfície sintética semelhante ao couro do mesmo animal, em função da associação de texturas táteis e visuais, apesar de se tratarem de meras estampas, devido a seu elevado grau de realismo, seriam menos aceitas dentre indivíduos deste público.

Já no caso de simulacros de pérolas, mesmo sendo consideravelmente semelhantes às gemas de origem animal com que se assemelham, além de pouco associadas à ideia de simulacros de materiais de origem animal, foram, na maioria dos casos, consideradas aceitáveis. Tal fenômeno permite a interpretação de que não apenas o grau de fidedignidade condicionaria seu limiar de aceitabilidade, como também a percepção do grau de sofrimento afligido aos animais que os originam, considerando que os processos de produção e extração destes materiais são completamente distintos, inclusive no que concerne à ideia de padecimento de animais e a própria noção de senciência destes seres.

Como identificado neste estudo, para alguns veganos, a problematização quanto aos simulacros na alimentação não seria, aparentemente, questão relevante, diante de sua utilidade no cotidiano de indivíduos que alteraram radicalmente seu estilo de vida e opções de consumo em função de motivações ideológicas. Todavia, tais implicações e/ou reconhecimento de atributos funcionais destes tipos de materiais poderiam ser mais levadas em consideração por parte de empresários do setor, estilistas e designers, na concepção de novos produtos voltados para público mais sensível às causas animais.

Depreende-se, assim, que a discussão sobre o limiar de aceitabilidade dos simulacros em suas diferentes formas de acepção suscitaria reflexão em estudos mais aprofundados, não apenas no campo da moda especificamente voltada para o público vegano, como também em estudos que investiguem o papel dos simulacros e seus desdobramentos na cultura material contemporânea.

6.

Recomendações para pesquisas posteriores

6.

Recomendações para pesquisas posteriores

Diante dos resultados apresentados nesta investigação, recomenda-se, para estudos posteriores, investigações sobre a ideia de simulacro, emulação e cópia em outros âmbitos, além do recorte dos materiais de origem animal com enfoque no vestuário de veganos. Um exemplo de nova abordagem seria a análise de possíveis implicações conceituais e práticas associadas ao consumo de alimentos isentos de ingredientes de origem animal, porém semelhantes aos tradicionalmente preparados com ingredientes derivados de animais, em sabor, aparência, olfato e textura.

Igualmente pertinente e potencialmente relevante seria a realização de pesquisa semelhante a esta, porém, de natureza quantitativa, estimando o grau de aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, em vestuário de veganos, de acordo com as categorias conceituais emergidas dos dados levantados na presente pesquisa, de modo a avaliar o peso concernente a cada variável.

A partir das inferências resultantes da presente investigação, mostra-se também interessante e de extrema utilidade a realização de pesquisas aplicadas ao desenvolvimento de novos materiais (e vestuário em geral) isentos de conotações de simulacro, fomentando o surgimento de novos padrões estéticos e paradigmas funcionais que possam reorientar futuras demandas por produtos de moda.

Para que isto seja factível, é oportuno que sejam considerados aspectos evidenciados a partir da análise das comunicações dos participantes desta investigação, tais como funcionalidade, resistência e impermeabilidade, comumente associados como funções práticas do couro animal, por exemplo, de modo a atender às demandas apontadas pelo público vegano nesta investigação.

Outra sugestão oportuna de objeto de estudo seria em relação ao fenômeno da militância em prol do veganismo, em vestuário, por meio de uma investigação

sobre como se manifestam campanhas veganas, sobretudo quanto às cores, dizeres, ilustrações, imagens e materiais utilizados e mais notáveis em peças de vestuário desta natureza.

Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE DIREITOS ANIMAIS. 21 jan. 2016. **Açougue vegano nos EUA vende imitações de carne à base de plantas**. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/21/01/2016/acougue-vegano-eua-vende-imitacoes-carne-base-plantas> >. Acesso em: 28 abr. 2016.

ALVES, Marcelle Louise Pereira; CALEIRO, Maurício de Medeiros. Simulacros e Simulação: Sucesso? In: **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011**, Recife.. 2-6 set 2011. p. 2-7. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0956-1.pdf> > Acesso em: 05 jun 2016.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

ANIMAL ethics. **What beings are not councious**. 20--. Disponível em: < <http://www.animal-ethics.org/beings-conscious/> >. Acesso em: 27 mar. 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BERNARDES, Mariah. **A baunilha e as pérolas negras!** 31 jul. 2012. Disponível em: < <http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2012/07/a-baunilha-e-as-perolas-negras/> >. Acesso em: 12 mai. 2015.

BICHO-DA-SEDA: o bicho do homem. **Revista Superinteressante**. n. 24, set. 1979. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/mundo-animal/bicho-da-seda-bicho-homem-439159.shtml> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

BIRNBACHER, Dieter. **Ethical Principles Versus Guiding Principles in Environmental Ethics**. Philosophica, n. 39, p. 59 – 75, 1987, p. 72.

RETROSARIA Lira. **Botão de madre pérola**. 201?. Disponível em: < <http://www.retrosarialira.com/products/84-fz-0036228-botao-madreperola.aspx> >. Acesso em: 12 mar. 2015.

BURGIERMAN, Denis Russo; NUNES, Alceu. **Deveríamos parar de comer carne?** Revista Super Interessante. Abr. 2012. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/mundo-animal/deveriamos-parar-comer-carne-442851.shtml> >. Acesso em: 05 mar. 2015.

CAMBRIDGE UNIVERSITY. **The Cambridge Declaration on Conciousness**. Jul, 2012. Disponível em: < <http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

CARVALHO, Vicente. **As escabrosas e fascinantes esculturas de vísceras de Cao Hui**. 2012. Disponível em: < <http://www.hypeness.com.br/2012/11/as-escabrosas-e-fascinantes-esculturas-de-visceras-de-cao-hui/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

CARVALHO, André. **Uniforme de equipe de ciclismo colombiana “simula” nudez e gera revolta nas redes sociais**. 15 set. 2014 Disponível em: < http://www.brasilpost.com.br/2014/09/15/ciclismo-colombia-uniforme-nudez-polemica_n_5824110.html >. Acesso em: 24 abr. 2016.

CASTRO, Eliana. **Couro, couro sintético e couro ecológico**. 14 fev. 2013. Disponível em: < <http://belezavegan.blogspot.com.br/2013/02/couro-couro-sintetico-e-couro-ecologico.html> >. Acesso em: 8 ago. 2016.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2006.

CHAVES, F. 2 mar. 2016. **Vencedora do Oscar de melhor figurino foi à cerimônia com jaqueta vegana (sem couro)**. Disponível em: < <https://vista-se.com.br/vencedora-do-oscar-de-melhor-figurino-foi-a-cerimonia-com-jaqueta-vegana-sem-couro/> >. Acesso em: 27 mar. 2016.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL. **Lei do couro**. 201-. Disponível em: < http://www.cicb.org.br/?page_id=13399 >. Acesso em: 07 ago. 2016.

COLERATO, Marina. **Alerta Bizarro: tem algo errado com a cola do seu sapato**. 4 Set. 2014. Modifica. Disponível em: < <http://www.modifica.com.br/alerta-bizarro-tem-algo-errado-com-a-cola-do-seu-sapato/#.WBjpQC0rLIU> >. Acesso em: 8 ago. 2016.

_____. **Couro ou sintético? O que levar em consideração antes de fazer a sua escolha**. 17 fev. 2016. Modifica. Disponível em: < <http://www.modifica.com.br/alertabizarrotemalgoerradocomacoladoseusapato/#.VQsxk454pgl> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

COMO a ostra produz a pérola?. **Revista Mundo Estranho**. Fev. 2014. Disponível em: < <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-a-ostra-produz-a-perola> >. Acesso em: 27 mar. 2015.

CONHEÇA a arte perturbadora de Cao Hui. 30 out. 2015. Disponível em: < <http://www.culturaalternativa.com.br/artes-plasticas/materias/item/5554-conheca-a-arte-perturbadora-de-cao-hui> >. Acesso em: 14 jun. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Platão e o simulacro**. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DIVERSITAS. **Sobre nós: Ética e Direitos dos Animais**. São Paulo, SP. 2012. Disponível em: < http://diversitas.fflch.usp.br/etica_e_direitos_dos_animais >. Acesso em: 08 ago. 2016.

E! ONLINE. Fev. 2014. **Raio-X de estilo de Jared Leto**. Disponível em: < <http://br.eonline.com/2014/raio-x-de-estilo-de-jared-let/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

FELIPE, Sônia Terezinha. **A desanimalização do consumo humano: desafios da ética vegana.** Palestra proferida na abertura da reunião da fundação da Sociedade Vegana. São Paulo: 2010. Disponível em: < http://sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=16:a-desanimalizacao-do-consumo-humano-desafios-da-etica-vegana&catid=16:etica&Itemid=5 >. Acesso em: 01 mar. 2015.

_____. **Galactolatria: mau leite: implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino.** São José: Ecoânima, 2012.

_____. **Senciência e direitos animais.** Fev. 2015 b. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/23/02/2015/senciencia-direitos-animais> >. Acesso em: 04 mar. 2015

_____. Cavalos escravos: dor e sofrimento. **Pensata Animal.** n.40, 2014a. Disponível em: < <http://www.pensataanimal.net/pensadores/152-sonia-t-felipe/402-cavalos-escravos-dor-e-sofrimento-sonia-t-felipe> >. Acesso em: 04 mar. 2015

_____. **Diferença entre Ética Animalista Biocêntrica e Ética Senciocêntrica.** Abr. 2014 b. Disponível em: < <http://www.olharanimal.org/pensata-animal/autores/sonia-t-felipe/708-diferenca-entre-etica-animalista-biocentrica-e-etica-senciocentrica> >. Acesso em: 30 mar. 2015

_____. **Vegetariano ou Vegano? Há quem confunda.... Os outros.** 2015. Disponível em: < <http://www.olharanimal.org/pensata-animal/autores/sonia-t-felipe/4329-vegetariano-ou-vegano-ha-quem-confunda-os-outros> >. Acesso em: 17 mar. 2015

FERREIRA, Afonso. **Estilista faz vestido de noiva vegano e troca seda por sintéticos.** Abr. 2013. Disponível em: < <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/06/estilista-vegana-se-inspira-em-stela-mccartney-para-criar-vestidos-de-noiva.htm> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico.** 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOLLAIN, Martha. **Bichos da seda.** Mar, 2014. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/28/03/2014/bichos-seda> >. Acesso em: 30 mar. 2015.

FRANCIONE, Garry, L. **Animal Rights: The Abolitionist Approach... and Abolition means Veganism!** 2012. Disponível em: < <http://www.abolitionistapproach.com/sentience/#.VRhpdPnF-zs> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

GAMA, Jane Leão Nogueira da. **As soberanas pérolas.** 2009. Disponível em: < http://www.infojoia.com.br/page/gemas_perolas.php >. Acesso em: 28 mar. 2015.

GAMA, Jane Leão Nogueira da. **Gemas orgânicas: coral.** 2011. Disponível em: < <https://goo.gl/5i5IDF> >. Acesso em: 28 mar. 2015.

GEER, Abigail. **The dark and disturbing world of silk**. Nov, 2014. Disponível em: < <http://www.care2.com/causes/the-dark-and-disturbing-world-of-silk.html> >. Acesso em: 27 mar. 2015.

GODOY, Marcela. **Ostra feliz não faz pérola**. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/12/09/2011/ostra-feliz-nao-faz-perola> >. Acesso em: 27 mar. 2015.

GOLDEN Spider Silk. **Victoria and Albert Museum**. Disponível em: < <http://www.vam.ac.uk/content/articles/g/golden-spider-silk/> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

GONZAGA, Yuri. 'Veganos deveriam abrir excessão para ostras', diz colunista; veja argumentos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Jan. 2015. Disponível em: < <http://veg.blogfolha.uol.com.br/2015/01/20/veganos-deveriam-abrir-excecao-para-ostras-diz-colunista-veja-argumentos/> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

GREIF, Sérgio. **O que é vegetarianismo**. Disponível em: < http://www.sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=27:protovegetarianismo&catid=18:textos-fundamentais&Itemid=15 >. Acesso em: 01 mar. 2015.

GUIMARÃES, George. **Protovegetarianos**. Abr. 2010. Disponível em: < <http://veddas.org.br/protovegetarianos/> >. Acesso em: 01 mar. 2015.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2007.

INFOJOIA, o portal de notícias do IBGM. **O ABC das pérolas**. Jan. 2013. Disponível em: < http://www.infojoia.com.br/news_portal/noticia_13460 >. Acesso em: 28 mar. 2015.

INTERNATIONAL VEGETARIAN UNION. **Definitions**. Mar. 2013. Disponível em: < <http://www.ivu.org/index.php/definitions> >. Acesso em: 17 mar. 2015.

ISLA. **Clutch banana em madrepérola**. 201?. Disponível em: < <https://goo.gl/T7aitF> >. Acesso em: 12 ago. 2016.

INSTITUTO LUISA MELL. **O Instituto Luisa Mell**. São Paulo, SP. 2015. Disponível em: < <http://ilm.org.br/> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

JÁCOME, L. 27 dez. 2013. **Estilo: Caio Castro, Harry Styles, Jared Leto e Rian Gosling**. Disponível em: < <http://www.justlia.com.br/2013/12/estilo-caio-castro-harry-styles-jared-letto-e-ryan-gosling/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: um sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não**. São Paulo: Cultrix, 2014.

LEAHY, Stephen. **Corais em luta pela sobrevivência**. Mar. 2010. Disponível em: < <http://www.institutoecofaxina.org.br/2010/03/corais-em-luta-pela-sobrevivencia.html> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A lição de sabedoria das vacas loucas**. Novos Estudos – CEBRAP, nº 70, nov. 2004, p.83.

LIMA, Jônatas Dias. O projeto que é o bicho. **Gazeta do povo**. 04 set. 2011. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/pesquisa-e-tecnologia/o-projeto-que-e-o-bicho-bdcfdnq00okxe84m56hr90lse> >. Acesso em: 29 mar. 2015.

LUBITZ, R. **Jenny Beavan's leather jacket deserves a spot on every Oscar's best dressed list**. 29 fev. 2016. Disponível em: <<http://mic.com/articles/136491/jenny-beavan-s-leather-jacket-deserves-a-spot-on-every-oscars-best-dressed-list#.C3y8YzuCM>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

MEN'S MARKET. 28 dez. 2015. **O estilo de Jared Leto**. Disponível em: < [https://www.mensmarket.com.br/blog/o-estilo-de-jared-leto/](https://www.mensmarket.com.br/blog/o-estilo-de-jared-let/) >. Acesso em: 23 abr. 2016.

MICHAELIS Dicionário prático da língua Portuguesa (nova ortografia). São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MINISTRA da cultura sueca é alvo de críticas após cortar 'bolo racista'. 18 abr. 2012. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/04/ministra-da-cultura-sueca-e-alvo-de-criticas-apos-cortar-bolo-racista.html> >. Acesso em: 27 abr. 2016.

MOVE INSTITUTE. **Sobre**. São Paulo, SP. 2012. Disponível em: < <http://www.moveinstitute.org/about> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

MÜLLER, Bruno. **Vegetarianismo, veganismo e protovegetarianismo: definições e concepções**. 20 mai. 2010. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/20/05/2010/veganismo-vegetarianismo-e-protovegetarianismo-definicoes-e-concepcoes> >. Acesso em: 01 mar. 2015

NACONECY, Carlos M. **Ética & Animais: um guia de argumentação filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NACONECY, Carlos M. Ética animal... Ou uma "ética para vertebrados"? Um animalista também pratica especismo? **Revista Brasileira de Direito Animal**. Salvador, v. 2, n.2, p. 119 – 153, jul./ dez. 2007. Disponível em: < <https://www.animallaw.info/sites/default/files/brazilvol3.pdf> >. Acesso em: 01 mar. 2015.

ONDA VEGANA. **Quem somos**. Santos, SP. 2015. Disponível em: < <http://www.ondavegana.org/quem-somos/> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

PROJETO Esperança Animal. **Análise confirma: loja Marisa vende cachecol de pele de bicho como seno 100% poliéster.** 5 jul. 2011. Disponível em: < <http://www.pea.org.br/news/noticias01.asp?noticia=4340> >. Acesso em: 2 jul. 2016.

PETA. 201?. **Fake, not leather label pin.** Disponível em: < http://www.petacatalog.com/clothingaccessories/fake_not_leather_lapel_pin/ >. Acesso em: 6 fev. 2016.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos, história, tramas, tipos e usos.** São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

POMPEU, Bruno. “Simulacro”. In: PEREZ, Clotilde et al. (Org.). **Universo sógnico da pirataria : Falso? Verdadeiro!** São Paulo: Imod, 2013. p. 353.

REVISTA QUEM. 20 abr. 2014. **Jared Leto posa com calça de zebra e chama atenção por corpo sarado.** Disponível em: < <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2014/04/jared-letto-posa-com-calca-de-zebra-e-chama-atencao-por-corpo-sarado.html> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

REVISTA RUMO. 03 nov. 2015. **Estilo: Jared Leto.** Disponível em: < <http://revistarumo.com.br/site/post.php?id=1667> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

SABINO, M. **Dicionário da moda.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SALLES, Alessandro Carvalho. O Problema do Simulacro: A Leitura de Gilles Deleuze. In: **XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004**, Porto Alegre. Anais do XXVII Congresso... São Paulo: Intercom, 2004.

SCHMIDT, N. 1 mar. 2016. **Quando uma jaqueta de couro fala mais alto que um Oscar.** Disponível em: < http://www.brasilpost.com.br/nadia-schmidt/jaqueta-couro_b_9348888.html >. Acesso em: 29 abr. 2016.

SINGER, Peter. **Ética prática.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SOCIEDADE VEGANA. **Protovegetarianismo.** 201?. Disponível em: < http://www.sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=27:protovegetarianismo&catid=18:textos-fundamentais&Itemid=15 >. Acesso em: 01 mar. 2015.

SELO VEGANO. **Definição de “Vegano” para certificação.** 2013?. Disponível em: < <http://www.selovegano.com.br/#!/quem-pode/ckz8> >. Acesso em: 23 mar. 2015.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Vegetarianismo.** 2013?. Disponível em: < <http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e> >. Acesso em: 01 mar. 2015.

SLYWITCH, Eric. **Virei vegetariano. E agora?** São Paulo: Editora Alaúde, 2010.

SNAKE fever. 06 jul. 2013. Disponível em: < <https://goo.gl/ttGqWH> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

SOUZA, R. F. de. 2016. **Por que a intolerância a alimentos de origem animal pode atrapalhar o entendimento sobre o veganismo**. 7 fev. 2016. Disponível em: <<http://veganagente.consciencia.blog.br/por-que-a-intolerancia-a-imitacoes-vegan-de-alimentos-de-origem-animal-pode-atrapalhar-o-entendimento-sobre-o-veganismo/#.VwFm0vkrLIV>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

TAYGRA. **Tecido da floresta ou couro vegetal**. 201-. Disponível em: < <http://www.taygra.eu/PT-tecido-da-floresta-couro-vegetal-amazonas-taygra-brasil.htm> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

TEIA de aranha: frágil apenas na aparência. **Revista Superinteressante**. n. 24, set. 1979. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/mundo-animal/teia-aranha-fragil- apenas-aparencia-439131.shtml> >. Acesso em: 31 mar. 2015.

THE herbivorous butcher. 201?. Disponível em: < <http://www.theherbivorousbutcher.com/> >. Acesso em: 23 abr. 2016.

THE TATA top. 201?. **More than just a bikini top!** Disponível em: < <https://thetatatop.com/> >. Acesso em: 24 abr. 2016.

VALUE of corals. **Too precious to wear**. 2009. Disponível em: < http://www.tooprecioustowear.org/_value/importance.html >. Acesso em: 29 mar. 2015.

VAUTE Couture. **Vaute outerwear**. 2016. Disponível em: < <http://vautecouture.com/collections/vaute-outerwear> >. Acesso em: 8 jul. 2016.

VEDDAS. **Sobre o VEDDAS**. São Paulo, SP. 2012. Disponível em: < <http://veddas.org.br/sobre-o-veddas/> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

VEGAN Kicks. **Glue**. [s.d.]. Disponível em: < <http://vegankicks.com/glue/> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

VEIGA, Mariana C. et al. Extração de tanino vegetal do eucalipto no curtimento de pele de peixe: aspectos fitogeográficos. In: **XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão - Jepex, 2013, UFRPE**, Recife. Anais. 9-13 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/resumos/R1467-2.pdf> >. Acesso em: 08 ago. 2016.

VOCÊ comeria um bolo em forma de bebê? 201? Disponível em: < <http://www.dailymotion.com/video/x2l6b22> >. Acesso em: 03 abr. 2016.

VOGUE BRASIL. **Vencedora do Oscar de melhor figurino usa jaqueta de couro na cerimônia**. 29 fev. 2016. Disponível em: <<http://vogue.globo.com/moda/gente/noticia/2016/02/vencedora-do-oscar-de-melhor-figurino-usa-jaqueta-de-couro-na-cerimonia.html>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

WATER Footprint. **Product water footprints: animal products.** Disponível em: < <http://www.waterfootprint.org/index.php?page=files/Animal-products> >. Acesso em: 05 mar. 2015.

Apêndice “A”:**levantamento de dados pré-tratados do subproblema 1**

Levantamento de dados pré-tratados do subproblema 1, obtidos com usuários veganos em postagens de redes sociais veganas da *internet*, por meio de questionários vinculados à temática, respondidos virtualmente na mesma rede social e por meio de entrevistas semiestruturadas, em alguns casos, estimuladas, em profundidade, realizadas em eventos voltados para o público vegano nos municípios de Santos e, em maior porcentagem, em São Paulo.

Nas tabelas abaixo, constam trechos significativos selecionados e extraídos de comentários de usuários veganos indexadas por categorias conceituais que emergiram a partir da interpretação dos dados coletados.

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/5

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RGI-2	Eu acho que se for sintético, não tem problema...
RGI-8	Eu uso os sintéticos e também não vejo problema nisso.
RGI-9	Quanto àqueles casacos de pele e pelos falsos... não tenho nada contra quem usa...
RGI-10	Na minha cabeça não entra isso de querer vestir a pele do outro, mesmo que de mentira. Imagine fazer pele sintética de gente para usar? Tipo máscara de alguém famoso, só que de pele? Sei lá, acho muito esquisito.
RGI-11	Não vejo problema.
RGI-12	Sou contra e à favor. Sou a favor porque é falsa e não prejudica ninguém. Sou contra porque lembra a pele de um animal.
RGI-77	Eu acho que, sendo falso, é o que vale. O animal tá pouco se importando com o que a gente usa, seja em forma de homenagem a ele ou não, desde que não seja proveniente dele...
RGI-57	(...) sempre ouço muitas pessoas veganas falando que não usam nem mesmo estampas de bichos, porque remetem aos animais mortos e que é uma humilhação para os animais.... Vejo como uma homenagem...
RGI-40	Não quero nada em mim que lembre animais mortos. Quem usa couro sintético continua gostando do couro (aspecto, textura e forma) que um animal morto tem.
RGI-41	Detesto couro, até mesmo os sintéticos...
RGI-46	E tenho roupas sintéticas que adoro e uso sem problemas.
RGI-80	Não sendo cadáver, tá de boa!
RGI-58	(...) não tem nada a ver não utilizá-la, já que não é pele de animais mortos...
RGI-61	Eu não uso nada que lembre animais! Não consigo mais! Mas não critico quem usa sintéticos ou estampas...
RGI-63	Adoro estampa de cobra! Estampa de onça também acho lindo! Nenhum animal morreu. Vejo como uma homenagem...
RGI-81	Normal...
RGI-64	Acho válido, uai!
RGI-69	Não tem origem animal, ok!
RGI-70	Amoo! Estampas de animais, principalmente! ----- Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!
RGI-72	Gosto e uso! Desde que não roubemos nada dos animais, não tem problemas.
RGI-73	Não tenho nada contra, não!
RGI-59	Uso bastante couro sintético.... Se não tem sofrimento, não vejo problema.
RQI-82	Se alguma vestimenta copia as cores de algum animal, eu acho lindo, e usaria sim, sem me sentir incomodado.
RQI-83	Eu evito usar vestuário/calçados que imitem peles de animais ou que usem imitações de penas/pelos. Mas eu adoraria que os simulacros conquistassem o mercado (quer pelo preço mais acessível, quer pela moda, não importa) e se tornassem preferência. Precisamos deixar os animais em paz. ----- Não chega a me incomodar porque sei que estou usando algo sintético. Mas eu não usaria uma bota imitando pele de crocodilo, por exemplo. Me incomodaria por ser bem peculiar! O sapato social é bem discreto, não dá para perceber os sulcos do couro/pele, a não ser que se analise bem de perto.
RQI-84	Eu uso, compro couro sintético. Não havendo exploração e morte, não há problema ético.
RQI-85	Eu considero os simulacros adequados. Eu penso: se eu acho o pelo de tal animal bonito, porque não posso fazer um material que se pareça com ele?

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/5

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RQI-86	(...) sinto orgulho de usar algo que não tenha sofrimento animal e ainda mostre alternativas para isso! "
RQI-88	(...) sendo assim, um material sintético, não vejo por que não os utilizar.
RQI-89	Eu, particularmente, não vejo nenhum problema em utilizar couro sintético, por exemplo.
RQI-90	Acho inadequado, pois fazem alusão daquilo que não acho correto.
RQI-91	Não gosto. Veganos até usam simulacros, mas preferem algum produto que deixe claro não ser de origem animal.
RQI-92	Eu acho inadequado pois ainda que não esteja explorando o animal ainda sim explora a sua imagem! Pois são imagens ligadas a exploração. É como se montar um restaurante e colocar o nome de Senzala. É óbvio que esse restaurante não vai
RUE-95	<p>Não me incomoda porque... lembra, mas não é o mesmo material...</p> <p>-----</p> <p>Brinco de pérola... acho que se usar o que só parece, acho que não tem problema...</p> <p>-----</p> <p>Adoro <u>imagens</u> de animais, adoro! Não vejo nenhum problema! Se é igual à pele, eu já não gosto... Agora, se mostra o animal inteiro... É de boa, entendeu? Quando simula, eu não acho interessante... A estampa de cobra no couro sintético, eu acho estranho... Não usaria mesmo...</p>
RUE-96	<p>Eu acho bom para as pessoas que estão acostumadas a comprar esses materiais, só que de origem animal. Porque tem gente que gosta de estética do couro. E aí você fala que o couro é errado, que causa sofrimento e que tem um parecido que não causa a mesma coisa... Eu acho que é válido pelas pessoas que estão acostumadas a usar produtos de origem animal.</p> <p>-----</p> <p>Eu uso normalmente, acho legal...</p> <p>-----</p> <p>Pode ser que seja um pouco ruim, porque, ainda mais uma pessoa que não conhece, ainda mais aqueles que são de "pelinho", que parecem que é couro de boi... Talvez seja ruim pelas pessoas que não têm conhecimento, porque você não tem como saber, só olhando, se aquilo é de origem animal ou não... Mas tem algumas coisas, tipo tecido de Chita, que dá pra saber que não é... essas, eu acho que não teria problema de usar...</p>
RUE-97	A maioria dos meus clientes veganos gosta de couro sintético...
RUE-98	(...) não gosto muito não... não gosto destes que imitam pele... não gosto de estampa de bicho, não sou muito fã, porque me lembra... na minha cabeça, você leva a entender que isso é uma coisa legal de se usar... e não é! Por isso que eu não uso, mas, nada contra quem use a imitação, se for imitação!
RUE-99	Você não vai usar a pele do bicho, mas pode usar alguma coisa que remeta a ele. Acho que é até uma homenagem! Não uso, mas não vejo problema nenhum em alguém usando estampas de bicho... desde que não seja de origem animal...
RUE-100	<p>Tem veganos que não gostam.... Pessoalmente, não fazendo mal a ninguém, nenhum animal morrendo, não havendo falta de ética por trás, não considero um problema.</p> <p>-----</p> <p>Essa coisa do veganismo imitando coisas onívoras, é relativa. Pode ser bom, porque supre uma demanda. O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre as estampas de animais] Nossa! É uma arte, é desenho! Do jeito que eu faço, que é apenas um desenho, acho que não faz mal nenhum. Agora, existe uma estampa, com desenho de gatinhos, em que está escrito: "eu amo animais, com ketchup!".... Não acho que prejudica, mas é grosseiro, não me ofendo, mas é uma apologia carnista....</p> <p>-----</p> <p>Tem vegano que não gosta porque faz apologia, eu entendo o lado dessas pessoas... Faz sentido... é que eu vou muito nessa coisa "meu, nenhum animal morreu para isso acontecer!"... E as pessoas, são especistas, os invejam, querem se apropriar da textura, do pelo, da beleza dos animais... isso não vai deixar de existir, por um bom tempo... Mas, acho que é um pouco fora da realidade exigir que o ser humano abandone, completamente, agora, a inveja que ele tem do animal.</p>

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

3/5

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RUE-101	Eu acho legal, porque, a gente ama animais... Se a gente ama, porque não ter algo similar? Gosto de estampas de bicho, são muito bacanas, uso bastante... Tem uma diferença... Você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que "pega" mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético...
RUE-102	Eu não vejo problema. ----- Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace... Acho que não tem problema, não.
RUE-103	Eu acho ok, se você quer usar um coturno como se fosse de couro... mas que é vegano... acho bom! [sobre a estampa de cobra no couro sintético:] Eu não acho legal, porque você está estimulando o uso do bicho mesmo... esteticamente, acho bonito, mas, eu não usaria... é a mesma coisa a estampa de cobra no couro ou no tecido...
RUE-104	Para mim, tanto faz... (...) Dá uma impressão meio estranha, parece que você tá pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... Porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais... Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem. Mas isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto...
RUE-105	Eu não gosto muito desse tipo de produto... Couro sintético, eu até uso, porque você tem que usar uma bota, mas, material por esse lado, não é muito legal, não... tipo pele de cobra... eu não gosto, não é um estilo que me agrada e também por ser muito parecida com a pele do bicho... Aquilo que me lembra um bicho, eu não gosto... ----- O couro sintético é uma exceção, porque não tem como acabar não usando... são muitos produtos, sapatos, botas... aí eu não tenho problema em usar! Para mim, o couro sintético não é tanto um problema... ----- A imitação da pérola seria aceitável, não uso, por gosto pessoal, mas não por achar que teria algum problema.
RUE-106	Não usaria, não vejo essa necessidade... Não me sinto atraída por essas coisas que ficam imitando... ----- (...) esse meu brinco de pérola, é bijuteria mesmo... a gente compra, convictamente, acreditando ser bijuteria!
RUE-107	Imitação? Tranquilo! Mas eu não gostaria de comprar... Sei lá... dá uma aparência de que eu estou querendo usar couro... É sintético, mas está querendo mostrar que é uma jaqueta de couro... Acho meio feio... Mas, se fosse do meu gosto, é lógico que eu compraria! ***Contradição: Mas se alguém me visse usando isso na rua e quisesse comprar o de origem animal, acho que por isso, não é legal! ----- Eu não usaria brinco de pérola fake... acho desnecessário.
RUE-108	A gente vai comprar alguma coisa e tem imitação... Mas eu não acho legal. Ou é, ou não é. Não é que me incomoda. É uma questão de ser verdadeira ou não, a origem das coisas. (*Contradição) Eu uso, de couro sintético bota, sapato, bolsa, essas coisas... mas não concordo! Se eu fosse o fabricante, não iria imitar, eu faria alguma coisa diferente.. Não precisava imitar... eu uso porque não tem outro jeito! Não tem bota de pano, assim, que seja confortável... ----- Eu tenho, no meu armário, coisas que imitam couro. Mas não sou muito a favor, não!
RUE-109	Couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... Claro que eu ser reconheço, por causa do cheiro, mas... é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida... Aqueles poros, a imitação do pelo do boi... não consigo! Não compro! Não gosto!
RUE-110	Não tenho nada. Eu nunca tive vontade... me sinto incomodada... procuro não usar nada. Não me sinto muito confortável... (...) Por opção, mesmo o sintético, prefiro não usar, abolir...
RUE-111	Todo tipo de pele, couro, pelagem, camurça... a todo esse tipo de adereço, eu sempre tenho uma aversão... ----- Tem pessoas que gostam de usar pele sintética, por estética, eu não me importo, não vejo problema...
RUE-112	Acho legal, tudo que for para ajudar a poupar os animais é válido! Estampa de bicho, desde que seja vegana, tudo bem!
RUE-113	Eu adoro! Eu amo isto, acho ótimo! Acho que é o futuro! (Esses materiais) não devem vir de animais e, contanto que não causem qualquer sofrimento, estou bem com isso! ----- Eu me preocupo quando estou usando certas coisas, tipo esse par de botas que eu tenho aqui, e eles não são de leather (couro), são de pleather (couro sintético feito de plástico)... Me preocupo quando estou andando por aí e as pessoas podem pensar que é pele de vaca... Já pensei muito sobre isso... Há um tempo fiava me perguntando "e agora, o que que eu faço?", mas, no fim, o sentimento que predomina é o de "apenas me alguma coisa que não tenha vindo de um animal, e eu estarei ok com isto..." Se não machucou uma criatura, na verdade, pra mim está tudo certo!

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

4/5

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RUE-114	<p>Não, não vejo nenhum problema, eu acho legal, até! Eu acho legal quando é falado "isto aqui é uma imitação", sabe? Eu usaria!</p> <p>-----</p> <p>Isso simboliza uma cultura, não sei se é tão legal, mas, eu não vejo problema nisso, se uma pessoa tiver... não me incomoda, mas, isso representa uma cultura de matança... eu não usaria porque acho que representa isso...</p>
RUE-115	<p>Eu não vejo nada contra, sendo que não é mesmo... (...) sendo uma representação, acho bonito... é só uma forma representativa... não ferindo, não agredindo...</p>
RUE-116	<p>Com relação à imitação na vestimenta, passei a recusar: não quero nada que se pareça com bicho, nenhum sapato de oncinha, nenhum tipo de material que se pareça com couro... Mas, pensando mais um pouco a respeito disso, comecei a olhar sob outra perspectiva: ter na minha vestimenta coisas que lembrem o padrão de pelagem de um animal, na verdade, seria minha admiração, minha homenagem ao animal, sem usá-lo como roupa. (...) Na minha percepção, em relação à moda, é muito mais do que ter uma semelhança de aparência, de imitação mais fiel possível ao que seria a pele de um animal... É que você possa ter acesso a roupas e calçados éticos, confortáveis e bons de usar.</p> <p>-----</p> <p>Não sei lhe dizer se eu já defini uma posição a respeito disto... Estou passeando por essas diferentes percepções: da recusa à aceitação.</p> <p>-----</p> <p>Já me senti incomodada no sentido de que "Ah, eu vou colocar aquela sapatilha que tem estampa de onça e será que alguém vai achar que eu estou usando uma coisa que é de couro? De certa forma, me incomoda, pela percepção dos outros, no sentido de que, quando eu faço uma opção ética, tenho que ter uma postura coerente... Não posso ter um discurso e outra prática.</p> <p>-----</p> <p>Porque que tem que se parecer? Para continuar expressando a ideia de que o animal é a matéria-prima, a fonte para se produzir aquilo?</p>
RUE-117	<p>Eu não tenho nenhum problema em usar porque eu sei que nenhum animal sofreu pra que eu possa obter aquele produto... Contanto que nenhum animal sofra com isso, acho que já estou feliz!</p> <p>-----</p> <p>Então, eu acho que aí também já é demais: se assemelhar tanto a um animal acaba se tornando, de certa forma, um estereótipo e eu já não acho tão legal a imitação do couro realmente do animal, assim... para algumas coisas, entendeu?</p> <p>-----</p> <p>[Sobre as imagens bota de cobra sintética] Eu não acho muito legal, não... porque parece... acho que se realmente for sintético, acho que não tem problema...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre bolsa de pelúcia] Não sei... parece bem... não parece tão fake, aí eu já não acho legal... Tem coisas que dá pra notar que realmente não é de origem animal...</p>
RUE-118	<p>Eu não uso. Não tenho vontade de usar alguma coisa que imite pele de algum animal...</p> <p>-----</p> <p>Não acho legal, não vejo muita graça em usar alguma coisa que pareça pele de carneiro... Pode cair muito na questão da objetificação de animais... Mas vem de uma necessidade psicológica do ser humano... Desde que não esteja fazendo mal ao animal, legal...</p>
RUE-119	<p>Imitações são, certamente, melhores do que os materiais verdadeiros produtos de origem animal, mas... honestamente, eu não preciso disso... há uma grande variedade de outras opções... eu não uso, não me interessa por isso.</p> <p>É uma coisa que você sabe que não é de um animal, mas você não quer usar algo que pareça com um animal... não faz o menor sentido para mim, se é que você me entende? Porque eu iria querer usar algo que se pareça com uma zebra?</p> <p>Apesar de não ser, não gostaria de usar nada que se pareça com uma zebra, ou um tigre...</p> <p>É claro que há diferença, mas, eu teria que explicar às pessoas que vejo ou conheço, "Não, isto não é verdadeiro...", sabe? Se você realmente quer declarar "por favor, não use isto (produtos de origem animal)!", então, porque usar uma coisa que parece ser outra?</p>
RUE-120	<p>Acho uma ideia bacana, pelo menos não tem aquela coisa da exploração animal... mostra para a galera que tem outros tipos de materiais que podem substituir os de origem animal, entendeu?</p> <p>-----</p> <p>As que eu gosto menos são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação. Só as penas me deixam mais aterrorizado... Da pelúcia eu gosto...</p>

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

5/5

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RUE-121	<p>Pra mim, é positivo, sempre! Ter alternativas para jaqueta, sapato, não só tênis, mas, roupas mais sociais, livres de crueldade animal, pra mim, eu acho válido, sempre... sem problemas...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre o acessório metálico imita pena] Éhh, tudo bem, é metal, né... Mas, "velho", remete, sei lá, você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né: você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que seja alternativo [o material], mas é simbólico...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre o acessório metálico que lembra dentes e crânio de animais] Eh... pesca de baleia... ah... isso aqui, meu [tom de reprovação]... Só que é aí que tá, pra não soar contraditório com meu discurso, a partir do momento que... eu não usaria [não por uma questão de estilo, mas por não ter considerado adequado],</p> <p>-----</p> <p>[Sobre o tênis Allstar com estampa de cobra metálica] (...) o Allstar de cobra, tem quem goste, né? Eu não usaria porque não é meu estilo, mas remete a arrancar o couro do animal, mesmo que seja mais simbólico...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre bolsa de pelúcia] Não posso ser incoerente com meu discurso... se a alternativa é válida... Mas, é feio, você vai lembrar automaticamente da pele do animal, é sim, é verdade...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre colar de penas metálicas] Talvez uma pena de ferro não tenha o mesmo impacto...</p>
---------	---

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Incentivo ao consumo

Aspectos associados à ideia de incentivo ao consumo de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros

RGI-3	Creio que incentiva. Ex: saio com couro sintético na rua. Aí alguém acha bonito e fala: quero uma jaqueta de couro também. Vai lá e compra. Sei lá... meu pensamento...
RGI-4	Acho que não incentiva...Couro é mais acessível, de certa forma. Porém, uma peça de pele verdadeira custa milhares de reais, dificilmente alguém tem acesso à elas...
RGI-6	Ao olhar de leigos, couro falso e animal podem ser idênticos. Ele ainda é utilizado para moda, status, etc. Então, o uso pode ser estimulado.
RGI-7	Não me dá vontade de comprar couro sintético porque parece com couro. (...) Ver alguém dentro dos padrões de beleza, usando certa roupa vai dar vontade de comprar, porque recebemos essas mensagens na mídia, muito mais forte do que das pessoas que vemos passar na rua. Nesse ponto, concordo: o uso atrai. Mas, não por nós e sim pela mulher da novela, pela celebridade, pelo cantor.... Não vejo as pessoas saindo para comprar uma roupa porque viram outra pessoa na rua usando.
RGI-30	Se as penas falsas forem parecidas demais com as penas reais, não podem incentivar o uso das reais e fortalecer a ideia de que bichos podem ser usados como objetos? Roupas que se parecem demais com couro encorajam pessoas a comprarem as de couro e fortalecem a ideia de que bichos podem ser usados como objetos.
RGI-31	(...) sobre penas falsas, mesmo sendo falsas, acho que induziriam pessoas a pensar que animais podem ser usados como objetos.
RGI-43	Eu usava, mas parei, pois tem gente que pode pensar que é couro, achar bonito e sair por aí me copiando, só que sair comprando couro de verdade...
RGI-62	Ridículas, pois, fazem apologia ao couro e peles naturais... Vegan que é vegan, não se corrompe.
RQI-89	Há pessoas que discordam. Não acham correta a existência dos simulacros porque podem remeter a ideia de que "se este couro sintético é bom, o original, bovino, deve ser melhor".
RUE-95	Eu não acho legal ficar usando porque, acho que as outras pessoas que não conhecem... é meio que inconsciente..., pode abrir precedentes para a pessoa achar que é legal usar peles...
RUE-98	(...) não gosto destes que imitam pele... não gosto de estampa de bicho, não sou muito fã, porque me lembra... na minha cabeça, você leva a entender que isso é uma coisa legal de se usar... e não é! Por isso que eu não uso, mas, nada contra quem use a imitação, se for imitação!
RUE-101	(...) a roupa, a gente sabe que é estampada, mas a estampa de cobra no couro, é muito... Sei lá, a pessoa vai olhar assim e, como é que vai saber se é sintética ou não? Vai incentivar o uso... Tem uma diferença... Você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que "pega" mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético...
RUE-102	Tem gente que prefere evitar, porque, por exemplo: quando você está usando um tecido, você sabe que ele não é de origem animal mas, às vezes, uma pessoa mal informada, pode achar bonito e procurar a mesma coisa mas, infelizmente, de origem animal.
RUE-103	[sobre a estampa de cobra no couro sintético:] Eu não acho legal, porque você está estimulando o uso do bicho mesmo... esteticamente, acho bonito, mas, eu não usaria... é a mesma coisa a estampa de cobra no couro ou no tecido...
RUE-104	Dá uma impressão meio estranha, parece que você tá pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... Porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais...
RUE-107	(...) se alguém me visse usando isso na rua e quisesse comprar o de origem animal, acho que por isso, não é legal!
RUE-108	O vegano não quer que um bichinho vire uma bolsa ou um sapato... Eu acho que a imitação faz com que as pessoas ainda façam isso. É uma opção, mas estimula, com certeza!

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Incentivo ao consumo

Aspectos associados à ideia de incentivo ao consumo de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros

-
- RUE-109** De certa forma, para quem não conhece, não sabe que eu sou vegana e que aquilo é falso, diz "olha, que bonito! " Eu meio que estou incentivando a compra de um produto de origem animal mesmo!
-
- (...) querendo ou não, vou passar a impressão para as pessoas de que eu estou usando couro... porque não é todo mundo que sabe identificar a diferença entre um couro legítimo e um não-legítimo...
-
- (...) eu, como vegana, andando na rua com um couro que não seja legítimo, vou estar passando a ideia de aquilo é couro. Essa parte é um pouco complicada... é pele! Não é todo mundo que tem essa consciência de que couro sintético é "tudo bem!...
-
- (...) a pele, você vai incentivar o uso da pele...
-
- RUE-111** O problema é que, às vezes, as pessoas, que estão de fora, não sabem que é sintético... Então acabam querendo um daquele... talvez isso seja um problema... eu fico pensando nessa visualização, de ver e falar "ah, eu quero uma bota daquela! "... A maioria das pessoas nem sabem o que é couro, o que é pele... Então, talvez, por esse âmbito, não seja tão bom, pela falta de informação das pessoas. Tem esses dois lados... é meio complicado...
-
- Tem gente que pensa diferente. Tem gente que pensa que você está usando algo que esteja imitando, você está, querendo, ou não, fazendo uma propaganda daquilo que é de verdade... "O cara usa falso porque ele não pode comprar um original ou algo do tipo", sabe? Daí ele vai e compra um falso... Mas não é isso! Eu acho que é mais pela estética mesmo, eu não vejo problema, mas, tem gente que vê sim!
-
- RUE-116** Porque que tem que se parecer? Para continuar expressando a ideia de que o animal é a matéria-prima, a fonte para se produzir aquilo?
-

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Indiscernibilidade

Aspectos associados à indiscernibilidade de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais

RGI-3	<p>O que mais existe são produtos chineses baratos e com pele verdadeira. Não são de grife, mas são baratos. Aqui no grupo mesmo já foi alertado para termos cuidado ao acharmos que estamos adquirindo pele falsa, porque nem todas são... Lojas Marisa mesmo, vende pele baratíssimo.</p> <p>-----</p> <p>Creio que incentiva. Ex: saio com couro sintético na rua. Aí alguém acha bonito e fala: quero uma jaqueta de couro também. Vai lá e compra. Sei lá... meu pensamento...</p>
RGI-4	Eu mesma já me deparei, uma vez, com pele de coelho sendo vendida como pele sintética. Devemos estar sempre alertas.
RGI-6	Ao olhar de leigos, couro falso e animal podem ser idênticos.
RGI-8	E como diferenciar o couro sintético do animal? Não sei fazer isso da maneira exata... Sou leiga, ainda não sei diferenciar o couro (aceito dicas)...
RGI-22	Sapato "é osso!" Sou apaixonada por mocassim e a maioria é de couro... Me sinto péssima, comprei porque a menina disse que era sintético mas, duvido muito..
RGI-29	(...) onde comprar penas falsas? (...) fui na 25 e fiquei em dúvida se as que eu encontrei eram, ou não e eu não poderia queimar uma para saber...
RGI-31	Mas, talvez, olhando aquela parte dura da pena, dê para diferenciar.... Geralmente, as que encontro de pombas e outros animais são furadas e ocas. As falsas não devem ser feitas assim, não sei...
RGI-32	Se alguém souber de uma maneira efetiva de identificar penas sintéticas, ainda me interessa...
RGI-37	Alguém tem um truque para identificar couro/camurça animais ("verdadeiros") e evita-los com segurança? Costumo enfrentar a maior dificuldade para comprar, inclusive porque, às vezes, o material é sintético, mas as vendedoras dizem que é animal para "agregar valor" (mas, de todo modo, fico receosa e não compro). E, em termos de informações claras no produto em si... pior ainda, neça de pitibiriba...
RGI-45	<p>Alguém poderia entrar de couro sintético num restaurante vegano e as pessoas acharem que é de verdade, e julgá-las erroneamente. Resumindo: pegadinha do malandro!</p> <p>Eu não entendo nada de couro, não sei distinguir o real do sintético, pode me julgar, sou vegano há 5 anos...</p>
RQI-89	<p>(...) quando estou usando alguma peça em couro sintético, é comum aparecer alguém que sabe da minha posição em relação aos animais querendo apontar uma incoerência, então é uma ótima oportunidade de mostrar que há opções.</p> <p>-----</p> <p>Prometi ao pessoal do grupo veganismo do Facebook fazer essa semana um guia de como identificar material sintético ao comprar um calçado, cinta, carteira, etc.</p> <p>-----</p> <p>Uma vez, no trabalho, me questionaram o porquê de eu usar uma carteira de couro. Mostrei aos dois colegas que me perguntaram que esta carteira era de sintético. Achei dois ou 3 lugares onde era possível ver o verso do material, e por ali se identifica se é couro animal ou não. O detalhe é que destes dois colegas, um é formado em tecnologia de couro para calçados e outro trabalhou em curtume de couro por 20 anos, e não souberam identificar que o material da carteira era sintético.</p>
RUE-95	Tipo meu tênis aqui... o pessoal pode achar que isso é camurça de animal... mas é totalmente sintético... o dia todo a gente se depara com esses tipos de produtos...
RUE-96	<p>(...) uma pessoa que não conhece, ainda mais aqueles que são de "pelinho", que parecem que é couro de boi... Talvez seja ruim pelas pessoas que não têm conhecimento, porque você não tem como saber, só olhando, se aquilo é de origem animal ou não...</p> <p>-----</p> <p>(...)é até difícil de comprar, às vezes, tênis, que não está escrita a composição na embalagem, por conta desse negócio deles acharem que se é de couro, é de qualidade...</p>
RUE-100	<p>O único problema é que eu acho que, às vezes, vende-se algo de origem animal, como se fosse sintético. As peles sintéticas evoluíram a tal ponto, com tanta semelhança, que as pessoas não distinguem... Essas peles artificiais, as muito boas, as mais incríveis, são muito caras... Já a pele de cachorro e de gato, verdadeiras, são muito baratinhas, vêm da China... São bem mais baratas que pele artificial vagabunda... Então, muitas marcas vendem pele verdadeira como sintética.... A M.Officer já fez isso...</p> <p>-----</p> <p>Eu não compro pele, não é meu estilo, mas, se eu um dia quisesse, seria uma extremamente artificial, daquelas que você olha e pensa em ursinho de pelúcia... Para não gerar dúvida. Para eu não comprar uma pele com toque de verdadeira, estando na etiqueta que ela é artificial e, na verdade ela é real...</p>

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Indiscernibilidade

Aspectos associados à indiscernibilidade de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais

RUE-101	(...) a roupa, a gente sabe que é estampada, mas a estampa de cobra no courvim, é muito... Sei lá, a pessoa vai olhar assim e, como é que vai saber se é sintética ou não? Tem uma diferença... Você usar no têxtil, ainda vai, mas, no couro sintético, é uma coisa muito evidente... Talvez, pode incentivar quem olhar isto a comprar algo que seja de couro. Acho que o que "pega" mais é a estampa, de couro de cobra, de crocodilo, porque, querendo ou não, ela não vai pensar que pode ser sintético... isto, no couro sintético...
RUE-104	(...) mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso...
RUE-108	Se você olhar direito, vai ver que é sintético.
RUE-110	(...) não é todo mundo que sabe identificar a diferença entre um couro legítimo e um não-legítimo... Um couro não-legítimo, que seja de qualidade, vai parecer muito com um legítimo... Você só vai perceber se você tocar nele, sentir o cheiro... aí é diferente... Se ele for de qualidade, as pessoas não vão perceber...
RUE-111	O problema é que, às vezes, as pessoas, que estão de fora, não sabem que é sintético... (...) A maioria das pessoas nem sabem o que é couro, o que é pele... Então, talvez, por esse âmbito, não seja tão bom, pela falta de informação das pessoas.
RUE-113	Eu me preocupo quando estou usando certas coisas, tipo esse par de botas que eu tenho aqui, e eles não são de leather (couro), são de pleather (couro sintético feito de plástico)... Me preocupo quando estou andando por aí e as pessoas podem pensar que é pele de vaca...
RUE-114	A Stella McCartney (...) tem muita coisa que é muito igual...
RUE-116	Já me senti incomodada no sentido de que "Ah, eu vou colocar aquela sapatilha que tem estampa de onça e será que alguém vai achar que eu estou usando uma coisa que é de couro?"
RUE-119	É claro que há diferença, mas, eu teria que explicar às pessoas que vejo ou conheço, "Não, isto não é verdadeiro...", sabe?

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Alternativas

Aspectos associados à consideração de simulacros como alternativas válidas de substituição de materiais de origem animal

RGI-7	É bom porque mostra para nossos conhecidos que existe sim opção bonita e sem morte de animais. Podemos dar a eles uma opção fashion, mais barata e vegana. Como eles vão saber se não usarmos? Ou, como vão entrar na discussão se nenhum vegano usar?
RGI-2	Eu acho que usar sintético é mostrar que pode ter um casaco de couro sintético que imite o animal, sendo uma opção sem crueldade.
RGI-4	Acho importante investirmos em materiais sintéticos parecidos ou idênticos a eles... mostra que podemos facilmente substituir os mesmos.
RGI-13	Acho que faz sentido sim ter pele falsa... quem sabe pessoinhas como Beyoncé e Kim Kardashian resolvem largar as peles e comprar esses casacos lindíssimos da Stella McCartney?
RGI-14	Poxa eu uso muito e faço questão de usar até para dizer que é falsa e que é linda (quando me perguntam)... Sou estilista, minha marca é vegana e faço questão de mostrar as alternativas que temos!
RGI-70	Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!
RQI-86	Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal. ----- (...) sinto orgulho de usar algo que não tenha sofrimento animal e ainda mostre alternativas para isso! "
RQI-87	Acho que é uma ótima forma de demonstrar que podemos ter roupas sem sofrimento e ao mesmo tempo muito bonitas (quando bem-feitas).
RQI-88	Há também que se pensar nas pessoas não veganas e que apreciam esse tipo de material: caso tenham acesso a algo sintético de qualidade, muitas podem abandonar o material equivalente de origem animal em favor do simulacro.
RQI-89	Acho, aliás, uma possibilidade interessante para quem gosta/gostava de usar couro animal, mas não quer mais colaborar com a morte de animais para fins humanos.
RUE-94	(...) é válido porque dá a opção de a pessoa substituir o produto animal por um vegetal. A pessoa que não quer usar o couro da vaca, pode usar o couro vegetal...
RUE-96	Eu acho bom para as pessoas que estão acostumadas a comprar esses materiais, só que de origem animal. Porque tem gente que gosta de estética do couro. E aí você fala que o couro é errado, que causa sofrimento e que tem um parecido que não causa a mesma coisa... Eu acho que é válido pelas pessoas que estão acostumadas a usar produtos de origem animal.
RUE-97	Eu acho que as imitações ainda são necessárias, porque tem gente que ainda tem essa necessidade... É uma alternativa... Tem gente que quer uma bolsa que pareça couro, um brinco que pareça uma pérola... Um tecido que se pareça com a pele de um animal...
RUE-100	Pode ser bom, porque supre uma demanda. O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético...
RUE-101	Acho que também é uma maneira das pessoas saberem que tem como fazer um sapato, uma blusa de frio, sem usar o animal. É uma alternativa.
RUE-102	Em se tratando de uma imitação, eu vejo como uma alternativa. Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace...
RUE-108	O vegano não quer que um bichinho vire uma bolsa ou um sapato... Eu acho que a imitação faz com que as pessoas ainda façam isso. É uma opção, mas estimula, com certeza!
RUE-110	(...) se a pessoa sente a necessidade de continuar usando alguma coisa relacionada a isto, é uma boa saída...
RUE-113	Existe uma outra loja, chamada "Vaute Couture", é de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã, porque, você sabe, a gente veste casacos bem grandes para suportar o frio, e eles são sempre feitos de lã (de origem animal)... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes, quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico!
RUE-114	A Stella McCartney (...) tem muita coisa que é muito igual... E isso é legal porque atrai um público que tem poder aquisitivo superior, que quer algo que tenha qualidade...
RUE-115	Ahh eu acho que atrai o público que pode ver que tem algo parecido e ele não precisa utilizar algo de origem animal, ele usaria a forma sintética e é bonito também... Eu acho interessante, assim, porque agrada, além do público que já não consome nada de origem animal, acho que também acaba agradando quem consome e também pode ser uma alternativa para quem está "em transição".
RUE-116	Na minha percepção, em relação à moda, é muito mais do que ter uma semelhança de aparência, de imitação mais fiel possível ao que seria a pele de um animal.... É que você possa ter acesso a roupas e calçados éticos, confortáveis e bons de usar.

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Alternativas

Aspectos associados à consideração de simulacros como alternativas válidas de substituição de materiais de origem animal

RUE-119	Imitações são, certamente, melhores do que os materiais verdadeiros produtos de origem animal, mas... honestamente, eu não preciso disso... há uma grande variedade de outras opções...
RUE-120	Acho uma ideia bacana, pelo menos não tem aquela coisa da exploração animal... mostra para a galera que tem outros tipos de materiais que podem substituir os de origem animal, entendeu?
RUE-121	Pra mim, é positivo, sempre! Ter alternativas para jaqueta, sapato, não só tênis, mas, roupas mais sociais, livres de crueldade animal, pra mim, eu acho válido, sempre... sem problemas...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Adequação social

Aspectos associados à adequação social de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal

RGI-15	Eu tenho que usar botina todo dia e não quero usar de couro, mas, é bem difícil achar de outro material. Obs.: não serve botinhas de trilha, tem que ser EPI atendendo à norma e com biqueira.
RGI-23	Meu marido precisa de sapato social para trabalhar e não encontra de jeito nenhum!
RGI-25	(...) F*** mesmo, tenho que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par de sapato sintético a cada dois meses.
RGI-52	(...) preciso encontrar sapato técnico branco para cozinha (sapato de bidensidade), pois terei aula prática em laboratório no próximo mês. No entanto, em todos os lugares que vi, todos os sapatos são feitos de couro =(
RGI-54	Quem mais precisa trabalhar de sapato social e pena para encontrar sapatos bons e bonitos que não sejam com couro animal?
RGI-60	(...) o cara usava bota de couro no EPI... é foda, EPI não tem choro, é necessário e ponto final. Na melhor hipótese, o cara poderia conversar com o técnico responsável e tentar achar um substituto, mas até isso acontecer...
RQI-83	(...) os sapatos sociais de couro acabam sendo exigidos quando da utilização de terno / smoking.
RQI-87	(...) acredito que na sociedade em que vivemos realmente há uma pressão para nos vestirmos com roupas que (no mínimo aparentam ser) caras e mais exclusivas, e os simulacros podem realmente passar essa ideia, uma vez que pele e couro originais são produtos caros.*****
RQI-88	As ocasiões que pedem roupas formais são, para mim, as que mais demandam o uso de simulacros.
RQI-89	(...) numa situação de ter que usar roupa social, certamente seria obrigado a usar um sapato de couro, e teria de recorrer ao couro sintético.
RUE-93	Via de regra, se o ambiente é mais formal, você usa um sapato de couro sintético...
RUE-96	Eu estava trabalhando em um evento em que as meninas tinham que ir todas vestidinhas, bonitinhas, e com um sapato de salto... Só que eu não conseguia achar sem ser de couro... Acabei tendo que comprar um sapato de couro sintético, mas foi difícil de achar... Eu consegui achar, mas foi difícil, por conta dos vendedores acharem que você está interessado no couro animal, e não o contrário...
RUE-110	(...) quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro.
RUE-114	(...) sapato de couro, eu tenho porque preciso usar às vezes no trabalho... dependendo da ocasião eu preciso usar sapato de couro, até mesmo cinto, roupa social... são esses produtos que eu preciso que tenham uma aparência artificial...
RUE-121	Casamento, para o sapato, eu comprei um de couro sintético... É o único que eu tenho lá em casa (risos)... eu quase não uso, só quando tem convenções assim. Como não tinha escolha, tive que comprar...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Funcionalidade

Aspectos associados à funcionalidade de simulacros de materiais de origem animal

RGI-7	Eu gosto muito do couro sintético porque é um tecido bem macio e geralmente leve, protege da chuva e esquento muito.
RQI-92	(...) fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquento muito e paguei caríssimo nela.
RUE-104	Na verdade, a gente não imita... eu, pelo menos, busco uma coisa prática... O couro sintético é quente, então... o que imita não é a beleza, é mais a funcionalidade do produto...
RUE-105	Couro sintético, eu até uso, porque você tem que usar uma bota... é uma exceção, porque não tem como acabar não usando... são muitos produtos, sapatos, botas... aí eu não tenho problema em usar!
RUE-113	Existe uma outra loja, chamada "Vaute Couture", é de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã, porque, você sabe, a gente veste casacos bem grandes para suportar o frio, e eles são sempre feitos de lã (de origem animal)... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes, quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico!
RUE-118	Imitar em que sentido? Se for no sentido de necessidade, a gente pode falar de couro, que seja durável. Vai do que a pessoa necessita realmente: alguma coisa que dure, que não estrague rápido... ----- A imitação da lã, é interessante porque é um material que vai te aquecer no frio... Não é porque eu quero lembrar da lã da ovelha.

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Critério de seleção

Aspectos associados a critérios de seleção e distinção de simulacros de materiais de origem animal

RGI-4	Uma das coisas que me ajuda a diferenciar é o cheiro. O couro verdadeiro tem um cheiro bem particular, apelativo, para alguns (eu, particularmente, sempre odiei) e que o sintético não tem. E o preço, lógico. Nada que for feito com couro verdadeiro vai sair com um valor mais em conta.
RGI-18	Outra dica é cheirar – o couro tem um cheiro bem característico, não tem como errar. Procurar aquela etiqueta impressa na sola ou dentro do sapato, que indica o tamanho também pode ajudar, porque às vezes, falam a composição do produto. Confia no olfato e se joga hahaha!
RGI-17	Eu peguei essa mania de cheirar bolsa, sapato, etc., porque o cheiro do couro não tem como enganar!
RGI-29	Pra saber identificar, dá pra queimar... Se tiver cheiro de cabelo queimado (por conta da proteína), é de verdade. Se tiver cheiro de plástico queimado, é sintético. Serve para diferenciar seda de cetim... Mas não é sempre que dá pra sair queimando um pedaço na loja.
RGI-46	Roupa e bolsa são fáceis de descobrir se são de couro ou não na hora de comprar. Além do cheiro característico, estes itens possuem a informação da composição do material na etiqueta...
RGI-50	Se você pegar uma jaqueta que aparenta ser de couro e na etiqueta estiver escrito poliéster ou PU, ela é sintética. Mas, cuidado! Preste atenção para ver se poliéster não é o tecido do forro...
RGI-66	Quando tenho dúvidas ao comprar, digo que sou alérgica a couro! Funciona!
RGI-59	O preço também ajuda a diferenciar...
RQI-89	Achei dois ou três lugares onde era possível ver o verso do material, e por ali se identifica se é couro animal ou não.
RUE-96	Você chega numa loja e... couro, para os vendedores, é sinônimo de coisa boa, de qualidade... (...)é até difícil de comprar, às vezes, tênis, que não está escrita a composição na embalagem, por conta desse negócio deles acharem que se é de couro, é de qualidade... às vezes, nem é couro, mas se você pergunta se é couro - porque, eles não sabem que você não vai comprar se for de couro -, e eles falam que é de couro, sim, só para você levar e você acaba não levando...
RUE-97	O pessoal não procura muito por ser parecido.... Esse não é o foco... Mas as pessoas gostam, porque fica bonito, bem estruturado... Mas eu não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética...
RUE-100	Quando os pelinhos saem com muita facilidade, raramente a pele é verdadeira...
RUE-109	Couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... Claro que eu ser reconheço, por causa do cheiro, mas... é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida... Aqueles poros, a imitação do pelo do boi... não consigo! Não compro! Não gosto!
RUE-110	É muito fácil identificar quando é couro legítimo e quando não é. Couro legítimo tem um cheiro de pele que não passa, mesmo se você lavar, deixar no sol... O couro sintético não tem isso, é um cheiro meio neutro, diferente.
RUE-113	Esses materiais não devem vir de animais e, contanto que não causem qualquer sofrimento, estou bem com isso! (...) no fim, o sentimento que predomina é o de "apenas me alguma coisa que não tenha vindo de um animal, e eu estarei ok com isto..." Se não machucou uma criatura, na verdade, pra mim está tudo certo!
RUE-120	Aí fui lá na loja e pedi um de couro sintético, se eu falar "vegano", o pessoal entra em choque! Pra buscar calçado, eu faço compra na internet... Quando vou em loja, no Guarujá, lá, talvez sim, é mais difícil... você não pode pedir por vegano, tem que pedir por sintético! Eu pergunto se tem uma versão... porque eles acham que pelo fato de você estar procurando por um [material] sintético, você está querendo um mais barato! Ai você vai explicar todo o cenário que envolve você buscar um produto de origem que não seja animal... vai começar a conversar e ela [a vendedora] vai perder o foco, ela quer vender... eu já falo: "tem isso?"
RUE-122	Eu direciono minhas compras para produtos que eu já sei que não têm nada de origem animal, que seja bem óbvio, que eu não vou ter que ficar me preocupando em procurar se aquilo é couro mesmo, ou se é sintético... porque, às vezes, você vai comprar um calçado... "mas isso tem couro?" Ai os próprios vendedores... né? Couro é um produto de qualidade... então: "sim, tem couro!", daí você fala que não gosta... "ah, não!, então, não..." Então, eu eu já nem procuro mesmo, por uma questão de não correr o risco de não comprar alguma coisa que seja, de fato, sintética....

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Credibilidade questionável das informações

Aspectos associados à carência de credibilidade de informações a respeito dos simulacros de materiais de origem animal

RGI-1	Passei na Zara hoje e, na mesma bota tinha duas etiquetas: "faux fur" (pele falsa) e "couro legítimo"...
RGI-17	É complicado mesmo! Eu, quando vou comprar um sapato, pergunto se é de couro e a pessoa vem toda empolgada dizendo que é e "tals"... Aí, logo eu digo que não compro nada de couro. O mais engraçado é a cara delas de decepção, hehe!!!
RGI-77	Penas falsas é como o couro, se pergunta pro vendedor, ele tende a dizer que é verdadeiro pra vender mais fácil... Eu ia perguntar aqui no grupo se essas penas que vendem para fantasia são falsas, principalmente aquelas grandonas... preciso pra uma fantasia mas duvido que possam me dar uma informação confiável nessas lojinhas...
RGI-37	Costumo enfrentar a maior dificuldade para comprar, inclusive porque, às vezes, o material é sintético mas as vendedoras dizem que é animal para "agregar valor" (mas, de todo modo, fico receosa e não compro). E, em termos de informações claras no produto em si... pior ainda, neça de pitibiriba...
RGI-49	Atuo na área de moda e, (...) sempre que eu verifico a composição do tecido (camurça ou couro) em alguma loja, muitas vezes vem especificado 100% poliéster, que geralmente está presente em tecidos sintéticos. Aí que está minha dúvida: não consigo nunca ter a certeza se o que vou comprar é de camurça natural ou sintética... Como eu compro matéria-prima para desenvolver o produto, é muito mais difícil ter acesso ao SAC da marca, sendo que, muitas vezes, o vendedor da loja nem sabe de onde provém aquele tecido...será que alguém consegue me ajudar nessa parte?
RGI-50	Quando você vai comercializar um produto de tecido, é obrigatório estar descrito na etiqueta qual é a composição dele (ex.: 95% algodão, 5% elastano). Já o couro, não precisa. Normalmente, eles só querem enfatizar que o couro é natural ou legítimo e querem esconder quando é sintético. Se você pegar uma jaqueta que aparenta ser de couro e na etiqueta estiver escrito poliéster ou PU, ela é sintética. Mas, cuidado! Preste atenção para ver se poliéster não é o tecido do forro...
RGI-51	Alguém sabe me dizer se tem camurça não-animal? Se couro ecológico é animal mesmo, ou sintético? Como diferenciar couro animal de não-animal? Pois fui na centauro e o vendedor deu certeza de que estes dois tênis não possuíam couro animal...
RGI-53	Hoje tentamos comprar um sapato social, masculino, sintético. O gerente da loja informou que, mesmo nos tais sintéticos, há uma mistura de couro animal em menor proporção, com outros elementos. Será que procede? Ao menos em lojas populares, talvez proceda...
RGI-74	Cada vez que chego em uma loja e peço: "tem de couro sintético?", a pessoa tenta te empurrar o couro animal. Cansei. Agora, digo "não gosto" e tem sido melhor...
RGI-3	O que mais existe são produtos chineses baratos e com pele verdadeira. Não são de grife, mas são baratos. Aqui no grupo mesmo já foi alertado para termos cuidado ao acharmos que estamos adquirindo pele falsa, porque nem todas são... Lojas Marisa mesmo, vende pele baratíssimo.
RUE-109	Couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem...falta um pouco de informação...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Estética

Considerações estéticas associadas a simulacros de materiais em vestuário

RGI-7	Depende muito do couro falso, tem uns que parecem mais borracha. Antes de conhecer o veganismo, já preferia os sintéticos, sem saber que não eram de animal, por serem mais bonitos e mais leves. Não me dá vontade de comprar couro sintético porque parece com couro. ----- Para mim, não parece uma propaganda para o couro, parece mais com borracha.
RGI-9	Quanto àqueles casacos de pele e pelos falsos... (...) acho feio...
RGI-13	(...) esses casacos lindérrimos da Stella McCartney?
RGI-14	Poxa eu uso muito e faço questão de usar até para dizer que é falsa e que é linda (quando me perguntam) ... Sou estilista, minha marca é vegana e faço questão de mostrar as alternativas que temos!
RGI-16	Muito difícil achar um sapato bonito sem ser de couro, tá f***! O problema não é porque eles são sintéticos, mas é o design da maioria que não me agrada.
RGI-26	(...) vou comprar um coturno vermelho, são lindos...
RGI-42	Eu uso, mas, não porque eu quero que pareça o real, tipo, "OHH OLHEM PRA MIM ESTOU USANDO COURO..." Eu uso porque, sei lá, às vezes, a peça é bonita!
RGI-55	A Doc Martens tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos.
RGI-63	Estampa de onça também acho lindo!
RGI-70	Eu uso tanto a pele, quanto o couro sintético. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!
RQI-82	Se alguma vestimenta copia as cores de algum animal, eu acho lindo, e usaria sim, sem me sentir incomodado.
RQI-85	Eu considero os simulacros adequados. Eu penso: se eu acho o pelo de tal animal bonito, porque não posso fazer um material que se pareça com ele? ----- (...) não uso couro falso para me enquadrar em algo, uso por achar bonito ou barato.
RQI-86	Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos...
RQI-87	Acho que é uma ótima forma de demonstrar que podemos ter roupas sem sofrimento e ao mesmo tempo muito bonitas (quando bem-feitas).
RUE-93	A priori, eu tinha resistência, justamente porque remetia diretamente ao uso de pele... Mas, depois, eu reavaliei e vi que tem aquela coisa de, não necessariamente remeter, mas porque é fofo, acho bonito... Não é necessariamente que "eu gostaria de usar uma pele mas, como é antiético, eu uso a sintética..." Eu nunca vi ninguém, até hoje, fazendo essa associação, sabe? É mais porque acha bonito, porque está na moda...
RUE-97	O pessoal não procura muito por ser parecido.... Esse não é o foco... Mas as pessoas gostam, porque fica bonito, bem estruturado... Mas eu não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética...
RUE-100	O couro é interessante, estilisticamente, a textura da pele é interessante. Já que a gente não quer os animais para ter essa textura, então, desenvolvemos um sintético...
RUE-102	Sobre as estampas de bicho, eu não acho nada abusivo, porque é uma alternativa... Você acha a pele do animal bonita e a reproduz, de uma forma que não o ameace...
RUE-104	Tem gente que adora usar pele com coisa de onça... eu acho brega, mas... Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem. Mas isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto...
RUE-105	(...) material que imita pelo de bicho, ou mesmo pele... tipo pele de cobra... eu não gosto, não é um estilo que me agrada e também por ser muito parecida com a pele do bicho... Aquilo que me lembra um bicho, eu não gosto...
RUE-107	A única coisa é que eu acho brega e não uso é imitação de pele... é coisa de funkeira, cafona! A imitação do couro, da pérola, da lã... isso daí eu até poderia usar, mas é que eu não gosto, parece meio uma coisa das cavernas usar couro, pele de animal, mesmo que seja sintética...
RUE-109	Imitação de couro de cobra... acho que a gente não precisa imitar! Me incomoda, acho desnecessário o objetivo da coisa... Pode ser bonito sem necessariamente imitar o couro de um animal.
RUE-111	A pele, um casaco de oncinha, essas coisas, é uma estética... eu não gosto por não gostar nem do natural, pela aparência mas, não tendo exploração, tanto humana, quanto animal, não vejo problema!

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Estética

Considerações estéticas associadas a simulacros de materiais em vestuário

-
RUE-113	Existe uma outra loja, chamada "Vaute Couture", é de uma estilista super nova, de Chicago, que desenvolveu um tecido para casacos de inverno, com materiais parecidos com lã... Ela desenvolve tecidos tão bonitos e tão quentes, quanto os feitos de animais, mas não são! É fantástico!
RUE-111	Tem gente que pensa que você está usando algo que esteja imitando, você está querendo, ou não, fazendo uma propaganda daquilo que é de verdade... (...) Mas não é isso! Eu acho que é mais pela estética mesmo...
RUE-115	Eu uso couro sintético em sapato, tênis, tênis eu uso. Ah, eu gosto, acho bonito!
RUE-118	Não é porque eu quero lembrar da lã da ovelha. Não penso muito na estética em si... no máximo nas cores...
RUE-122	não me interessa esteticamente...
-

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Preço

Aspectos associados ao custo dos simulacros de materiais de origem animal

RGI-7	(...) opção fashion, mais barata e vegana.
RGI-4	E o preço, lógico. Nada que for feito com couro verdadeiro vai sair com um valor mais em conta.
RGI-26	(...) vou comprar um coturno vermelho, são lindos e baratos!
RGI-55	A Doc Martens tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos. (...) Meu namorado comprou um na Renner ou C&A que estragou em menos de 1 mês. Acho que vale a pena o investimento num mais caro.
RGI-65	Couro costuma ser mais caro que sintético.
RGI-68	A última que ouvi de um sapateiro foi: um rolo de couro sintético nacional custa igual a um caminhão de sintético chinês... e a qualidade é proporcional ao preço.
RGI-70	Eu uso tanto a pele, quanto o couros sintéticos. Eu acho interessante mostrar que temos alternativas mais baratas, livres de crueldade e tão bonitas quanto S2!
RQI-83	(...) eu adoraria que os simulacros conquistassem o mercado (quer pelo preço mais acessível, quer pela moda, não importa) e se tornassem preferência.
RQI-85	(...) não uso couro falso para me enquadrar em algo, uso por achar bonito ou barato.
RQI-92	(...) fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquentava muito e paguei caríssimo nela.
RUE-100	Essas peles artificiais, as muito boas, as mais incríveis, são muito caras...
RUE-101	É mais barato!
RUE-117	Eu tenho uma jaqueta vegana, de couro ecológico... Foi um pouco cara, mas muito boa!
RUE-120	(...) eles acham que pelo fato de você estar procurando por um [material] sintético, você está querendo um mais barato!

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Qualidade e durabilidade

Aspectos associados à ideia de qualidade e durabilidade dos simulacros de materiais de origem animal

RGI-13	(...) cansei de comprar uma bolsa a cada seis meses.
RGI-19	Canso de comprar bolsa que começa a descascar antes do tempo... justamente por ser de couro sintético... Canso de comprar bolsa que começa a descascar antes do tempo... justamente por ser de couro sintético...
RGI-25	(...) F*** mesmo, tenho que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par de sapato sintético a cada dois meses. Não dura nada...
RGI-27	(...) aquele coturno... a cor fica encardida e não há produto que faça voltar ao original...
RGI-34	(...) os sapatos vegans estão durando cada vez menos...
RGI-39	(...) tenho algumas coisas de couro sintético e são grossinhas até... tem uma durabilidade boa...
RGI-55	A Doc Martens tem sapatos sintéticos... São caros, mas vão durar o resto da vida e são lindos. (...) Meu namorado comprou um na Renner ou C&A que estragou em menos de 1 mês. Acho que vale a pena o investimento num mais caro.
RGI-68	A última que ouvi de um sapateiro foi: um rolo de couro sintético nacional custa igual a um caminhão de sintético chinês... e a qualidade é proporcional ao preço.
RGI-76	A durabilidade, para mim, é a mesma.
RUE-100	Essas peles artificiais, as muito boas, as mais incríveis, são muito caras... Já a pele de cachorro e de gato, verdadeiras, são muito baratinhas, vêm da China... São bem mais baratas que pele artificial vagabunda...
RUE-101	A lã animal enche de pelo mas, a lã acrílica não enche de pelo... Isso é super bacana!
RUE-110	Um couro não-legítimo, que seja de qualidade, vai parecer muito com um legítimo... Você só vai perceber se você tocar nele, sentir o cheiro... aí é diferente... Se ele for de qualidade, as pessoas não vão perceber...
RUE-111	As pessoas têm a impressão de que o couro sintético não tem qualidade mas, dependendo da marca, tem sim!
RUE-112	Eu tenho um sapatênis de couro sintético que atende às minhas necessidades, por mais que tenha uma durabilidade menor...
RUE-117	Eu tenho uma jaqueta vegana, de couro ecológico... Foi um pouco cara, mas muito boa!
RUE-118	Imitar em que sentido? Se for no sentido de necessidade, a gente pode falar de couro, que seja durável. Vai do que a pessoa necessita realmente: alguma coisa que dure, que não estrague rápido... ----- Eu tenho algumas coisas sintéticas, mas elas duram anos...
RUE-120	Eu pergunto se tem uma versão... porque eles acham que pelo fato de você estar procurando por um [material] sintético, você está querendo um mais barato! Ai você vai explicar todo o cenário que envolve você buscar um produto de origem que não seja animal... vai começar a conversar e ela [a vendedora] vai perder o foco, ela quer vender... eu já falo: "tem isso?" Mas, não sei se é tão difícil assim... não tem opção mas... a qualidade talvez não seja tão boa, né?

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Constrangimento social

Aspectos associados à sensação de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal

RGI-44	Vocês teriam coragem de entrar com uma roupa de couro sintético num restaurante vegetariano/vegano?
RGI-45	Todos julgariam alguém entrando de couro num restaurante vegano, ficariam sussurrando uns aos outros, sobre a falta de respeito e tal... Mas alguém poderia entrar de couro sintético e as pessoas acharem que é de verdade, e julgá-las erroneamente. Resumindo: pegadinha do malandro!
RGI-48	Entrei esses dias num restaurante vegan, em SP, com um vestido com estampa de oncinha e me olharam torto...
RGI-71	Tenho brincos de pena feitos por mim, materiais comprados por mim. Tudo falso também. Me criticam pra caramba...
RGI-89	Uma vez, no trabalho, me questionaram o porquê de eu usar uma carteira de couro. Mostrei aos dois colegas que me perguntaram que esta carteira era de sintético.

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Demanda comercial

Aspectos associados à demanda comercial por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal

RGI-15	Onde eu posso encontrar botinas de EPI com biqueira que não sejam feitas de couro? Eu tenho que usar botina todo dia e não quero usar de couro, mas, é bem difícil achar de outro material. Obs.: não serve botinhas de trilha, tem que ser EPI atendendo à norma e com biqueira.
RGI-20	Sou louca por uma bota coturno e as pragas do povo parecem que não sabem fazer na vida um couro fake, aff...
RGI-21	Calçados masculinos... tenho a maior dificuldade para encontra-los. Hoje mesmo acabei comprando de couro e me sinto péssimo. Foi a última vez, eu juro em nome da minha bichice!
RGI-22	Sapato "é osso!" Sou apaixonada por mocassim e a maioria é de couro... Me sinto péssima, comprei porque a menina disse que era sintético mas, duvido muito..
RGI-23	Meu marido precisa de sapato social para trabalhar, passou dias procurando e não encontra de jeito nenhum! Não é vaidade, é necessidade! Um amigo palestrante, outro dia, esqueceu o cinto e precisou comprar outro na hora... fomos a todas as lojas do shopping e não encontramos nenhum local que vendesse! Para homem, é mais difícil!
RGI-24	Entendemos a dificuldade de achar sapatos veganos...
RGI-25	(...) F*** mesmo, tenho que usar sapato social no trabalho... chego a comprar um par de sapato sintético a cada dois meses.
RGI-28	Para homens, é bem mais complicado... Novamente, falo por mim, mas não é impossível achar um sapato, um cinto, uma boa carteira, de qualidade razoável, dando uma procurada online nas lojas menos conceituadas...
RGI-33	Amorxs, alguém aqui pratica dança do ventre? Gostaria de encontrar uma "sapatilha aranha" que não fosse de couro ou camurça... Ajudaê!
RGI-35	Alguém sabe onde encontrar sapato social tamanho grande (47) que não seja de couro? Já mandei email para o Vegano Shoes, mas eles não têm... Não faço ideia de onde encontrar =/
RGI-16	Muito difícil achar um sapato bonito sem ser de couro, tá f***!
RGI-36	Alguém sabe me informar algum site para comprar bota de segurança para construção civil, sem couro animal?
RGI-38	Sou estudante de veterinária e (...), para manuseio de animais exóticos, preciso comprar uma luva com raspa de couro... Alguém conhece alguma alternativa? Não consegui achar de couro sintético... fui ver o tecido mas, é muito mole e relativamente fino...
RGI-47	Só um adendo muito importante sobre SINTÉTICOS x MOTOS: não usem couros sintéticos para andar de moto! É muito perigoso! Ex: o couro animal faz você "deslizar" no asfalto e não aquece... já o sintético, aqueceria até queimar a pele! Então, se forem andar de moto, procurem outros tecidos para jaquetas!
RGI-56	Preciso de luvas para andar de moto e não quero as de couro. Porém, me disseram que couro, neste caso, é a melhor opção, porque é o único material que protege a mão em caso de acidentes. Alguém sabe mais sobre o assunto?
RGI-52	Estou em busca há um tempo, mas até agora não encontrei e não consegui nenhuma informação: preciso encontrar sapato técnico branco para cozinha (sapato de bidensidade), pois terei aula prática em laboratório no próximo mês. No entanto, em todos os lugares que vi, todos os sapatos são feitos de couro =(Se alguém souber se existe sapato técnico vegano e onde posso encontrar, agradecerei imensamente, pois seria um tremendo desgosto ter que usar couro =/
RGI-54	Quem mais precisa trabalhar de sapato social e pena para encontrar sapatos bons e bonitos que não sejam couro animal? Já procurei demais mas, na maioria das lojas que entro, pergunto e o vendedor já avisa que todos são de couro natural. Alguém conhece uma loja para a gente, em São Paulo? Sei que existe um modelo ou outro vendido pela internet, mas, sapato por internet não rola, não dá para experimentar...
RGI-60	(...) o cara usava bota de couro no EPI... é foda, EPI não tem choro, é necessário e ponto final. Na melhor hipótese, o cara poderia conversar com o técnico responsável e tentar achar um substituto, mas até isso acontecer...
RGI-67	Já pesquisei bastante: em relação aos EPIs, na maior parte das situações, não há substitutos veganos disponíveis no mercado.
RUE-99	Quando eu trabalhava na EletroPaulo, era obrigado a usar uma bota de couro, super resistente, com biqueira de aço, que não havia substituto sem materiais de origem animal.
RUE-100	Pode ser bom, porque supre uma demanda...
RUE-110	(...) quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro.

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Demanda comercial

Aspectos associados à demanda comercial por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal

RUE-112	Tem mais imitação em vestuário feminino...
RUE-113	(...) você sabe, a gente veste casacos bem grandes para suportar o frio, e eles são sempre feitos de lã (de origem animal)... (...) É que estamos em Nova Iorque! Precisamos de coisas que realmente nos aqueçam e, se as coisas sintéticas estão fazendo isto, não sei...
RUE-114	(...) sapato de couro, eu tenho porque preciso usar às vezes no trabalho... dependendo da ocasião eu preciso usar sapato de couro, até mesmo cinto, roupa social... são esses produtos que eu preciso que tenham uma aparência artificial...
RUE-121	Casamento, para o sapato, eu comprei um de couro sintético... É o único que eu tenho lá em casa (risos)... eu quase não uso, só quando tem convenções assim. Como não tinha escolha, tive que comprar...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Repugnância

Aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou repugnância em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RGI-2	Não usaria porque acho um negócio bem nojento... sei lá... mesmo não sendo de verdade...
RGI-79	Não tenho coragem de vestir imitações, ou melhor, interesse nisso. Repugna-me.
RGI-61	Eu não uso nada que lembre animais! Não consigo mais!
RQI-83	Não chega a me incomodar porque sei que estou usando algo sintético. Mas eu não usaria uma bota imitando pele de crocodilo, por exemplo. Me incomodaria por ser bem peculiar! O sapato social é bem discreto, não dá para perceber os sulcos do couro/pele, a não ser que se analise bem de perto.
RQI-84	Tem veganos que não usam ou não comem por nojo ou por lembrarem de mortes.
RQI-89	(...) há também os que simplesmente não conseguem usar, por se imaginarem usando couro legítimo.
RUE-101	Eu adoro usar cintos..., mas, agora, eu só uso de pano, não consigo mais usar o de couro sintético...
RUE-104	Dá uma impressão meio estranha, parece que você tá pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... Porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais... Quando as pessoas olham e sabem que não é, realmente, que está só imitando a beleza da pele do animal, tudo bem. Mas isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista... aí eu já não curto...
RUE-107	É meio que inconsciente, a gente não curte, dá uma repulsa que eu não sei explicar...
RUE-108	(...) é desconfortável usar uma coisa que imita outra de origem animal.
RUE-109	Couro sintético, eu evito, porque eu não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... Claro que eu ser reconheço, por causa do cheiro, mas... é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida... Aqueles poros, a imitação do pelo do boi... não consigo! Não compro! Não gosto! ----- Imitação de couro de cobra... acho que a gente não precisa imitar! Me incomoda...
RUE-110	Não tenho nada. Eu nunca tive vontade... me sinto incomodada... procuro não usar nada. Não me sinto muito confortável... ----- Não tenho repugnância nenhuma... É exatamente isso: lembra o bicho, não me interessa!
RUE-111	Todo tipo de pele, couro, pelagem, camurça... a todo esse tipo de adereço, eu sempre tenho uma aversão...
RUE-115	Eu acho assim... Assusta um pouco, né? Você ver assim... É que lembra muito mais do que as outras imitações...
RUE-116	Já me senti incomodada no sentido de que "Ah, eu vou colocar aquela sapatilha que tem estampa de onça e será que alguém vai achar que eu estou usando uma coisa que é de couro? De certa forma, me incomoda, pela percepção dos outros, no sentido de que, quando eu faço uma opção ética, tenho que ter uma postura coerente... não posso ter um discurso e outra prática.
RUE-120	As que eu gosto menos são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação. Só as penas me deixam mais aterrorizado...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

1/2

Analogias com a alimentação

Aspectos associados à construção de analogias e paralelos com a ideia de simulacro de alimentos de origem animal

RGI-4	Esse tema é sempre polêmico. E ainda ponho mais lenha na fogueira: se pele e couro sintéticos estimulariam o consumo das versões animais, comidas que imitam carne, leite e derivados também o fariam? Não tenho opinião formada sobre isso...
RGI-7	Não me dá vontade de comprar couro sintético porque parece com couro. Se fosse assim, não deveríamos mostrar fotos de hambúrgueres e bolos veganos... Na minha opinião, é bom porque mostra para nossos conhecidos que existe sim opção bonita e sem morte de animais. (...) estamos acostumados a sermos bombardeados com carne, hambúrguer, chocolate.... Então, ver alguém comendo chocolate, dá vontade de comer chocolate (...). Ver alguém dentro dos padrões de beleza, usando certa roupa vai dar vontade de comprar, porque recebemos essas mensagens na mídia, muito mais forte do que das pessoas que vemos passar na rua. Nesse ponto, concordo: o uso atrai.
RGI-2	Eu acho que usar sintético é mostrar que pode ter um casaco de couro sintético que imite o animal, sendo uma opção sem crueldade. Assim como os leites/queijos vegetais. Só que eu acho que no caso do leite/queijo vegetal, a pessoa tem que ter uma desconstrução de que não vai ser igual aquele queijo vindo de exploração, não tem como imitar. Já as roupas sintéticas, têm.
RGI-77	É que nem comer alimentos de soja que imitam pratos feitos com carne, que nem usar uma jaqueta de couro (fake), por exemplo...
RGI-30	Se alguém come uma pizza vegana de aparência igual à de uma pizza comum, por exemplo, em casa ou em um restaurante vegano, NÃO incentiva ninguém a comer algo com ingredientes de origem animal, nem fortalece a ideia de que bichos podem ser usados...
RGI-60	Entendo sintéticos da mesma forma que entendo "carne de soja", por exemplo...
RQI-82	O assunto é polemica entre veganos, uns discordam com o nome, outros não se importam. É como no caso da alimentação, que há os alimentos como "carne" de soja, "salsicha" vegetal, "bife" de glúten.... Levar o mesmo nome, similaridade, formato eu não vejo problemas, desde que não haja absolutamente nada de origem e exploração animal. Pois a anos a sociedade já usa couro (no caso seu objeto de pesquisa) e porque não usar o "couro" sintético-vegetal? Eu usaria e falaria o nome: couro sem crueldade!
RQI-88	Assim como na alimentação vegana, onde muitos de nós têm desejo de comer "imitações" de carne e laticínios - muitas vezes por algo que chamamos de memória afetiva -, isso também se dá com roupas e acessórios de couro/penas, por exemplo, pois formamos nossos estilos pessoais enquanto ainda não éramos veganos e utilizávamos esses materiais.
RQI-89	Assim como alternativas veganas à pratos que contém carne: dá para viver sem? Dá! Mas como muitas pessoas não aderem ao veganismo por considerar algo não conveniente, que tornemos o veganismo conveniente. Via de regra, ao optar pelo veganismo, é necessária uma mudança grande de hábitos, isso espanta um pouco quem simpatiza com a ideia. Por isso vejo o couro sintético, o churrasco de glúten, o bife vegetal, e outras coisas do gênero, como fundamentais para uma menor mudança dos hábitos diários, mas que tenham um efeito vantajoso para o respeito a vida e liberdade dos animais.
RUE-94	(...) do mesmo jeito que tem gente que acha um absurdo "carne vegetal"...
RUE-96	Eu sei que tem veganos que têm resistência às imitações na alimentação... coxinha, que lembra frango... eles não gostam... Na vestimenta, eu acho que é menor essa preocupação...
RUE-99	<p>(...) é a mesma coisa na alimentação: você pode fazer uma ótima comida vegana... aí chega a hora de você dar nome, tem que dar o nome de uma comida que a gente já conhece... Aí tem gente que fala "mas, não chame isto de salsicha!". Como é que eu vou chamar? Cilindro de proteína vegetal? Não fica apetitoso... Mas se você fala "salsicha vegana", o pessoal fala: "ahh... salsicha eu lembro! Quando era criança, comia salsicha..."</p> <p>-----</p> <p>No nosso restaurante, tem dias que inventamos pratos novos, do zero e, se os clientes não gostarem, terão de comer Yakisoba! Já nos dias que sempre temos feijoada ou paella veganas, as pessoas vão de olhos fechados, até os que não são veganos! Percebe? É um medo que as pessoas têm, mesmo... Se você fala "vou fazer gnocchi", a pessoa saliva, porque têm isso na memória!</p> <p>-----</p> <p>São referências culturais... as gerações futuras já vão conhecer comidas diferentes, não será necessário fazer salsicha vegana, porque não será aquele tipo de comida que os avós faziam... Ainda não existe uma cultura vegana, por enquanto, só há uma discussão sobre o assunto... Implicar com as imitações é uma bobagem! Sempre vai existir queijo, mas, um dia, será queijo vegetal... Isso um dia irá mudar, mas nem vou estar aqui, vivo, para ver esta realidade. São mudanças culturais que a gente não consegue acompanhar numa vida... Precisamos dessas referências afetivas das gerações... a comida da avó, da mãe... Não podemos, simplesmente, tirar essas coisas... isto tem que ser substituído de maneira natural! Este purismo, é uma ilusão... Agora, não é a época de a gente criar refinamentos de comportamento, idiosincrasias, dificuldades...</p> <p>A carne de soja é como aquele ativista chato: você tem que aturar ele porque muita gente só aderiu ao veganismo por causa dele, foi a porta de entrada!</p>
RUE-109	Alguns, me incomodam, são tão reais que eu não consigo... Tudo que é muito parecido... (...) é igual a comida que eu já cheguei a não comer porque a textura era muito parecida...
RUE-111	A imitação é um produto sintético, a gente chama de "couro", mas deve ser por convenção, igual como quando a gente chama de "queijo", sei lá... "leite de girassol"... mas não é leite... É a mesma coisa que o queijo que a gente faz...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

2/2

Analogias com a alimentação

Aspectos associados à construção de analogias e paralelos com a ideia de simulacro de alimentos de origem animal

RUE-114	É que estamos falando só de vestuário, mas, na alimentação, tem gente que não gosta de coisas tipo coxinha, carne de soja, para não ter a conotação do original...
RUE-115	Inclusive até mesmo na alimentação mesmo, para você ver, né? "Ahh, lembra carne... Sei lá, alguma coisa que lembra carne, ou mesmo o gosto e tal... ou o nome mesmo, colocam um nome parecido e aí o pessoal não curte porque parece ... No vestuário eu não cheguei a ver não...
RUE-116	Eu comecei a fazer esse tipo de comparação em relação à comida e depois comecei a ligar isso com a questão da vestimenta. Se eu não como mais carne e leite, porque eu teria que ter, disponíveis para mim, comidas que se parecem com carne? Eu comecei a ter uma certa recusa em relação a isto. Então eu penso em outros alimentos que não precisam, necessariamente, ter a aparência ou sabor de carne para satisfazer o desejo da carne que não está mais na minha dieta.
RUE-121	(...) é a mesma coisa da alimentação, né? Você vai pegar os embutidos, a coisa que vai reproduzir a carne animal, proteína de soja, seitan com glúten... Você olha também e ah... mas, tá uma coisa que reproduz um animal? Eu acho que não, se é uma alternativa que não tem dor, não tem sofrimento... Não vejo problema, não... Agora, eu já vi foie gras, foie gras vegano! Aí eu falei: "pô, qual a necessidade de um <i>foie gras</i> vegano?" Aí sim representa...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Confusões terminológicas

Aspectos associados a confusões terminológicas em relação a simulacros de materiais de origem animal

RGI-14	Sou estilista, minha marca é vegana e faço questão de mostrar as alternativas que temos! Também uso muito o couro ecológico e faço questão de dizer que é ecológico e mostrar como alternativa também...
RGI-75	Pior que tentam te enganar dizendo que, na verdade, pode ser de "couro ecológico", rs...
RGI-16	Eu quase caí nessa de couro ecológico ontem... A gerente da Arezzo da minha cidade me disse ontem que tem uns lá que não são de couro mesmo não, mas disse que eram de couro ecológico daí fiquei com um pé atrás.
RGI-18	Couro ecológico não existe, R16. Na verdade, "couro ecológico" é o nome que deram para borracha da Amazônia, que imita bem o couro natural, mas é usado mais para solas e vem da seringueira... Os sapatos são feitos de material sintético a partir do petróleo (PU ou polypropylene). Inclusive, por lei, é proibido falar "couro ecológico" para descrever qualquer produto de material sintético. Ou é couro (que vem da vaca, porco, ovelha, avestruz, etc.), ou é material sintético.
RGI-7	Tem couros sintéticos e outros que são chamados de "couros ecológicos". Descobri recentemente a diferença entre eles... O sintético não tem nada animal...
RGI-51	Alguém sabe me dizer se tem camurça não-animal? Se couro ecológico é animal mesmo, ou sintético? Como diferenciar couro animal de não-animal? Pois fui na Centauro e o vendedor deu certeza de que estes dois tênis não possuíam couro animal...
RGI-95	(...) tem courino, que parece um couro, né? Imitação das plumas... é que eu não conheço, assim, de materiais... Acho que os que eu mais vejo são esses... Não conheço outros...
RUE-96	O couro ecológico é de algodão? É o courino, né? Que é o vegano... Para lá, a gente usa aquela 100% acrílico... Seda... eu não conheço nenhuma que... Pele... tem aquela pelúcia, né? Acho que de sintéticos, são esses...
RUE-97	Só conheço o couro sintético... porque tem também um que tem tipo um pelinho... mas eu não sei o nome... esses são os que eu mais vejo...
RUE-99	(...) eu não entendo muito de materiais, mas tem tecido, plástico que lembra couro...
RUE-103	Eu sei que tem "couro vegetal", mas eu não sei o que é um couro vegetal... (...) eu sei muito genericamente as informações porque eu vou "tipo"... "ah, não é animal..."... eu só me preocupo meio que com isso, entendeu?
RUE-104	Que eu me lembro, jaqueta de couro sintético... couro vegetal, que é de sapato, né?
RUE-105	(...) eu não sei te dizer o nome do material mas... tem couro sintético... tipo pele que não é pele, é falsa...
RUE-109	Couro sintético, que eles chamam, né? Acho que só esse... que eu uso e que compro alguma coisa, acho que só... Eu evito, porque eu não confio muito na origem... Falta um pouco de informação... Algumas pesquisas que eu fiz sobre o que é um couro vegetal, ou, o que é um couro ecológico... O couro ecológico continua sendo de origem animal, mas, eles pegam os restinhos do couro, mesmo, e fazem um "couro ecológico"...
RUE-117	A imitação do couro, o couro sintético, o couro ecológico, tecidos com imitações de peles... acho que essas coisas, assim... ----- Eu tenho uma jaqueta vegana, de couro ecológico... Foi um pouco cara, mas muito boa! Eu não tenho nenhum problema em usar porque eu sei que nenhum animal sofreu pra que eu possa obter aquele produto...
RUE-122	Couro sintético, acho que é "couro ecológico", né, que eles falam... couro sintético... eu até tenho uma jaqueta disso...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Preocupações socioambientais

Aspectos associados à ecologia e/ou a preocupações socioambientais em relação a simulacros de materiais de origem animal

RGI-34	(...) os sapatos vegans estão durando cada vez menos e isso é ecologicamente incorreto.
RGI-68	Eu uso sintético, mas vocês têm que ver uma coisa: o PU, material base para a maioria dos sintéticos, é oriundo do petróleo e a extração do petróleo mata muitos animais marinhos.... Outro agravante é que a maioria dos sintéticos vem da China...
RQI-86	Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal.
RQI-89	(...) o material mais utilizado na fabricação de couros sintéticos é o poliuretano, PU, que é um derivado de petróleo, e a extração de petróleo também é responsável por danos ambientais terríveis
RUE-97	Nem vou trabalhar mais com bolsas de couro sintético... porque é sintético, mas não é ecologicamente correto... ele vai cair no solo e vai poluir por anos... (...) Hoje em dia, eu compro o tecido, porque eu não tenho mais necessidade do sintético... Por uma questão ecológica, acho que o tecido, a natureza vai "comer" mais rápido.... E o sintético, não, não deixa de ser um plástico!
RUE-122	(...) é uma coisa que não me interessa, esteticamente, ecologicamente...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Evocação ao material de origem animal

Aspectos que denotam evocação de simulacros de materiais de origem animal a materiais genuinamente originários de animais

RQI-90	Acho inadequado, pois fazem alusão daquilo que não acho correto.
RUE-90	A priori, eu tinha resistência, justamente porque remetia diretamente ao uso de pele...
RUE-95	As plumas... tem pluma que imita pelo de animal.... (...) Estampa do bicho, com desenho de onça... estampa de oncinha... (...) é uma associação muito direta ao uso da pele do animal...
RUE-96	Tem gente que não gosta, porque lembra e tal... (...) aqueles que são de "pelinho", que parecem que é couro de boi...
RUE-97	Este meu, que eu uso, parece muito com couro... O pessoal não procura muito por ser parecido.... Esse não é o foco... Mas as pessoas gostam, porque fica bonito, bem estruturado... Mas eu não sei se eles chegam a fazer a ligação com o couro, mesmo... é mais pela estética... Tem gente que quer uma bolsa que pareça couro, um brinco que pareça uma pérola... Um tecido que se pareça com a pele de um animal...
RUE-98	(...) o courovin, que imita um pouco o couro...
RUE-99	Acabei de comprar um cinto de couro, mas não é couro de verdade...
RUE-105	Tenho problema quando parece uma pele de bicho mesmo, sabe? Não gosto da ideia de ser muito parecido, porque me lembra que existe pele verdadeira, que alguém pode usar uma pele verdadeira... me remete muito à isto. Então, acabo não usando...
RUE-108	A gente vai comprar alguma coisa e tem imitação... Mas eu não acho legal. Ou é, ou não é. Não é que me incomoda. É uma questão de ser verdadeira ou não, a origem das coisas. (*Contradição) Eu uso, de couro sintético bota, sapato, bolsa, essas coisas... mas não concordo! Se eu fosse o fabricante, não iria imitar, eu faria alguma coisa diferente.. Não precisava imitar... eu uso porque não tem outro jeito!
RUE-109	Imitação de couro de cobra... acho que a gente não precisa imitar! Me incomoda, acho desnecessário o objetivo da coisa... Pode ser bonito sem necessariamente imitar o couro de um animal.
RUE-113	Em Nova Iorque a gente tem tudo... fake fur (pele falsa), pleather (couro sintético)...
RUE-114	A Stella McCartney, filha do Paul McCartney, tem muita coisa que é muito igual...
RUE-115	Eu acho assim... Assusta um pouco, né? Você ver assim... É que lembra muito mais do que as outras imitações...
RUE-116	Porque que tem que se parecer? Para continuar expressando a ideia de que o animal é a matéria-prima, a fonte para se produzir aquilo.
RUE-117	O ser humano acaba usufruindo da imagem do animal, por exemplo, o colar [de metal] com [imitações de] dente de porco. Eu não acho muito legal, não... porque parece...
RUE-119	É uma coisa que você sabe que não é de um animal, mas você não quer usar algo que pareça com um animal... não faz o menor sentido para mim, se é que você me entende? Porque eu iria querer usar algo que se pareça com uma zebra? Apesar de não ser, não gostaria de usar nada que se pareça com uma zebra, ou um tigre...
RUE-120	(...) as pelúcias lembram as peles...pele, né? As que eu gosto menos são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação.
RUE-121	[Sobre acessório metálico imita pena] Éhh, tudo bem, é metal, né... Mas, "velho", remete, sei lá, você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né: você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que seja alternativo [o material], mas é simbólico... Éh.. reproduz o uso de pele, né?

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Afetividade

Aspectos associados ao sentimento de afetividade em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RGI-46	E tenho roupas sintéticas que adoro e uso sem problemas.
RGI-63	Adoro estampa de cobra!
RGI-70	Amoo! Estampas de animais, principalmente!
RQI-86	Acho que os simulacros de animais além de lindos mostram como é possível ter produtos similares como os feitos de animais e bem mais bonitos e ecológicos, além de estimular o não consumo dos de origem animal. Mas não são todos os veganos que gostam, eu adoro!
RQI-87	Assim como na alimentação vegana, onde muitos de nós têm desejo de comer "imitações" de carne e laticínios - muitas vezes por algo que chamamos de memória afetiva -, isso também se dá com roupas e acessórios de couro/penas, por exemplo, pois formamos nossos estilos pessoais enquanto ainda não éramos veganos e utilizávamos esses materiais.
RUE-95	Adoro <u>imagens</u> de animais, adoro! Não vejo nenhum problema! Se é igual à pele, eu já não gosto... Agora, se mostra o animal inteiro... É de boa, entendeu?

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Sofrimento

Aspectos associados à ideia de sofrimento infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RQI-84	Tem veganos que não usam ou não comem por nojo ou por lembrarem de mortes.
RQI-92	Quando me tornei vegana me desfiz de tudo o que lembrava exploração. Na verdade, fiquei com uma jaqueta de couro sintético porque ela esquentava muito e paguei caríssimo nela. Do resto me desfiz de tudo. Inclusive botas e pulseiras.
RUE-104	Dá uma impressão meio estranha, parece que você tá pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... Porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais... isso aqui me remete a alguma coisa... é mais realista...
RUE-105	Tenho problema quando parece uma pele de bicho mesmo, sabe? Não gosto da ideia de ser muito parecido, porque me lembra que existe pele verdadeira, que alguém pode usar uma pele verdadeira... me remete muito à isto. Então, acabo não usando...
RUE-114	[Sobre vestuário que lembre penas, ossos, patas de animais mais abstratamente] Isso simboliza uma cultura, não sei se é tão legal, mas, eu não vejo problema nisso, se uma pessoa tiver... não me incomoda, mas, isso representa uma cultura de matança... eu não usaria porque acho que representa isso...
RUE-117	[Sobre os acessórios metálicos que lembram ossos de animais dentes e crânio] Ai eu já não acho legal... porque acaba lembrando a matança, né?
RUE-118	Não acho legal, não vejo muita graça em usar alguma coisa que pareça pele de carneiro... Pode cair muito na questão da objetificação de animais...
RUE-120	As que eu gosto menos são as de pena, aquelas penas sintéticas, são bem reais... me lembram muito o ato de depenar galinhas... por mais que sejam lindas, me vem essa associação.
RUE-121	[Sobre acessório metálico imita pena] Éhh, tudo bem, é metal, né... Mas, "velho", remete, sei lá, você tem que arrancar [as penas do animal]... Mas é aquilo, né: você vai tá ostentando uma coisa que implica em dor e sofrimento, mesmo que seja alternativo [o material], mas é simbólico... ----- [Sobre acessórios metálicos que lembram dentes e crânio de animais] Eh... pesca de baleia... ah... isso aqui, meu [tom de reprovação]... ----- [Sobre tênis Allstar com estampa de cobra metálica] (...) o Allstar de cobra, tem quem goste, né? Eu não usaria porque não é meu estilo, mas remete à arrancar o couro do animal, mesmo que seja mais simbólico...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Heranças culturais

Aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de heranças culturais

RGI-47	Eu, realmente, não tenho problemas em usar couro sintético em ambientes veganos ou em qualquer outro ambiente. Até porque ando de moto, sou rockeira e isso faz parte do meu visual...
RUE-93	É mais porque acha bonito, porque está na moda...
RUE-99	Das referências culturais, é muito difícil a gente abrir mão... Acho legal trabalhar em cima da referência... é importante para a gente se comunicar...
RUE-107	A única coisa é que eu acho brega e não uso é imitação de pele... é coisa de funkeira, cafona! A imitação do couro, da pérola, da lã... isso daí eu até poderia usar, mas é que eu não gosto, parece meio uma coisa das cavernas usar couro, pele de animal, mesmo que seja sintética
RUE-109	Estampa de onça, eu tenho uma mochila que ganhei, eu uso porque cabe meu computador, mas acho brega!
RUE-110	(...) é uma questão mais ampla e difícil de lidar, do que simplesmente não achar legal. Querendo ou não, é vendido que você tem que usar isto, o tempo todo. Por exemplo, quem trabalha de social, é extremamente difícil achar um sapato que não seja de couro. As propagandas mostram isso... Para quer quer uma opção que seja sintética, eu acho importante, não acho errado as pessoas usarem...
RUE-111	A imitação é um produto sintético, a gente chama de "couro", mas deve ser por convenção, igual como quando a gente chama de "queijo", sei lá... "leite de girassol"... mas não é leite...
RUE-114	[Sobre vestuário que lembre penas, ossos, patas de animais mais abstratamente] Isso simboliza uma cultura, não sei se é tão legal, mas, eu não vejo problema nisso, se uma pessoa tiver... não me incomoda, mas, isso representa uma cultura de matança... eu não usaria porque acho que representa isso...
RUE-118	Essa coisa de querer imitar o animal vem muito dessa herança de querer arrancar o que é deles... ----- Isso é um fetiche...

Respondentes: Subproblema 1: Categoria conceitual:

Assunto não atinado

Assunto, até então, ainda não atinado por alguns respondentes

RGI-31 (...) não tinha pensado sobre os pratos que imitam carne e os couros sintéticos...

RUE-104 Dá uma impressão meio estranha, parece que você tá pegando o couro do bicho, né? Pensando por esse lado, não é muito legal, não... Acho meio pesado... Porque você passa a ideia de que você matou o animal para se vestir, mesmo que não seja verdadeiro, quem está vendo, pode passar por isso e achar uma coisa normal e eu não quero isso... Não usaria, jamais...

RUE-110 (...) acho que nunca parei para pensar nessa questão de propagar porque... a pele, você vai incentivar o uso da pele... mas eu nunca pensei nessa coisa das estampas de bicho, de oncinha, porque é uma coisa que eu não gosto, não uso, desde sempre...

RUE-113 [Sobre as imitações de pérolas] (...) então, na verdade eu nunca tinha pensado a respeito...

RUE-116 Nunca li questões muito aprofundadas a respeito disto...

Apêndice “B”:**levantamento de dados pré-tratados do subproblema 2**

Levantamento de dados pré-tratados do subproblema 2, obtidos com ativistas do movimento vegano, por meio de entrevistas semiestruturadas, em profundidade, em alguns casos, estimuladas por meio de imagens, realizadas em eventos voltados para o público vegano nos municípios de Santos e, em maior porcentagem, em São Paulo.

Nas tabelas abaixo, constam trechos significativos selecionados e extraídos de comentários de usuários veganos indexadas por categorias temáticas que emergiram a partir da interpretação dos dados coletados.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual :

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

RAE-123	<p>Eu uso! Acho o couro sintético mais bonito, brilhante, em relação ao couro animal, não tem aquelas ruguinhas, aquelas coisas amassadas...</p> <p>-----</p> <p>Pérola, se for imitação, eu não vejo problema...</p> <p>[Introspecção] Só... tem como problematizar a pérola e a pena porque... A imitação da pena eu não usaria, por uma questão da objetificação. É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade. As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético...</p> <p>-----</p> <p>Animal print, não vejo problema!</p>
RAE-124	<p>Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro. Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro. Se essa pessoa passar em uma loja que tiver duas jaquetas, uma de couro e a outra sintética, ela vai escolher pelo critério do preço. Se a de couro estiver mais barata, ela vai levar a de couro. Geralmente a sintética é mais barata.</p> <p>-----</p> <p>Eu tenho uma jaqueta similar, mas evito usar. Não só não faço questão de usar mas, ultimamente, tenho pensado, de forma mais crítica em relação a isto, em função desta apologia que tem feito. Como usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão, aí é que tá... não tem uma mensagem aí? Eu acho um desperdício... Seria bom se tivesse uma mensagem em prol dos direitos dos animais...</p> <p>-----</p> <p>De fato, acho que o ideal é não parecer, pois, não faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais para nenhuma finalidade. Mesmo que não seja aquilo, representa.... Porque usar aquilo? Acho que não tem necessidade...</p>
RAE-125	<p>Não uso imitações de peles (pelos). Talvez, em algum objeto que eu tenho, possa ter algum material que se assemelhe com um de origem animal... Mas eu não compro com esse objetivo. Nunca tive esse apego com o couro, acho um material pesado...</p> <p>-----</p> <p>Feio, eu não diria que é... é muito semelhante ao couro animal, mas eu não tenho esse tipo de apego ao vestuário, particularmente, não me atrai. Não é meu estilo usar materiais de couro, que pareçam pele...</p> <p>-----</p> <p>A utilização de produtos que imitam pode sustentar a imagem... Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim...</p> <p>Mas não vejo problema em estampas, como a de zebra, por exemplo... Porque, na verdade, não está dizendo algo ruim ou bom, necessariamente, está representando um animal... A pessoa gosta da imagem da zebra, das cores da zebra e quer usar estampa de zebra... Não está explorando o animal... nunca ninguém explorou a zebra para isso, sei lá, tipo para fazer camiseta...</p> <p>Agora, se tivesse um tênis de zebra, eu não compraria, porque não é meu estilo e porque acho que, nesse caso, pode associar... Aí seria uma representação... é tipo "no meu pé tem couro de jacaré...", agora, se eu fosse usar uma camiseta com estampa de jacaré, nem parece couro...</p> <p>Qualquer coisa que possa reforçar a imagem, acho problemático, por conta do especismo, do uso de animais... A pessoa não vai saber se você está usando ou não... reforça o comércio que vende aquilo, acaba reforçando o comércio que vende o verdadeiro...</p> <p>-----</p> <p>[Sobre as imitações de pérolas] Cara, boa questão, nunca tinha pensado sobre isso mas, acho problemático também, se for pensar...</p> <p>-----</p> <p>Não sou adepto da pureza em relação à nossa atitude vegana... veganismo, para mim, trata-se de reduzir o sofrimento ao máximo possível. Se tem gente que tem apego psicológico a esses produtos e querem pérolas, usar um sapato que lembre couro de jacaré... eu, particularmente, não uso, por uma questão de representação mas, desde que a pessoa não envolva um animal no processo... seja feliz...!</p> <p>Eu evito, principalmente no ativismo, qualquer coisa que possa tirar um pouco da credibilidade porque... eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo "ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro...", apela para a hipocrisia...</p> <p>-----</p> <p>Para fazer ativismo, eu recomendo para a galera tomar esses cuidados com a aparência...</p> <p>Dos colegas que eu conheço, da ONG, a maioria evita usar esse tipo de imitação, por conta da associação.</p>
RAE-126	<p>Não vejo nenhum problema.... Contanto que deixem os animais em paz, que não haja trabalho escravo envolvido...</p>
RAE-127	<p>(...) não vejo nenhum problema na imitação: não contendo sofrimento animal, sendo vegano, tudo bem.</p> <p>-----</p> <p>Não me incomoda! Não tenho nada contra quem use, mas... Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa? Eu não uso, me dá agonia. Mas, se a pessoa usa e é sintético, pô, legal! Mostra para as pessoas que é possível, né?</p>
RAE-129	<p>Sinceramente, não posso dizer que seja negativo e também não posso dizer que seja positivo...</p> <p>-----</p> <p>O sapato é uma necessidade, de certa forma, mas aqueles apliques, é o fútil do fútil... você não precisa daquilo... Jaqueta de couro: porquê ser de couro, quer dizer, imitando o couro? Pode ser de outros materiais... Então, aí, no meu caso, fica mais evidente a futilidade, a desnecessidade de se usar aquilo...</p> <p>-----</p> <p>Se a gente começar a pensar que não tem problema, qual vai ser a linha demarcatória entre usar uma pele de verdade e não usar? Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece?</p>

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual :

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

-
- RAE-130** Eu não curto muito. Eu acho que a imitação do couro bovino é legal, pois substitui a funcionalidade do couro em sapatos e bolsas. No caso das peles, não vejo necessidade nenhuma de usar nenhuma, nem a fake, nem a de verdade, pois, a fake remete à de verdade. Poucas pessoas na rua, hoje, (ainda mais com as fakes muito perfeitas) saberiam distinguir se é pele de um coelho, se é uma chinchila ou se é sintético, e acham bonito e vão comprar uma pele de coelho ou uma chinchila... Não sabem fazer essa diferenciação, entendeu? Eu tenho uma peça de pelúcia... Pelúcia eu acho legal, é bem fake mesmo. Tenho um casaco de estampa de tigre roxo e preto de pelúcia, aí eu acho legal, não tem como confundir... Já esses que são similares, que remetem muito ao animal, eu não sou a favor. Mas, as que são bem com cara de pelúcia ou o courvim, que é funcional, aí eu sou a favor. Quando é muito semelhante, o problema é que a pessoa pode ver e achar bonito e comprar um mink...
-
- E a pelúcia, é legal, pois é uma coisa mais moderna, descolada, remete ao bichinho, mas o bichinho de prateleira, e não ao bichinho da natureza! Então, tudo o que para mim, imita, com realismo, o animal, eu não acho legal.
-
- Quanto mais "cara de fake", tipo bolsa de pele roxa e preta, ou oncinha de pelúcia cor de rosa... Aí eu acho legal, porque a pessoa vai ver e falar "olha que legal, é pelúcia mesmo!" Se não imita, exatamente, o animal, eu acho legal! O problema é imitar igual! Aí eu acho que não é legal...
-
- Não sei porque, acho melhor do que um casaco de pele fake... não tenho tanto problema com isso, talvez por estar menos em evidência, lá embaixo, no pé! Não que eu não ame uma cobra tanto quanto amo uma raposa ...
-
- Esse All Star de pele de cobra prateada é lindo! Lembra uma cobra, mas não tem cobra prateada, aí você percebe o quanto é fake! E se não fosse prata, acho que não teria problema porque a Converse nunca faria um All Star de pele de cobra, verdadeira... A pessoa tem que ter o bom senso de discernir...
-
- Um acessório com formato de pena de metal ou de plástico, eu acho legal!
-
- Um casaco jeans com apenas uma gola de pele fake, porque a gente vê bem que é fake, eu não usaria, mas também não vejo problema.... Já o casaco inteiro de pele fake, me incomoda.
-
- RAE-131** (...) acho que a gente tem mais é que incentivar esses empresários que trazem alternativas à moda animal...
-
- De forma alguma vejo problema nisso, eu até incentivo porque a gente sabe que não vai conseguir mudar, assim, da noite para o dia... as pessoas gostam e, de fato, os objetos são bonitos, até os feitos com animais... o problema é que utilizam animais, o que para a gente, é inadmissível! Então, se for para poupar a vida dos animais, não importa qual seja a saída, entendeu? Mesmo que seja com imitações e tudo...
-
- RAE-132** Não vejo problema em se utilizar materiais sintéticos que imitem pele, couro ou outros produtos de origem animal. O mais importante é que não se utilize os materiais de origem animal.
-
- Acho que podem ser usados e é desejável sempre que por causa disso os animais tenham sido poupados. (...) em qualquer das hipóteses no final se um animal é poupado é isso que importa.
-
- Não vejo nenhum caso em que não seja desejável substituir o produto de origem animal por outro que não seja de origem animal. Em alguns casos talvez até o consumidor nem saiba que se trata de um produto de "imitação", mas mesmo assim é positivo...
-
- Alguns acham realmente que o uso de produtos imitativos pode estimular o uso dos "originais". Mas eu não penso assim.
-

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Incentivo ao consumo

Aspectos associados à ideia de incentivo ao consumo de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros

RAE-123	É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade. As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético...
RAE-124	<p>Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro. Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro. Se essa pessoa passar em uma loja que tiver duas jaquetas, uma de couro e a outra sintética, ela vai escolher pelo critério do preço. Se a de couro estiver mais barata, ela vai levar a de couro. Geralmente a sintética é mais barata.</p> <p>Eu tenho uma jaqueta similar, mas evito usar. Não só não faço questão de usar mas, ultimamente, tenho pensado, de forma mais crítica em relação a isto, em função desta apologia que tem feito. É como usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão...</p>
RAE-125	<p>A utilização de produtos que imitam pode sustentar a imagem... Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim...</p> <p>Qualquer coisa que possa reforçar a imagem, acho problemático, por conta do especismo, do uso de animais... A pessoa não vai saber se você está usando ou não... reforça o comércio que vende aquilo, acaba reforçando o comércio que vende o verdadeiro...</p>
RAE-129	(...) eu tinha uma jaqueta de couro falso, e ficava pensando: será que esse tipo de roupa vai incentivar o uso [de couro animal]? As pessoas vão ver e dizer "que bonita!", ou vão querer também uma, se acharem que é verdadeira... A imitação é tão boa, que você se confunde, mesmo... Será que as pessoas vão ver, se entusiasmar e demandar mais jaquetas de couro, mas o verdadeiro?
RAE-130	Acho que o homem é um produto do meio. Se ele fica o tempo todo vendo estampas de animais, como eu disse, ele não vai saber diferenciar o verdadeiro do falso.... Reforça a imagem e eu acho que não agrega, porque as pessoas não buscam informação... Se buscassem e houvesse mais campanhas de conscientização, elas poderiam saber discernir uma coisa de outra. Mas, a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se (a pele falsa) for vista em celebridades, ídolos... piorou! mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... (banda 30 seconds to Mars), que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J.Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J.Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira.... Ao invés de divulgar a mensagem de que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.
RAE-131	[Sobre a imagem da bota de couro de cobra] Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja, eu não me sinto à vontade, porque parece que eu "tô achando da hora"...
RAE-132	Acho que isso não faz com que as pessoas não deixem de consumir produtos de origem animal ou que estimule seu consumo.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Indiscernibilidade

Aspectos associados à indiscernibilidade de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais

RAE-123	É bem difícil a pessoa saber que existe pena sintética. Daí ela acha bonito e compra uma pena de verdade. As pessoas já sabem bastante que existe couro sintético...
RAE-124	Couro sintético eu evito usar porque, indiretamente, faz apologia ao uso de couro porque, uma pessoa, na rua, não diferencia um do outro.
RAE-125	<p>A pessoa não vai saber se você está usando ou não...</p> <p>Eu evito, principalmente no ativismo, qualquer coisa que possa tirar um pouco da credibilidade porque... eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo "ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro..."</p>
RAE-126	Eu sei que existe pele sintética porque, no trabalho, o pessoal que sabe que eu sou vegana já avisa "é sintética, tá?", já vão explicando que a pele não é de verdade...
RAE-128	As pessoas confundem muito isso, é até um assunto interessante. Muitas vezes as pessoas me veem com um sapato de onça e me questionam: "mas você não é vegana?" Aí eu falo: "eu sou, não matei nenhum bicho para que isto esteja aqui!"
RAE-129	<p>(...) eu tinha uma jaqueta de couro falso.... A imitação é tão boa, que você se confunde, mesmo...</p> <p>(...) disseram que, mesmo não sendo de origem animal, "tinha tudo para ser de verdade"... Ela foi quase linchada por outros ativistas, por estar com um casaco da Zara com imitações do pelo de um animal...</p> <p>Se a gente começar a pensar que não tem problema, qual vai ser a linha demarcatória entre usar uma pele de verdade e não usar? Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece?</p>
RAE-130	<p>Poucas pessoas na rua, hoje, (ainda mais com as fakes muito perfeitas) saberiam distinguir se é pele de um coelho, se é uma chinchila ou se é sintético, e acham bonito e vão comprar uma pele de coelho ou uma chinchila... Não sabem fazer essa diferenciação...</p> <p>Acho que o homem é um produto do meio. Se ele fica o tempo todo vendo estampas de animais, como eu disse, ele não vai saber diferenciar o verdadeiro do falso.... Reforça a imagem e eu acho que não agrega, porque as pessoas não buscam informação... Se buscassem e houvesse mais campanhas de conscientização, elas poderiam saber discernir uma coisa de outra. Mas, a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se (a pele falsa) for vista em celebridades, ídolos... piorou! mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... (banda 30 seconds to Mars), que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J.Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então, vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J.Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira.... Ao invés de divulgar a mensagem de que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.</p> <p>(...) tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro! Mas, a pessoa sabia que eu era uma ativista conhecida e, foi mais uma rixa pessoal para me atacar, só...</p>
RAE-131	(...) as pessoas nem sabem que é sintético ou que estão comprando couro sintético.
RAE-132	Em alguns casos talvez até o consumidor nem saiba que se trata de um produto de "imitação"...

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Alternativas

Aspectos associados à consideração de simulacros como alternativas válidas de substituição de materiais de origem animal

RAE-123	(...) facilita a transição das pessoas para o veganismo porque podem ter a mesma coisa, mais barata e que não causa sofrimento! ----- Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército, só que ninguém pode perceber, senão eles brigam...
RAE-125	Se tem gente que tem apego psicológico a esses produtos e querem pérolas, usar um sapato que lembre couro de jacaré... eu, particularmente, não uso, por uma questão de representação mas, desde que a pessoa não envolva um animal no processo... seja feliz...!
RAE-127	Mostra para as pessoas que é possível, né? Por exemplo, a pessoa que gosta muito de pele de raposa, mas que não quer comprar por ter pena do animal, tudo bem! Desde que supra o desejo estético da pessoa sem envolver o sofrimento de nenhum animal, eu não tenho nada contra!
RAE-128	Acho o contrário, a pessoa que ama couro percebe que é possível ter uma jaqueta bacana, com uma "pegada rock'n roll" sem matar nenhum bicho. Acho que esse é o conceito, isso é o que tem que acontecer!
RAE-130	(...) a pessoa que está passeando na rua, vai achar bonito meu casaco de pele falsa, daí na 25 de março e pode ser que ela compre uma pele de chinchila verdadeira, por ter achado bonito em mim. E se (a pele falsa) for vista em celebridades, ídolos... piorou! mesmo sendo fake! Como é o caso do J. Leto, vocalista da... [banda 30 seconds to Mars], que é vegano... Ele fez um show usando um casaco de pele até o chão, e era super fake!, mas, todo mundo, todo dia, quando falam do J.Leto, falam que ele estava usando peles... Não era de verdade!, era fake, ele já fez dez declarações a respeito... Não adianta ele escrever... a pessoa fica com a imagem! E ele é bonito, as pessoas querem ser como ele... então, vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso, achando que é J.Leto... O que fica é a imagem e não o que ele escreve... As pessoas não leem nada hoje em dia! Poucos iriam atrás de informações a respeito... Você acha que o cara vai ler na internet que o cara é vegano e não usa peles verdadeiras? Que nada! Ele vai é comprar a pele verdadeira.... Ao invés de divulgar a mensagem de que há alternativas veganas... é pior! A gente vive em uma sociedade extremamente consumista que só dá valor para o visual.
RAE-131	(...) acho que a gente tem mais é que incentivar esses empresários que trazem alternativas à moda animal...
RAE-132	Como muitas pessoas gostam de usar estes materiais com aparência de pele, couro etc. é preferível obviamente que sejam artificiais.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Adequação social

Aspectos associados à adequação social de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal

-
RAE-123	Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército, só que ninguém pode perceber, senão eles brigam...
-
RAE-126	Quando eu tenho que estar num ambiente formal, eu uso sapato de couro falso... é muito difícil ter uma roupa formal que seja de pano, ou de plástico...
-
RAE-129	(...) alguns veganos que se preocupam com uma certa formalidade... Por exemplo, você não vai a uma cerimônia de casamento com um par de Crocs nos pés... Vai com um sapato social e, certamente, vai utilizar uma imitação de couro..
-

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Funcionalidade

Aspectos associados à funcionalidade de simulacros de materiais de origem animal

-
RAE-124	Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão...
RAE-129	O sapato é uma necessidade, de certa forma, mas aqueles apliques, é o fútil do fútil... você não precisa daquilo... Jaqueta de couro: porquê ser de couro, quer dizer, imitando o couro? Pode ser de outros materiais... Então, aí, no meu caso, fica mais evidente a futilidade, a desnecessidade de se usar aquilo...
RAE-130	Eu acho que a imitação do couro bovino é legal, pois substitui a funcionalidade do couro em sapatos e bolsas. No caso das peles, não vejo necessidade nenhuma de usar nenhuma... A funcionalidade do courvim é incrível!
-

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Critério de seleção

Aspectos associados a critérios de seleção e distinção de simulacros de materiais de origem animal

-
RAE-124	Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão...
RAE-125	Não uso imitações de peles (pelos). Talvez, em algum objeto que eu tenho, possa ter algum material que se assemelhe com um de origem animal... Mas eu não compro com esse objetivo.
RAE-128	(...) o que eu não quero é alguma coisa que machucou, que feriu ou que matou algum animal.
RAE-129	O que eu procuro... eu não quero um material que imite o couro, eu quero um material que seja bonito, resistente, confortável e que permita um design bonito... não precisa ser igual ao couro, não tenho essa necessidade, muito embora eu use coisas tipo estampa de onça.... Acho que falta um pouco de inventividade nessa área de vestuário, de materiais melhores...
-

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Credibilidade questionável das informações

Aspectos associados à carência de credibilidade de informações a respeito dos simulacros de materiais de origem animal

RAE-132

Deve haver esclarecimento da procedência dos materiais de origem animal: o que significa para o próprio animal, para o meio ambiente e outros possíveis danos. Por exemplo, todos os carros produzidos no Brasil que dizem ter bancos de couro, usam na realidade couro "ecológico", sintético – e isso é positivo. As bolas de futebol igualmente são feitas hoje em dia de couro sintético, e assim por diante.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Estética

Considerações estéticas associadas a simulacros de materiais em vestuário

RAE-123	Eu uso! Acho o couro sintético mais bonito, brilhante, em relação ao couro animal, não tem aquelas ruguinhas, aquelas coisas amassadas
RAE-124	Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã, mas, é um pouco complicado fugir disso... a gente não compra porque parece... às vezes, a única coisa de frio que tem pra você comprar parece lã, mas é de algodão...
RAE-125	Feio, eu não diria que é... é muito semelhante ao couro animal, mas eu não tenho esse tipo de apego ao vestuário, particularmente, não me atrai. Não é meu estilo usar materiais de couro, que pareçam pele...
RAE-126	Eu associava um pouco estampa de oncinha com coisa de perua... não é o meu estilo mas, não vejo problema, não julgo quem usa!
RAE-127	Por exemplo, a pessoa que gosta muito de pele de raposa, mas que não quer comprar por ter pena do animal, tudo bem! Desde que supra o desejo estético da pessoa sem envolver o sofrimento de nenhum animal, eu não tenho nada contra!
RAE-128	<p>(...) uma estampa de onça, eu uso, acho bonito e acho até que é uma homenagem ao bicho.</p> <p>-----</p> <p>Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...</p>
RAE-129	<p>(...) em 1999, se não me engano, na Itália, procurei por sapatos veganos... naquela época, já havia inúmeras opções! Opções, cá entre nós, muito mais bonitas, muito mais agradáveis de usar... (...) o material, esta alcantara, está intacta, super bonita ainda, imita a camurça... (...) o material é tão bom que já faz 17 anos e ainda está assim, intacto, é uma coisa durável e é bonito, sabe? É um material que eu nunca vi aqui para vender, fui atrás, não vi e fiquei frustrada de ver que o Brasil continua fazendo aqueles sapatos bem ruins, muitos parecem plástico... É isso o que eu acho que falta aqui [no Brasil] : esta inovação, um material diferenciado, resistente e bonito! Eu queria muito um material resistente e bonito, que a gente não vê muito aqui, sabe? Então, acho que, pelo pouco que eu vi lá fora, deixa um pouco a desejar em relação à durabilidade e estética...</p> <p>-----</p> <p>Os sapatos de poliuretano da Arezzo são bons, principalmente em verniz, que parece uma coisa mais bonita, se bem feito, disfarça um pouco aquele aspecto de plástico.</p> <p>-----</p> <p>(...) eu acho que essas marcas que se dizem assumidamente veganas, no meu ponto de vista, pecam por não levar em conta o consumidor clássico, mais velho, pelo menos as que eu vi até agora... São coisas juvenis demais ou muito despojadas, que acho que não agradam um público mais formal, de mais idade... Nesse sentido, precisaria, talvez, haver uma marca que investisse nesse público e que fosse vegana também, que não necessariamente tentasse imitar o couro, mas que trabalhasse com tecidos, até uma lona, mas uma lona tingida, que conseguisse um tom de marrom, bordô, sei lá, um sapato que ficasse mais social mesmo, sabe?</p> <p>-----</p> <p>Para que imitar? Porque é bonito, né? Você que se apropriar da beleza de um animal, assim como você se apropria do perfume da flor, nos frascos de perfume, a gente quer se apropriar da beleza da pele do animal...</p> <p>-----</p> <p>Se for uma coisa discreta, eu acho bonito. A gente fica bonita com esse tipo de estampa, principalmente, a de onça, eu acho esta a mais bonita de todas.</p>
RAE-130	<p>Acho que as imitações de peles remetem muito àquela coisa "das cavernas", sabe? Tipo primitivo, eu goto de coisas mais modernas!</p> <p>-----</p> <p>Eu não gosto nem de estampa, por exemplo. Não gosto de estampa de onça, de tigre... só gosto se for tipo... roxo e preto! A única estampa que eu gosto, por estética, é a de zebra! O resto, eu acho cafona! Usar animal é uma coisa primitiva, das cavernas, cafona! Já a estampa de zebra não, talvez por ser branca e preta, monocromática, eu acho chique! (...) Esse negócio de ficar usando oncinha eu acho breguíssimo!</p> <p>-----</p> <p>(...) a maioria dos veganos adora comprar coisas de oncinha, guarda-sol com estampa de tigre... Mas é que o vegano... é difícil você encontrar um vegano com bom gosto, que tenha uma estética interessante... A maioria vai para aquele lado meio hippie ou brega!</p> <p>-----</p> <p>Esteticamente, eu acho brega quem usa oncinha...</p> <p>-----</p> <p>Esse All Star de pele de cobra prateada é lindo! Lembra uma cobra, mas não tem cobra prateada, aí você percebe o quanto é fake!</p>
RAE-131	[Sobre a bota com tecido semelhante à pele de carneiro] Eu acho esse daí bem bonito, bacana, não é tão forçoso quanto aquela bota de cobra...!

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Preço

Aspectos associados ao custo dos simulacros de materiais de origem animal

RAE-123	(...) a mesma coisa, mais barata e que não causa sofrimento!
RAE-124	Se essa pessoa passar em uma loja que tiver duas jaquetas, uma de couro e a outra sintética, ela vai escolher pelo critério do preço. Se a de couro estiver mais barata, ela vai levar a de couro. Geralmente a sintética é mais barata.
RAE-125	Courino, é um tipo de material muito conhecido, bem vagabundo, na verdade, tem menor resistência (...) é um material que imita, barato...
RAE-128	Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...
RAE-131	Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China...

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Qualidade e durabilidade

Aspectos associados à ideia de qualidade e durabilidade dos simulacros de materiais de origem animal

RAE-125	Courino, é um tipo de material muito conhecido, bem vagabundo, na verdade, tem menor resistência...
RAE-128	<p>(...) eu tenho a mesma jaqueta há uns cem anos! E olha que eu a uso muito, não tenho o que reclamar! Por exemplo, em relação à sapato, a Stella McCartney, que é uma marca que eu uso bastante, foi melhorando com o tempo... Eu uso essa marca bastante, desde 2005, há mais de dez anos e vejo que ela teve uma grande evolução, como tudo o que nos propomos a fazer e vamos melhorando com o tempo. É um mercado ainda novo, em que estão sendo descobertos novos materiais, mas ela evoluiu muito... A qualidade: antes, eu acho que duravam menos, eram menos confortáveis.... Acho que ela (a estilista Stella McCartney) foi evoluindo bastante, senti uma grande diferença!</p> <p>-----</p> <p>Tenho aquela bota, da Stella, há vários anos, nem sei contar quanto tempo ela tem!</p>
RAE-129	<p>(...) em 1999, se não me engano, na Itália, procurei por sapatos veganos... naquela época, já havia inúmeras opções! Opções, cá entre nós, muito mais bonitas, muito mais agradáveis de usar... (...) o material, esta alcantara, está intacta, super bonita ainda, imita a camurça... (...) o material é tão bom que já faz 17 anos e ainda está assim, intacto, é uma coisa durável e é bonito, sabe? É um material que eu nunca vi aqui para vender, fui atrás, não vi e fiquei frustrada de ver que o Brasil continua fazendo aqueles sapatos bem ruins, muitos parecem plástico... É isso o que eu acho que falta aqui [no Brasil] : esta inovação, um material diferenciado, resistente e bonito! Eu queria muito um material resistente e bonito, que a gente não vê muito aqui, sabe?</p> <p>-----</p> <p>Eu fui comprar uma sapatilha da marca Ana Carpi, que é uma linha mais popular... Nossa, o sapato se desfez, lógico, ela está lá ainda, mas, parece um plástico! Então, acho que, pelo pouco que eu vi lá fora, deixa um pouco a desejar em relação à durabilidade e estética...</p> <p>-----</p> <p>(...) eu ainda tenho sapatos antigos, de vinte e três anos atrás, que são de couro, e eles estão inteiros, não tem comparação com o poliuretano... Eu não sei se eu ainda não tive a chance de comprar um poliuretano da melhor qualidade, mas, os que eu comprei, não têm comparação. O couro é muito melhor, mais resistente e, a meu ver, muito mais bonito. Não parece aquela "placa de plástico"...</p> <p>-----</p> <p>... [O couro] é um material mais bonito, é mais resistente, mais durável, é melhor e, tirando essas exceções, essa bota alemã, aquela sandália italiana e outra sandália, para todos os meus sapatos eu tenho essas reservas... eu uso porque não tenho outra opção, mas, não acho a melhor coisa do mundo, não, vou ser sincera com você... Se não fosse pela questão ética, não seria minha primeira escolha. Não mesmo.</p>
RAE-131	<p>Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China... Não tenho saída, ou eu uso um desses, ou eu uso um de animal! Dura muito menos, por isso, tem uma grande demanda do público vegano, e até de quem não é vegano, mas tem essa parte da consciência, no vestuário, de produtos de qualidade, mesmo que custem mais caro, mas que não usem couro de animais...</p>

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Constrangimento social

Aspectos associados à sensação de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal

RAE-124	Mesmo não sendo de origem animal, a sociedade tenta apontar como se fosse e, até você provar que aquilo não é, a pessoa usa como pretexto para apontar em você algo que não seja coerente.
RAE-128	As pessoas confundem muito isso, é até um assunto interessante. Muitas vezes as pessoas me veem com um sapato de onça e me questionam: "mas você não é vegana?" Ai eu falo: "eu sou, não matei nenhum bicho para que isto esteja aqui!"
RAE-129	<p>Uma amiga foi trabalhar com um casaco que tinha uns apliques de imitação de pelo nos punhos e na gola e... nossa!, ela foi quase que linchada porque ela trabalha num local em que as pessoas são ativistas pela causa animal e a questionaram por estar usando aquele tipo de casaco, pois, segundo eles, mesmo não sendo de origem animal, "tinha tudo para ser de verdade"... (...)Ela falou que foi uma situação horrível... Ela foi quase linchada por outros ativistas, por estar com um casaco da Zara com imitações do pelo de um animal...</p> <p>Com esse pelo de aplique [sintético], eu também me sentia um pouco constrangida de usar, porque remete diretamente ao animal...</p>
RAE-130	(...) tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro! Mas, a pessoa sabia que eu era uma ativista conhecida e, foi mais uma rixa pessoal para me atacar, só...
RAE-131	[Sobre a imagem da bota com material que imita de couro de cobra] Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja, eu não me sinto à vontade, porque parece que eu "tô achando da hora"...!

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Demanda comercial

Aspectos associados à demanda comercial por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal

RAE-123	Tem veganos que acabam indo para o exército e têm que usar coisas de couro... Aí eles costumam buscar alternativas bem parecidas com as coisas do exército...
RAE-125	Eu tenho uma amiga vegana que é bombeira e tem que usar coturno de couro e está procurando até hoje um que não seja de couro para poder trabalhar... Ainda não achou nenhum, profissional, que tem que ser reforçado... ela trabalha com isso, tem que usar porque eles que fornecem...
RAE-129	(...) eu acho que essas marcas que se dizem assumidamente veganas, no meu ponto de vista, pecam por não levar em conta o consumidor clássico, mais velho, pelo menos as que eu vi até agora... São coisas joviais demais ou muito despojadas, que acho que não agradam um público mais formal, de mais idade... Nesse sentido, precisaria, talvez, haver uma marca que investisse nesse público e que fosse vegana também, que não necessariamente tentasse imitar o couro, mas que trabalhasse com tecidos, até uma lona, mas uma lona tingida, que conseguisse um tom de marrom, bordô, sei lá, um sapato que ficasse mais social mesmo, sabe?
RAE-131	Infelizmente, aqui no Brasil, são poucas as fábricas de sapatos, de homem, que fazem sapatos de qualidade sem serem de couro. Normalmente, os sapatos de qualidade são feitos de couro, então, a gente acaba ficando refém do mercado chinês, que vende aqueles sapatos de couro sintético, pessimamente costurados e que rapidamente você tem que trocar. É um produto barato, custa, no máximo, 50 reais... então, logicamente eles não vão caprichar muito no design, em acabamento..., mas é uma questão do valor que você está pagando, porque veio da China... Não tenho saída, ou eu uso um desses, ou eu uso um de animal! Dura muito menos, por isso, tem uma grande demanda do público vegano, e até de quem não é vegano, mas tem essa parte da consciência, no vestuário, de produtos de qualidade, mesmo que custem mais caro, mas que não usem couro de animais...

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Repugnância

Aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou repugnância em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RAE-127

Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa? Eu não uso, me dá agonia.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Analogias com a alimentação

Aspectos associados à construção de analogias e paralelos com a ideia de simulacro de alimentos de origem animal

RAE-124	De fato, acho que o ideal é não parecer, pois, não faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais para nenhuma finalidade. Mesmo que não seja aquilo, representa.... Porque usar aquilo? Acho que não tem necessidade... O mesmo vale para a comida...
RAE-125	Quando a gente faz ativismo, aos sábados, a gente ganha pizza do Lar Vegetariano / Vegan, pizzas veganas e, mesmo para comer essas pizzas, a gente toma o cuidado de não comê-las na hora do ativismo... Porque elas são tão parecidas que, se a pessoa ver a gente comendo, vai achar que é hipocrisia... A pessoa vê aquilo e já associa...
RAE-126	Não vejo nenhum problema, assim como não vejo na alimentação e essas imitações de carnes, queijos e produtos industrializados... Contanto que deixem os animais em paz, que não haja trabalho escravo envolvido...
RAE-129	Em uma associação à culinária, por exemplo, (...) pensando em todas as vezes que eu fui a um restaurante vegano, vegetariano, e fui para "cair de boca" numa "mousse de limão", num "quindim vegano", tudo o que tenta imitar o que existe na culinária tradicional, e foi tão frustrante... Pizza de não sei o quê... (...) pelo amor de deus!, era melhor dar um outro nome, não falar mousse de limão, porque, vamos falar a verdade: é uma delícia... eu gosto! Tenho certeza que se eu for comer, vou adorar a mousse de limão verdadeira, original... Chamar isso de mousse de limão gera uma quebra de expectativa muito grande, assim como foi pra mim conhecer o tofu como "queijo vegano", "queijo de soja"... (...)Você já vai com aquela expectativa de queijo... Já faz uns dezessete anos que eu como tofu mas, no começo, eu pensei "o que que é isso?" (risos) Eu tive que me doutrinar a gostar daquilo, para conseguir comer aquilo porque há uma quebra de expectativa muito grande...! (...) Então, eu não sei se a gente pode transpor esse raciocínio também para o vestuário e para os calçados e acessórios...
RAE-131	(...) o mercado vegano está sempre tentando substituir produtos de origem animal, tanto na parte de alimentação (hoje, aqui no bazar [Caiçara Vegan Fest 2015] a gente tem, por exemplo, comidas que são tradicionalmente de origem animal... ----- Olha, sinceramente, talvez até tenha veganos que não gostam de imitações no vestuário, porque... assim como tem gente que não gosta de comer, por exemplo, a carne de jaca louca, que lembra muito [carne bovina], parece carne desfiada. Então talvez até tenha, realmente, por associarem... O movimento vegano realmente tem essas duas... dois pontos de vista, né? Por exemplo, o vegano e não quer nada que imite animal, de nenhuma uma forma, ou o vegano que acha bom que agora exista alguma coisa de couro de avestruz falsa, entendeu?

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Preocupações socioambientais

Aspectos associados à ecologia e/ou a preocupações socioambientais em relação a simulacros de materiais de origem animal

RAE-127

(...) eu não vejo nenhum problema na imitação: não contendo sofrimento animal, sendo vegano, tudo bem. Mas, também temos que nos atentar a um segundo ponto: este material está poluindo rios, prejudicando o meio ambiente? Digo isto porque o veganismo não se resume à ideologia de simplesmente não matar uma vaca para se extrair o couro... De repente, você está produzindo um material extremamente tóxico que, em sua produção polui rios que consequentemente matará peixes, árvores... Entende? Indiretamente, também está prejudicando animais. É bacana a gente pensar em uma moda que seja sustentável e acessível, porque a moda sustentável que existe não é. Portanto, temos que pensar em uma moda sustentável e acessível, pois, o sustentável por si só, já é vegano.

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Evocação ao material de origem animal

Aspectos que denotam evocação de simulacros de materiais de origem animal a materiais genuinamente originários de animais

RAE-124	<p>Por mais que eu use uma jaqueta de couro sintético, isso faz com que as pessoas associem ao uso de couro.</p> <p>É como usar uma coisa que pareça pele, mesmo que não seja, simbolicamente, lembra, simbolicamente, faz apologia. Estampas de vaca, de onça... também, lembram pele! Mesmo se for só a estampa, no algodão, aí é que tá...</p> <p>De fato, acho que o ideal é não parecer, pois, não faz apologia ideológica, simbólica ao uso de animais para nenhuma finalidade. Mesmo que não seja aquilo, representa....</p> <p>Em vestuário, tem tecidos que lembram seda, lã...</p> <p>Em relação ao couro e à pele, é muito mais evidente, lembram muito mais o animal, a gente associa muito mais...</p>
RAE-125	<p>(...) eu falo uma coisa, mas a pessoa está vendo outra... se ela não perguntar, vai para casa com aquilo na cabeça, tipo "ah... o cara estava ali falando para mim sobre os animais, mas estava usando couro..."", apela para a hipocrisia...</p> <p>Dos colegas que eu conheço, da ONG, a maioria evita usar esse tipo de imitação, por conta da associação.</p>
RAE-126	<p>Eu sempre associo ao verdadeiro mas, a imitação do couro passa batido...</p>
RAE-127	<p>Sabe aquelas coisas que imitam pele, pele, pele mesmo, tipo de... raposa?</p>
RAE-129	<p>Eu já tive um certo escrúpulo, cheguei a pensar nisso... Por que imitar? Por que não partir para um outro material que não seja aquele que se está tentando imitar? Porque não uma alternativa totalmente original? Já tinha pensado sobre isso, mas, não cheguei a uma conclusão, do ponto de vista moral ético, se haveria alguma implicação grave ou séria...</p> <p>Com esse pelo de aplique [sintético], eu também me sentia um pouco constrangida de usar, porque remete diretamente ao animal...</p> <p>Qual é linha demarcatória entre usar coisa verdadeira e uma que imita a tal ponto, tão perfeitamente, que parece?</p>
RAE-130	<p>No caso das peles, não vejo necessidade nenhuma de usar nenhuma, nem a fake, nem a de verdade, pois, a fake remete à de verdade.</p> <p>(...) esses que são similares, que remetem muito ao animal, eu não sou a favor...</p> <p>(...) então vão lá e compram um casaco com pele de urso, porque parece pele de urso...</p> <p>(...) tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro!</p>
RAE-131	<p>[Sobre a imagem da bota de couro de cobra] Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque pra mim isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja...</p> <p>(...) estão produzindo peles muito parecidas com a dos animais para casacos, bolsas... (...) A própria filha do Paul McCartney, a Stella, tem uma marca de produtos veganos, né... tudo ali é cópia de produtos de origem animal, principalmente couro e peles de outros animais que ainda se usam por aí...</p>

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Afetividade

Aspectos associados ao sentimento de afetividade em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RAE-128 (...) a pessoa que ama couro percebe que é possível ter uma jaqueta bacana, com uma "pegada rock'n roll" sem matar nenhum bicho.

Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...

Este meu sapato é dela [Stella McCartney], eu amo!, não tiro do pé e estou adorando bastante... Quase anda sozinho!

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Sofrimento

Aspectos associados à ideia de sofrimento infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

RAE-125 Acessórios que lembram pele... casacos... é meio complicado... parecem até penugem, sabe? Acho que estão associados a uma utilização ruim...

RAE-128 Tenho jaqueta que parece de couro que eu amo, da marca Ellus, que desenvolveu um tecido bem bacana... É mais barato, é lindo e não mata nenhum bicho, né...

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Heranças culturais

Aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de heranças culturais

RAE-126 Eu associava um pouco estampa de oncinha com coisa de peruá... não é o meu estilo, mas, não vejo problema, não julgo quem usa!

RAE-128 (...) é possível ter uma jaqueta bacana, com uma "pegada rock'n roll" sem matar nenhum bicho.

RAE-130 Acho que as imitações de peles remetem muito àquela coisa "das cavernas", sabe? Tipo primitivo, eu goto de coisas mais modernas! Usar animal é uma coisa primitiva, das cavernas, cafona!

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Assunto não atinado

Assunto, até então, ainda não atinado por alguns respondentes

RAE-124 Nunca conversei sobre isto com outras pessoas...

RAE-125 [Sobre as imitações de pérolas] Cara, boa questão, nunca tinha pensado sobre isso mas, acho problemático também, se for pensar...

RAE-131 [Sobre vestuário que lembre penas, ossos, patas de animais, porém, mais abstratamente] Nossa! Difícil, isso, viu, nunca parei para pensar nisso...

Respondentes: Subproblema 2: Categoria conceitual:

Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática

Referências que denotam a novidade da reflexão acadêmica sobre o assunto

RAE-129 Nunca vi, até hoje. É importante, sim! Mais do que dizer que é importante, eu diria que é também muito interessante porque eu gostaria de ter essa resposta, de saber de que forma as pessoas veem essas manifestações... No mundo vegano, quando a gente vai falar sobre esses assuntos, parece que você não consegue, de modo geral, não todo mundo, mas uma grande parte das pessoas, não se consegue falar sobre isso com isenção de ânimos, sem julgamentos, sem moralismos, patrulhamento...

(...) Eu quero saber qual é a verdade, até que ponto isso pode prejudicar ou não. Porque, se eu souber que isso vai prejudicar os animais, se eu tiver certeza disso, eu vou abrir mão, sim, principalmente dessas coisas, o fútil do fútil...

Apêndice “C”:**levantamento de dados pré-tratados do subproblema 3**

Levantamento de dados pré-tratados do subproblema 3, obtidos com especialistas das áreas de filosofia com ênfase em bioética, história dos direitos dos animais e do design de moda, por meio de questionários abertos, respondidos via *e-mail* e também por meio de aplicativo de troca de mensagens em rede social da *internet*.

Nas tabelas abaixo, constam trechos significativos selecionados e extraídos de comentários de usuários veganos indexadas por categorias temáticas que emergiram a partir da interpretação dos dados coletados.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

1/2

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

-
- REQ-133** Em se tratando de peles como cobras, jacarés e pelos, acredito que é divertido assumir o "fake", uma aparência menos irreal. O muito real pode fazer à alusão a um material antiético e ainda gerar desejo pela coisa verdadeira. Então, quando falamos de pele, ao meu ver, não há problema nenhum contanto que esse 'fake' seja assumido.
-
- Eu já vi veganos nos dois lados - a favor e contra os materiais sintéticos. Os contras normalmente debatem sobre fazer a alusão a um determinado material e isso pode gerar demanda para o verdadeiro ou reforçar a imagem de determinado material na moda/sociedade.
-
- REQ-134** A luz da relação entre o uso de materiais sintéticos e de origem animal mencionada na resposta nº1, haveria uma aceitabilidade moral crescente de acordo com a seguinte escala:
- 1) morte/sofrimento necessário do animal senciante para a confecção do produto;
 - 2) morte/sofrimento contingente do animal senciante para a confecção do produto;
 - 3) morte/frustação do animal não senciante para a confecção do produto.
- Em outras palavras, seria mais moralmente grave usar um simulacro de um material cuja obtenção exige direta e necessariamente a morte do animal (casaco de pele de raposa) do que um que não exige (casaco de pena de ganso), e esse em relação a um material proveniente de um animal não senciante (colar de pérolas).
-
- REQ-135** Acho que tem algumas imitações, que são mais gráficas, que eu não vejo um problema enorme, como estampas de oncinha... coisas que não remetem, que de bater o olho, você já sabe que não é a pele de um animal... Sabe que é só uma animal print ou alguma coisa assim...
-
- Agora, para casacos, tem uma infinidade de materiais térmicos, desde o nylon, imitações de couro, tem moletom... o chamois, que também remete um pouquinho ao que seria uma camurça, para mim, são todos aceitáveis...
-
- Sapato de couro sintético, acho que quase todos os veganos que eu conheço, eles usam. Não conheço ninguém que não use material sintético...
-
- Agora, o sapato de couro sintético, porque tem couro estampado de cobra que fica fiel, assim, eu já não usaria... Se for uma coisa "fake", eu usaria... Meu problema não é o gráfico... A Ellus fez uma coleção, há pouco tempo, que tinha um couro estampado que remetia a uma cobra coral... e ele era muito fiel, parecia muito com pele de cobra mesmo! Agente abordou a marca e tal, foi ver, pessoalmente, as peças e não eram... Mas, de qualquer maneira, me incomoda muito a semelhança muito forte do que eu acho que... é a mensagem que você transmite...
-
- Essa é bem falsa, né... Acho que não tem problema. Quando não é tão real, tudo bem. Na verdade, eu não usaria esta peça porque achei ela feia, mas, se fosse bonita, pelo fato de ser bem fake, não me incomodaria. Essas que são bem "pelúcia", não tem problema!
-
- Completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes... Eu acho a pele muito mais forte - não que o uso de couro seja aceitável -, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados...
-
- Não, não me incomodam, nem um pouco!
-

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

2/2

Aceitabilidade

Aspectos associados à questão, em si, da aceitabilidade de simulacros de materiais de origem animal

REQ-136

Usar algo que lembre essa moralidade brutal, típica do domínio dos humanos sobre os outros animais, não é algo louvável, pois estamos justamente lidando hoje com a urgência da abolição desses valores antropocêntricos especistas. Dado que não usamos a pele dos humanos para recobrir objetos nem para fazer casacos ou sapatos para outros humanos, não imaginamos fabricar sintéticos mimetizando pele humana. Se fazemos isso com a pele de outros animais, admitimos que fazer de suas peles nossos casacos ou revestimentos de sofás é algo sem qualquer implicação ética. Então, repetimos, simplesmente, o padrão moral milenar especista.

Sempre que compro sapatos e botas isso acontece. (...) quanto aos demais acessórios, tipo colares ou pulseiras que tenham algum cordão que desconfio ser de couro animal, boto os olhos e já desvio, não me interessa por nada que seja animalizado ou que imite o tecido animal. Bolsas, essas costumo comprar de artesãs, feitas de tecido mesmo.

Considero indesejável. Explico. Pelo que expus nas questões anteriores, quando se trata de uma pessoa vegana o peso de suas escolhas morais é muito maior do que o das escolhas feitas por pessoas que não estão afinadas com a questão dos animais. Entendo que algumas veganas se deixem ainda seduzir pelas estampas, texturas e padrões que lembram a pele de animais de outras espécies, porque tudo isso está fortemente marcado em suas memórias afetivas, sensuais e evoca emoções e lembranças de prazeres táteis dos quais elas não querem se desfazer. Mas, veja, se alguém se desfez de todos os prazeres palativos e gustativos relacionados ao que antes comia, se alguém se torna vegana, sabendo que diz adeus a tudo que antes constituía rotinas mentais prazerosas relativas ao prato, espetáculos, maquiagem etc., não vejo razão alguma para a pessoa abrir mão e fazer exceção quanto ao uso de texturas e padrões que sintetizam a pele de outros animais para uso pessoal ou mesmo decorativo. Essas pessoas veganas, obviamente, andarão pelas ruas, frequentarão espaços públicos, auditórios, sala de aula, comércio, nos quais todas as demais estão olhando sua estampa e cobiçando algo assim. As outras pessoas entrarão na primeira loja que venda produtos animalizados e os comprarão sem pestanejar. No final das contas, as veganas que se vestiam "apenas" com réplicas sintéticas da pele dos animais terão servido de propaganda viva e em cores para venda de peles reais de animais. Não vejo como isso possa ser "aliviado", por mais que eu compreenda o imaginário infantil que ainda está em cada pessoa quando ela se torna vegana. No momento atual, no qual ainda predomina a dominação dos humanos sobre todos os outros animais, tais práticas não evocam a abolição do uso de animais para consumo humano, elas reforçam o estereótipo moral da hierarquia entre animais humanos e seus pares animais outros que não os humanos, derrotados por nossas "preferências" estéticas.

[Limiar de aceitabilidade] A criação de texturas ou padrões que combinem resquícios do desenho de uma pele animal, mas no conjunto tenham outras informações que não remetam exclusivamente àquela pele, poderia ser uma passagem do grotesco que ainda evocamos hoje com tantas imitações, para a sutileza que nos fizesse lembrar do que um dia fizemos aos animais, sem encorajar o imaginário nem dar a ele a noção de que o que fizemos e ainda fazemos seja algo louvável. Um traço do padrão animal, recriado inteiramente em outros fractais, como padrões que lembrem sem fixar nenhum desejo de "reproduzir", "repetir", "ressoar" a ideia da legitimidade de se matar animais para se embelezar, essas poderiam ser estampas futuras. Mas elas não seriam imitações da pele do animal. Fariam referências sutis a ela sem reproduzir a barbárie que ali hoje ainda se vê retratada.

REQ-137

Muitos veganos não querem usar um vestuário que lembre o animal originalmente usado para a fabricação daquele produto. Assim como muitos outros não se incomodam. No meu caso, se os casacos fossem no modelo que trazem a cabeça e a calda de uma chinchila, por ex., eu não usaria. Mas a imitação sintética da pelagem simples, hoje bem comum, não me incomoda.

O que percebo nos veganos que conheço é que as imitações que lembram demasiadamente um animal, não são bem vindas. As imitações simples, que nem dá pra perceber que não são de origem animal, são bem vindas e muito divulgadas. A questão de estampas que façam alusão a corpos de animais, depende muito do foco dessa estampa. Ex. se é um corpo de um animal que é o símbolo de um grupo de defesa animal, não traz implicações éticas negativas. O que não é permitido e combatido por qualquer vegano sério, é uma estampa que traga o corpo de um animal em posição de exploração (estampa que traz um boi pulando dentro de uma arena de rodeio, uma camiseta de propaganda de rodeio), ele não só não usaria, como faria severas críticas a esse tipo de estampa.

REQ-138

A mim interessa basicamente a implicação ética dessas peças de vestuário. Se nenhum animal foi morto ou explorado para que sejam produzidos, não tenho objeção de base aos mesmos - fica por conta da sua funcionalidade e dos critérios estéticos de cada um, usar ou não usar. (...) é diferente com materiais de origem animal, que simplesmente não têm como ser obtidos sem comprometer os interesses fundamentais dos animais à vida e liberdade.

Admito ainda que a peça de roupa que você usa é como uma declaração de princípios, e por isso não gosto de usá-los. (...) então, não acho que os veganos devam se preocupar tanto em condenar quem usa ou produz imitações, e sim em conscientizar o público sobre o que são o especismo e a exploração animal.

(...) eu percebo em alguns veganos a resistência à ideia de usar imitações como uma perpetuação do especismo. Mas percebo também que muitas vezes não existe uma coerência ou consistência argumentativa nessa objeção, o que me faz concluir que ela é fundada sobre critérios emotivos e subjetivos.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

1/2

Incentivo ao consumo

Aspectos associados à ideia de incentivo ao consumo de materiais de origem animal por meio da glamorização eventualmente presente também em seus fidedignos simulacros

REQ-133	<p>O muito real pode fazer à alusão a um material antiético e ainda gerar desejo pela coisa verdadeira.</p> <p>Eu já vi veganos nos dois lados - a favor e contra os materiais sintéticos. Os contras normalmente debatem sobre fazer a alusão a um determinado material e isso pode gerar demanda para o verdadeiro ou reforçar a imagem de determinado material na moda/sociedade.</p>
REQ-134	<p>(...) sobre materiais sintéticos que imitam os de origem animal. Nesse caso, obviamente, nenhum animal foi ou será diretamente prejudicado para a confecção do produto. Entretanto, ainda assim cabe a seguinte objeção de ordem ética: quem usa, por exemplo, um casaco de couro sintético, contribui pessoalmente para dar uma aparência de normalidade moral ao uso do couro real. Essa pessoa ajuda a encobrir a injustiça que há detrás da exploração dos animais frente àquelas pessoas cuja sensibilidade moral poderia suspeitar que há algo errado nessa exploração. O usuário desse casaco ajuda a perpetuar a ideia de que é eticamente aceitável tratar os animais do modo como os tratamos. Ele ajuda a impedir que certos sentimentos públicos de condenação moral despontem na nossa sociedade contra a violência praticada aos animais. Perceba que, neste aspecto, há uma equivalência entre o uso de materiais de origem animal e o uso de materiais sintéticos que imitam os de origem animal. Há, por fim, uma outra objeção de natureza empírica; a de que o uso de materiais sintéticos acabaria estimulando o próprio usuário a comprar materiais de origem animal.</p>
REQ-135	<p>(...) com relação às peles sintéticas, acho elas lindas, têm uma estética muito legal, mas eu acho que elas acabam fazendo uma apologia ao uso de peles, porque na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal. E, de repente você é uma pessoa formadora de opinião e aparece usando, em uma foto de revista, um casaco de pele sintética que seja muito similar à pele do animal, acaba estimulando outras pessoas a buscarem coisas similares ou a acreditarem que aquilo é um modelo estético que elas buscam... Então, acabo não sendo a favor, eu não uso e me incomoda um pouco, quando vejo as pessoas usando, porque eu acho que acaba fazendo apologia...</p> <p>Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem! Agora, se remeter, exatamente, ao couro de cobra, eu acho que, de repente eu, usando, posso estimular outras pessoas que o veem a acharem "ai, que lindo!" e, inconscientemente, começarem a buscar coisas similares e, fatalmente, comprarem uma coisa de origem animal...</p>
REQ-136	<p>Essas pessoas veganas, obviamente, andarão pelas ruas, frequentarão espaços públicos, auditórios, sala de aula, comércio, nos quais todas as demais estão olhando sua estampa e cobiçando algo assim. As outras pessoas entrarão na primeira loja que venda produtos animalizados e os comprarão sem pestanejar. No final das contas, as veganas que se vestiam "apenas" com réplicas sintéticas da pele dos animais terão servido de propaganda viva e em cores para venda de peles reais de animais. Não vejo como isso possa ser "aliviado", por mais que eu compreenda o imaginário infantil que ainda está em cada pessoa quando ela se torna vegana</p>
REQ-138	<p>(...) eu percebo em alguns veganos a resistência à ideia de usar imitações como uma perpetuação do especismo. Mas percebo também que muitas vezes não existe uma coerência ou consistência argumentativa nessa objeção, o que me faz concluir que ela é fundada sobre critérios emotivos e subjetivos.</p>

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Indiscernibilidade

Aspectos associados à indiscernibilidade de simulacros de materiais de origem animal, em relação aos próprios materiais genuinamente derivados de animais

-
- REQ-135** Agora, o sapato de couro sintético, porque tem couro estampado de cobra que fica fiel, assim, eu já não usaria... Se for uma coisa "fake", eu usaria... Meu problema não é o gráfico... A Ellus fez uma coleção, há pouco tempo, que tinha um couro estampado que remetia a uma cobra coral... e ele era muito fiel, parecia muito com pele de cobra mesmo! Agente abordou a marca e tal, foi ver, pessoalmente, as peças e não eram... Mas, de qualquer maneira, me incomoda muito a semelhança muito forte do que eu acho que... é a mensagem que você transmite...
-
- O material que eu uso, que é similar ao de origem animal, é o poliuretano, que é o que o que eu acabo utilizando em sapatos e que pode remeter ao couro, talvez, que é mais brilhante, tem uma cara mais "plástica" mas... passa batido como couro!
-
- Eu, pessoalmente, não usaria, por ideologia, porque eu acho que é muito... é diferente daquelas estampas que você já identifica, prontamente, que não são de origem animal... Isso aqui me incomoda... [Até então, vendo a foto, não havia percebido que a estampa era metálica] Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem!
-
- (...) ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!
-
- REQ-136** No caso das botas, sandálias e sapatos, é praticamente impossível distinguir em muitos deles se foram compostos com couro bovino ou se temos ali uma imitação sintetizada.
-
- Já troquei ideias com algumas pessoas, por conta de jaquetas sintéticas que não se podia saber, só olhando, se eram couro animal ou imitação. Também quanto a botas e sapatos, sempre que posso, nos auditórios onde me apresento, faço questão de deixar claro que são sintéticos, embora não se possa saber só olhando de longe. Chego a usar botas já meio esfoladas, porque dá para ver que não são de couro animal. Mas nem sempre é possível andar com elas em certos espaços.
-
- REQ-138** Como vegano, eu reparo, por exemplo, se pessoas à minha volta usam roupas ou adereços de couro, e sem ter certeza de serem imitações ou originais, isso me causa estranhamento.
-

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Alternativas

Aspectos associados à consideração de simulacros como alternativas válidas de substituição de materiais de origem animal

REQ-135 (...) obviamente, eu sou favorável a que as marcas que usam pele animal, as substituam pelas sintéticas pois, afinal de contas, antes usar a sintética, do que usar a pele do animal, já que sente essa necessidade tão grande de usar esse material...

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Adequação social

Aspectos associados à adequação social de usuários veganos vinculada ao uso de vestimentas que contenham simulacros de materiais de origem animal

REQ-134 Sim, [já precisou utilizar simulacros de materiais de origem animal em] sapatos sociais e cintos para roupas sociais.

REQ-138 Sapatos e cintos que imitam couro são difíceis de achar, mas isso não é um grande problema na medida em que não costumo me vestir de modo formal.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Funcionalidade

Aspectos associados à funcionalidade de simulacros de materiais de origem animal

-
- REQ-133** No couro, a situação é mais complicada porque o couro é uma matéria-prima boa quando o assunto é design e durabilidade, ele envelhece bem e o desafio ainda é achar alguma opção que o substitua com qualidade e sustentabilidade. É uma matéria-prima mais 'essencial' que a pele. Então achar alguma coisa que o substitua de maneira satisfatória, parecendo ou não couro, para mim, como designer e como uma pessoa ativista dos direitos dos animais, já seria um grande ganho.
-
- Eu uso o tempo todo na verdade. Bolsas que parecem de couro, mas não são, casacos de pele sintética quando está frio.
-
- REQ-135** Agora, para casacos, tem uma infinidade de materiais térmicos, desde o nylon, imitações de couro, tem moletom... o chamois, que também remete um pouquinho ao que seria uma camurça, para mim, são todos aceitáveis...
-
- [Sobre a imitação do couro] Completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes... Eu acho a pele muito mais forte - não que o uso de couro seja aceitável -, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados...
-
- REQ-138** A mim interessa basicamente a implicação ética dessas peças de vestuário. Se nenhum animal foi morto ou explorado para que sejam produzidos, não tenho objeção de base aos mesmos - fica por conta da sua funcionalidade e dos critérios estéticos de cada um, usar ou não usar.
-

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Critério de seleção

Aspectos associados a critérios de seleção e distinção de simulacros de materiais de origem animal

REQ-136 Sempre que compro sapatos e botas isso acontece. A diferença (visualmente falando) entre a textura do couro animal e a do sintético, nos calçados e bolsas, é tão pequena que tenho que ficar insistindo com as vendedoras (que nunca sabem realmente do que o calçado é feito, porque ninguém insiste com elas em saber o que está comprando), que só vou levar se for absolutamente sintético, digo que tenho alergia ao couro animal, algo que me constrange porque não tenho.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Estética

Considerações estéticas associadas a simulacros de materiais em vestuário

REQ-133	Os animais são lindos e podemos replicar a padronagem, ao meu ver. Não há problemas. O que não podemos é matá-los para usar uma pele que não nos pertence.
REQ-135	(...) com relação às peles sintéticas, acho elas lindas, têm uma estética muito legal, mas eu acho que elas acabam fazendo uma apologia ao uso de peles, porque na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal. E, de repente você é uma pessoa formadora de opinião e aparece usando, em uma foto de revista, um casaco de pele sintética que seja muito similar à pele do animal, acaba estimulando outras pessoas a buscarem coisas similares ou a acreditarem que aquilo é um modelo estético que elas buscam...
REQ-136	Com a expansão da consciência humana e os recursos dos quais hoje já dispomos para criar estampas, padrões e texturas sem evocar os milênios nos quais matamos animais para lhes roubar as peles, o couro, as plumagens, a lã, não vejo necessidade alguma em fixar a arte nos padrões da pele animal. Podemos criar milhões de desenhos e de matérias que dão fofura, impermeabilidade, resistência, maleabilidade, colorido, sobriedade, leveza, beleza etc., sem precisar depender dos fractais animalizados. A criação de texturas ou padrões que combinem resquícios do desenho de uma pele animal, mas no conjunto tenham outras informações que não remetam exclusivamente àquela pele, poderia ser uma passagem do grotesco que ainda evocamos hoje com tantas imitações, para a sutileza que nos fizesse lembrar do que um dia fizemos aos animais, sem encorajar o imaginário nem dar a ele a noção de que o que fizemos e ainda fazemos seja algo louvável. Um traço do padrão animal, recriado inteiramente em outros fractais, como padrões que lembrem sem fixar nenhum desejo de "reproduzir", "repetir", "ressoar" a ideia da legitimidade de se matar animais para se embelezar, essas poderiam ser estampas futuras. Mas elas não seriam imitações da pele do animal. Fariam referências sutis a ela sem reproduzir a barbárie que ali hoje ainda se vê retratada.
REQ-138	Denota um certo especismo essa ideia de que é normal e aceitável usar peças que remetem a peles ou pelos de animais, ou mesmo padrões de cores, como no caso do animal print. Mas eu penso que isso é basicamente uma questão emocional. Se nós conseguirmos abolir o uso e exploração de animais, que é o que importa, provavelmente essa nova sensibilidade ética irá interferir nos nossos padrões estéticos.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Qualidade e durabilidade

Aspectos associados à ideia de qualidade e durabilidade dos simulacros de materiais de origem animal

REQ-135 Completamente aceitável, porque eu acho que é o que existe hoje de alternativa, com uma durabilidade grande e que cumpre a função do que seria o couro animal. Acho que é diferente da imitação da pele: para mim, são mensagens diferentes... Eu acho a pele muito mais forte - não que o uso de couro seja aceitável -, na verdade, eu acho que usar o couro sintético, hoje, o material que seria substitutivo ao couro, em relação a durabilidade e esse tipo de coisa, que esteja disponível no mercado, é poliuretano, esses materiais sintéticos, plastificados...

REQ-138 Mais problemático é encontrar pares de tênis veganos que sejam resistentes.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Constrangimento social

Aspectos associados à sensação de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal

REQ-135 (...) eu tenho, em casa, um casaco de pele fake que tem cara de pele!, e ele, eu não uso mais, porque eu me sinto constrangida de usar porque eu acho que estou transmitindo uma mensagem que não é a que eu quero transmitir.

REQ-136 Sempre que compro sapatos e botas isso acontece. A diferença (visualmente falando) entre a textura do couro animal e a do sintético, nos calçados e bolsas, é tão pequena que tenho que ficar insistindo com as vendedoras (que nunca sabem realmente do que o calçado é feito, porque ninguém insiste com elas em saber o que está comprando), que só vou levar se for absolutamente sintético, digo que tenho alergia ao couro animal, algo que me constrange porque não tenho.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Demanda comercial

Aspectos associados à demanda comercial por vestuário que contenha simulacros de materiais de origem animal

REQ-138 Sapatos e cintos que imitam couro são difíceis de achar, mas isso não é um grande problema na medida em que não costumo me vestir de modo formal. Mais problemático é encontrar pares de tênis veganos que sejam resistentes.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Repugnância

Aspectos associados a escrúpulos, nojo e/ou repugnância em relação à ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais artificiais

REQ-135

Eu, pessoalmente, não usaria, por ideologia, porque eu acho que é muito... é diferente daquelas estampas que você já identifica, prontamente, que não são de origem animal... Isso aqui me incomoda... [Até então, vendo a foto, não havia percebido que a estampa era metálica] Quando é uma versão que você identifica, de primeira que, não tem nada a ver, se for prateado, aí tudo bem!

Além de eu achar horrível, eu acho que remete... Existem campanhas internacionais, especificamente, contra o uso desta bota, porque a pele dela é de carneiro e é extraída da forma mais cruel... (...) ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!

REQ-138

Alguns veganos sentem uma certa repulsa às imitações de peças de origem animal, como couro e lã.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Analogias com a alimentação

Aspectos associados à construção de analogias e paralelos com a ideia de simulacro de alimentos de origem animal

REQ-134 Há, por fim, um outra objeção de natureza empírica; a de que o uso de materiais sintéticos acabaria estimulando o próprio usuário a comprar materiais de origem animal. Note que esse argumento (que a filosofia chama de "ladeira escorregadia") se aplicaria igualmente ao consumo de "carne falsa", como um bife de soja. Essa justificativa exigiria uma comprovação de que há, de fato, essa influência probabilística, por meio de uma pesquisa sociológica/psicológica entre consumidores desses materiais.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Preocupações socioambientais

Aspectos associados à ecologia e/ou a preocupações socioambientais em relação a simulacros de materiais de origem animal

-
REQ-133	No couro, a situação é mais complicada porque o couro é uma matéria-prima boa quando o assunto é design e durabilidade, ele envelhece bem e o desafio ainda é achar alguma opção que o substitua com qualidade e sustentabilidade.
-
REQ-135	Fora do Brasil, por exemplo, você tem couros sintéticos veganos que são biodegradáveis, porque a gente sabe que isso aqui (couro sintético do sapato da entrevistada) é super poluente. Obviamente, o impacto do petróleo... já tem estudos que comprovam que seu o impacto é menor do que o do couro, no mundo, mas, de qualquer maneira, ele poderia ser mais verde, deixar uma pegada menor no mundo... Eu sei que na Europa comercializam sapatos veganos de couro vegetal biodegradável...
-
REQ-138	Outras questões na produção e uso desses materiais podem entrar em debate - por exemplo, sua sustentabilidade. Mas havendo uma extração e manejo adequado das matérias-primas, não há o que se objetar. ----- Partindo da premissa que eu elaborei na questão anterior, uma vez que determinado material não seja de origem animal, outros critérios podem surgir. (...) Outros critérios, como a sustentabilidade ou o tipo de mão-de-obra empregado na cadeia produtiva, são universalizáveis e relevantes. É importante que a indústria da moda, como todas as outras, atenda a padrões mínimos de sustentabilidade de dignidade do trabalho.
-

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Evocação ao material de origem animal

Aspectos que denotam evocação de simulacros de materiais de origem animal a materiais genuinamente originários de animais

-
- REQ-135** A Ellus fez uma coleção, há pouco tempo, que tinha um couro estampado que remetia a uma cobra coral... e ele era muito fiel, parecia muito com pele de cobra mesmo! Agente abordou a marca e tal, foi ver, pessoalmente, as peças e não eram...

(...)na maioria dessas peles sintéticas, tem muitas que já se parecem com a pele animal.

As imitações da marca da Zara são muito gostosas... reais...!

O material que eu uso, que é similar ao de origem animal, é o poliuretano, que é o que o que eu acabo utilizando em sapatos e que pode remeter ao couro, talvez, que é mais brilhante, tem uma cara mais "plástica" mas... passa batido como couro!

(...) eu tenho, em casa, um casaco de pele fake que tem cara de pele!, e ele, eu não uso mais, porque eu me sinto constrangida de usar porque eu acho que estou transmitindo uma mensagem que não é a que eu quero transmitir.

Além de eu achar horrível, eu acho que remete... Existem campanhas internacionais, especificamente, contra o uso desta bota, porque a pele dela é de carneiro e é extraída da forma mais cruel... Existe uma investigação do Peta, específica para essa bota que virou uma febre nas regiões que tem neve... que, em geral, a pele é verdadeira... não sei se essa é... Ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!
-
- REQ-136** Toda imitação é uma mimetização, uma repetição, um eco, portanto, produz ressonância no campo onde ocorrer. (...) o objetivo é espalhar aquela textura, fazer lembrar algo que não estaria ali, mas acaba por estar por conta da padronização sintetizada.

(...) entendo a emoção de muitas pessoas que "gostam" muito de estampas e padrões que lembram a pele de felinos silvestres, répteis, ou a plumagem de pássaros. As sensações que as pessoas têm, infelizmente, estão muito associadas à memória da textura macia que a pele natural ou a plumagem natural deixou em seus cérebros na infância.

No momento atual, no qual ainda predomina a dominação dos humanos sobre todos os outros animais, tais práticas não evocam a abolição do uso de animais para consumo humano, elas reforçam o estereótipo moral da hierarquia entre animais humanos e seus pares animais outros que não os humanos, derrotados por nossas "preferências" estéticas.
-
- REQ-137** (...) uma prima presenteou com algumas roupas de frio, dentre elas tinha uma que parecia muito ser de coelho, mas era sintético
-
- REQ-138** Confesso que eu não tenho muito apreço por essas imitações, por remeterem a peles e pêlos de animais explorados e mortos. Admito ainda que a peça de roupa que você usa é como uma declaração de princípios, e por isso não gosto de usá-los.

O especismo implícito nas imitações me parece uma questão digna de reflexão. Uma peça como o couro ou seda, por exemplo, que não nos remetem imediatamente à pele de um animal, poderiam ser facilmente dissociados da sua origem. Outras, como casacos de pele ou estampas de animais merecem uma reflexão mais cautelosa. Mas, como afirmado anteriormente, o mais importante é que não haja nenhum animal explorado para a produção da peça.
-

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Afetividade

Aspectos associados ao sentimento de afetividade em relação a alguns tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

REQ-133 Sou apaixonada por estampas de leopardo, então tenho uma variedade tremenda.

REQ-136 (...) entendo a emoção de muitas pessoas que “gostam” muito de estampas e padrões que lembram a pele de felinos silvestres, répteis, ou a plumagem de pássaros. As sensações que as pessoas têm, infelizmente, estão muito associadas à memória da textura macia que a pele natural ou a plumagem natural deixou em seus cérebros na infância. A questão, então é esta: se a pessoa é vegana, o que significa não apenas que ela deixou de comer animais, mas que ela luta pela abolição de todos os usos de animais para propósitos humanos, sejam esses considerados fundamentais ou triviais, não importa, por que ela usaria seu corpo para transmitir mensagens que evocam sempre a moralidade da matança dos animais para cobrir os corpos humanos ou recobrir seus objetos de estima? A coerência ética exige que desdobremos todas as pregas morais nas quais nos embrulhamos até hoje. Não basta desfazer-se apenas dos restos dos animais no prato. É preciso desfazer-se, desapegar-se até mesmo da memória do tempo em que os restos de suas peles eram fonte de prazer humano.

Entendo que algumas veganas se deixem ainda seduzir pelas estampas, texturas e padrões que lembram a pele de animais de outras espécies, porque tudo isso está fortemente marcado em suas memórias afetivas, sensuais e evoca emoções e lembranças de prazeres táteis dos quais elas não querem se desfazer. Mas, veja, se alguém se desfez de todos os prazeres palativos e gustativos relacionados ao que antes comia, se alguém se torna vegana, sabendo que diz adeus a tudo que antes constituía rotinas mentais prazerosas relativas ao prato, espetáculos, maquiagem etc., não vejo razão alguma para a pessoa abrir mão e fazer exceção quanto ao uso de texturas e padrões que sintetizam a pele de outros animais para uso pessoal ou mesmo decorativo.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Sofrimento

Aspectos associados à ideia de sofrimento infligido a animais em relação a simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais

REQ-135

Além de eu achar horrível, eu acho que remete... Existem campanhas internacionais, especificamente, contra o uso desta bota, porque a pele dela é de carneiro e é extraída da forma mais cruel... Existe uma investigação do Peta, específica para essa bota que virou uma febre nas regiões que tem neve... que, em geral, a pele é verdadeira... não sei se essa é... Ela me incomoda, não usaria porque, para mim, parece de verdade! Se eu já tive que me aproximar para olhar de perto, é porque ela parece!

REQ-138

Confesso que eu não tenho muito apreço por essas imitações, por remeterem a peles e pêlos de animais explorados e mortos.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Heranças culturais

Aspectos associados à ideia de que o uso de simulacros de materiais de origem animal estaria vinculado à existência de heranças culturais

REQ-136 Mas temos a outra implicação, nada positiva, que é a de vestir alguém ou revestir algo com uma estampa lembrando o padrão da pele de certo animal. Acontece que o uso da pele animal para se vestir ou para revestir objetos é um conceito moral milenar herdado dos tempos nos quais os animais eram vistos como fonte de matéria natural para cobertura dos corpos humanos. Este conceito da pele do animal como passível de ser usada, cortada, recortada como matéria prima, dissociada do sujeito que estava abrigado naquela pele e foi morto para que ela pudesse ser usada pelo humano, tal padrão moral deixou de ser considerado minimamente aceitável na ética contemporânea. Usar algo que lembre essa moralidade brutal, típica do domínio dos humanos sobre os outros animais, não é algo louvável, pois estamos justamente lidando hoje com a urgência da abolição desses valores antropocêntricos especistas.

.....
A coerência ética exige que desdobremos todas as pregas morais nas quais nos embulhamos até hoje. Não basta desfazer-se apenas dos restos dos animais no prato. É preciso desfazer-se, desapegar-se até mesmo da memória do tempo em que os restos de suas peles eram fonte de prazer humano.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Desconhecimento de pesquisas sobre a mesma temática

Referências que denotam a novidade da reflexão acadêmica sobre o assunto

REQ-133 Não.

REQ-134 Não.

REQ-135 Não, acho que nem fora do Brasil...

REQ-136 Desconheço. Isso não quer dizer que não existam. Diz apenas que não tive acesso a qualquer literatura sobre isso.

REQ-137 Não, sobre a aceitabilidade, não.

REQ-138 Não.

Respondentes: Subproblema 3: Categoria conceitual:

Reapropriações desta discussão em outros contextos

Potencial utilização dos resultados desta discussão mais sistemática sobre o tema

REQ-135 Acho que para a moda para veganos, para alguém que vai abrir uma marca de moda para veganos, é relevante. Agora, o que eu acho, de fato, bastante relevante, é uma pesquisa nacional para a busca, o desenvolvimento tecnológico de novos materiais.

REQ-136 Acho seu tema altamente relevante, justamente porque ainda não levamos a público entre veganos um debate sobre o assunto. Acho que sua dissertação poderá ensejar mais um dos tantos desdobramentos das pregas morais na existência abolicionista de uma pessoa vegana.

Apêndice “D”:**Questionário aplicado com usuários do subproblema 1:**

Técnica de coleta de dados a ser empregada: questionários respondidos por usuários veganos membros de comunidades veganas em rede social da *internet*.

1.

O que você pensa a respeito das imitações de materiais de origem animal em vestuário de veganos?

2.

Que tipos de imitações de materiais de origem animal, em vestuário, você já viu?

3.

Você possui alguma peça de vestuário com que contém materiais artificiais que remetem a materiais de origem animal? Se sim, qual ou quais?

4.

Você já esteve em situações em que precisou utilizar roupas e/ou acessórios com materiais sintéticos que aludem ou imitam materiais de origem animal?

5.

Se já usou algum tipo de simulacro, como se sentiu ao utilizá-lo? Por quê?

Apêndice “E”:**roteiro para entrevistas pessoais com usuários do subproblema 1 e
ativistas do subproblema 2:**

Técnica de coleta de dados a ser empregada: entrevistas pessoais semiestruturadas, em profundidade e, eventualmente, estimuladas por meio de imagens de alguns simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, empregados em vestuário.

1.

Que tipos de materiais artificiais semelhantes a materiais de origem animal, em vestuário, você já viu ou conhece?

2.

Você já teve ou tem roupas e/ou acessórios que contêm materiais sintéticos que imitam ou são parecidos com materiais de origem animal?

3.

O que você acha da ideia de imitação de materiais de origem animal (em materiais sintéticos) no vestuário?

4.

Se já utilizou ou utiliza roupas e acessórios que contêm materiais sintéticos que imitam ou lembram materiais de origem animal, como se sentiu ou sente utilizando-as?

5.

Já houve alguma situação ou contexto social em que foi necessário utilizar roupas e/ou acessórios com materiais sintéticos que imitam ou aludem a materiais de origem animal? Se sim, qual ou quais e porque?

Apêndice “F”:

roteiro para entrevistas com especialistas do subproblema 3:

Técnica de coleta de dados a ser empregada: questionários abertos a serem respondidos via *e-mail* ou por meio de aplicativo de troca de mensagens de rede social virtual.

1. Que você acha da imitação, em materiais sintéticos, de materiais de origem animal? (Que implicações poderia haver? Você acha tecnicamente aceitável a imitação em materiais sintéticos de materiais de origem animal em vestuário de veganos? Que limites práticos, sociológicos e filosóficos você encontraria nesta questão?)

2. Já houve alguma situação prática, em sua vida cotidiana, em que precisou usar ou adquirir algum produto de vestuário (roupas, calçados ou acessórios) que contivesse um material que imitasse outro de origem animal?

3. Você consideraria que a questão da imitação de materiais de origem animal em vestuário de veganos é desejável, indesejável ou irrelevante/indiferente? Caso considere a questão do simulacro, ao menos em determinadas instâncias, indesejável, esta matéria seria um imperativo categórico e universalizável ou haveria nuances de relativização cabíveis caso a caso? Insistindo no caso de você considerar ao menos algumas instâncias indesejáveis e caso também considere haver nuances de relativização nesta matéria, que situações tenderiam à não aceitabilidade e que outras à aceitabilidade?

4. Dentre todos os tipos de simulacros de materiais de origem animal que conhece (desde imitações de peles, penas, fibras feitas a partir de pelos e secreções, pérolas, madrepérolas, até estampas que façam alusão a corpos de animais) alguns pareceriam mais ou menos aceitáveis do que outros? Em caso afirmativo, você teria como elaborar ainda mais um pouco?

5. Você já observou outros veganos preocupados em relação a ideia de simulacro de materiais de origem animal? Em caso afirmativo, em que contexto e em que tipo de questão?

6. Você, por acaso, já soube de alguma outra pesquisa a respeito desta temática da aceitabilidade do simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos em vestuários de veganos?

Anexo “A”:

entrevistas selecionadas do subproblema 3

Entrevista concedida pelo filósofo eticista Dr. Carlos Naconecy, via e-mail, em 11 de julho de 2016:

1. Que você acha da imitação, em materiais sintéticos, de materiais de origem animal? (Que implicações poderia haver? Você acha tecnicamente aceitável a imitação em materiais sintéticos de materiais de origem animal em vestuário de veganos? Que limites práticos, sociológicos e filosóficos você encontraria nesta questão?)

Carlos Naconecy: *Primeiramente, há que se ter em conta situações eticamente distintas a respeito do uso de materiais (autênticos) de origem animal:*

- a) Quando um animal é morto para que alguém use uma parte dele. Por exemplo, quando alguém, numa floresta, mata uma raposa (coelho/urso/etc.) visando utilizar a pele desse animal.*
- b) Quando alguém compra um objeto de origem animal, mas, devido ao tamanho e a complexidade da cadeia de fornecimento desse produto, um novo animal não será violentado a fim de se confeccionar um item de reposição do estoque. Ou seja, sua compra passará despercebida pela indústria responsável pela violência ao animal.*
- c) Quando alguém compra um objeto de origem animal e, devido a isso, um novo animal será violentado para repor o estoque.*
- d) Quando alguém compra um objeto de origem animal que é apenas um subproduto de uma outra indústria – notadamente, a da carne.*
- e) Quando alguém usa um objeto de origem animal, mas isso não envolve dar suporte financeiro às indústrias de exploração de animais. Por exemplo, no uso de roupas de segunda mão, doadas, achadas no lixo, etc.*

Note que cada uma dessas situações pode ser abordada diferentemente pela Ética Animal, com desdobramentos filosóficos distintos. Mas seu ponto é outro: você pergunta sobre materiais sintéticos que imitam os de origem animal.

Nesse caso, obviamente, nenhum animal foi ou será diretamente prejudicado para a confecção do produto. Entretanto, ainda assim cabe a seguinte objeção

de ordem ética: quem usa, por exemplo, um casaco de couro sintético, contribui pessoalmente para dar uma aparência de normalidade moral ao uso do couro real. Essa pessoa ajuda a encobrir a injustiça que há detrás da exploração dos animais frente àquelas pessoas cuja sensibilidade moral poderia suspeitar que há algo errado nessa exploração. O usuário desse casaco ajuda a perpetuar a ideia de que é eticamente aceitável tratar os animais do modo como os tratamos. Ele ajuda a impedir que certos sentimentos públicos de condenação moral despontem na nossa sociedade contra a violência praticada aos animais.

Perceba que, neste aspecto, há uma equivalência entre o uso de materiais de origem animal e o uso de materiais sintéticos que imitam os de origem animal. Há, por fim, um outra objeção de natureza empírica; a de que o uso de materiais sintéticos acabaria estimulando o próprio usuário a comprar materiais de origem animal. Note que esse argumento (que a filosofia chama de “ladeira escorregadia”) se aplicaria igualmente ao consumo de “carne falsa”, como um bife de soja. Essa justificativa exigiria uma comprovação de que há, de fato, essa influência probabilística, por meio de uma pesquisa sociológica/psicológica entre consumidores desses materiais.

2. Já houve alguma situação prática, em sua vida cotidiana, em que precisou usar ou adquirir algum produto de vestuário (roupas, calçados ou acessórios) que contivesse um material que imitasse outro de origem animal?

Carlos Naconecky: *Sim, sapatos sociais e cintos para roupas sociais.*

3. Você consideraria que a questão da imitação de materiais de origem animal em vestuário de veganos é desejável, indesejável ou irrelevante/indiferente?

Caso considere a questão do simulacro, ao menos em determinadas instâncias, indesejável, esta matéria seria um imperativo categórico e universalizável ou haveria nuances de relativização cabíveis caso a caso? Insistindo no caso de você considerar ao menos algumas instâncias indesejáveis e caso também considere haver nuances de relativização

nesta matéria, que situações tenderiam à não aceitabilidade e que outras à aceitabilidade?

Carlos Naconecy: *Vide resposta nº1.*

4. Dentre todos os tipos de simulacros de materiais de origem animal que conhece (desde imitações de peles, penas, fibras feitas a partir de pelos e secreções, pérolas, madrepérolas, até estampas que façam alusão a corpos de animais) alguns pareceriam mais ou menos aceitáveis do que outros? Em caso afirmativo, você teria como elaborar ainda mais um pouco?

Carlos Naconecy: *À luz da relação entre o uso de materiais sintéticos e de origem animal mencionada na resposta nº1, haveria uma aceitabilidade moral crescente de acordo com a seguinte escala:*

- 1) morte/sofrimento necessário do animal senciente para a confecção do produto;*
 - 2) morte/sofrimento contingente do animal senciente para a confecção do produto;*
 - 3) morte/frustração do animal não senciente para a confecção do produto.*
- Em outras palavras, seria mais moralmente grave usar um simulacro de um material cuja obtenção exige direta e necessariamente a morte do animal (casaco de pele de raposa) do que um que não exige (casaco de pena de ganso), e esse em relação a um material proveniente de um animal não senciente (colar de pérolas).*

5. Você já observou outros veganos preocupados em relação a ideia de simulacro de materiais de origem animal? Em caso afirmativo, em que contexto e em que tipo de questão?

Carlos Naconecy: *Sim, em grupos de discussão de temática animalista em redes sociais, como no Facebook.*

6. Você, por acaso, já soube de alguma outra pesquisa a respeito desta temática da aceitabilidade do simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos em vestuários de veganos?

Carlos Naconecy: *Não.*

Entrevista concedida pela filósofa eticista Dr. Phil. Sônia T. Felipe, via e-mail, em 08 de julho de 2016:

Que você acha da imitação, em materiais sintéticos, de materiais de origem animal?

Sônia T. Felipe: *Toda imitação é uma mimetização, uma repetição, um eco, portanto, produz ressonância no campo onde ocorrer. Seu efeito é multiplicar algo, expandir o alcance disso para mais e mais pessoas. Na imitação de estampas ou padrões que referem a textura da pele animal, dá-se o mesmo que em qualquer outra replicação, seja de cores, de formas ou de texturas. O objetivo é espalhar aquela textura, fazer lembrar algo que não estaria ali, mas acaba por estar por conta da padronização sintetizada.*

Que implicações poderia haver?

Sônia T. Felipe: *Temos pelo menos duas implicações. A primeira delas parece muito positiva, é a que lembra a existência daquele animal cuja pele ou plumagem foi replicada sinteticamente. Isso, repito, aparentemente é visto como algo positivo, por tornar forçar o “referente ausente”, conforme expressão de Carol J. Adams, outra vez a se tornar presente, ainda que sintetizadamente, ainda que somente no imaginário. Mas temos a outra implicação, nada positiva, que é a de vestir alguém ou revestir algo com uma estampa lembrando o padrão da pele de certo animal. Acontece que o uso da pele animal para se vestir ou para revestir objetos é um conceito moral milenar herdado dos tempos nos quais os animais eram vistos como fonte de matéria natural para cobertura dos corpos humanos. Este conceito da pele do animal como passível de ser usada, cortada, recortada como matéria prima, dissociada do sujeito que estava abrigado naquela pele e foi morto para que ela pudesse ser usada pelo humano, tal padrão moral deixou de ser considerado minimamente aceitável na ética contemporânea. Usar algo que lembre essa moralidade brutal, típica do domínio dos humanos sobre os outros animais, não é algo louvável, pois estamos justamente lidando hoje com a urgência da abolição desses valores antropocêntricos especistas. Dado que não usamos a pele dos humanos para recobrir objetos nem para fazer casacos ou sapatos para outros humanos, não*

imaginamos fabricar sintéticos mimetizando pele humana. Se fazemos isso com a pele de outros animais, admitimos que fazer de suas peles nossos casacos ou revestimentos de sofás é algo sem qualquer implicação ética. Então, repetimos, simplesmente, o padrão moral milenar especista.

Você acha tecnicamente aceitável a imitação em materiais sintéticos de materiais de origem animal em vestuário de veganos?

Sônia T. Felipe: *Primeiramente, preciso dizer que entendo a emoção de muitas pessoas que “gostam” muito de estampas e padrões que lembram a pele de felinos silvestres, répteis, ou a plumagem de pássaros. As sensações que as pessoas têm, infelizmente, estão muito associadas à memória da textura macia que a pele natural ou a plumagem natural deixou em seus cérebros na infância. A questão, então é esta: se a pessoa é vegana, o que significa não apenas que ela deixou de comer animais, mas que ela luta pela abolição de todos os usos de animais para propósitos humanos, sejam esses considerados fundamentais ou triviais, não importa, por que ela usaria seu corpo para transmitir mensagens que evocam sempre a moralidade da matança dos animais para cobrir os corpos humanos ou recobrir seus objetos de estima? A coerência ética exige que desdobremos todas as pregas morais nas quais nos embrulhamos até hoje. Não basta desfazer-se apenas dos restos dos animais no prato. É preciso desfazer-se, desapegar-se até mesmo da memória do tempo em que os restos de suas peles eram fonte de prazer humano.*

Que limites práticos, sociológicos e filosóficos você encontraria nesta questão?

Sônia T. Felipe: *As empresas estão voltadas para atender às demandas de quem adquire seus produtos. Se não há demanda não haverá ofertas. No caso das botas, sandálias e sapatos, é praticamente impossível distinguir em muitos deles se foram compostos com couro bovino ou se temos ali uma imitação sintetizada. Se há um direito de quem compra um produto de ser informado sobre a matéria do que o compõe, a questão prática é um direito que no Brasil não é respeitado, no caso da venda de calçados, por exemplo. Nos demais países sempre tem uma etiqueta indicando a origem, se animal, sintética ou*

têxtil, de cada uma das partes de um sapato, bolsa, cinto, sandália ou bota. Quando há semelhança entre produtos naturais ou sintetizados, o direito de não ser enganada na hora da compra deveria ser respeitado sem delongas. Outro dia, procurando uma bota, encontrei uma que me agradou. Esta tinha a etiqueta indicando a origem de cada parte dela. Coincidentemente, era da marca que compro desde que me tornei vegana há quase 18 anos. Continuei na loja procurando outros modelos e conferindo se traziam aquele selo indicando a origem dos componentes. Nenhuma outra tinha. Isso não existe na Europa ou nos Estados Unidos da América do Norte. Algo que precisamos reverter. Veganos não são consumi-dores. Nós não queremos consumir a dor (consumidor) dos animais.

Já houve alguma situação prática, em sua vida cotidiana, em que precisou usar ou adquirir algum produto de vestuário (roupas, calçados ou acessórios) que contivesse um material que imitasse outro de origem animal?

Sônia T. Felipe: *Sempre que compro sapatos e botas isso acontece. A diferença (visualmente falando) entre a textura do couro animal e a do sintético, nos calçados e bolsas, é tão pequena que tenho que ficar insistindo com as vendedoras (que nunca sabem realmente do que o calçado é feito, porque ninguém insiste com elas em saber o que está comprando), que só vou levar se for absolutamente sintético, digo que tenho alergia ao couro animal, algo que me constrange porque não tenho. Quanto aos demais acessórios, tipo colares ou pulseiras que tenham algum cordão que desconfio ser de couro animal, boto os olhos e já desvio, não me interessa por nada que seja animalizado ou que imite o tecido animal. Bolsas, essas costumo comprar de artesãs, feitas de tecido mesmo.*

Você consideraria que a questão da imitação de materiais de origem animal em vestuário de veganos é desejável, indesejável ou irrelevante/indiferente? Caso considere a questão do simulacro, ao menos em determinadas instâncias, indesejável, esta matéria seria um imperativo categórico e universalizável ou haveria nuances de relativização cabíveis caso a caso? Insistindo no caso de você considerar

ao menos algumas instâncias indesejáveis e caso também considere haver nuances de relativização nesta matéria, que situações tenderiam à não aceitabilidade e que outras à aceitabilidade?

Sônia T. Felipe: *Considero indesejável. Explico. Pelo que expus nas questões anteriores, quando se trata de uma pessoa vegana o peso de suas escolhas morais é muito maior do que o das escolhas feitas por pessoas que não estão afinadas com a questão dos animais. Entendo que algumas veganas se deixem ainda seduzir pelas estampas, texturas e padrões que lembram a pele de animais de outras espécies, porque tudo isso está fortemente marcado em suas memórias afetivas, sensuais e evoca emoções e lembranças de prazeres táteis dos quais elas não querem se desfazer. Mas, veja, se alguém se desfez de todos os prazeres palativos e gustativos relacionados ao que antes comia, se alguém se torna vegana, sabendo que diz adeus a tudo que antes constituía rotinas mentais prazerosas relativas ao prato, espetáculos, maquiagem etc., não vejo razão alguma para a pessoa abrir mão e fazer exceção quanto ao uso de texturas e padrões que sintetizam a pele de outros animais para uso pessoal ou mesmo decorativo. Essas pessoas veganas, obviamente, andarão pelas ruas, frequentarão espaços públicos, auditórios, sala de aula, comércio, nos quais todas as demais estão olhando sua estampa e cobiçando algo assim. As outras pessoas entrarão na primeira loja que venda produtos animalizados e os comprarão sem pestanejar. No final das contas, as veganas que se vestiam “apenas” com réplicas sintéticas da pele dos animais terão servido de propaganda viva e em cores para venda de peles reais de animais. Não vejo como isso possa ser “aliviado”, por mais que eu compreenda o imaginário infantil que ainda está em cada pessoa quando ela se torna vegana. No momento atual, no qual ainda predomina a dominação dos humanos sobre todos os outros animais, tais práticas não evocam a abolição do uso de animais para consumo humano, elas reforçam o estereótipo moral da hierarquia entre animais humanos e seus pares animais outros que não os humanos, derrotados por nossas “preferências” estéticas.*

Dentre todos os tipos de simulacros de materiais de origem animal que conhece (desde imitações de peles, penas, fibras feitas a partir de pelos e secreções, pérolas, madreperlas, até estampas que façam alusão a

corpos de animais) alguns pareceriam mais ou menos aceitáveis do que outros? Em caso afirmativo, você teria como elaborar ainda mais um pouco?

Sônia T. Felipe: *Com a expansão da consciência humana e os recursos dos quais hoje já dispomos para criar estampas, padrões e texturas sem evocar os milênios nos quais matamos animais para lhes roubar as peles, o couro, as plumagens, a lã, não vejo necessidade alguma em fixar a arte nos padrões da pele animal. Podemos criar milhões de desenhos e de matérias que dão fofura, impermeabilidade, resistência, maleabilidade, colorido, sobriedade, leveza, beleza etc., sem precisar depender dos fractais animalizados. A criação de texturas ou padrões que combinem resquícios do desenho de uma pele animal, mas no conjunto tenham outras informações que não remetam exclusivamente àquela pele, poderia ser uma passagem do grotesco que ainda evocamos hoje com tantas imitações, para a sutileza que nos fizesse lembrar do que um dia fizemos aos animais, sem encorajar o imaginário nem dar a ele a noção de que o que fizemos e ainda fazemos seja algo louvável. Um traço do padrão animal, recriado inteiramente em outros fractais, como padrões que lembrem sem fixar nenhum desejo de “reproduzir”, “repetir”, “ressoar” a ideia da legitimidade de se matar animais para se embelezar, essas poderiam ser estampas futuras. Mas elas não seriam imitações da pele do animal. Fariam referências sutis a ela sem reproduzir a barbárie que ali hoje ainda se vê retratada.*

Você já observou outros veganos preocupados em relação a ideia de simulacro de materiais de origem animal? Em caso afirmativo, em que contexto e em que tipo de questão?

Sônia T. Felipe: *Já troquei ideias com algumas pessoas, por conta de jaquetas sintéticas que não se podia saber, só olhando, se eram couro animal ou imitação. Também quanto a botas e sapatos, sempre que posso, nos auditórios onde me apresento, faço questão de deixar claro que são sintéticos, embora não se possa saber só olhando de longe. Chego a usar botas já meio esfoladas, porque dá para ver que não são de couro animal. Mas nem sempre é possível andar com elas em certos espaços.*

Você, por acaso, já soube de alguma outra pesquisa a respeito desta temática da aceitabilidade do simulacro de materiais de origem animal em materiais sintéticos em vestuários de veganos?

Sônia T. Felipe: *Desconheço. Isso não quer dizer que não existam. Diz apenas que não tive acesso a qualquer literatura sobre isso. Acho seu tema altamente relevante, justamente porque ainda não levamos a público entre veganos um debate sobre o assunto. Acho que sua dissertação poderá ensejar mais um dos tantos desdobramentos das pregas morais na existência abolicionista de uma pessoa vegana. Parabéns pela escolha deste tema.*